

LUCY FOLEY

A ÚLTIMA

TODOS FORAM CONVIDADOS

FESTA

TODOS SÃO SUSPEITOS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LUCY FOLEY

A ÚLTIMA

TODOS FORAM CONVIDADOS

FESTA

TODOS SÃO SUSPEITOS



Planeta



LUCY FOLEY

A ÚLTIMA FESTA

Tradução
de Ana Mendes

 Penguin

Para AC, meu parceiro de crime.

Deve um velho conhecido ser esquecido
E nunca recordado?

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

Vejo um homem a chegar por entre a neve que cai. Ao longe, por entre a cortina branca, mal parece humano, é tipo uma sombra.

À medida que se aproxima de mim, vejo que se trata do Doug, o guarda de caça.

Apressa-se na direção do Abrigo, apercebo-me, tentando correr. Mas a neve que cai e se amontoa atrapalha-o. Tropeça a cada passo. Alguma coisa está mal. Sei disso, mesmo não lhe conseguindo ver a cara.

Conforme se aproxima, reparo que as suas feições estão paralisadas com o choque. Conheço esta expressão. Já a vi antes. É a expressão de alguém que testemunhou algo horrendo, para lá dos limites de uma experiência humana normal.

Abro a porta do Abrigo, deixo-o entrar. Traz com ele uma corrente de ar gelada, uma descarga de neve.

– O que é que aconteceu? – pergunto-lhe.

Segue-se um momento – uma longa pausa – durante o qual tenta recuperar o fôlego. Mas o seu olhar conta a história antes de ele conseguir fazê-lo, uma comunicação muda de horror.

Finalmente, ele fala.

– Descobri a hóspede desaparecida.

– Bem, isso é estupendo – comento. – Onde...

Ele abana a cabeça e sinto a pergunta a extinguir-se nos meus lábios.

– Descobri um cadáver.

Três dias antes
30 de dezembro de 2018

Emma

Ano Novo. Todos nós juntos pela primeira vez em muito tempo. Eu e o Mark, a Miranda e o Julien, o Nick e o Bo, a Samira e o Giles, e a sua bebé de seis meses, a Priya. E a Katie.

Quatro dias num inverno das inóspitas Terras Altas. Loch Corrin, assim se chama. Bastante exclusivo: só deixam hospedar-se aqui quatro grupos por ano – durante o restante tempo funciona como residência particular. Esta época do ano, como dará para adivinhar, é a mais popular. Tive de marcar praticamente no dia a seguir ao Ano Novo do ano anterior, assim que abriram as reservas. A mulher com quem falei garantiu-me que, com o nosso grupo a ocupar a maior parte dos alojamentos, deveríamos ter o lugar só para nós.

Volto a retirar o folheto da minha mala. Uma coisa grossa e cara cartonada. Mostra um lago delimitado por abetos, com picos de urzes rubras a erguerem-se atrás; embora seja muito provável que agora esteja tudo coberto de neve. A ver pelas fotografias, o próprio Abrigo – o «Abrigo Novo», como o descreve o panfleto – é uma grande construção em vidro, *über-modern*, projetada por um arquiteto de topo que construiu recentemente o pavilhão de verão da Galeria Serpentine. Acho que a ideia é misturar-se discretamente com as águas paradas do lago, refletindo a paisagem e as linhas inflexíveis do grande pico, o Munro, a erguer-se mais atrás.

Junto ao Abrigo, ofuscado pelo mesmo, é visível um aglomerado de habitações que parecem estar amontoadas para se manterem quentes. São as cabanas, há uma por casal, mas vamos juntar-nos às refeições no abrigo dos caçadores, a construção maior ao centro. Com a exceção do Jantar das Terras Altas na primeira noite – «uma mostra de produtos locais da época» – vamos cozinhar para nós. Encomendaram comida a meu pedido. Enviei previamente uma longa lista – trufas frescas, *foie gras*, ostras. Estou a preparar um banquete

real para a Véspera de Ano Novo, com o qual me sinto muito entusiasmada. Adoro cozinhar. A comida une as pessoas, certo?

Esta parte do trajeto é verdadeiramente dramática. Temos o mar de um dos lados e de quando em quando a terra cai tão abruptamente que dá a sensação de que um movimento errado pode lançar-nos pela falésia. A água é de um cinzento bem escuro, com um aspeto violento. Num campo no alto da escarpa, as ovelhas amontoam-se num grupo como se tentassem manter-se quentes. Ouve-se o vento; de vez em quando projeta-se contra as janelas e o comboio estremece.

Todos os outros parecem ter adormecido, até a bebé Priya. O Giles até ressona.

«Vejam», apetece-me dizer, «vejam como é bonito!»

Planeei esta viagem, por isso de certa forma sinto-me um pouco a dona dela –preocupa-me que as pessoas possam não se divertir, que as coisas possam correr mal. E sinto também um certo orgulho, desde já, pelo seu pequeno sucesso... como isto, a beleza selvagem do lado de fora da janela.

Não é propriamente uma surpresa que estejam todos a dormir. Acordámos tão cedo esta manhã para apanhar o comboio – a Miranda pareceu particularmente irritada com a hora. E, então, toda a gente se dedicou à bebida, como é evidente. O Mark, o Giles e o Julien lançaram-se bem cedo ao carrinho das bebidas, algures perto de Doncaster, apesar de serem ainda onze da manhã. Ficaram alegres, afetuosos e ruidosos (o pessoal sentado nos assentos próximos não parece impressionado). Parecem capazes de recuperar a camaradagem simples do passado, independentemente de quanto tempo tenha decorrido desde a última vez que se viram, em especial com a ajuda de umas cervejas.

O Nick e o Bo, o namorado americano do Nick, não encaixam tão bem neste clube de rapazes, porque o Nick não fazia parte do grupo deles em Oxford... embora a Katie alegasse que havia algo mais do que isso, uma certa homofobia tácita da parte dos outros rapazes. Acima de tudo, o Nick é amigo da Katie. Por vezes, tenho a perfeita noção de que ele não gosta particularmente dos restantes de nós, que apenas nos tolera devido à Katie. Sempre achei que havia uma certa frieza entre o Nick e a Miranda, provavelmente por ambos terem personalidades tão fortes. E, no entanto, esta manhã os dois pareciam unha com carne, correndo estação fora, de braço dado, para comprar «sustento» para a viagem. Isto acabou por revelar-se uma garrafa de *Sancerre* gelada no ponto, que o Nick retirou do saco térmico diante dos olhares ligeiramente invejosos dos bebedores de cerveja.

– Ele estava a tentar arranjar daquele *gin* tónico de lata – contou-nos

a Miranda –, mas eu não deixei. Temos de começar por cima, se é aí onde queremos chegar.

Eu, a Miranda, o Nick e o Bo bebemos vinho. No último momento, até a Samira decidiu beber também um pouco:

– Há sempre dados novos a indicar que se pode beber quando se amamenta.

A Katie começou por abanar a cabeça; ela tinha uma garrafa de água gaseificada.

– Oh, vá lá, Kay-tee – implorou a Miranda, com um sorriso triunfante, oferecendo um copo. – Estamos de férias! – É difícil recusar algo à Miranda quando ela nos tenta persuadir a fazer algo, pelo que a Katie aceita, claro, e experimenta um pequeno gole.

A bebida ajudou a desanuviar um pouco o ambiente; gerara-se alguma confusão com os lugares quando entrámos. Todos se sentiam cansados e irritados, tentando resolver o assunto com algum desinteresse. Afinal, veio a verificar-se que um dos nove lugares reservados de alguma maneira foi parar à carruagem seguinte, completamente isolado. O comboio estava cheio, por causa das férias, pelo que não havia a possibilidade de dar a volta à situação.

– Obviamente, é o meu lugar – disse a Katie. A Katie, estão a ver, é a que fica a mais, sendo solteira. De certa forma, penso que se poderá dizer que, hoje em dia, ela é mais intrusa do que eu.

– Oh, Katie – disse eu. – Lamento imenso... Sinto-me uma perfeita idiota. Não sei o que se passou. Estava convencida de que reservara todos ao meio, para tentar garantir que ficávamos todos juntos. Deve ter sido o sistema a mudá-lo. Olha, senta-te aqui... Eu vou para lá.

– Não – disse a Katie, passando a mala desajeitadamente sobre as cabeças dos passageiros já instalados. – Isso não faz qualquer sentido. Não me importo.

O seu tom de voz sugeria o oposto. *Por amor da santa*, dei por mim a pensar. *É só uma viagem de comboio. É mesmo assim tão importante?*

Os outros oito lugares eram voltados uns para os outros em volta de duas mesas a meio da carruagem. Logo atrás, seguia uma senhora idosa sentada junto a um adolescente com *piercings* – dois viajantes solitários. Não parecia provável que apresentassem uma solução para a confusão. Mas, então, a Miranda curvou-se para falar com a senhora, com a sua cortina de cabelo a cintilar como ouro, e exerceu a sua magia. Vi como a mulher se sentiu encantada com ela: o aspeto, o sotaque – quase antiquado – lapidado. A Miranda, querendo, consegue revelar-se *tremendamente* encantadora. Quem a conhece já passou por isso.

Oh, sim, disse a mulher, claro que trocava de lugar. Provavelmente, até

seria mais sossegado na carruagem seguinte.

– Vocês, os jovens, aha! – Embora já nenhum de nós seja jovem. – E a verdade é que prefiro sentar-me virada para a frente.

– Obrigada, Manda – disse a Katie, com um sorriso fugaz. (Soou grata, mas a sua expressão não revelou exatamente isso.) A Katie e a Miranda são desde há muito grandes amigas. Sei que ultimamente não andavam a ver-se muito, aquelas duas; a Miranda diz que a Katie tem andado ocupada com o trabalho. E como a Samira e o Giles têm andado retidos na terra dos bebés, eu e a Miranda temos passado mais tempo juntas do que era habitual. Temos ido às compras, beber copos. Temos trocado mexericos. Comecei a sentir que ela me aceitava como *amiga*, mais do que como a mera namorada do Mark, a última a chegar ao grupo com um atraso de quase uma década.

No passado, a Katie esteve sempre presente para me usurpar. Ela e a Miranda sempre foram muito chegadas. De tal forma que mais pareciam irmãs do que amigas. No passado, isto levou a que me sentisse excluída, com toda aquela proximidade e história. Não deixava espaço para que uma nova amizade pudesse respirar. Por isso, em segredo sinto-me... bem, bastante agradada.

Quero mesmo divertir-me nesta viagem, que tudo seja um sucesso. A escapadinha de Véspera de Ano Novo é algo em grande. Este grupo tem-no feito todos os anos. Já o faz desde muito antes de eu entrar em cena. Suponho que, de certa forma, planejar esta viagem é uma tentativa bastante lastimável de provar que sou efetivamente um deles. De dizer, finalmente, que devo ser devidamente aceite no «círculo íntimo». Seria de pensar que três anos – o tempo que decorreu desde que o Mark e eu estamos juntos – seria tempo suficiente. Mas não é. Estão a ver, o passado deles recua até mais longe: até Oxford, onde se tornaram amigos.

É complicado – como bem o saberá quem já passou por esta situação – ser a última adição a um grupo de velhos amigos. Parece que serei sempre a rapariga nova, por muitos anos que passem. Serei sempre a última a chegar, a invasora.

Volto a olhar para o folheto no meu colo. Talvez esta viagem – tão meticulosamente planeada – mude tudo. Prove que sou um deles. Sinto-me tão entusiasmada.

Katie

Cá estamos, finalmente. E, todavia, sinto um súbito desejo de regressar à cidade. Até a secretária do meu escritório serviria. A estação de Loch Corrin é risivelmente minúscula. Uma plataforma solitária, com a vertente de uma montanha revestida a aço a impor-se atrás. O cume perdido nas nuvens. A placa de sinalização, o padrão da National Rail, a parecer uma partida. A plataforma está coberta por uma leve película de neve, sem uma única pegada a desvirtuar o branco imaculado. Penso na neve de Londres – como se torna suja praticamente assim que tomba, pisada por milhares de pessoas. Como se eu necessitasse de mais alguma prova do quanto estamos distantes da cidade, de que não passou aqui ninguém para a pisar, quanto mais limpá-la. Para dizer a verdade, acho que já não estamos no Kansas. Percorremos de comboio quilómetros e quilómetros desta paisagem rural em estado natural. Não consigo recordar a derradeira vez que vi uma estrutura humana antes desta, quanto mais uma pessoa.

Caminhamos cuidadosamente pela plataforma gelada – vê-se o cintilar de gelo negro através da neve caída – para lá do minúsculo edifício da estação. Parece completamente deserta. Penso na quantidade de vezes que será utilizada a «Sala de Espera», com a sua tabuleta pintada e a otimista estante de livros. Agora, passamos por um pequeno cubículo com um painel de vidro sujo: uma bilheteira, ou gabinete minúsculo. Espreito lá para dentro, fascinada com a ideia de haver um gabinete aqui no meio deste ermo, e sinto um ligeiro choque ao perceber que não se encontra vazio. Está efetivamente alguém sentado lá, na escuridão. Distingo apenas a forma dele: ombros largos, curvado e a seguir o leve cintilar dos olhos, a observar-nos consoante passamos.

– O que é? – O Giles, à minha frente, dá meia-volta. Devo ter feito um som de surpresa.

– Está ali alguém – segredo. – Um guarda da linha ou isso... assustei-me.

O Giles espreita pela janela.

– Tens razão. – Finge que dá um toque com o dedo no boné imaginário na sua cabeça careca. – *Top o' the morning to ya!* – diz ele, com um sorriso. O Giles é o palhaço do grupo: adorável, pateta – às vezes até ao exagero.

– Isso é irlandês, idiota – diz a Samira, com afeto. Aqueles dois fazem tudo com afeto. É na companhia deles que mais sinto a minha condição de solteira.

O homem da cabina de início não responde. E, então, lentamente, ergue uma mão, numa espécie de cumprimento.

Um *Land Rover* aguarda para nos recolher: salpicado de lama, é um dos modelos antigos. Vejo a porta abrir-se, revelando um homem alto.

– Deve ser o guarda de caça – comenta a Emma. – O *e-mail* dizia que ele nos vinha buscar.

Ele não parece nada um guarda de caça, penso eu. Mas o que é que eu imaginei? Acho que, essencialmente, contei que fosse velho. Provavelmente, terá a nossa idade. Há a corpulência, calculo: os ombros, a altura, que revelam uma vida vivida ao ar livre, e o cabelo negro bastante selvagem. Quando nos dá as boas-vindas, num murmúrio grave, a sua voz revela-se com o seu quê de estridente, como se não lhe desse muito uso.

Dou por ele a observar-nos com atenção. Não me parece que aprecie o que vê. Será aquilo uma expressão de sarcasmo, ao ver o casaco *Barbour* imaculado do Nick, as galochas *Hunter* da Samira, a gola de pele de raposa da Miranda? Se é, quem poderá saber o que acha das minhas roupas citadinas e da *Samsonite* com rodinhas? Mal pensei no que estava a emalar, pois sentia-me bastante alheada.

Vejo o Julien, o Bo e o Mark a tentarem ajudá-lo com as malas, mas ele escorraça-os. Ao lado dele, parecem tão arranjadinhos como miúdos da escola no primeiro dia de aulas. Aposto que não apreciam o contraste.

– Calculo que tenhamos de formar dois grupos – diz o Giles –, não dá para nos metermos todos aí em segurança.

O guarda de caça ergue as sobranceiras.

– Como queira.

– As meninas vão primeiro – diz o Mark, tentando mostrar-se cavalheiro –, nós, os rapazes, ficamos à espera. – Espero, tensa, que faça uma piada sobre o Nick e o Bo serem meninas honorárias. Felizmente, parece que não lhe terá ocorrido – ou lá conseguiu travar a língua. Hoje, estamos todos muito bem-comportados, no modo tolerante de férias com amigos.

Já lá vai imenso tempo desde a última vez que estivemos assim juntos – provavelmente, desde a última passagem de ano. Esqueço-me sempre como é. Encaixamos de novo tão rápido, e facilmente, nos nossos velhos papéis,

aqueles que sempre ocupámos neste grupo. Eu sou a sossegada – para a Miranda e a Samira, as minhas antigas colegas de casa, o grupo de extrovertidas. Contenho-me. Todos o fazemos. Tenho a certeza de que o Giles, por exemplo, não é nem de perto nem de longe tão palhaço no serviço de urgências onde exerce medicina interna. Subimos para o *Land Rover*. Cheira a cão molhado e a terra. Imagino que seja ao que o guarda de caça também cheiraria, se alguém se aproximasse o suficiente. A Miranda vai à frente, ao lado dele. De vez em quando apanho um sopro do perfume dela: intenso, fumado, misturando-se estranhamente com o cheiro a terra. Só ela para se safar com aquilo. Viro a cabeça para inspirar o ar puro que entra pela janela entreaberta.

De um dos lados, uma margem bastante íngreme tomba sobre o lago. Do outro, apesar de ainda não estar completamente escuro, a floresta apresenta-se já num preto impenetrável. A estrada nada mais é do que uma faixa, escura como breu e muito estreita, pelo que qualquer movimento em falso lançá-los-ia num mergulho na direção da água, ou a chocar contra o matagal. Vamos vendo e deixando de ver o caminho à nossa frente e de repente o jipe trava a fundo. Somos todos projetados para a frente nos nossos assentos e depois batemos com as costas com força de novo nos encostos.

– Foda-se! – grita a Miranda, enquanto a Priya – tão sossegada até ali – desata a chorar nos braços de Samira.

Vê-se diante de nós na estrada um veado iluminado. Deve ter saído das sombras das árvores sem que nenhum de nós notasse. A cabeça enorme quase parece demasiado grande para o esguio corpo avermelhado, coroadado por um amplo par de hastes, ambas majestosas e com um aspeto letal. Sob a luz dos faróis, os seus olhos mostram um estranho e inédito brilho verde. Finalmente deixa de olhar para nós e afasta-se com uma lentidão graciosa, na direção das árvores. Levo uma mão ao peito e sinto a batida intensa do meu coração.

– Uau – suspira a Miranda. – O que era aquilo?

O guarda de caça volta-se para ela e diz, impassível:

– Um veado.

– Bem – diz ela, algo atarantada, o que era invulgar nela –, o que eu queria dizer era, que tipo de veado?

– Vermelho – explica o guarda de caça. – Um veado-vermelho. – Volta-se de novo para a estrada. Acabou a conversa.

A Miranda roda para se virar de frente para nós, que seguimos no banco traseiro, e diz com os lábios:

– É giro, não é? – A Samira e a Emma assentem com a cabeça, em concordância. A seguir, falando em voz alta, diz: – Não achas, Katie? – Inclina-se e dá-me um toque no ombro, com um pouco de força a mais.

– Não sei – respondo. Olho para a expressão impassível do guarda de caça

no retrovisor. Terá adivinhado que falamos dele? Se assim é, não dá mostras de estar a ouvir, mas ainda assim não deixa de ser embaraçoso.

– Oh, mas tu sempre tiveste um gosto estranho no que toca a homens, Katie – diz a Miranda, rindo-se.

A Miranda nunca gostou muito dos meus namorados. A impressão por norma foi, com alguma graça, mútua – com frequência tive de a defender diante deles.

«Acho que os escolhes a dedo», disse ela certa vez, «para que sejam como um anjo ao teu ombro, dizendo-te: ela não presta, aquela. Mantém-te ao largo.» Mas a Miranda é a minha amiga mais antiga. E a nossa amizade perdurou sempre para lá de qualquer um dos nossos relacionamentos românticos – no que a mim diz respeito, quero eu dizer. A Miranda e o Julien já estão juntos desde Oxford.

Eu não sabia o que pensar do Julien quando ele entrou em cena, no final do nosso primeiro ano. Nem sequer a Miranda. Ele era de certa forma uma anomalia, em comparação com os anteriores namorados dela. É de reconhecer que só houve um par deles para comparar, ambos projetos como eu, nem por sombras bem-parecidos ou sociáveis como ela, tipos que pareciam existir num estado permanente de descrença por terem sido escolhidos. Mas a verdade é que a Miranda sempre apreciou um projeto.

Portanto, o Julien pareceu demasiado óbvio para ela, com o amor que ela nutria por pessoas abandonadas e desamparadas. Ele era insolentemente bem-parecido, demasiado confiante em si mesmo. E essas eram palavras dela, não minhas. «Ele é tão arrogante», dizia. «Mal posso esperar por lhe apertar os tomates na próxima vez que ele tentar.» Pensei se ela não perceberia mesmo o quanto ele era parecido com ela em termos de arrogância, de autoconfiança.

O Julien continuou a tentar. E ela rechaçou-o sempre. Ele aparecia para conversar connosco – com ela – num *pub*. Ou calhava simplesmente «cruzar-se» com ela depois de uma aula. Ou aparecia por acaso no bar do Salão Júnior da nossa faculdade, ostensivamente à procura de uns amigos, mas passando a maior parte da noite na nossa mesa, cortejando a Miranda com uma franqueza embaraçante.

Mais tarde, vim a perceber que quando o Julien deseja imenso algo não permite que nada se achesse no seu caminho. E ele desejava a Miranda. Desesperadamente.

Ela acabou por se aperceber da seriedade da situação: ela também o desejava. Quem não desejaria? Ele era lindo à época, ainda é, talvez ainda mais agora que a vida lhe furtou um pouco da perfeição, da lábia. Penso se será biologicamente impossível não desejar um homem como o Julien, pelo menos no sentido físico.

Recordo-me de a Miranda nos apresentar o Julien, no Baile de Verão –

quando finalmente se juntaram. É claro que eu sabia exatamente quem ele era. Eu testemunhara toda a saga: a sua perseguição à Miranda, ela a despachá-lo, ele a tentar e a tentar – ela, por fim, a ceder ao inevitável. Eu sabia imenso sobre ele. Que faculdade frequentava, que área estudava, o facto de ser um jogador de rãguebi premiado. Sabia tanto que quase esqueci que ele não fazia a mínima ideia de quem eu seria. Então, quando me beijou na bochecha e disse, solenemente, «Prazer em conhecer-te, Katie» – com muita educação, apesar de embriagado –, pareceu-me uma bela piada.

Na primeira vez em que ficou em nossa casa – eu, a Miranda e a Samira vivíamos todas juntas no segundo ano – fui de encontro a ele quando ele saía da casa de banho, com uma toalha à cintura. Eu estava tão conscientemente a tentar ser normal, a não olhar para aquele peito despido, para os seus ombros largos e bem musculados a reluzir do duche, que disse:

– Olá, Julien.

Ele pareceu prender a toalha com um pouco mais de força em volta da cintura.

– Olá. – Franziu o sobrolho. – Ah... isto é um pouco embaraçoso. Acho que não sei o teu nome.

Reconheci o meu erro. Ele esquecera por completo quem eu era, provavelmente esquecera-se que me fora apresentado.

– Oh – disse eu, estendendo a mão –, sou a Katie.

Não me apertou a mão e percebi que fora mais um erro – demasiado formal, demasiado estranho. Então, ocorreu-me que também poderia ser por ele estar a agarrar a toalha com aquela mão, segurando na outra uma escova de dentes.

– Desculpa. – Ele sorriu, o seu sorriso charmoso, e apiedou-se de mim. – Então, o que fizeste, Katie?

Olhei fixamente para ele.

– Como assim?

Ele riu-se.

– Como o romance – esclareceu. – *What Katie Did*. Sempre gostei disso. Embora não me pareça que seja suposto os rapazes gostarem. – Pela segunda vez mostrou aquele seu sorriso e de repente achei-me capaz de ver algo do que a Miranda via nele.

É isto que têm as pessoas como o Julien. Numa comédia romântica americana, alguém tão atraente como ele podia ser apresentado como um filho da mãe, quicá para ser regenerado, para se arrepender dos seus pecados mais à frente. A Miranda seria uma rainha do baile de finalistas malévola, com um *segredo obscuro*. A insignificante tímida – eu – seria a personagem bondosa,

inteligente, tristemente incompreendida que acabaria por salvar o dia. Mas a vida real não é assim. Pessoas como eles não necessitam de ser desagradáveis. Porque é que haveriam de dificultar as suas próprias vidas? Podem dar-se ao luxo de serem naturalmente e espetacularmente encantadores. E as pessoas como eu, seres apagados, nem sempre nos revelamos os heróis da história. Às vezes, temos os nossos próprios segredos obscuros.

A réstia de luz do dia que perdurava sumiu. Mal dá para distinguir algo que não seja a massa negra de árvores de ambos os lados. A escuridão tem o efeito de as tornar mais espessas, mais próximas: como se nos pressionassem. Para lá do ronronar do motor do *Land Rover* não se ouve qualquer outro som; talvez as árvores também abafassem o som.

À frente, a Miranda questiona o guarda de caça sobre os acessos. Este lugar é bastante remoto.

– É uma hora de viagem pela estrada – informa-nos o guarda de caça. – Com bom tempo.

– Uma *hora*? – questiona a Samira. Lança um olhar nervoso à Priya, que observa a paisagem crepuscular, o cintilar do luar entre as árvores refletido nos seus grandes olhos negros.

Espreito pela janela traseira. Só vejo um túnel de árvores, a diminuir ao longe até se tornar um ponto preto.

– Mais de uma hora – diz o guarda de caça –, se a visibilidade for fraca ou as condições forem más. – Ele está a apreciar isto?

Eu levo uma hora a chegar a casa da minha mãe em Surrey. Fica a quase cem quilómetros de Londres. Parece incrível que este lugar se situe sequer no Reino Unido. Sempre achei esta pequena ilha a que chamamos lar de certa forma sobrepovoada. Pelo modo como o meu padraço se gosta de referir aos imigrantes, seria de achar que haveria um perigo bem real de afundar sob o peso de todos os nossos corpos comprimidos.

– Às vezes – diz o guarda de caça –, nesta altura do ano nem sequer dá para usar a estrada. Se, por exemplo, houver neve acumulada... devia estar no *e-mail* que receberam da Heather.

A Emma assente com a cabeça.

– E estava.

– Como assim? – A voz da Samira soava agora inquestionavelmente estridente. – Não poderíamos partir?

– É possível – diz ele. – Se se acumular neve suficiente, o caminho torna-se intransitável... é demasiado perigoso, até para pneus de neve. No total, por norma temos um par de semanas por ano em que Corrin fica isolada do resto do mundo.

– Isso pode ser bastante aconchegante – diz de pronto a Emma, talvez para rechaçar mais interrupções preocupadas da Samira. – Que emoção. E encomendei mercearia suficiente em...

– E vinho – frisa a Miranda.

– ...e vinho – concorda a Emma –, para nos durar um par de semanas, se for preciso. Provavelmente, empolguei-me um pouco. Planeei um belo banquete para a passagem de ano.

Ninguém lhe presta grande atenção. Acho que estamos todas preocupadas com esta nova percepção do lugar onde vamos passar os próximos dias. Porque há algo de desconcertante no isolamento, sabendo o quanto estamos longe de tudo.

– E a estação? – questiona a Miranda, como quem diz «apanhei-te!» – Por certo que dará para apanhar um comboio?

O guarda de caça lança-lhe um olhar. Ele é bastante atraente, percebo. Ou, pelo menos, poderia ser, só que o seu olhar parece algo assombrado.

– Os comboios também não circulam tão bem sobre um metro de neve – diz ele. – Por isso, não iam parar aqui.

E, assim, a paisagem, com todo o seu espaço, parece encolher em nosso redor.

¹ Saudação usada principalmente na Irlanda. (*N. do T.*)

Doug

Se não fosse pelos hóspedes, este lugar seria perfeito. Mas reconhece também que sem eles não teria emprego.

Fora tudo o que pudera fazer, quando os recolheu, disfarçar o sarcasmo. Este grupo tresandava a dinheiro... como todos os que aqui vinham. Ao aproximarem-se do Abrigo, o homem baixo de cabelo preto – Jethro? Joshua? – dirigira-se a ele de homem para homem, mostrando um telemóvel prateado brilhante.

– Estou à procura de *wi-fi* – disse –, mas não aparece nada. É óbvio que não há 3G: isso já eu percebi. Não se pode ter 3G sem rede... Ah! Mas eu pensava que iria começar a apanhar *wi-fi*. Ou é preciso estar mais perto do Abrigo?

Ele disse ao homem que não ligavam o *wi-fi* a não ser que alguém o pedisse especificamente.

– E às vezes dá para apanhar rede, mas é preciso trepar até ali para se conseguir – apontando para a encosta do Munro.

A expressão do homem revelou o seu desânimo. Por momentos, até pareceu assustado. A mulher dele dissera de pronto:

– Querido, tenho a certeza de que conseguimos sobreviver a uns dias sem *wi-fi*. – E aplacou eventuais novos protestos com um beijo, lançando-lhe a língua. Doug desviara o olhar.

Essa mesma mulher, Miranda – a mais bela –, sentara-se à frente com ele no *Land Rover*, com o joelho quase encostado ao dele. Assentara desnecessariamente a mão no braço dele ao subir para a viatura. Ele apanhava um sopro do perfume dela sempre que se virava para falar com ele, rico e fumado. Praticamente esquecera que havia mulheres assim no mundo:

complexas, dadas a namoriscar, das que seduzem toda a gente que conhecem. Perigosas, de uma forma muito particular. Heather é muito diferente. Será que usa sequer perfume? Ele não se recordava de ter reparado. Maquilhagem era certo que não. Tinha um certo tipo de ar que resultava melhor sem adornos cosméticos. Ele gosta do rosto dela, em forma de coração, olhos negros, o parêntesis elegante das sobrancelhas. Alguém que não tivesse passado tempo com Heather poderia achar que havia nela uma simplicidade, mas ele desconfiava do contrário; que com ela é mesmo um caso de águas tranquilas a correr nas profundezas. Tem uma vaga ideia de que ela viveu em Edimburgo, que lá teve uma verdadeira carreira. Mas não tentara descobrir a sua história. Poderia implicar ter de revelar demasiado dele próprio.

Heather é boa pessoa. Ele não. Antes de ter vindo para cá, fez uma coisa terrível. Mais do que uma, na realidade. Uma pessoa como ela deveria ser protegida de alguém como ele.

Os hóspedes estão agora a cargo de Heather, por ora – o que se revela um alívio. É necessário um grande esforço para disfarçar o quanto lhe desagradam. O homem de cabelo preto – Julien, assim se chamava – é típico das pessoas que aqui se hospedam. Endinheiradas, mimadas, desejosas de viver a natureza, mas secretamente a contar com o luxo dos hotéis onde por hábito se hospedam. Levam sempre o seu tempo a processar aquilo que contrataram, o isolamento, a simplicidade, a beleza inestimável das cercanias. Com frequência, passam por uma espécie de conversão, são seduzidos por este lugar – quem não seria? Mas sabe que não compreendem, não como deve ser. Acham que estão a tornar-se mais rijos, nas suas belas cabanas com camas de quatro colunas e lareiras e aquecimento subterrâneo e o raio da *sauna* à qual podem dar um salto se querem mesmo esforçar-se. E aqueles que leva a caçar veados comportam-se como se de repente se tornassem DiCaprio em *The Revenant*, a batalhar com a natureza com uma violência selvagem. Não percebem como ele lhes facilitou as coisas, tratando ele próprio de todo o trabalho difícil: a observação das atividades da manada, o rastreamento e o planeamento cuidadosos... para que a eles reste apenas apertar o maldito gatilho.

Até os disparos é raro acertarem. Se dispararem mal podem provocar um ferimento que, se assim deixado, pode levar o animal a sofrer uma dor inimaginável ao longo de dias. Um tiro à cabeça mal dado, por exemplo (apontam sempre à cabeça, apesar de ele lhes dizer: *nunca* vão por aí, é muito fácil falhar), pode rachar a mandíbula do animal e deixá-lo vivo numa profunda agonia, sangrando lentamente até à morte. Então, ele está lá para pôr fim ao assunto com um tiro de especialista, limpo através do esterno,

permitindo-lhes regressar a casa armados em caçadores, em heróis. Pôr fim a uma vida. O batismo de sangue. Algo para publicar no Facebook ou no Instagram – imagens deles próprios besuntados em sangue e a sorrir como lunáticos.

Ele já tirou vidas, muitas, na verdade. E não apenas a animais. Sabe melhor do que ninguém que não é algo de que se deva gabar. Trata-se de um lugar sombrio de onde nunca se consegue retornar. Mexe connosco, a primeira vez. Uma mudança importante bem no fundo da alma, a amputação de algo importante. A primeira vez é a pior, mas a cada morte a alma fica cada vez mais ferida. Ao fim de algum tempo, nada resta que não seja a cicatriz.

Ele já aqui estava há tempo suficiente para conhecer todos os diferentes «tipos» de hóspedes, tornou-se tanto um perito neles como o é em vida selvagem. Mas não sabe ao certo qual a variedade que mais odeia. O tipo «mergulhar na natureza», aqueles que acham que em breves dias a viver no luxo ficam em «harmonia» com a natureza. Ou o outro tipo, aqueles que simplesmente não percebem, que acham que foram enganados... pior, roubados. Esquecem que foi isto que reservaram. Encontram problemas em tudo o que se desvia do tipo de lugares em que estão habituados a alojar-se, com as suas piscinas interiores e restaurantes com estrelas Michelin. Por norma, na opinião de Doug, são aqueles que mais problemas têm consigo próprios. Removidas todas as distrações, e aqui, no silêncio e na solidão, os demónios que mantinham ao largo acabam por apanhá-los.

Para Doug, é diferente. Os demónios dele estão sempre consigo, esteja onde estiver. Aqui, pelo menos, dispõem de espaço para vaguear. Este lugar atraiu-o por um motivo bem diferente, desconfia ele, do que acontece com os hóspedes. Vêm pela sua beleza – ele vem pela sua hostilidade, a pura brutalidade do clima. Está presentemente na sua fase mais inflexível, a meio do seu longo inverno. Há umas semanas, lá em cima no Munro, viu uma raposa a esgueirar-se por entre a neve, com a carcaça dessecada de uma pequena criatura presa nas mandíbulas. A sua pelagem apresentava-se rareada e coberta de cicatrizes. Quando a avistou, esta não fugiu de imediato. Houve um momento em que ficou a olhar fixamente para ele, hostil, desafiando-o a tentar levar-lhe o seu banquete. Sentiu empatia com a raposa, uma sensação forte de identificação mais intensa do que teve com qualquer humano, pelo menos desde há muito tempo. Sobreviver, existir... apenas. E não viver. É uma palavra para aqueles que procuram entretenimento, prazer, conforto numa base diária.

Teve sorte em arranjar este emprego, sabe bem disso. Não só por se adequar a ele, ao seu estado de espírito, ao seu desejo de se manter o mais longe possível do resto da humanidade, mas também porque é muito provável que mais ninguém o tivesse acolhido. Com o passado dele, não. O homem enviado para o entrevistar pelo patrão vira a frase no seu registo, encolhera os

ombros e dissera:

– Bem, sem dúvida que saberemos que será bom a lidar com caçadores furtivos. Mas tente não atacar nenhum dos hóspedes. – E, então, ele sorria, para mostrar que estava a brincar. – Para ser sincero, acho que vai ser perfeito para o trabalho.

E fora assim. Nem sequer tivera de tentar desculpar-se ou justificar-se – apesar de, na verdade, não *haver* desculpas. Um momento de loucura violenta? Nem por isso: ele sabia exatamente o que estava a fazer.

Quando pensa naquela noite, agora, nada lhe parece efetivamente real. Parece algo que terá visto de relance na televisão, como se assistisse muito de longe aos seus atos. Mas recorda a fúria, o impacto forte no seu peito, e a seguir o fugaz alívio. Aquele rosto estúpido sorridente. E então o som de algo a estilhaçar. Dentro da sua própria mente? A sensação dele próprio a libertar-se dos códigos do comportamento normal e a ser solto num qualquer espaço animal. A sensação dos seus dedos, a apertar com força carne flexível. Cada vez com mais força, como se a carne fosse algo que tentava moldar com força bruta numa nova forma mais agradável. O sorriso por fim a desaparecer. A seguir, aquela sensação de satisfação desvirtuada, a perdurar por uns momentos antes de vir a vergonha.

Sim, depois daquilo, teria sido complicado arranjar um emprego a fazer qualquer outra coisa.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

Um corpo. Olho fixamente para o Doug.

Não, não. Isto não está certo. Aqui não. Isto é o meu refúgio, o meu escape. Não podem esperar que lide com isto, não sou capaz, simplesmente não sou capaz... Com uma grande força de vontade, estanco a torrente de pensamentos. Tu consegues, Heather. Porque, na verdade, não tens alternativa.

É claro que eu sabia que era uma possibilidade. Muito provável, até, tendo em conta a extensão de tempo do desaparecimento – mais de vinte e quatro horas – e as condições no exterior. Seria um desafio mesmo para alguém que conhecesse o terreno, que tivesse algum tipo de capacidades de sobrevivência. A hóspede desaparecida, tanto quanto sei, não tinha nada disso. Com o passar das horas, sem sinais, a probabilidade intensificou-se.

Assim que soubemos do desaparecimento, chamámos o Resgate da Montanha. A resposta foi aquilo que esperávamos.

– De momento – disse-me a operadora –, parece improvável que consigamos sequer chegar até aí.

– Mas deve haver alguma forma de conseguirem cá chegar...

– As condições são demasiado difíceis. Já há muito que não víamos nada como esta quantidade de neve. Acontece uma vez em mil. A visibilidade é tão fraca que nem dá para aterrar um helicóptero em segurança.

– Está a querer dizer que estamos por nossa conta? – Ao dizê-lo, apercebi-me de todo o seu significado. Sem ajuda. Senti o meu estômago às voltas.

Seguiu-se uma longa pausa do outro lado da chamada. Quase conseguia ouvi-la a pensar na melhor forma de me responder.

– Apenas enquanto continuar a nevar assim – acabou por dizer. – Assim que haja alguma visibilidade, iremos tentar chegar aí.

– Preciso de algo mais do que «tentar» – frisei.

– Eu entendo-a, minha senhora, e iremos aí assim que for possível. Há mais gente na mesma situação: temos toda uma equipa de montanhistas presa em Ben Nevis e outra situação junto a Fort William. Se pudesse descrever exatamente qual é o seu problema, minha senhora, para eu anotar todos os detalhes.

– A hóspede foi vista pela última vez aqui no Abrigo – disse eu –, por volta... das quatro da manhã de ontem.

– E qual é a dimensão da área?

– Da propriedade? – Tentei lembrar-me do número que aprendi nas minhas primeiras semanas aqui. – Pouco mais de vinte mil hectares.

Ouvi-a a inspirar fundo. Seguiu-se mais uma longa pausa do outro lado da linha, tão demorada que cheguei a pensar que a chamada caíra, que a neve cortara esta última ligação com o mundo exterior.

– Certo – acabou ela por dizer. – Vinte mil hectares. Bem. Enviamos aí alguém mal seja possível. – Mas o tom de voz dela alterara-se: havia mais incerteza. Eu ouvia uma pergunta tão claramente como se tivesse sido proferida em voz alta: *Mesmo que aí chegemos, como é que podemos ter a garantia de encontrar alguém em todo esse território inóspito?*

Nas últimas vinte e quatro horas, fizemos buscas até o mais longe que nos foi possível. Não se tem revelado fácil, com a neve a tombar desta forma, incessantemente. Só aqui estou há um ano, pelo que nunca cheguei a ficar isolada pela neve. Devemos estar num dos poucos locais no Reino Unido – exceto alguma ilhas quase desabitadas – onde o clima inclemente pode impedir por completo o acesso dos serviços de emergência. Avisamos sempre os hóspedes de que há a possibilidade de não conseguirem abandonar a propriedade se as condições meteorológicas forem adversas. Até consta da declaração de renúncia de direitos que têm de assinar. E, todavia, ainda é difícil de processar, o facto de ninguém conseguir cá chegar. Ou de cá sair. Mas é exatamente a situação em que nos encontramos agora. Está tudo coberto de neve, o que significa que é impossível circular de carro – mesmo com pneus de inverno, ou com correntes –, pelo que as nossas buscas têm sido todas efetuadas a pé. Tenho sido apenas eu e o Doug. Sinto-me para lá de exausta – tanto a nível mental, como físico. Nem sequer podemos contar com o Iain, que aparece na maioria dos dias para desempenhar todo o tipo de tarefas. Ele foi passar o Ano Novo com a família: preso no exterior com todos os restantes, sem préstimo para nós. A mulher do Resgate da Montanha foi pelo menos de alguma ajuda com os seus conselhos. Sugeriu que começássemos por verificar os locais que poderiam ser usados como abrigo. Eu e o Doug procurámos em todos os potenciais esconderijos na propriedade, com o frio a picar-nos no

rosto e a neve a dificultar-nos o avanço a cada passo, até eu ficar tão cansada que me senti zonzá.

Arrastei-me ao longo de todo o caminho até à estação, o que me levou umas boas três horas, e verifiquei lá. Aparentemente, houve algumas conversas entre os hóspedes sobre apanharem um comboio de regresso a Londres.

– Uma das hóspedes desapareceu – contei ao chefe da estação, Alec. É um homem imenso com um rosto saturnino: sobrancelhas baixas. – Andamos a procurar por toda a propriedade. – Descrevi-lhe a hóspede desaparecida.

«Poderão ter apanhado um comboio? – Sabia que era ridículo, mas achei que tinha de perguntar.

Riu-se na minha cara.

– Um comboio? Com isto assim? Está louca, menina? Nem que não estivesse assim, não há comboios no dia de Ano Novo.

– Mas talvez o senhor tenha visto algo...

– Não vi ninguém – contou-me. – Já não vejo ninguém desde que esse grupo chegou há uns dias. Não. Teria reparado se tivesse aparecido por aí um estranho.

– Bem – disse eu –, talvez eu possa dar uma vista de olhos?

Ele abriu as mãos, um convite sarcástico.

– Esteja à vontade.

Não havia nada para procurar: a sala de espera, um arrumo de porteiro que, aparentemente, a dada altura terá sido uma casa de banho. E a bilheteira que eu via pela janela: um pequeno cubículo cheio de papéis de onde, através da abertura para os bilhetes e para o dinheiro, vinha um cheiro a algo doce, ligeiramente apodrecido. Três latas de refrigerantes amassadas decoravam um dos cantos da secretária. Vi lá uma vez o Iain com o Alec, a fumar. O Iain apanha com frequência o comboio para ir buscar mantimentos; devem ter estabelecido algum tipo de amizade, mesmo sendo apenas por conveniência.

Logo atrás do escritório havia uma porta. Abri-a e dei com um lanço de escadas.

– Isso – disse o Alec –, dá para o meu apartamento. A minha *residência* privada. – Fez um ligeiro floreado em «residência».

– Calculo que não... – ia eu a dizer. Ele interrompeu-me.

– Duas divisões – disse ele. – É uma lavandaria. Acho que teria percebido se alguém se escondesse aí. – A voz dele soou um pouco mais alta e ele posicionou-se entre mim e a entrada. Estava demasiado próximo; sentia-lhe o cheiro a suor rançoso.

– Sim – disse eu, de súbito ansiosa por partir. – É evidente.

Ao iniciar a minha jornada tortuosa de regresso ao Abrigo voltei-me uma vez para trás e vi-o ali parado, a ver-me partir.

Em todas as horas de busca, eu e o Doug não encontramos nada. Nem uma pegada, nem um fio de cabelo. Os únicos vestígios com que nos deparámos foram as pequenas impressões intensas deixadas pelos cascos da manada de veados. A hóspede, aparentemente, não estava ativa desde que a neve começara a tombar.

Há videovigilância num lugar da propriedade: o portão da entrada, onde o longo carreiro vindo do Abrigo ruma para a estrada. O chefe montara-a para travar e apanhar caçadores furtivos. Por vezes, frustrantemente, a recolha de imagens é interrompida. Mas desta vez todo o grupo estava lá à vista: desde a noite anterior – a passagem de ano – até ontem, o Dia de Ano Novo, quando a hóspede foi dada como desaparecida. Avancei as imagens mais depressa nas gravações com grão, em busca de sinais de alguma viatura. Se a hóspede de alguma forma partiu de táxi – ou até a pé – a prova estaria ali. Não havia nada. Tudo o que me mostrava era o registo do início desta intensa queda de neve, enquanto no ecrã o carreiro começava a ser obliterado por um manto branco.

Talvez um corpo tenha começado a parecer uma possibilidade. Mas a confirmação disso mesmo é algo muito pior.

O Doug passa uma mão pelo cabelo, que tombou, humedecido pela neve, sobre os seus olhos. Quando o faz, vejo que a mão dele – o braço, todo ele – treme. É algo estranho de ver, um homem de ar tão duro como o Doug, com a constituição de um jogador de rãguebi, em tal estado. Ele era fuzileiro, pelo que deve ter visto a sua dose de mortes. Mas a verdade é que também eu vi, no meu antigo tipo de trabalho. Sei que é algo que nunca nos abandona verdadeiramente, o horror existencial. Além disso, ser a pessoa que encontra o morto – isso é algo completamente diferente.

– Acho que devias vir aqui ver isto – diz ele. – No cadáver.

– Achas necessário? – Não quero que seja necessário. Não quero ver. Vim para aqui para escapar à morte. – Não é melhor esperar pela polícia?

– Não – responde. – Não vão conseguir cá chegar tão cedo, pois não? E acho que precisas de ver isto já.

– Porquê? – questiono. Percebo como soa: lamurioso, sensível.

– Porque... – Passa uma mão pelo rosto; o gesto puxa as órbitas dos olhos para baixo numa máscara macabra. – Por causa... do corpo. Do aspeto dele. Não acho que tenha sido acidental.

Sinto a pele a esfriar de uma forma que nada tem que ver com o tempo.

Quando saímos para o exterior, a neve ainda tomba de forma tão espessa

que só se vê até uns passos da porta. O lago está praticamente invisível. Encolhi-me dentro das roupas que são na prática o meu uniforme de exterior neste lugar: o grande e comprido casaco tipo boneco da Michelin, as minhas botas de caminhada, o meu chapéu vermelho. Sigo em passos pesados atrás do Doug, tentando acompanhar a passada larga dele, o que não é fácil, porque ele tem bem mais de um metro e oitenta, enquanto eu pouco passo de um metro e cinquenta. A dada altura, tropeço; o Doug estende de repente uma grande mão enluvada para me agarrar o braço e içá-me de novo tão facilmente como se eu fosse uma criança. Até através do forro da manga sinto a força dos dedos dele, como tiras de ferro.

Estou a pensar nos hóspedes, presos nas suas cabanas. A inatividade deve ser horrível, a espera. Tivemos de os proibir de se juntarem a nós nas buscas, de contrário arriscaríamos a ter outro desaparecido com que lidar. Ninguém devia andar no exterior nestas condições. É o tipo de condições meteorológicas em que as pessoas morrem: «perigo de vida», dizem os avisos. Mas o problema é que para a maioria dos hóspedes, um lugar como este é tão alienígena como outro planeta. São pessoas que levam vidas encantadoras. A vida ajudou-as a sentirem-se intocáveis. Estão de tal forma habituadas a dispor daquela rede de segurança invisível em volta delas nas suas vidas normais – conectividade, serviços de urgência rápidos, diretrizes de saúde e segurança – que assumem que a transportam para todo o lado. Assinam sem questionar a declaração de renúncia porque nem sempre pensam verdadeiramente no assunto. Não acreditam naquilo. Não esperam que lhes aconteça o pior. Se parassem efetivamente para pensar, para *compreender*, provavelmente nem sequer se hospedariam aqui. Teriam demasiado medo. Quando uma pessoa percebe o quanto este ambiente é efetivamente isolado, compreende que apenas um louco escolheria viver num sítio assim. Pessoas que fogem de algo, ou sem nada a perder. Pessoas como eu.

Agora, o Doug encaminha-me para a margem esquerda do lago, na direção das árvores.

– Doug? – Percebo que sussurro. É do silêncio que impera aqui, mais profundo ainda por causa da neve. Eleva a nossa voz. Faz com que nos sintamos observados. Que logo ali atrás do arvoredado denso, talvez, ou desta cortina branca dominante, possa estar alguém à escuta. – O que te leva a pensar que não foi um acidente?

– Vais ver quando lá chegarmos – diz ele. Não se dá ao trabalho de se voltar para mim, nem abrandar o passo. E então diz, por cima do ombro: – Eu não «penso», Heather. Eu sei.

Três dias antes
30 de dezembro de 2018

Miranda

É evidente que não me dei ao incómodo de olhar para o *e-mail* que a Emma enviou, com a brochura anexada. Nunca me entusiasmo antecipadamente com uma viagem – não me interessa muito ver fotos de mares turquesa ou cumes cobertos de neve. Tenho de *estar* efetivamente lá para sentir algo, para que seja *real*. Quando a Emma mencionou este lugar, o Abrigo, imaginei vagamente algo à moda antiga, traves de madeira e lajes. Então, a construção em si revelou-se um pouco uma surpresa. Caramba. É tudo em vidro e cromado modernista, como algo saído de *O Feiticeiro de Oz*. Jorra de lá luz. Parece uma lanterna gigante a contrastar com a escuridão.

– Credo! – diz o Julien, quando os rapazes chegam finalmente no *Land Rover*. – É assim para o horrível, não? – Só ele para dizer isto. Apesar de tão inteligente, o Julien é um zero em termos de sensibilidade artística. É o tipo de pessoa capaz de percorrer uma exposição de Cy Twombly dizendo, «Podia ter desenhado isto quando tinha cinco anos», um *pouco* alto de mais. Ele gosta de dizer que isso se deve ao facto de ser um «pouco bruto»: os seus antecedentes demasiado sombrios para algo como o desenvolvimento de gostos estéticos. Eu costumava achar isso encantador. Ele era diferente: eu apreciava essa rudeza, ao lado de todos aqueles rapazes arranjadinhos das escolas públicas.

– Eu gosto – digo. E gosto. Parece que uma nave espacial acabou de aterrar na margem do lago.

– Também eu – diz a Emma. Ela só podia dizer isso – mesmo que achasse efetivamente que era horrível. Às vezes, dou por mim a pô-la à prova, dizendo as coisas *mais* ultrajantes, quase a espicaçando para que me desafie. Ela nunca o faz – sente uma imensa necessidade de ser aceite. Mesmo assim, é fiável – e a Katie e a Samira ultimamente têm estado ausentes. A Emma está sempre disponível para ir ao cinema, ou para ir às compras, ou beber um copo. Sou

sempre eu a sugerir o local, ou a atividade, e ela invariavelmente concorda. Para ser sincera, é bastante revigorante: a Katie anda sempre tão ocupada com o trabalho que tenho de ser eu a ir ter com ela, a algum maldito bar urbano péssimo igual a todos os outros, para ter direito a três minutos do tempo dela.

Com a Emma é um pouco como imagino que será ter uma irmã mais nova. Quase sinto como se me visse como um exemplo a seguir. Dá-me uma sensação de poder bastante *deliciosa*. Da última vez que fomos às compras levei-a à Myla.

– Vamos escolher algo que deixe o Mark mesmo de boca aberta – disse-lhe. Encontrámos o conjunto perfeito – um soutien ternamente ousado, cuequinhas abertas e ligas. De repente, vi uma imagem dela a contar ao Mark que fui eu a ajudá-la a escolher e senti uma inesperada pontada de desejo ao pensar nele a saber que foi tudo obra minha. Não é pelo Mark, naturalmente, nunca foi. Sim, sempre achei a sua atração tácita capaz de me afagar o ego, mas nunca a ponto de me excitar.

Com a Katie ausente e a Samira sempre ocupada com a Priya – é algo obcecada com aquela criança, não pode ser saudável partilhar *tantas* fotografias nas redes sociais –, dei por mim a recair antes na companhia da Emma. Sem qualquer dúvida, uma terceira escolha.

Tenho andada ansiosa com isto, para pôr a conversa em dia com todos. Há nisso uma certa segurança, no modo como quando estamos juntos regressamos aos nossos velhos papéis. Podemos estar separados ao longo de meses, mas quando voltamos a juntar-nos tudo volta a ser como era antes, quase como quando andávamos em Oxford, nos nossos dias de glória. A pessoa com quem mais desejo pôr a conversa em dia é a Katie, claro. Ao vê-la esta manhã na estação de comboios com o seu novo penteado, com roupa que não reconheci, percebi que decorrera muito tempo desde a última vez que a vi... e o quanto lhe sentira a falta.

No interior do Abrigo, o espaço é lindo – mas ainda bem que só vamos estar ali para as refeições, e não para dormir. O vidro enfatiza o contraste entre o espaço brilhante aqui dentro e a escuridão no exterior. Apercebo-me subitamente do quanto seremos visíveis a partir do exterior, iluminados como insetos num frasco... ou atores num palco, encandeados pelos holofotes face à plateia que os observa. Podia estar alguém lá fora, escondido na escuridão, a olhar para dentro sem o nosso conhecimento.

Por momentos, a velha sensação sombria ameaça vir à superfície, aquela sensação de ser observada. A sensação que carrego comigo já há uma década, desde que tudo começou. Recordo a mim mesma que o que verdadeiramente interessa é que não há ninguém lá fora. Que estamos completamente sós; com

a exceção do guarda de caça e da gerente – a Heather – que veio dar-nos as boas-vindas.

A Heather tem trinta e poucos anos, baixa, bonita – embora um corte de cabelo decente e alguma maquilhagem pudessem ser um grande melhoramento. Tento imaginar o que raio alguém como ela faz vivendo sozinha num sítio como este; porque ela *vive* efetivamente aqui – diz-nos que o seu chalé fica «já ali, um pouco mais perto das árvores». Permanecer aqui permanentemente deve ser solitário como o carações. Eu passava-me da cabeça se tivesse por companhia apenas os meus pensamentos. Às vezes, nos dias em que fico em casa, ligo o televisor *e* o rádio, só para abafar o silêncio.

– E vocês – diz-nos ela – têm todas as cabanas mais perto do Abrigo. Os outros hóspedes ficam no barracão do outro lado do lago.

– Os outros hóspedes? – questiona a Emma. Segue-se um silêncio tenso. – Que outros hóspedes?

A Heather assente com a cabeça.

– Um casal islandês... chegaram ontem.

A Emma franze o sobrolho.

– Mas não estou a entender. Eu estava convencida de que tínhamos o lugar só para nós. Foi o que a Heather me disse, quando falámos. «Devem ter o lugar só para vocês», disse-me.

A Heather tossica.

– Temo que tenha havido um... pequeno mal-entendido. Na altura em que conversámos, achei que seria esse o caso. Nem sempre alugamos o barracão. Mas, infelizmente, não sabia que o meu colega tinha aceitado uma reserva e... ah... ainda não tinha preenchido o registo.

O ambiente ficara irremediavelmente estragado. A simples frase «os outros hóspedes» soava de forma desagradável, dava uma sensação de infiltração, de invasão. Se estivéssemos num hotel, seria uma coisa, já se conta estar rodeado por estranhos. Mas a ideia de ter essas outras pessoas aqui no meio de nenhures connosco, de repente faz com que toda esta natureza erma pareça um pouco sobrepovoada.

– Vão estar esta noite no Jantar das Terras Altas – diz a Heather, apologeticamente –, mas o barracão tem a sua própria cozinha, pelo que de resto não vão usar o Abrigo.

– Graças a Deus – diz o Giles.

Nunca vi a Emma tão irritada, tem as mãos cerradas em punhos nos flancos, os nós dos dedos brancos através da pele.

Ouve-se subitamente um *Bang!* atrás de nós. Toda a gente se vira, e vê o Julien, segurando uma garrafa de champanhe acabada de abrir, com o vapor a erguer-se como fumo do gargalo.

– Achei que isto podia animar um pouco o ambiente – diz ele. O líquido

sai em espuma pelo topo da garrafa e jorra na carpete aos seus pés: o Bo ergue um copo para salvar algum. – Ei, nunca se sabe... talvez os outros hóspedes sejam divertidos. Talvez queiram vir amanhã celebrar connosco o Ano Novo.

Não me ocorre nada pior do que uns estranhos aparecerem e estragarem a nossa festa; tenho a certeza de que ao Julien também não. Mas este é o seu espetáculo Sr. Simpático. Ele deseja sempre tão desesperadamente ser apreciado, parecer divertido, que as outras pessoas pensem bem dele. Acho que é uma das coisas que me levou a apaixonar por ele.

A Heather ajudou a Emma a trazer copos da cozinha. Os outros aceitam-nos, voltando a sorrir, atraídos pela sensação de oportunidade acabada de criar pelo champanhe. Sinto-me tomada por um certo entusiasmo. É tão bom voltar a vê-los. Já lá ia tanto tempo. É tão especial, hoje em dia, estarmos todos assim juntos. A Samira e a Katie estão junto a mim, uma de cada lado. Abraço-as.

– As três mosqueteiras – sussurro. O círculo mais íntimo do círculo íntimo. Nem sequer me incomodo quando ouço a Samira a praguejar baixinho – o meu abraço levou-a a verter um pouco de champanhe na blusa.

Vejo que o Julien oferece um copo à Heather, apesar de dar para perceber que ela não quer. Por amor de Deus. Ontem na adega tive um pequeníssimo desacordo com ele por causa do champanhe. Doze garrafas de *Dom Pérignon*: mais de mil libras em champanhe.

– Porque é que pura e simplesmente não trouxeste *Moët* – perguntei-lhe –, como qualquer pessoa normal?

– Porque te ias queixar. Da última vez disseste-me que te deu dores de cabeça, por causa de «todo o açúcar» adicionado nas marcas básicas. Apenas o que há de mais requintado para Miranda Adams.

Olha quem fala. Com ele tem de haver sempre um pouco extra, essa é que é essa. Um pouco mais de extravagância, um pouco mais de dinheiro. Uma ânsia de ter mais do que aquilo a que tem direito ... e o trabalho dele não o ajudou nessa matéria. Na dúvida, atira para lá dinheiro: essa é a solução preferida do Julien. Muito bem... também a minha, se quero ser completamente sincera. Gosto de brincar dizendo que fazemos realçar o pior em cada um de nós. Mas é provavelmente mais verdadeiro do que deixo entender.

Deixei-o comprar o raio do champanhe. Sei que ele quer esquecer o *stress* deste ano.

Tal como eu contava, a mulher, a Heather, não está a beber. Bebeu apenas um pequeno gole, para ser educada, e devolveu-o à bandeja. Imagino que ache pouco profissional beber mais do que isso, e tem toda a razão. Por isso, graças à «generosidade» do Julien, vamos desperdiçar um copo, maculado pelo cuspido desta estranha.

A Heather põe-nos a par da agenda para o fim de semana. Amanhã, vamos

perseguir veados:

– O Doug vai levar-vos, ele passa aqui para vos apanhar de manhã bem cedo.

O Doug. Sinto-me bastante fascinada por ele. Dá para perceber que não gosta muito de nós. Também percebo que o deixo desconfortável. Esse conhecimento é uma espécie de poder.

O Giles pergunta agora à Heather algo sobre percursos de caminhada. Ela pega num mapa OS2 e estende-o sobre a mesa de café.

– Vocês têm imensas opções – está ela a dizer. – Depende na verdade daquilo que procuram... e do tipo de equipamento que trouxeram. Há gente que traz todo o tipo de material: picaretas para o gelo, *crampons*, mosquetões.

– Hmm, não sei se isso é muito a nossa onda – diz o Bo, sorrindo. Tem toda a razão.

– Bem, se querem algo muito tranquilo, há o caminho em volta do lago, claro – percorre o mapa com o dedo –, são poucos quilómetros, completamente plano. Há umas quantas quedas de água... mas têm pontes robustas a passar por cima, por isso não há nada que vos seja muito exigente. Quase que o podem fazer às escuras. Na outra ponta da escala têm o Munro, que vos pode interessar se planeiam «metê-lo no saco».

– Como assim? – pergunta o Julien.

– Oh – diz ela –, sei lá, como um troféu. É o que se chama quando se escala um. É conquistado.

– Oh, sim – diz ele, sorrindo de pronto. – Claro... se calhar eu sabia isso. – Não, não sabia. Mas o Julien não gosta de passar por desconhecedor. Mesmo não tendo sensibilidades artísticas de que se orgulhar, as aparências são importantes para o meu marido. A cara que se apresenta ao mundo. O que os outros pensam de nós. Sei disso melhor do que ninguém.

– Ou – diz ela – podem fazer algo intermédio. Há a caminhada até ao Abrigo Velho, por exemplo.

– O Abrigo *Velho*? – questiona o Bo.

– Sim. O abrigo original ardeu há menos de um século. Foi-se quase tudo. Por isso, não há *muito* para ver, mas é um bom alvo onde apontar, e tem vistas espetaculares para a propriedade.

– Imagino que ninguém terá sobrevivido a isso? – diz o Giles.

– Não – esclarece ela. – Morreram vinte e quatro pessoas. Não sobreviveu ninguém, com a exceção de uns moços de cavaliaria, que dormiam no estábulo com os animais. Um dos antigos blocos de estábulos ainda está de pé, mas provavelmente já não estará muito seguro: é melhor não se aproximarem de lá.

– E alguém sabe quem ateou o fogo? – pergunta o Bo. Estamos todos macabramente interessados – dá para ouvir um alfinete a cair –, mas ele parece genuinamente assustado, olhando de relance para o tronco crepitante na lareira. É mesmo um rapaz da cidade. Aposto que o mais que o Bo se aproxima de um fogo real é quando bebe um *shot* de sambuca flamejante.

– Não – esclarece a Heather. – Não sabemos. Talvez um fogo deixado sem vigilância numa das grelhas. Mas há uma teoria...

A Heather faz uma pausa, como se não soubesse se haveria de prosseguir, e depois avança.

– Corre a teoria de que um elemento do pessoal, um guarda de caça, estava tão afetado pelas suas experiências na guerra que lançou fogo de propósito à construção. Uma espécie de homicídio-suicídio. A ajuda levou mais de um dia a chegar... altura em que já era demasiado tarde.

– Isso é fodido – diz o Mark, sorrindo.

Reparou que a Heather não parece impressionada com o sorriso do Mark. Ela estará provavelmente a pensar como raio pode alguém divertir-se com a ideia de duas dúzias de pessoas carbonizadas até à morte. É preciso conhecer-se muito bem o Mark para compreender que ele tem um sentido de humor muito macabro, mas absolutamente inofensivo. Uma pessoa aprende a desculpá-lo. Tal como todos aprendemos que o Giles – apesar de parecer o Senhor Descontração – pode revelar-se um pouco tenso no que toca a pagar a rodada seguinte... já para não falar do Bo até beber pelo menos dois cafés de manhã. Ou de como a Samira, toda doçura e alegria à superfície, pode manter-se ressentida como ninguém. É o que têm os velhos amigos. Conhece-se estas coisas em relação a eles. Aprendeu-se a gostar deles. É a cola que nos une. Calculo que seja como a família. Toda essa história. Sabemos tudo o que há a saber uns sobre os outros.

A Heather retira uma prancheta de debaixo do braço, de repente muito profissional.

– Qual de vocês é a Emma Taylor? Tenho o seu cartão de crédito anotado como tendo pagado o depósito.

– Sou eu. – A Emma levanta uma mão.

– Muito bem. Deverão encontrar no frigorífico todos os ingredientes que pediram. Tenho aqui uma lista. Filete de vaca, ostras na concha... O Iain foi buscá-las hoje de manhã a Mallaig... salmão fumado, cavalas fumadas, caviar, endívias, Roquefort, nozes, chocolate a cem por cento, chocolate a oitenta e cinco por cento, ovos de codorniz... – Faz uma pausa para respirar – Creme de leite duplo, batatas, tomates em cacho...

Credo. A minha contribuição secreta para os procedimentos de repente parece bastante pobre. Tento apanhar o olhar da Katie para partilhar uma expressão de gozo. Mas já há tanto tempo que não a via que calculo que

estejamos dessincronizadas. Ela está simplesmente a olhar pelas grandes janelas, aparentemente perdida nos seus pensamentos.

² OS significa Ordnance Survey, a agência britânica de mapas. (*N. do T.*)

Emma

Verifico a lista. Não me parece que tenham trazido os tomates corretos – não são tomates-cereja –, mas provavelmente desenrasco-me. Podia ser pior. Acho que sou um pouco picuinhas com os meus cozinhados: fui contagiada na universidade e desde então que tem sido para mim uma paixão.

– Obrigada – diz a Heather, enquanto devolvo a lista.

– Onde é que arranjou isto tudo? – questiona o Bo. – Não deve haver muitas lojas por aqui.

– Não. O Iain foi buscar a maior parte das coisas a Inverness e trouxe de comboio... foi mais simples.

– Mas como é que se justifica aqui uma estação de comboios? – questiona o Giles. – Sei que saímos lá, mas de resto não deve haver muita gente que a use?

– Não – responde ela. – Nem nunca houve. É uma história engraçada. No século XIX, o proprietário insistiu que a companhia de caminhos de ferro construísse a estação, quando o abordaram com a proposta de fazer passar a linha pelas terras dele.

– Deve ter funcionado quase como o apeadeiro privado dele – comenta o Nick.

A mulher sorri.

– Sim e não. Porque houve umas... consequências inesperadas. Isto é região de *whisky*. E na altura havia bastante destilação ilegal... e roubos às grandes destilarias. Por exemplo, a velha fábrica de Glencorrin é muito perto. Antes da via-férrea, os contrabandistas destas redondezas dependiam das carroças, que eram bastante lentas, havendo muita probabilidade de serem paradas pelas autoridades na longa viagem rumo ao sul. Mas o comboio era uma outra história. De repente, podiam pôr o seu produto em Londres no próprio dia. Reza a lenda que alguns dos guardas dos comboios estavam na lista de pagamentos deles, prontos a fechar os olhos quando necessário. E há

quem diga ... – Ela para, fazendo pose para o *coup de grâce* – ...que o próprio antigo dono estava envolvido, que planeava tudo desde o dia em que pedira o seu apeadeiro. – Ela debruça-se para a frente no seu assento. – Se estão interessados, há esconderijos de *whisky* por toda a propriedade. Descobri-los é para mim uma espécie de passatempo.

Por cima da cabeça dela, vejo o Julien a revirar os olhos. Mas o Nick está intrigado.

– Como assim? – questiona. – Não foram todos descobertos? Quantos há por aí?

– Oh, não sabemos ao certo. Sempre que acho que terei descoberto o último, tropeço noutra. Na última contagem já ia em quinze. Foram feitos com muita inteligência, na verdade são pequenos montes de pedras, cobertos por mato e urze. A não ser que se esteja precisamente em cima deles, são praticamente invisíveis. Desaparecem na encosta. Se quiserem, posso mostrar-vos uns quantos.

– Sim, por favor – diz a Katie, ao mesmo tempo que o Julien diz:

– Não, obrigado.

Dá-se uma pausa ligeiramente embaraçosa.

– Bem – diz a Heather, com um pequeno e educado sorriso, embora se note um vislumbre cáustico no olhar com que brinda o Julien –, não é obrigatório, claro.

Tenho a impressão de que poderá não ser tão querida e recatada como parece ser. Bom para ela. O Julien por vezes exagera, quanto a mim. As pessoas parecem preparadas para o deixar comportar-se como ele gosta, por um lado por ser tão bem-parecido e por outro por conseguir lançar charme como quem liga um interruptor. Com frequência faz este último ato, depois de dizer algo particularmente controverso, ou cruel – para poder voltar atrás... fazer com que se pense que não falava a sério.

Isto até parece inveja. Afinal, o Mark passa a vida a cometer o erro de ofender as pessoas simplesmente por ser ele próprio: rindo-se de forma imprópria ou dizendo piadas de mau gosto. Sei com quem a maioria das pessoas preferiria jantar. Mas, pelo menos, o Mark à sua maneira é autêntico – mesmo que por vezes isso pareça autenticamente entediante (não sou cega às falhas dele). Com o Julien é tudo muito à *superfície*. Faz-me pensar no que se passará por baixo.

Os meus pensamentos são interrompidos pelo Bo.

– Isto é incrível – diz ele, olhando em volta. É *mesmo*. É melhor do que qualquer um dos lugares que alguém escolheu nos últimos anos, sem qualquer dúvida.

Sinto-me a descontrair devidamente pela primeira vez em todo o dia e permito-me a apreciar estar aqui, a sentir-me orgulhosa do meu trabalho em

encontrar este lugar.

A divisão onde nos encontramos é a sala de estar: dois sofás enormes macios e uma variedade de poltronas, belos velhos tapetes no chão, uma ampla lareira com uma pilha de lenha acabada de cortar ao lado.

– Usamos turfa com a lenha – informa a Heather –, para criar um ambiente fumado agradável.

As estantes de livros de cima estão recheadas com livros antigos, com lombadas esmeralda e vermelhas embutidas a ouro, e as de baixo com todos os jogos de tabuleiro clássicos: *Monopólio*, *Scrabble*, *Twister*, *Cluedo*.

Na parede interior – a exterior é completamente em vidro – estão penduradas várias cabeças de veados. As sombras criadas pelas suas hastes são enormes, como que projetadas por velhas árvores mortas. Os olhos de vidro têm o mesmo efeito que alguns quadros; parecem seguir-nos onde quer que vamos, fitando-nos de modo sinistro. Vejo a Katie a olhar para elas e a arrepiar-se.

Seria de pensar que o estilo modernista do edifício não resultaria com o interior caseiro, mas, de alguma forma, funciona. Na verdade, o vidro exterior parece desvanecer-se como se não houvesse barreiras entre nós e a paisagem no exterior. Era como se uma pessoa conseguisse ir diretamente do tapete para o lago, enorme e prateado sob a luz noturna, enquadrado por aquelas árvores negras baixas e grossas. É tudo perfeito.

– Muito bem – diz a Heather. – Agora, vou deixar-vos, para que se instalem. Vou deixar que escolham qual dos chalés se adequa melhor a cada um de vocês.

Quando começa a afastar-se, estaca, e roda sobre os calcanhares. Dá uma palmada na cabeça, uma pantomima de que terá esquecido algo.

– Deve ser do champanhe – diz ela, embora a mim isso me pareça difícil; só bebericou uns goles. – Há umas coisas muito importantes relativas a segurança que devo dizer-vos. Nós pedimos que se planeiam fazer uma caminhada para lá das nossas imediações, o lago, digamos, nos avisem. Ali fora pode parecer inofensivo, mas nesta altura do ano tudo pode mudar numas horas, às vezes em minutos.

– De que forma? – quer saber o Bo. Deve ser tudo muito estranho para ele: uma vez ouvi-o dizer que viveu cinco anos em Nova Iorque tendo saído apenas uma vez da cidade, por «não querer perder nada». Não me parece que seja muito adepto de ambientes exteriores.

– Tempestades de neve, nevoeiros repentinos, uma descida abrupta de temperatura. É o que torna esta paisagem tão excitante... mas também letal, se optar por sê-lo. Se for para surgir uma tempestade, digamos, queremos saber se estão a caminhar ou se estão em segurança nas casas. E... – Ela faz um leve esgar. – Tivemos alguns problemas com caçadores furtivos no passado...

– Isso parece muito vitoriano – diz o Julien.

A Heather soergue uma sobancelha.

– Bem, essas pessoas infelizmente não o são. Não são velho pessoal romântico levando uma peça de caça para casa para comer. Carregam equipamento de perseguição e espingardas de caça. Às vezes, trabalham de dia, envergando o melhor material camuflado que o dinheiro pode pagar. Às vezes, trabalham de noite. Não o fazem por diversão. Vendem a carne no mercado negro a donos de restaurantes ou as hastes no *eBay*, ou no estrangeiro. Há um mercado enorme na Alemanha. Agora, temos videovigilância no portão principal da propriedade, o que já ajuda, mas não evitou que eles entrassem.

– É motivo para nos preocuparmos? – questiona a Samira.

– Oh, não – diz de pronto a Heather, quiçá apercebendo-se pela primeira vez de como tudo isto pode soar aos hóspedes que vieram pela paz e sossego nada ameaçadores das Terras Altas da Escócia. – Não, nada de nada. Na verdade, já não temos incidentes com caçadores há... um bom bocado. O Doug está muito em cima disso. Eu só queria pôr-vos a par. Se virem na propriedade alguém que não reconhecem, avisem-nos. Não os abordem.

Sinto como toda esta conversa sobre perigos ensombreceu um pouco o ambiente.

– Ainda não brindámos ao facto de aqui estarmos – friso de pronto, agarrando a minha taça de champanhe. – Saúde! – Choco com a taça do Giles, com um pouco de força a mais, e ele dá um salto para trás para evitar as pingas que saltam fora. A seguir, ele percebe, vira-se para a Miranda e faz o mesmo. Parece resultar: uma pequena reação em cadeia corre a sala, com a familiaridade do ritual a gerar sorrisos. Recordando-nos do facto de estarmos a celebrar. Que é bom – não, maravilhoso – estar aqui.

Katie

Não vale a pena expressar quaisquer preferências em relação à cabana que me calha. Sou a solteira do grupo e tem sido tacitamente aceite por todos que a minha cabana deve ser a mais pequena do grupo. Há um pouco de discussão inocente sobre quem vai ficar com qual das restantes. Uma é ligeiramente maior do que as outras e a Samira – provavelmente com razão – acha que ela e o Giles devem ficar com ela, por causa da Priya. E, então, tanto o Nick como a Miranda nitidamente querem a que tem a melhor vista sobre o lago – por momentos desconfio que o Nick assim o diz apenas para irritar a Miranda, mas então ele recua, graciosamente. Toda a gente se comporta da melhor maneira.

– Agora, vamos dar um passeio – diz a Miranda, assim que tudo se decide.
– Um pouco de exploração.

– Mas está completamente às escuras – frisa a Samira.

– Bem, isso só melhora a situação. Podemos levar champanhe até ao lago.

Típico da Miranda. Qualquer outra pessoa sentir-se-ia grata por se acomodar no Abrigo até ao jantar, mas ela procura sempre aventura. Quando entrou na minha vida, há uns vinte anos, tudo se tornou instantaneamente mais entusiasmante.

– Tenho de deitar a Priya – diz a Samira, espreitando para onde a bebé adormeceu na sua transportadora. – Já é tarde para ela.

– Muito bem – diz a Miranda, desinteressadamente, sem sequer olhar na direção da Samira.

Não sei se ela se apercebe do olhar ferido da Samira. Hoje, durante a maior parte do dia, a Miranda comportou-se como se a Priya fosse bagagem a mais. Recordo-me da conversa dela de há uns anos, «quando eu o Julien tivermos filhos». Ultimamente, não tenho estado muito com ela, mas não sei se a sua indiferença é genuína ou disfarça algum sofrimento pessoal real. A Miranda

sempre foi muito boa a disfarçar.

Os restantes de nós – incluindo o Giles – fomos para o exterior caminhar às escuras. A Samira lança-lhe um olhar fulminante enquanto segue em passadas largas para a sua cabana – presumivelmente também ele era suposto ir ajudar a deitar a Priya. É provavelmente o mais aproximado de um desentendimento que alguma vez verei neles. Formam um casal tão perfeito, aqueles dois – tão respeitosos, tão sincronizados, tão apaixonados –, que até enjoa.

Caminhamos, cambaleando no terreno desnivelado, pelo carreiro na direção da água, a Bo, o Julien e a Emma com lanternas providenciadas no Abrigo para iluminar o caminho. No interior quente eu esquecera como é brutal no exterior. Está tão frio que até parece que a pele encolhe contra o crânio, protestando contra o ar frio. Alguém me agarra o braço e assusto-me, até que percebo que se trata da Miranda.

– Olá, desconhecida – diz ela. – É tão bom ver-te. Céus, as saudades que tive tuas. – É tão invulgar da parte dela fazer tal tipo de reconhecimento – e há também algo no modo como o diz. Espreito para ela, mas está demasiado escuro para distinguir a expressão.

– Também eu tuas – digo.

– E fizeste um corte novo no teu cabelo, não foi?

Sinto a mão dela a subir para brincar com os fios de cabelo que me emolduram o rosto. Só a custo não me afasto dela. A Miranda sempre gostou de tocar – eu sempre fui o oposto disso.

– Sim – respondo. – Fui ao Daniel Galvin, tal como me indicaste.

– Sem mim?

– Oh... não pensei. De repente tive umas horitas livres... fechámos algo mais cedo do que contávamos.

– Bem – diz ela –, para a próxima avisa-me, OK? Marcamos uma saída. Ultimamente, parece que desapareceste da face da terra. – Baixa o tom de voz. – Tive de recorrer à Emma... Céus, Katie, ela é tão simpática que me deixa louca.

– Desculpa – digo –, só que tenho andado muito ocupada no trabalho. Sabes, a tentar entrar para sócia.

– Mas não vai ser sempre assim, pois não?

– Não – respondo. – Não me parece.

– Porque ultimamente tenho andado a pensar... lembras-te como era? Quando tínhamos vinte e poucos anos? Viamo-nos todas as semanas, sem falta. Nem que fosse só para sairmos e embebedarmo-nos à sexta à noite.

Assinto com a cabeça. Não sei se ela se apercebe.

– Sim – digo, com a minha voz a sair um pouco rouca.

– Oh, meu Deus e o autocarro noturno? Ambas a dormir e a irmos até ao

fim da linha... Kingston, não era? E daquela vez que fomos àquele Tesco aberto vinte e quatro horas e tu de repente decidiste que querias fazer uma omelete quando chegasses a casa e deixaste cair aquela caixa de ovos e espalhou-se por todo o lado, mas mesmo todo o lado, e decidimos fugir com os estúpidos dos nossos tacões... – Ela ri-se e a seguir para. – Sinto saudades disso tudo... desse caos. – O seu tom revela tanta melancolia. Sinto-me grata por neste momento não lhe conseguir ver a expressão.

– Também eu – digo.

– Olhem só para vocês as duas. – O Julien vira-se para trás para nós. – Cheias de segredinhos. O que é que estão para aí a cochichar?

– Vá lá – diz o Giles –, partilhem connosco!

– Bem – diz de pronto a Miranda, inclinando-se para mim –, estou contente por termos isto... por termos a conversa em dia. Senti mesmo a tua falta, K. – Aperta ligeiramente o meu braço e, uma vez mais, parece-me ouvir a voz dela a soçobrar um pouco. Sinto uma pontada de culpa; tenho sido má amiga.

E, então, ela transforma-se, fazendo surgir de debaixo do braço uma nova garrafa de champanhe e gritando para os outros:

– Vejam só o que tenho aqui!

Ouvem-se gritos e aplausos. O Giles faz uma dança de prazer pateta; parece um miúdo, libertando a energia reprimida. E parece ser contagioso... de repente, toda a gente faz imenso ruído, falando com entusiasmo, as vozes a ecoar na paisagem vazia.

Então, a Emma estaca à nossa frente, com uma exclamação em voz baixa.

– Oh!

Vejo o que a fez parar. Um vulto parado no molhe para onde nos dirigimos, com o luar a traçar-lhe a silhueta. Ele é bastante alto e está surpreendentemente imóvel, de uma forma quase inumana. *O guarda de caça*, penso eu. A altura corresponde. Ou talvez se trate de um dos outros hóspedes de que nos falaram?

O Bo aponta a sua lanterna para o vulto e esperamos que o homem se vire, ou que pelo menos se mexa. E, então, o Bo desata a rir. Agora, vemos o que ele viu. Não se trata de um homem. É uma estátua de um homem, com um ar contemplativo, tipo Antony Gormley.

Sentamo-nos todos no molhe a olhar para o lago. De vez em quando há uma ligeira perturbação à superfície, apesar de quase não haver vento. As ondinhas serão causadas por algo por baixo, com a superfície vidrada a resguardar esses segredos.

Apesar do champanhe, toda a gente parece de repente um pouco

reprimida. Talvez seja apenas a enormidade das nossas cercanias – os vastos picos negros a erguerem-se ao longe, a enorme extensão de céu noturno no alto, o sossego dominante – que nos espanta ao ponto de nos silenciar.

Mas este silêncio não é *absolutamente* dominante. Aqui sentados o tempo suficiente começa-se a ouvir outros sons: rumorejares e remexeres na vegetação rasteira, líquido misterioso a ecoar desde o lago. A Heather falou-nos dos lúcios gigantes que lá vivem – a sua existência confirmada pelo exemplar monstruoso pendurado na parede do Abrigo. Mandíbulas enormes, dentes afiados, como monstros remanescentes do Jurássico.

Ouç o *farfalhar* dos altos pinheiros escoceses acima de nós, balançando com a brisa, e de vez em quando um baque suave: uma rajada com força suficiente para agitar neve acumulada. Algures, bastante perto, ouve-se a chamada triste da uma coruja. É um som tão reconhecível, mas ao mesmo tempo estranho, que é difícil acreditar que é real e não alguma espécie de efeito especial.

O Giles tenta imitar o som:

– *Ter-úít, ter-uuu!*

Desatamos todos a rir, mas afeta-me o facto de haver algo de desconfortável no som. A chamada da coruja, um ruído tão invulgar para cidadãos como nós, serviu apenas para realçar como este lugar nos é pouco familiar.

– Nem sequer sabia que havia lugares como este no Reino Unido – comenta o Bo, como se me lesse os pensamentos.

– Ah, Bo – diz a Miranda –, saíste-me cá um ianque. Por cá, não temos só Londres e aldeiazinhas rurais.

– Não fazia ideia de que eras de sair muito da M25, Miranda – comenta o Nick.

– Ei! – Ela dá-lhe um soco no braço. – Saio, às vezes. Fomos à Soho Farmhouse antes do Natal, não foi Julien?

Todos nos rimos – incluindo a Miranda. As pessoas acham-na incapaz de se rir de si própria, mas ela é capaz... desde que não saia *demasiado* mal na pintura.

– Vamos, abre a garrafa, Manda – diz o Bo.

– Sim... abre, abre... – começa o Giles a gritar, e toda a gente o acompanha, com algo de estranhamente tribal naquilo. Ocorre-me uma seita pagã; o efeito da paisagem, provavelmente – misteriosa e ancestral.

A Miranda levanta-se e projeta a rolha para o lago, onde gera uma série de ondinhas, alargando para anéis cintilantes sobre a água. Bebemos diretamente da garrafa, passando-a entre nós como guias femininas, com o líquido frio intensamente gaseificado a picar-nos as gargantas.

– É como em Oxford – diz o Mark. – Sentados junto ao rio, irritados

depois dos exames às três da tarde.

– Só que na altura era *cava* – frisa a Miranda. – Credo... bebíamos litros daquela coisa. Como é que não percebemos que sabia a vômito?

– E houve aquela festa que deram junto ao rio – diz o Mark. – Vocês as duas – aponta para a Miranda e para mim – e a Samira.

– Oh, sim – diz o Giles. – Qual era o tema?

– *Os Belos e os Malditos* – respondo. Toda a gente teve de ir vestida à anos 1920, para podermos fingir que éramos Jovens Coisas Brilhantes, como Evelyn Waugh e amigos. Meu Deus, éramos tão pretensiosos. Pensar nisso é como ler uma antiga entrada de um diário, embaraçoso... mas também adorável. Porque *foi* uma noite maravilhosa, mágica até. Acendemos velas e pusemo-las em lanternas, ao longo da margem. Toda a gente se esforçou imenso nos seus trajes e eram universalmente lisonjeadores: as raparigas em vestidos justos com lantejoulas e os rapazes de *smoking*. Naturalmente, a Miranda era a mais espantosa, com um longo vestido metálico. Recordo um momento embriagado de completa euforia, olhando para o grupo. Como é que o meu velho eu acabou num lugar assim? Com todas estas pessoas como amigas? E, mais particularmente, com aquela rapariga – tão glamorosa, tão *radiante* – como a minha melhor amiga?

Ao regressarmos na direção das luzes do Abrigo e das cabanas, avisto outra estátua, ligeiramente à nossa esquerda, com a silhueta realçada pela luz projetada pelo edifício da sauna. Esta encontra-se de costas para o lago, na nossa direção. Gera em mim o mesmo pequeno choque de estranheza que a outra; acho que é precisamente este o efeito que pretendem alcançar.

A privacidade da minha cabana é um alívio bem-vindo. Até agora passámos perto de oito horas na companhia uns dos outros. A minha é a que, deste lado, se situa mais longe do Abrigo, logo por detrás da sauna com telhado de musgo. É também a mais pequena. Nada disto me incomoda particularmente. Demoro-me a retirar as coisas da mala, apesar de pouco ter trazido comigo. O gosto que me ficou na boca do champanhe é agora amargo na língua, sinto o pouco que bebi às voltas no estômago. Bebo um pouco de água. A seguir, tomo um demorado banho quente na banheira de metal isolada na casa de banho usando o óleo de banho de oferta, o que cria um espesso vapor aromático-terapêutico de alecrim e gerânio. Há uma janela alta voltada para o lago, apesar de a vista para o exterior estar parcialmente obscurecida pela extensa hera, como algo saído de uma pintura pré-rafaelita. É também suficientemente alta para alguém conseguir olhar para o interior e ver-me no banho por uns momentos antes de eu reparar – se alguma vez olhei. Não sei ao certo por que razão me ocorreu isso – em especial por não haver

praticamente ninguém aqui para ver –, mas assim que o pensamento ocupa a minha mente parece que não consigo livrar-me dele. Puxo o pequeno quadrado de linho para tapar a vista. Ao fazê-lo, apercebo-me do meu reflexo no espelho sobre o lavatório. A iluminação não é boa, mas acho que estou com um péssimo aspeto: pálida e doente, com olheiras.

Tenho de admitir, cheguei a pensar em não vir este ano. Fingir simplesmente que não tinha visto o *e-mail* da Emma na minha caixa de entrada até ser «demasiado tarde» para fazer algo. Um pensamento súbito e rebelde: Talvez já tenha feito a minha parte? Podia ficar aqui escondida por três dias e os outros fariam barulho e drama suficientes sem darem realmente pelo meu desaparecimento. O Nick e o Bo e a Samira quando se lançam são suficientemente barulhentos, mas a Miranda sozinha é capaz de fazer ruído e drama por todo o grupo.

Naturalmente, ajudaria o facto de ser conhecida pela sossegada. A observadora, dissolvida no cenário de fundo. Era essa a dinâmica quando vivíamos juntas, eu, a Miranda e a Samira. Elas atuavam, eu assistia ao espetáculo.

Se alguém contasse às pessoas com quem trabalho, acho que iriam surpreender-se. Agora, sou uma das associadas mais antigas da firma. Tenho a esperança de não estar muito longe de passar a sócia. As pessoas ouvem o que eu digo. Faço apresentações, sinto-me bastante confortável com o som da minha voz, ecoando numa sala de reuniões em silêncio. Na verdade, gosto da sensação... ver os rostos virados para mim, a escutar atentamente o que tenho a dizer. Imponho respeito. Comando uma equipa. E descobri que gosto de mandar. Calculo que todos nós transportamos diferentes versões de nós próprios.

Neste grupo, sempre fui encarada como uma perdedora. As pessoas muitas vezes pensaram, tenho a certeza, o que faz alguém como eu com uma amiga como a Miranda. Mas na amizade, tal como no amor, os opostos atraem-se. Extrovertida e introvertida, *yin* e *yang*.

Seria muito fácil não gostar da Miranda. Foi abençoada pelos deuses da beleza e da fortuna. Tem o tipo de figura absurda que se vê apresentado como «exemplo mau e irrealista para jovens raparigas» – como se tivesse sido melhorada pessoalmente por *Photoshop*. Não parece minimamente justo que alguém tão magro tenha umas mamas daquele tamanho; não são compostas essencialmente por gordura? E aquele cabelo louro espesso e irritantemente cintilante, e olhos verdes... ninguém na vida real parece ter olhos bem verdes, exceto a Miranda. É o tipo de pessoa que se assume de imediato que seria provavelmente uma cabra. O que ela sabe ser, sem dúvida.

A questão é que sob os seus modos ocasionalmente despóticos, a Miranda sabe ser muito amável. Por exemplo, houve uma altura em que o casamento

dos meus pais estava a desmoronar – quando eu tinha um convite em aberto para ficar em casa dela sempre que me apetecesse, para escapar aos concursos de gritos domésticos. Ou quando o meu namorado do 12.º ano, o Matt, me trocou sem cerimónias pela mais bonita e popular Freya, e a Miranda não só me deu um ombro para chorar, como pôs a correr o rumor de que ele tinha clamídia. Ou quando eu não tinha dinheiro para pagar um vestido para o Baile de Verão da faculdade e sem fazer grande aparato ela me ofereceu um dos dela: uma coluna de seda prateada.

Quando abri os olhos a dada altura na viagem de comboio até aqui, dei com a Miranda a observar-me. Aqueles olhos verdes. Tão penetrantes, tão avaliadores. Um leve franzir de sobrolho, como se tentasse compreender algo. Rapidamente, fingi que adormeci de novo. Por vezes, acredito genuinamente que a Miranda já me conhece há tanto tempo que a dado momento ao longo do caminho pode ter adquirido a capacidade de me ler a mente, se olhar com suficiente intensidade.

O nosso passado já é bem anterior ao do resto do grupo. Remonta ao jardim de infância em Sussex. As duas raparigas novas. Uma já de ouro, com o brilho do dinheiro – mudara-se de uma escola particular lá perto por os pais pretenderem que ela «se esforçasse» (e acharam que uma educação abrangente melhoraria as hipóteses dela de entrar em Oxford). A outra rapariga com cabelo castanho-claro, demasiado magra com o seu uniforme largo arranjado na coleção de segunda mão da escola. A rapariga de ouro (já popular, logo na primeira manhã) a ter pena dela, insistindo que se sentassem juntas na reunião. Fazendo dela o seu projeto, fazendo com que se sentisse aceite, e não sozinha.

Nunca percebi porque é que me escolheu para ser a sua melhor amiga. A verdade é que efetivamente *me* escolheu. Eu pouco tive que ver com o assunto. Mas a questão é que ela sempre gostou de fazer o inesperado, a Miranda sempre gostou de desafiar as expectativas dos outros em relação a ela. As outras raparigas faziam fila para serem suas amigas, ainda me lembro disso. Todo aquele cabelo – tão louro e brilhante que nem parecia real. Pestanas tão compridas que um dia foi expulsa de uma aula por usar maquilhagem: a injustiça! Mamas verdadeiras – aos doze anos. Era boa em desporto, inteligente, mas não demasiado inteligente (embora numa escola só de raparigas, a destreza académica não seja a desvantagem que é numa mista).

As outras raparigas não entendiam. Porque é que ela haveria de ser minha amiga, podendo tê-las a elas, qualquer uma delas? Tinha de haver algo de estranho nela, se o gosto dela por pessoas era tão «fora». Poderia ter governado aquela escola como uma rainha. Por causa disso, a amizade dela

comigo provavelmente nunca foi tão popular como poderia ter sido. Mas isso não interessava aos rapazes nas festas a que começámos a ir na nossa adolescência. *Eu* nunca recebi convites para ir a casa de alunos da secundária ao cimo da rua, nem a festas na praia. Na altura, a Miranda podia ter-me deixado para trás. Mas levou-me com ela.

Quando penso nisso, sinto-me ainda mais envergonhada. Esta sensação é idêntica à que sentia quando ficava na sua bela residência eduardiana e me sentia tentada a levar para casa um pequeno troféu. Algo pequeno, algo em que ela mal reparasse: um gancho do cabelo ou um par de meias com rendinhas. Para assim poder ter algo belo para onde olhar no meu pequeno quarto bege, na minha sombria casa com duas divisões em cima e duas em baixo com manchas nas paredes e estores partidos.

Alguém bate à porta da frente por volta das oito: o Nick e o Bo, graças a Deus. Por momentos achei que pudesse ser a Miranda. Eu e o Nick conhecemo-nos na semana dos caloiros e desde então que somos amigos. Ele esteve presente ao longo de todos os altos e baixos da universidade.

Vieram os dois, para avaliar o espaço.

– A tua cabana é tal como a nossa – diz o Nick, quando os deixo entrar –, embora um pouco mais pequena. E um *bastante* mais arrumada... O Bo já encheu tudo com as coisas dele.

– Ei – diz o Bo. – Lá porque não viajo com apenas três versões do mesmo conjunto.

Nem sequer era exagero. O Nick é uma daquelas pessoas que impôs a si mesmo um uniforme: uma camisa absolutamente branca, umas calças de ganga com bainha e botas *chukka*. Talvez um blazer elegante e sempre, evidentemente, os seus óculos aro de tartaruga *Cutler and Gross*. Acaba por funcionar. Nele, tem estilo, é autoritário – enquanto num simples mortal pode parecer um pouco básico.

Sentamo-nos juntos no conjunto de poltronas fofas em frente à cama.

O Bo fareja o ar:

– Aqui também tem um cheiro fantástico. O que é?

– Tomei banho.

– Oh, bem me pareceu que aquele óleo tinha bom aspeto. Aqui, não fazem as coisas por menos, pois não? A Emma desta vez esmerou-se. É espetacular.

– Sim – digo –, é mesmo. – Mas não sai com tanto entusiasmo quanto eu pretendia.

– Estás bem? – O Nick dá-me um empurrão com o ombro. – Espero que não leves a mal que te diga isto, mas pareces um pouco... desligada. Desde hoje de manhã. Sabes, aquilo hoje no comboio, de seres posta na outra

carruagem, tenho a certeza que não foi intencional. Se tivesse sido a Miranda, já seria outra história... – Ergue as sobranceiras na direção do Bo e este anui, concordando.

– Eu não chegaria necessariamente à mesma conclusão. Mas foi a Emma. Não acho que ela seja assim.

– Mas não tenho a certeza se ela será a minha maior fã. – A Emma é tão decente e tenho pensado se ela viu algo que não gostou em mim, que a leve a afastar-se.

O Bo franze o sobrolho.

– O que te leva a dizer isso?

– Acho que é só uma impressão...

– Eu não levaria isso a peito – diz o Nick.

– Não – digo. – Se calhar é por não ver ninguém há tanto tempo. E não devia beber durante o dia... deixa-me sempre esquisita. Em especial, não tendo comido nada.

– Completamente – assente o Bo. Mas o Nick nada diz. Limita-se a olhar para mim.

A seguir, pergunta:

– Passa-se mais alguma coisa?

– Não – respondo. – Não, não passa.

– Tens a certeza?

Assinto com a cabeça.

– Bem, então vamos – diz o Nick –, vamos lá abastecer-te ao jantar. É bom que haja alguma combinação de gaitas de foles, carne de veado e *kilts*, caso contrário peço a devolução do dinheiro.

Eu, o Nick e o Bo dirigimo-nos ao Abrigo para jantar, de braço dado. Como sempre, o Nick cheira a limão e talvez a um toquezinho de incenso. É um aroma tão familiar e reconfortante que me apetece enterrar a cara no ombro dele e dizer-lhe o que me vai na alma.

Ao princípio, andei um bocadinho apaixonada pelo Nick Manson em Oxford. Acho que todo o meu grupo da aula andava. Ele era lindo, mas de uma nova forma adulta completamente diferente de todos os outros rapazes do primeiro ano – tantos deles ainda atormentados pela acne e desajeitados, ou completamente incapazes de conversar com raparigas. A beleza dele era muito mais sofisticada do que, digamos, a do Julien, trabalhada no ginásio. O Nick poderia ter chegado de um outro planeta, o que de certa forma aconteceu. Ele fez o bacharelato em Paris (os pais eram diplomatas), onde também aprendeu um francês fluente e ganhou um apanhado de cigarros *Gitanes*. O Nick agora ri-se do quanto era pretensioso – a maioria dos estudantes universitários era-o na altura... só que a versão dele parecia autêntica, justificada.

Ele veio a selecionar uns quantos amigos novos a meio do nosso segundo

ano. Não foi propriamente uma surpresa. Não saíra com nenhuma das raparigas que se lançavam a ele com uma avidez embaraçante, pelo que talvez houvesse ali um ponto de interrogação. Eu optara por não ver, pois tinha a minha própria explicação para o celibato dele: estava a poupar-se para a mulher certa.

A revelação dele acabou por se revelar um pequeno choque, não vou fingir o contrário. A minha paixoneta por ele tivera toda a intensidade das que se têm com frequência naquela idade. Mas com o tempo aprendi a amá-lo como amigo.

Quando ele conheceu o Bo, desapareceu do radar. De repente, passei a vê-lo muito menos vezes, a ouvir falar menos dele. Foi difícil não me sentir ressentida. Face ao Nick, por me ter deixado – porque foi assim que me senti na altura. Face ao Bo, enquanto usurpador. E depois o Bo tinha os seus problemas. Era um viciado, ou ainda é, tal como ele o refere, só que já sem consumir drogas. Por muitos anos, o Nick tornou-se praticamente a sua carreira a tempo inteiro. Acho que, por sua vez, o Bo se sentiu ressentido comigo, enquanto amiga chegada do Nick. Penso agora que hoje em dia ele se sente mais seguro de si e da relação deles... ou, se calhar, todos crescemos um pouco. Ainda assim, com o Bo por vezes sinto como se exagerasse um pouco. A ser um pouco bajuladora de mais. Porque, para ser absolutamente sincera, ainda sinto que a dependência dele – porque ainda agora ele é dependente – é a razão para eu e o Nick já não sermos grandes amigos. Somos chegados, sim, mas nada como já fomos.

Agora está ainda mais frio; os nossos bafos misturados formam uma nuvem. Há faixas de névoa a pairar sobre o lago, mas à nossa volta o ar apresenta-se bastante límpido e quando olho para cima é como se o frio de certa forma acentuasse a luz das estrelas. Enquanto cambaleamos ao longo do carreiro até ao Abrigo, olho por acaso para a sauna, onde vi antes a segunda estátua, aquela que estava voltada para nós. Mas, o que é estranho, apesar de a procurar na luz projetada pelo edifício, assumindo que se oculta nas sombras, não a vejo. A estátua desapareceu.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

Conforme avanço pela neve, tentando pisar as grandes pegadas do Doug, penso nos hóspedes, sentados nas suas cabanas a tentar adivinhar o que se passa: ainda sem o saberem.

A não ser... Afasto o pensamento. Não posso permitir que a minha mente tire conclusões precipitadas. Mas se o Doug tem razão, há algo de mais sinistro em jogo. E algo correu mal entre todos eles, isso era evidente. Houve um «desentendimento», foi como todos lhe chamaram quando me vieram falar do desaparecimento.

Seria mais fácil dizer, olhando para trás, que tive um mau pressentimento há três dias, quando todos chegaram. Não vi o que aí vinha. Mas senti *algo*.

O meu Jamie estava fascinado com a ideia do «cérebro trino». Talvez tivesse algo que ver com o trabalho dele. Ele via as pessoas no limite, a agirem puramente por instinto: o pai que fugia de uma casa em chamas antes de salvar os filhos ou, contrariamente, aquele que protegia a mulher e o bebé das chamas e sofria queimaduras de terceiro grau em metade do corpo. Tem tudo que ver com a amígdala – um pequeno nódulo escondido entre as pequenas células cinzentas, a raiz das nossas ações mais instintivas. Está por detrás do impulso egoísta de agarrar as maiores bolachas, o lugar mais confortável. É o que nos alerta para o perigo, antes sequer de se conhecer conscientemente uma ameaça. Sem isso, um rato de laboratório correria diretamente para as mandíbulas de um gato.

O Jamie acreditava que as pessoas eram basicamente animais civilizados. Que os impulsos básicos se ocultam sob uma camada de verniz social; contidos, controlados. Mas até em momentos de *stress* menor, o animal dentro de nós tem uma tendência para se impor. Uma vez, ele ficou preso por quatro horas num comboio às portas de Edimburgo, devido a uma falha elétrica.

«Percebes logo quais são as pessoas capazes de te comer», disse-me ele, «sem qualquer hesitação, se ficarem todos juntos presos num bote salva-vidas. Havia um homem que ao fim de uns minutos já estava a bater na cabina do maquinista, muito corado. Parecia um animal enjaulado. Olhou para os restantes de nós como se esperasse que um de nós lhe dissesse para se calar... então, ele teria uma desculpa para se descontrolar por completo.»

É precisamente essa a questão. Algumas pessoas, sob apenas um pouco de pressão, afastadas dos seus habituais ambientes de conforto, não necessitam de grande encorajamento para se tornarem monstros. E por vezes tem-se uma forte percepção sobre as pessoas e não se sabe explicar; simplesmente, sabe-se, no fundo do nosso ser. Também isso é o cérebro trino.

Então, dou por mim agora a recuar três dias, até à noite em que todos chegaram. As minhas primeiras impressões animais.

O Jantar das Terras Altas na primeira noite da estadia é uma das promessas da brochura. Mas sempre que o organizamos, acho que os hóspedes passariam muito bem sem ele. Parece assumir invariavelmente o ambiente de uma ocasião forçada, como um jantar estatal. Tenho a certeza de que se trata apenas de um outro meio de lhes sacar dinheiro. A margem de lucro na comida, mesmo tendo em conta o facto de serem utilizados «os melhores ingredientes locais», é enorme. Também já pensei se será uma forma de manter a comunidade integrada, porque são contratados rapazes e raparigas locais para empregados de mesa, e todos os ingredientes são comprados em fornecedores vizinhos; com a exceção da carne de veado, que vem daqui.

Li os títulos de quando o chefe comprou o espaço – à família que foi dona da propriedade ao longo de gerações –, artigos queixando-se dos «preços elitistas», de «barrar as gentes locais à sua própria terra» – há um direito de percorrer as Terras Altas, o que o antigo proprietário manteve, mas o chefe instalou vedações e placas ameaçadoras. Ele alega que servem para deter os caçadores furtivos, mas, o que é engraçado, aparentemente para o anterior proprietário isso não era grande problema. Talvez os caçadores furtivos não se tenham organizado, armado, não tenham compreendido a procura saudável por carne de veado e cabeças de veado penduradas. Mas penso que poderá haver outro ângulo para a matança de veados que existe hoje em dia. Como algo ensinado, algo resgatado ao passado.

Certa ocasião, na nossa loja mais próxima em Kinlochlaggan (ainda a mais de uma hora de distância), calhei de contar à dona da loja onde trabalhava.

– Parece-me uma rapariga simpática – disse ela –, mas é um lugar feio. Dinheiro estrangeiro. – (Com isso, ela referia-se, calculo, ao facto de o chefe ser inglês e de os hóspedes com frequência serem oriundos de Inglaterra, ou mais longe.) – Um destes dias – contou-me ela –, vão pagar o que é devido por manterem as pessoas afastadas do que lhes pertence. – Recordei então a teoria

que ouvira sobre o Abrigo Velho, aquela de que não falo aos hóspedes: que o fogo não foi ateado pelo guarda de caça, mas por um habitante local insatisfeito, afrontado com o dono.

Se o Jantar das Terras Altas se destina a afastar esta má vontade contra o local, não sei se resultou. Principalmente, o pessoal de serviço regressa a casa com histórias sobre o mau comportamento dos hóspedes. Recordo-me de uma festa de despedida de solteiro onde um padrinho bêbedo – mas não tão bêbedo – apalpou uma empregada muito nova quando ela se curvou para apanhar um guardanapo que caíra. Os hóspedes apagaram sobre os pratos, sucumbindo ao excesso de *single malt Glencorrin*. Alguns vomitaram na mesa, diante do pessoal de serviço.

O grupo de hóspedes de Londres comportar-se-ia melhor do que os da despedida de solteiro, estava eu certa. Havia uma bebé entre eles, pelo que isso por certo queria dizer algo, mesmo que os pais não se juntassem a nós (a mãe pedira que lhes levassem à cabana a comida deles). Com isso, sobravam sete. O homem de cabelo escuro, a loura alta. Julien e Miranda. Um par que combinava na perfeição, os mais belos, até os nomes mais chiques do grupo. Depois, havia o homem ruivo magro e elegante com óculos de arquiteto – Nick – e o seu namorado americano, Bo. O terceiro casal: Mark e Emma. Ele quase poderia ser bem-parecido, mas tinha os olhos demasiado juntos, como os de um pequeno predador, e a sua metade superior era desproporcionalmente pesada, dando-lhe o aspeto nada natural de uma figura de ação. Dei por mim a pensar que ela era a versão económica da loura alta; cabelo escuro nas raízes, um pneu de carne a sair pelos *jeans* onde o seu top subira. Surpreendi-me comigo mesma. Não sou, por regra, crítica. Mas mesmo não se tendo muita interação com outros seres humanos – como eu não tenho – verifica-se que o instinto para julgar terceiros, essa característica humana básica, não nos abandona. E não havia como ignorar a semelhança. O cabelo dela estava pintado no mesmo tom, as roupas eram do mesmo tipo e até pintava os olhos da mesma forma, pequenos salpicos pretos nos cantos. Apesar de fazer com que os olhos da amiga pareçam grandes e felinos, serviam apenas para enfatizar a pequenez dos seus.

E depois havia a última, Katie. Aquela que estava a mais. De início, quase não dei por ela. Estava ali de pé tão quieta, tão sossegada, nas sombras do canto da sala – quase como se pretendesse desaparecer nas mesmas. De certa forma, não combinava com os outros. A pele dela era pálida e havia grandes manchas roxas por baixo dos olhos. As roupas eram demasiado formais, como se estivesse numa viagem de negócios e tivesse ido ali parar por engano.

Por norma, apesar de ter conhecido os nomes, prefiro *pensar* nas pessoas que aqui se alojam simplesmente como «hóspedes»: hóspede 1, hóspede 2, etc. Preferiria não pensar neles como indivíduos com vidas fora deste lugar. Talvez

isto soe estranho. Penso que poderei argumentar que se trata de uma tática de sobrevivência. Não me envolver nas vidas deles. Não permitir que a felicidade deles – ou o contrário – me afete. Não me comparar com o todo deles, estes casais que vieram para um retiro romântico, as famílias felizes.

As últimas vinte e quatro horas implicaram um conhecimento mais profundo deste grupo – uma intimidade forçada sem a qual eu viveria bem.

Mas, se quero ser sincera, acho que desde o início me senti curiosa em relação a eles. Talvez por serem vagamente da minha idade: entre os trinta e os trinta e cinco anos, calculo. Poderia ter sido como eles, se tivesse encontrado um emprego bem pago na cidade, como aconteceu a alguns amigos depois da universidade. Isto é o que poderias ter tido, parecia que me dizia todo o universo. Era onde poderias ter chegado, o que poderias andar a fazer, na época mais solitária do ano (porque é Véspera de Ano Novo, não é?)

Posso ter sentido inveja e, contudo, não me apercebi. Porque, não posso apostar, havia um desconforto, um descontentamento que parecia pairar em volta deles. Mesmo quando riam e se empurravam e se provocavam, sentia ali algo subjacente – algo fora do sítio. Em certos momentos, pareceram-me atores, achei, fazendo um grande espetáculo do momento maravilhoso que estavam a viver. Riram-se de uma forma *algo* exagerada. Beberam de uma forma bastante exagerada. E ao mesmo tempo, apesar de todas as provas de diversão, pareceram vigiar-se uns aos outros. Talvez esteja a ver à posteriori, fazendo com que esta impressão pareça mais do que efetivamente era. Acho que haverá tensões na maioria dos grupos de amigos. Mas espantei-me com a ideia de não se sentirem completamente confortáveis na companhia uns dos outros. O que foi estranho, dado que me disseram logo de início que eram amigos de há muito tempo. Mas é essa a questão dos velhos amigos, não é? Por vezes nem sequer percebem que já não têm nada em comum. Que talvez já nem sequer gostem uns dos outros.

Os outros hóspedes, o casal de islandeses, apareceram precisamente quando começavam a ser servidos os aperitivos – «salmão pescado localmente com ervas silvestres» – para receberem um *frisson* de hostilidade da parte dos outros.

O Iain tratara da reserva deles. Eu estava numa das minhas raras idas à loja local, pelo que ele teve de atender a chamada. Conseguiu ver no sistema que o barracão estava vazio, disse ele, e verificara com o chefe, que dera o seu aval. Fiquei aborrecida por ele não ter anotado os nomes na agenda: se eu tivesse sabido, não teria dito ao outro grupo que tinham o lugar só para eles.

Não sabia ao certo que tipo de comportamento esperar daqueles dois. Não eram do habitual tipo rico. Ambos tinham compleições desgastadas pelo vento, o aspeto endurecido de gente que passa muito tempo exposta aos elementos mais agrestes. O homem tinha olhos de um azul muito claro e

cabelo louro oleoso atado atrás com uma correia de couro. A mulher tinha um *piercing* de duas pontas a cruzar-lhe o septo do nariz e um rabo de cavalo escuro entrançado.

Chegaram à estação com mochilas enormes, quase com metade do tamanho deles. Explicaram que apanharam boleia numa traineira de pesca desde a Islândia até Mallaig, mais acima na costa – vi a bela loura torcer o nariz ao ouvir isto –, onde o Iain os recolheu para os trazer no camião dele para a propriedade. Vieram com material próprio – casacos *Gore-Tex* e botas pesadas – fazendo com que as galochas *Barbour and Hunter* do outro grupo parecessem um pouco ridículas. Não mudaram a roupa de exterior para o jantar, pelo que até o Doug e o Iain, nos seus *kilts* especiais de Loch Corrin, pareciam bastante aperaltados junto deles, tal como pessoal que servia à mesa, as duas raparigas e o rapaz com as suas camisas brancas e aventais em xadrez. A bela loura fitou os dois recém-chegados como se fossem duas criaturas acabadas de emergir do fundo do lago. Felizmente, eles estavam a ladear-me; ela estava sentada em frente, junto ao Doug, e muito depressa parece ter decidido que não perderia tempo a votar-lhes mais atenção, dedicando-a totalmente ao Doug. Olhei para ela, com todo aquele brilho: a fina blusa de seda, o conjunto de brincos com pinos a cintilar – diamantes? Ela observou-o como se o que ele dizia fosse a coisa mais fascinante que ouvira toda a noite, os seus lábios curvados num meio sorriso, o queixo apoiado na palma. O Doug não se deixaria levar por alguém como ela – será? Ela não fazia o tipo dele, certo? Então, recordei que eu não fazia a mínima ideia de qual seria o tipo dele, porque na verdade nada sabia sobre ele.

Concentrei a minha atenção de novo nos hóspedes islandeses que me ladeavam. Falavam um inglês praticamente perfeito, com uma ligeira musicalidade que revelava que eram estrangeiros.

– Já trabalha aqui há muito? – perguntou-me a mulher, Kristin.

– Há pouco menos de um ano.

– E vive aqui sozinha? – Isto veio da parte do homem, Ingvar.

– Bem, não propriamente. O Doug... ali, também cá vive. O Iain vive na vila, Fort William, com a família.

– Aquele que nos foi buscar?

– Sim.

– Ah – disse ele –, parece ser simpático.

– Sim. – Mas eu pensei: *a sério?* O Iain é tão taciturno. Chega, faz o seu trabalho – seguindo ordens recebidas da parte do chefe – e vai-se embora. É muito ensimesmado. Naturalmente, ele poderia dizer o mesmo de mim.

O Ingvar disse, quase refletindo:

– O que leva alguém como vocês a viver num lugar assim? – O modo como o perguntou, tão conhecedor, como se tivesse adivinhado algo.

– Eu gosto disto – respondi. Até aos meus ouvidos me soou defensivo. – A beleza natural, a paz...

– Mas deve sentir-se um pouco sozinha, não?

– Não particularmente – respondi.

– Não é assustador? – Sorriu ao dizê-lo e senti um leve arrepio a percorrer-me.

– Não – respondi, secamente.

– Acho que uma pessoa se habitua – disse ele, não reparando ou ignorando a minha rudeza. – De onde nós vimos, sabemos o que é estar só, percebe? Mas, se não tiver cuidado, pode dar para enlouquecer um pouco. – Fez um gesto sem graça com um dedo na têmpora. – Toda aquela escuridão no inverno, toda aquela solidão.

Não era bem verdade, pensei. Às vezes, a solidão é a única forma de reconquistar a sanidade. Mas também me deixou a pensar. Para quem vive na Islândia – com as suas longas noites de inverno – não se fugiria um pouco do frio e da escuridão da Escócia? Pelo preço das cabanas neste lugar, podia ir-se até ao relativo calor do Sul da Europa. E, já agora, tentei perceber como é que duas pessoas que chegaram cá à boleia numa traineira de pesca poderiam pagar os nossos preços. Mas talvez o fizessem simplesmente pela aventura. Recebemos aqui todo o tipo de gente.

– Será de nos preocuparmos? – perguntou o Ingvar, a seguir. – Com as notícias?

– Como assim?

– Não sabe? O Estripador das Terras Altas?

É claro que sabia. Tinha a esperança de que os hóspedes não soubessem. Eu vira as fotos no jornal da véspera: os rostos das seis vítimas. Todas jovens, bonitas. É possível tropeçar numas centenas delas percorrendo a Princess Street em Edimburgo – e, todavia, as imagens tinham o aspeto ominoso de todas as fotos de vítimas, como se houvesse algo em cada captura sorridente inócua que tivesse previsto o seu destino, como se soubesse o que procurar. Parecia, de certa forma, que tinham sido marcadas para morrer.

– Sim – disse eu, com cautela. – Eu vi os jornais. Mas a Escócia é muito grande, sabe, acho que não precisamos de nos...

– Pensei que tinham encontrado as vítimas nas Terras Altas Ocidentais?

– Mesmo assim – disse eu. – Trata-se de uma área bastante grande. Teria tantas ou mais hipóteses de se deparar com o monstro do Loch Ness.

Soei um pouco mais indiferente do que efetivamente me sentia. Nessa manhã, o Iain dissera: «Devias dizer aos hóspedes para ficarem dentro dos quartos à noite, Heather. Por causa das notícias.» Deixou-me um pouco inquieta que o Iain – que quase nunca se refere aos hóspedes – tenha manifestado preocupação pelo bem-estar deles.

Não me pareceu que este homem, Ingvar, receasse efetivamente algo. Pareceu-me, isso sim, que se divertia um pouco com a situação; um sorriso ainda parecia pairar-lhe nos cantos da boca. Foi um alívio quando perguntou pela caça e consegui escapar ao escrutínio daqueles olhos azul-claros. Recordo-me de ter pensado que havia algo de perturbador neles: não pareciam absolutamente humanos.

– Oh, no que toca à caça mais vale falar com o Doug – disse eu. – Essa é sem dúvida a área dele. Doug?

O Doug olhou na nossa direção. A loura também olhou, visivelmente aborrecida com a interrupção.

– Também caça os animais à noite – questionou o Ingvar –, com lanternas e cães?

– Não – respondeu muito prontamente o Doug, surpreendentemente alto.

– Porque não? – quis saber o Ingvar, de novo com aquele sorriso estranho.

– Sei que é muito eficaz.

O Doug deu uma resposta seca e direta.

– Porque é perigoso e cruel. Nunca uso iluminação.

– Iluminação? – perguntou a hóspede loura.

– Focos – esclareceu ele, mal olhando para ela –, apontados aos veados, para que paralisem. Confunde-os... e assusta-os. Com frequência leva a que se abata o veado errado: fêmeas com jovens crias, por exemplo. Às vezes usam cães, que despedaçam o animal. É uma barbárie.

Seguiu-se um tenso silêncio. Concluí que terá sido o momento em que ouvi o Doug a falar mais de uma só penada.

Os dois hóspedes islandeses mostraram-se muito empenhados em ajudar nas buscas. Seriam provavelmente os únicos em que eu confiaria nestas condições: já terão enfrentado constantemente condições climáticas semelhantes. Mas não deixavam de ser hóspedes e não deixei de ser a responsável pelo bem-estar deles. Além disso, nada sei em relação a eles. São uns desconhecidos. Todos os hóspedes o são. Então, o meu cérebro trino diz, de forma bem clara: *Não confies em ninguém.*

Tento imaginar o que pensarão os hóspedes de mim. Talvez vejam uma pessoa organizada, um pouco maçadora, completamente encarregue de tudo. Pelo menos, seria o que veriam se eu pusesse isto de lado, este disfarce astuto que criei para mim mesma, como uma concha. Dentro da concha, a realidade é bem diferente. O que temos é uma pessoa presa por arames e por comprimidos para dormir e fortalecer receitados pelo médico – a única coisa capaz de me convencer a fazer uma incursão na civilização, hoje em dia. Às vezes, com frequência, ingeridos com um pouco de vinho. Não estou a dizer que tenho um problema com a bebida; não tenho. Mas nunca bebo por prazer. Faço-o por necessidade. Recorro a isso como analgésico: para amolecer o que é

mais cortante, para amenizar o crónico e penoso tormento da memória.

Três dias antes
30 de dezembro de 2018

Miranda

O jantar é servido na sala de jantar grande do Abrigo, em frente à sala de estar, que foi iluminada com o que parecem ser centenas de velas, tendo uns quantos adolescentes cheios de espinhas, envergando aventais axadrezados, a atender. Faltam duas pessoas ao nosso grupo: a Samira e o Giles estão a jantar na cabana. A Samira disse que já ouviu demasiadas histórias sobre pais que «deixam os filhos só por uma horita» em que tudo parece correr terrivelmente mal. Sim, disse-lhe eu, com paciência – mas não no meio do nada. Além disso, a Priya não vai andar propriamente a passear sozinha tendo apenas seis meses, por amor de Deus. Ainda assim, a Samira não quis saber.

É-me difícil acreditar que esta mulher é a Samira, aquela que numa festa quando pouco mais tínhamos do que vinte anos decidiu saltar o espaço de sessenta centímetros entre o prédio onde estávamos e o do lado, só pela diversão. Ela sempre foi uma das mais loucas, a rapariga das festas, aquela com quem se podia contar para animar o ambiente numa saída noturna. Se a Katie é aquela com quem me dou há mais tempo, a Samira será provavelmente muito mais parecida comigo: aquela com quem sempre mais sentia afinidade. Agora, só a custo a reconheço. Talvez se deva apenas a andar muito ocupada com a Priya. Tenho a certeza de que a verdadeira Samira anda por ali algures. Espero que esta seja a oportunidade de pôr a conversa em dia, de recordar que somos parceiras no crime. Mas, sinceramente, há pessoas que têm filhos e parece que sofrem um transplante de personalidade. Ou uma lobotomia. Talvez deva dar-me por sortuda por não ter sido capaz de engravidar. Pelo menos, continuo igual a mim própria, por amor da santa.

Fiquei com o guarda de caça, o Doug, de um lado e o outro tipo, o Iain, do outro. Ambos vestem representações de *kilts* verdes e bolsas escocesas. Nenhum deles parece particularmente feliz com isso. Como será de imaginar,

o conjunto cai bem melhor ao guarda de caça. Ele é mesmo atraente. Vem-me à memória que antes do Julien eu me sentia atraída por homens destes. Do tipo reticente e sombrio: o desafio de os obrigar a revelarem-se, a interessarem-se.

Viro-me para ele e pergunto:

– Sempre foi guarda de caça?

Ele franze o sobrolho.

– Não.

– Oh, e o que fazia antes?

– Estava nos fuzileiros.

Imagino-o de cabelo rente atrás e dos lados, fardado. É uma imagem apelativa. Tem bom aspeto lavado, embora tenha a certeza de que o cabelo dele não viu uma escova nos últimos cinco anos. Sinto-me satisfeita com o meu esforço: a minha blusa de seda, desabotoada talvez um botão mais abaixo do que o necessário, e as minhas calças de ganga novas.

– Teve de matar alguém? – perguntei, inclinando-me para a frente, com o queixo apoiado numa mão.

– Sim. – Na sua resposta, a expressão é neutra, não revelando qualquer tipo de emoção. Sinto um leve arrepio de algo que poderá ser inquietação... ou desejo.

O Julien está sentado mesmo à nossa frente, com uma perspetiva frontal e lateral das coisas. Não há como espicar um pouco os ciúmes para acicatar as coisas numa relação – em especial a nossa. Podia ser um empregado muito à-vontade num restaurante ou o tipo na espreguiçadeira ao lado que o Julien está convencido que está de olho em mim (provavelmente terá razão). «Querias que ele te fizesse isto?», diria mais tarde ofegante ao meu ouvido, «ou isto?»

Para ser sincera, ultimamente o sexo tornou-se um mecanismo para um fim específico, mais do que prazer. Tenho uma aplicação de que a Samira me falou que identifica os dias de maior fertilidade. E depois, é evidente, há certas posições que funcionam melhor. Expliquei isto tantas vezes ao Julien, mas ele não parece entender. Penso que recentemente terá desistido de tentar. Por isso, não nos faz mal nenhum apimentarmos um pouco as coisas.

Volto-me de novo para o Doug, mantendo o Julien na minha visão periférica. Ele conversa com a islandesa, pelo que roço a mão na do Doug, na brincadeira. Se calhar também já bebi uns copitos a mais. Sinto os dedos dele a retraírem-se face ao toque dos meus.

– Desculpe – digo, com um ar muito inocente. – Importa-se de me passar o *molho*? – Acho que está a resultar. Sem dúvida que o Julien está com um ar bastante irritado por causa de algo. Para todos os efeitos, é como se estivesse a divertir-se a valer – é sempre muito importante mostrar a expressão correta ao mundo –, mas conheço-o demasiado bem. É aquela tensão em particular na

lateral do pescoço, o cerrar de dentes.

Espreito para onde está sentada a pobre Katie, do outro lado da mesa em relação a mim, junto ao islandês de olhos estranhos, que parece ter engraçado com ela. É um raio de um pesadelo eles também aqui estarem. Vamos ter de partilhar a sauna com eles? A julgar pelo estado das roupas que vestem, a seguir teria de me desinfetar.

O homem está agora a inclinar-se para a Katie como se nunca tivesse visto algo tão fascinante ou belo na vida. Nitidamente – a ver pelo aspeto da companheira dele –, tem um gosto *pouco convencional*.

Mas... há sem dúvida algo de diferente no que toca à Katie. Tem um ar cansado e pálido, como habitual, mas desde logo há que realçar o novo penteado. No salão a que ela costuma ir arranjam-lhe o cabelo ao estilo da dona Williams, a nossa antiquada professora de hóquei. Seria de pensar que com o salário de advogada empresarial, ela às vezes poderia esforçar-se um pouco mais. Há imenso tempo que lhe digo para ir ao Daniel Galvin – vou lá tratar dos reflexos a cada seis semanas –, por isso não sei o que me leva a sentir tão incomodada por finalmente me ter dado ouvidos. Talvez por não me ter dado qualquer crédito por isso, sentindo eu que mereço mais. E se calhar por até ter imaginado que poderíamos ir juntas. Passar uma manhã nisso, nós as duas.

Ainda me recordo da rapariga que ela era na altura: peito liso quando toda a gente começava a desenvolver. Cabelo liso e baço, pernas em X, o castanho do uniforme escolar a enfatizar a complexão pálida.

Sempre apreciei um projeto.

Olhem só para ela agora. É difícil ser-se objetivo, tendo em conta que a conheço há tanto tempo que é como se fôssemos irmãs, mas entendo como alguns homens podem achá-la atraente. Sim, ela nunca será bonita, mas aprendeu a tirar o melhor proveito de si mesma. Aquele novo cabelo. Alinhou e branqueou os dentes. A roupa tem um belo corte para tirar o melhor partido da constituição esguia dela (eu nunca poderia usar uma blusa daquela forma sem as minhas mamas criarem o tipo de prateleira que nos leva a parecer maiores do que somos). Ela deu um retoque nas orelhas como presente a si mesma quando conseguiu o cargo na firma de advogados. Parece quase... chique. Quem não a conhecesse poderia tomá-la por francesa: a forma como aproveitou ao máximo aquelas feições complicadas. Qual é a expressão que os franceses têm para isso? *Jolie laide*: o belo feio.

A Katie nunca seria alvo de assobios de trolhas ou de camionistas. Nunca percebi como é que algumas pessoas acham que nos podemos sentir lisonjeadas com isso. Olhem, *OK*, sei que sou atraente. Bastante atraente. Pronto, está dito. Agora odeiam-me por isso? Seja como for, não preciso que isso seja confirmado por uns trolhas barrigudos que assobiam qualquer uma

que passe de minissaia ou *top* justo. Isso serve apenas para desvalorizar.

Mas nunca assobiariam à Katie. Bem, poderiam dizer-lhe algo do tipo, «Sorri, querida!» Mas não iriam ficar caídos por ela. Não iriam compreendê-la. *Quase* sinto inveja disso. É algo que nunca terei, essa subtileza de olharem duas vezes.

Não interessa. Talvez agora que estamos por fim juntas eu consiga descobrir o que se tem passado na vida dela – o que espicaçou esta misteriosa mudança.

Emma

É difícil não passar toda a refeição a olhar em volta da mesa, a verificar se todos se divertem. Gostava imenso de não ter optado por este jantar quando fiz a reserva – pareceu uma excelente ideia na altura, mas com o casal islandês também presente gerou-se uma dinâmica estranha. E esta proximidade tão forte com os outros hóspedes serve apenas para enfatizar a chatice de não termos o lugar só para nós. Sei que deveria deixar passar: *que sera sera*, e tal, mas também queria ser perfeita para toda a gente. Não ajuda que os outros hóspedes tenham um ar tão estranho e descuidado: percebo porque é que a Miranda não está minimamente impressionada com eles. A Katie está sentada ao lado do homem, Ingvar – que olha para ela como se desejasse que ela estivesse no prato à frente dele, no lugar da carne excessivamente cheirosa.

Eu, entretanto, estou sentada ao lado do Iain. Ele não fala muito e quando o faz o seu sotaque é tão cerrado que me é difícil perceber tudo.

– Também mora aqui? – pergunto-lhe.

– Não – responde. – Vivo em Fort William... com a minha mulher e os filhos.

– Ah – digo. – Já aqui trabalha há muito?

Ele assente com a cabeça.

– Desde que o atual proprietário comprou o lugar.

– O que é que faz?

– Tudo o que for preciso. Os mais variados trabalhos, aqui e acolá: de momento estou a trabalhar na casa das bombas, junto ao lago. Também sou eu que trago os mantimentos: comida, material para as cabanas.

– Como é o dono? – pergunto, intrigada. Imagino um velho *laird*³ escocês bigodudo, pelo que fico algo surpreendido quando o Iain diz:

– Para inglês não é mau.

Espero que desenvolva, mas ou nada tem a acrescentar ou sente relutância

em fazê-lo.

Aparentemente, terei esgotado as perguntas, por isso é um alívio quando o islandês pergunta pela perseguição aos veados e toda a atenção da mesa se volta para isso. É como se a ideia de uma caçada, de uma morte, tivesse exercido uma força magnética sobre a atenção de todos.

– Nós não caçamos o veado só porque sim – diz o guarda de caça. – Fazemo-lo para manter os números reduzidos... de contrário, a situação ficaria descontrolada. Por isso, é necessário.

– Mas acho que é necessário por outra razão – diz o homem, o Ingvar. – Os humanos são caçadores, está no nosso ADN. Temos de arranjar um escape para essas necessidades. *O desejo por sangue.*

Profere estas últimas palavras como se nelas sentisse um sabor particularmente delicioso e dá-se uma pausa durante a qual ninguém parece saber o que dizer, uma ascensão da tensão desconfortável que infestou esta refeição. Vejo a Miranda a erguer as sobrancelhas. Talvez mais tarde consigamos todos rir-nos disto – será uma história engraçada. Todas as férias têm estes momentos, não é?

– Bem, quanto a isso não sei – diz o Bo, espetando um pedaço de carne de veado –, mas é delicioso. É espantoso pensar que veio precisamente daqui.

Não estou assim tão certa. Não é propriamente terrível, mas eu poderia ter feito muito melhor. A carne de veado está excessivamente condimentada com zimbro, mal dá para sentir o sabor da carne, e quase não há molho. Os legumes estão murchos: a couve-toscana é uma papa demasiado cozida.

Amanhã à noite vou compensar. Tenho o meu belo banquete planeado: *blinis* de salmão fumado para acompanhar o primeiro par de garrafas de champanhe, a seguir bife Wellington com *foie gras*, seguido por um *soufflé* de chocolate perfeito. Os *soufflés*, como toda a gente sabe, não são nada fáceis. É preciso um pouco de obsessão. A separação dos ovos, as claras batidas na perfeição – os *timings* no final, garantindo que é servido antes de abater a bela crista elevada. A maioria das pessoas não tem paciência para isso. Mas é precisamente esse o tipo de culinária que prefiro.

É um alívio, sinceramente, quando a sobremesa (uma *pavlova* de framboesa flácida) é por fim levada da mesa.

Dado que toda a gente se prepara para sair, o Julien faz-nos sinal para que nos sentemos de novo. Ele já bebeu um pouco a mais; balança um bocado ao erguer-se.

– Querido – diz a Miranda, no seu tom mais brando –, o que estás a fazer? – Penso se ela estará a recordar o último Ano Novo – no ambiente exclusivo do restaurante Fera at Claridge's – quando ele se levantou do seu lugar sem olhar, levando a bandeja de um empregado a espalhar-se no chão.

– Quero dizer umas palavrinhas – diz ele. – Quero agradecer à Emma... –

ergue o copo na minha direção –, por ter escolhido um lugar tão espetacular...

– Oh – digo –, não fiz nada de...

– E quero dizer como é mesmo especial ter aqui toda a gente reunida. É bom saber que algumas coisas nunca mudam, que alguns amigos estão sempre presentes. Não foi um ano fácil...

– Querido – volta a dizer a Miranda, com uma gargalhada –, acho que já todos perceberam a ideia. Mas concordo em absoluto. Um brinde às velhas amizades. – Ela ergue o seu copo. Então, recorda-se, e vira-se para mim. – E às novas, claro. Saúde!

Toda a gente a imita, incluindo o Ingvar – embora, evidentemente, ela não se referisse a ele. Mas nem sequer a interjeição dele estraga o momento. O brinde de certa forma salvou o ambiente – trouxe uma outra importância à refeição. E sinto, uma vez mais, aquele ligeiro refulgir de orgulho.

³ *Laird* é uma designação típica escocesa para um grande proprietário de terras. (N. do T.)

Doug

Cerca de uma hora depois do jantar alguém bate à porta dele. Os cães, *Griffin* e *Volley*, ficam loucos com esta excitação inesperada: nunca aparece ninguém no chalé dele. Consulta o relógio: meia-noite.

– O que...

É a mais bela, a loura alta que se sentou ao lado dele ao jantar. Que tocou com a sua mão na dele, naquela que calhou de ser a primeira vez em muito tempo que alguém lhe tocou na pele. Ela sorri, com a mão erguida, como se estivesse preparada para voltar a bater. Ele sente nela o cheiro a problemas.

Griffin passa a correr por ele e salta para ela enquanto Doug ruge:

– Senta.

Ela levanta os braços e ao fazê-lo a camisola sobe expondo uma barriga firme e esguia, o botão bem enroscado do umbigo dela. O focinho da cadela deixa um rasto húmido na pele.

Ela parece envergonhada com a sua própria reação de medo; curva-se para fazer festas na cabeça de *Griffin*, numa demonstração de bravata.

– Linda menina! – diz ela, não soando muito convencida. Ela sorri para ele, toda ela dentes alvos. *Olha para mim*, diz o sorriso, *vê como estou descontraída*.

– Olá. Espero que não se importe por o incomodar desta maneira.

– O que se passa?

O sorriso dela soçobra. Ele recorda demasiado tarde que se trata de uma hóspede, que lhe deve o serviço, mesmo sendo estupidamente tarde para lhe vir pedir algo. Tenta de alguma maneira limitar os danos com a pergunta seguinte.

– Em que posso ajudar?

– Queria saber se podia ajudar-nos a acender a lareira – diz ela –, no Abrigo.

Ele olha fixamente para ela. Nem consegue imaginar como é possível num

grupo de nove pessoas não haver uma única capaz de acender uma lareira.

– Estamos a tentar acendê-la – diz ela –, mas sem grande sorte. – Apoia um braço na jamba da porta relaxando a anca. A sua camisola volta a subir. – Somos de Londres, está a ver? Sei que é capaz de fazer *muito* melhor do que nós.

– Muito bem – diz ele, num tom seco, e volta a lembrar-se de que ela se trata de uma cliente. Uma *hóspede*. – É claro.

Ele pressente que é o tipo de mulher habituada a levar a sua avante. Pressente-a a tentar espreitar para o interior da casa. Não está habituado a isto: bloqueia-lhe a vista com o corpo e fecha a porta tão depressa ao sair que só por pouco não apanha o focinho ávido de *Griffin*.

Ela curva o dedo na direção dele, convidando-o a segui-la. Na direção do Abrigo, para acender o raio da lareira... mas, ainda assim. Percebe o que ela lhe oferece. Não se trata do gesto em si, talvez, mas o sussurro, o sinal, o piscar de olho nele presente.

Quanto tempo já lá vai? Demasiado tempo. Mais de um ano – talvez muito mais.

Ao acompanhá-la volta a apanhar o aroma do seu perfume, o seu toque fumado tipo igreja. A ele, cheira-lhe a problemas.

Segue-a até ao Abrigo. Ao ajoelhar-se sobre a grelha, o grandalhão – Mark? – aproxima-se e diz, falando de homem para homem:

– Está a perder tempo, amigo. Ela insistiu em ir buscá-lo, mas eu praticamente já tinha resolvido o assunto. A lenha estava um bocado húmida, era só isso.

Ele olha para o amontoado aleatório de troncos na grelha, para os vinte fósforos ou mais espalhados em volta, e nada diz.

– Quer ajuda? – pergunta o homem.

– Não, obrigado.

– Esteja à vontade, *amigo*. – O rosto do homem enrubesceu numa questão de segundos, fosse por embaraço ou, como desconfia Doug, por irritação. *Este é de pavio curto*, pensa ele. Topamo-nos bem uns aos outros.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

Por norma, as águas do lago refletem a paisagem com tal perfeição que as montanhas, as árvores e o abrigo parecem espreitar para um espelho. Por vezes, neste reflexo parecem, de alguma maneira, nítidas, mais perfeitas do que o são na realidade. Mas hoje a superfície apresenta-se nublada, baça, lacerada por gelo. *Por favor*, penso, seguindo o Doug ao contornar a curva no caminho ao lado da água, que não seja o lago. Não permitam que o corpo tenha sido encontrado lá.

O lago é o meu santuário, a minha igreja.

Da primeira vez que avancei para aquelas profundezas geladas não pretendia voltar a sair. Foi nos meus primeiros dias aqui, quando percebi que não conseguia ultrapassar tudo. Mas algo sucedera, conforme me começaram a pesar as roupas e o frio me cercou com o seu terrível aperto. Uma necessidade básica, para lá do meu controlo, para espernear, para dar luta. Ali estava a vida, de repente: dentro de mim, forte e insuperável. A sensação era – é – viciante. É uma das poucas em que não me sinto a afogar.

Já domino por completo a minha rotina. Levanto-me e visto de imediato o meu fato de natação, um daqueles castos de uma peça que costumávamos vestir para as aulas de natação na escola. Não tento impressionar ninguém e é a maior cobertura que consigo obter sem recorrer a um fato de mergulho completo. Vou todas as manhãs do ano. Faço-o principalmente quando está abaixo de zero – como agora – e quando tenho de partir o gelo à superfície do lago. Quando a água se encontra tão fria que nos agarra como um torno e nos espreme todos os pensamentos da mente, e o coração parece bater com tal intensidade a ponto de poder explodir. É quando sou mais eu própria, sem sentir sobre mim todo o peso do mundo. A única altura nestes tempos em que me sinto verdadeiramente viva.

A seguir, seco-me e regresso ao meu chalé. Por essa altura, todas as terminações nervosas do meu corpo sentem um formigueiro agradável. Penso que se poderia dizer que é a melhor coisa que há a seguir ao sexo.

Vi o Doug a nadar no lago, apenas uma vez. Desde o meu chalé, conto com uma vista desimpedida sobre o lago. Ele foi diretamente até à beira de água e despiu-se até ficar de boxers, revelando uns ombros poderosos e pele branca como leite. Quando nadou – sem um momento de hesitação face ao frio – o seu corpo pareceu uma máquina especificamente concebida para cortar a água o mais rapidamente possível. Quando saiu da água, tinha uma expressão sombria.

Ao observar, senti uma intensa vergonha, como se me tivesse intrometido num momento de privacidade, embora não tivesse passado de um pequeno olhar de relance pela janela. E vergonha também por me parecer uma deslealdade. Porque olhei, e continuei a olhar, e não fiquei imune à vista do corpo do meu colega de trabalho. Porque mantive aquela imagem na minha mente quando mais tarde tomei banho e cedi ao meu primeiro orgasmo em mais de um ano.

Agora o Doug volta-se para trás para confirmar se o sigo e sinto de imediato as bochechas a ruborizar. Felizmente, o frio cortante será bastante para o justificar.

Estamos prestes a mergulhar no arvoredado denso junto ao lago deste lado. Uma cortina de pinheiros escuros. Alguns deles não são nativos; são impostores noruegueses, plantados depois da guerra. São muito mais densos do que os pinheiros escoceses locais e, no meio deles, o som do mundo exterior parecer ser abafado. Não que por aqui haja muitos sons, além do ocasional grasnado das aves.

Nos meus dias bons, convenço-me a mim mesma que adoro estas árvores: as suas agulhas brilhantes, as pinhas que coleciono para guardar em taças por toda a casa, o odor quente e verde a Natal da resina quando se caminha no meio delas. Nos meus dias maus, entendo que parecem fúnebres, como sentinelas sinistras revestidas a negro.

Agora, estamos fora do alcance da vista face ao Abrigo. Completamente sós. Recordo-me subitamente que apesar de já trabalhar há um ano com este homem nada sei em relação a ele. Este é sem dúvida o momento em que mais tempo passo na sua companhia – e muito possivelmente a altura em que mais falámos um com o outro.

Não estou certa de que ele fale com *alguém*. Nos primeiros tempos, eu mantinha a esperança de que me pedisse para usar a Internet: para enviar *e-mails*, talvez, ou verificar os amigos e a família no Facebook. Mas nunca o fez.

Até eu de vez em quando verifico amigos e família. «A tua mãe preocupa-se contigo», disse o meu pai, no início. «Enfiada num lugar desses sozinha, depois de tudo por que passaste. Não está certo.» Então, de meses a meses, esforço-me por regressar para que ela fique descansada, apesar de a experiência de reentrar no mundo real não se trate de algo que me dê um particular prazer.

Mas o Doug parece *nunca* sair da propriedade, a não ser que seja obrigado: para levar hóspedes à vila para visitar lojas, por exemplo. Cometi o erro de falar dele à minha mãe, da existência solitária que ele leva. Naturalmente, ao verdadeiro estilo parental, ficou preocupada comigo.

– Não fazes ideia de quem ele é – disse-me ela. – Qual é o passado dele? De onde veio?

Contei-lhe a única coisa que sabia, que tinha servido nos fuzileiros. Isto não a deixou minimamente descansada.

– Tens de fazer uma busca por ele no *gógle*, Heather – disse-me ela.

– Google, mãe.

– Não interessa. Promete-me que o fazes. Tens de te informar sobre esse homem... Não consigo dormir preocupada contigo, Heather. Fugir e deixar-nos a todos para trás logo quando mais precisavas da família. Sem deixar que te ajudássemos como desejávamos fazer. Dias sem notícias tuas, semanas. Preciso de saber se pelo menos estás segura. Com quem trabalhas. Não é justo, Heaths. – A seguir pareceu pensar um pouco melhor. – Claro... sei que deve soar horrível, eu dizer isto. O que te aconteceu... foi a coisa mais injusta que podia acontecer...

– Está bem, mãe – disse eu, sem querer continuar a ouvir. – Eu faço-o, vou procurá-lo no Google. – Mas não o fiz, pelo menos na altura. Sinceramente, tal ideia pareceu-me uma traição.

Naturalmente, quando a minha mãe me perguntou o que eu tinha encontrado – percebi que seria uma daquelas coisas que ela não largaria, como um cão atrás de um osso – reforcei-a.

– Está tudo OK, mãe – disse eu. – Eu procurei. Não há nada. Podes deixar de te preocupar comigo.

Seguiu-se uma pausa.

– Nunca deixo de me preocupar contigo, fofinha. – Desliguei o telefone.

E a verdade é que ela tem razão. Não sei nada sobre o Doug. Apenas as dicas deixadas pelo chefe na minha entrevista, que o passado dele o tornava adequado para o cargo – em particular para espantar caçadores furtivos. Quando lhe foi dado a escolher um chalé, optou pelo mais afastado – ao fundo da encosta do Munro, sem árvores a abrigar, sem vista sobre o lago. É inquestionavelmente o pior de todos, o que sugeriria que o escolhera simplesmente pela sua localização. Entendo a necessidade de estar a sós. Mas a

necessidade de um isolamento ainda maior neste estado selvagem já de si remoto leva-me a pensar no que estará efetivamente a querer manter ao largo.

– Onde vamos, Doug?

– Já falta pouco – diz ele, e sinto um intensificar de trepidação, uma necessidade urgente de virar para trás e seguir de novo na outra direção, de volta para o Abrigo. Em vez disso, sigo o Doug conforme avançamos mais por entre as árvores, com o chiado das nossas botas a pisar a neve a ser o único som.

Mais à nossa frente vejo a primeira das cascatas, a pequena ponte de madeira que vai de um lado ao outro, o edifício das bombas de água um pouco mais adiante. Por norma, levaríamos apenas dez minutos a lá chegar. Mas, nestas condições, levou quase meia hora.

Vejo as marcas profundas das botas do Doug na neve sobre a ponte, onde aparentemente parou da primeira vez, a olhar para baixo. Reparo na ausência de mais pegadas. Mas a verdade é que não poderia havê-las. Esta neve cai há horas. Quaisquer outros rastros – incluindo os da hóspede morta – há muito que teriam sido apagados.

– Ali – diz ele, apontando.

Piso cautelosamente a ponte. De início, nada vejo. É uma longa descida até ao fundo e tenho bem presente que o Doug se encontra logo ao meu lado. Bastaria um pequeno empurrão, dou por mim a pensar, para me fazer cair. Agarro-me com força à corrente que serve de proteção, embora de repente pareça muito frágil sob o meu aperto.

Há um momento de incompreensão enquanto fito o vazio. Apenas distingo um monte de neve e gelo acumulado na ravina.

– Doug – digo. – Não consigo ver nada. Não há ali nada.

Franze o sobrolho e aponta outra vez. Sigo o dedo dele.

De repente, ao espreitar para baixo entre as pedras, as grandes almofadas de neve, aparece abaixo de mim como o lento emergir de uma imagem tipo olho mágico.

– Oh, céus. – É mais uma exalação de ar, como um soco no estômago, do que uma palavra. Já vi cadáveres ao longo da vida, no meu anterior ramo de atividade. Uma quantidade maior do que a média das pessoas, sem dúvida. É sempre um choque – um choque profundo e existencial – ser confrontado com o objeto inanimado que foi em tempos uma pessoa. Uma pessoa que ainda recentemente pensava, sentia, via, reduzida a um monte de carne fria. Sinto a já há muito familiar precipitação de um vômito. Na escola de medicina disseram-nos que desapareceria, ao fim dos primeiros. «Vocês habituam-se.» Mas não sei ao certo se isso alguma vez me aconteceu. E não me sinto

preparada, apesar de saber o que vim ver. Fui emboscada, aqui neste lugar, pela morte. Pensei que conseguia deixá-la para trás.

Agora, já quase parece fazer parte da paisagem. Acho que em parte foi o que o ajudou a dissimular-se. Mas agora que o vejo, nem acredito que antes me passou ao lado. O cadáver detém uma espécie de poder sombrio, atraindo o olhar. A metade inferior foi modestamente coberta pela neve caída, embora o abrigo da ponte tenha protegido a metade superior. A pele é de um azul-acinzentado, desprovida de todo o sangue e cor humanos. Também aquele cabelo, espalhado atrás da cabeça, poderia ser mais erva morta, como aquela que desponta obstinadamente a espaços através da neve.

Parece haver, na realidade, uma grande quantidade de pele exposta. Não é o corpo de uma pessoa que saiu vestida para enfrentar os elementos. O frio teria provocado a morte numa hora – em menos – se nada mais o fizesse. Ou *alguém*.

Vejo agora, olhando com mais atenção, o halo de sangue em volta da cabeça: cor de ferrugem, cobrindo as pedras abaixo como uma espécie peculiar de líquen. Há imenso sangue. Uma queda sobre as rochas. Poderia ter sido isso a provocar a morte em si.

Mas percebo que é mais complicado do que isso. Há um inconfundível colar de negritude em redor do pescoço. A pele, ali, mesmo a esta distância, parece particularmente azul e pisada. Pouco sei de ciência forense – pouco mais do que alguém sem quaisquer conhecimentos de medicina. A minha antiga vocação era salvar vidas, sem examinar a prova deixada após a sua perda. Mas não seria preciso ser especialista na matéria para ver que algo comprimiu ali a pele, feriu-a.

O rosto... não, não quero pensar no rosto.

Volto-me de novo para o Doug: O seu olhar é inexpressivo; como se nada houvesse por detrás dos seus olhos. Involuntariamente, recuo um passo. A seguir, recomponho-me.

– Estou a ver – digo. – Percebo o que queres dizer. Sim.

Temos de aguardar pela chegada da polícia, para que, naturalmente, façam a sua avaliação. Mas sei por que razão o Doug quis que eu aqui viesse ver. Isto não parece um acidente.

Três dias antes
30 de dezembro de 2018

Emma

Estamos de volta à sala de estar do Abrigo, todos um pouco tocados. Também cansados do dia – mas ninguém quer ir para a cama, pois é novidade estarmos assim juntos. A Samira e o Giles agora juntaram-se a nós – aparentemente, a Priya por fim adormeceu, embora a Samira não descole o monitor do bebê do ouvido, como se temesse que tivesse deixado de trabalhar. Há imensos risos e hilaridade, soltos pela bebida.

– E então, o que é que perdemos? – pergunta o Giles.

– Pouca coisa – responde o Nick. – Embora seja evidente que eu devia ter trazido um *kilt*. *De rigueur* aqui, ao que parece.

– Acho que tem bom aspeto – diz a Miranda, espreitando na direção do guarda de caça, ajoelhado na grelha a acender a nossa lareira. – Oh – diz ela, enigmaticamente –, e conhecemos os outros hóspedes...

– Como é que eles são? – quer saber a Samira.

O Bo imita o homem, Ingvar, com um sotaque cerrado.

– A zede de zangue – diz ele, gesticulando –, não a zentem a fervilhar num lugar como ezte, a ânzia de mataaaaaarr?

A Miranda resfolega a rir.

– Sim, sim... é mesmo assim!

Ele é bom a imitar – só podia ser, sendo ator. Mas também está a arrastar um pouco a fala, mais bêbedo do que todos os outros. No passado teve uns problemas com drogas, ao que parece, mas o álcool não parece ser algo que esteja controlado. Ao jantar, deitava copos de vinho abaixo como se fosse água.

– Meu Deus – diz a Samira –, ele parece ser um pouco passado. Mas, presumivelmente... vocês percebem, inofensivo?

– Ele gostou de ti, Katie! – comenta a Miranda.

– A *sério*, Katie? – questiona o Giles, sorrindo.

A Katie cora. Tinha-se enroscado num dos sofás junto ao Nick, com os pés enfiados por baixo do corpo, como se tentasse ocupar o menor espaço possível.

– Não me parece – diz ela.

– Oh, gostou, pois – diz o Mark. – Acho que queria levar-te para o bosque para abusar de ti.

Uma vez mais, tenho consciência da presença do guarda de caça. Mas não me parece que vá contar aos outros hóspedes o que ouviu, pois não? Vejo-o a empilhar um montinho de lenha e acendalha: há algo de satisfatório na sua eficácia. O Giles e o Mark ficaram incomodados por a Miranda ter achado que era necessário chamá-lo, mas as primeiras tentativas deles extinguiram-se em minutos. Ele também não pareceu lá muito bem impressionado por ter sido chamado – acho que já é bastante tarde. Penso se alguém mais além da Miranda teria sido capaz de o convencer a esta hora da noite.

Por falar nisso, a Miranda está agora no armário dos *cocktails* a preparar-nos «*boulevardiers*», a sua especialidade: um *negroni*, com *gin* trocado por *bourbon*. Ela mandou servi-los no seu casamento.

– Quer um? – pergunta ao guarda de caça.

– Não – diz ele, olhando para o chão. – Tenho de ir embora.

– Como queira.

Ele levanta-se, sacode a fuligem das mãos no casaco e avança para a porta.

– Boa noite! – diz a Miranda, quando a porta se fecha.

– Boa viagem – diz o Mark. – Não é lá muito animado, pois não?

– Nem toda a gente tem a tua sagacidade e encanto, Marky-Mark – comenta a Miranda, enquanto nos traz os *cocktails*, deixando-se cair no sofá e livrando-se dos sapatos num movimento fluído. Tem as unhas dos pés pintadas num perfeito vermelho-sangue escuro. Adoro aquela cor, muito chique. Tenho de me lembrar qual é o tom.

– Quero um cigarro – anuncia ela. – Com um destes, quero sempre um cigarro. – Pega no seu maço. São *Vogue lights*. Sei, porque fumo dos mesmos – nunca fumei outra coisa desde que ganhei o vício aos dezanove anos.

– Acho que não podes fumar aqui – comenta o Nick.

– É claro que posso. Que se foda. Pagámos bem por esse privilégio, ou não? Além disso – aponta para o fogo intenso na grelha, que projeta nuvens de fumo com aroma a turfa –, aquela coisa fede o suficiente para disfarçar o cheiro.

Mas alguém podia olhar e ver-te, penso. A Heather, ou o guarda de caça, o Doug. Ao olhar-se agora para as janelas, praticamente só se vê o nosso reflexo, a sala, o fogo. E então, logo atrás, o contorno bastante vago da paisagem noturna: o preto mais escuro das árvores e o brilho do lago. Mas, quanto ao resto, não vemos praticamente nada.

Vinha na brochura, recordo-me. Era bem claro: *não fumar nos espaços interiores, por favor*. Se alguém a vê, vai ser cobrado o depósito para cobrir eventuais danos. Mas não vou dizer nada, pelo menos agora. A última coisa que quero é ser desmancha-prazeres. Só quero que toda a gente se divirta.

– Por amor da santa – diz a Miranda –, onde está o meu isqueiro? Pensei que o tinha deixado aqui na mesinha de café. É especial: era do meu avô. Tem lá o nosso brasão.

A Miranda arranjava sempre uma forma, por mais pequena que fosse, de recordar às pessoas que vinha de uma família importante. Mas acho que não o faz por mal. Ela é mesmo assim.

O Mark remexe num bolso e encontra o isqueiro dele. A Miranda inclina-se para a frente para a chama, tanto que todos vemos a renda cor de framboesa do *soutien* dela.

– Se calhar o teu seguidor levou-o? – diz o Nick no gozo, recostando-se e bebendo um gole do seu *whisky* – recusou um *cocktail*.

– Oh, céus – diz a Miranda, arregalando os olhos. – Juro... sempre que perco algo, praticamente dou por mim a culpá-lo. Dá bastante jeito.

– Que perseguidor? – questiono.

– Oh – diz a Miranda –, esqueço sempre que és nova, Emma.

Não esquece nada. Está sempre a recordar-me o quanto sou nova no grupo. Mas acho que não me importo.

– A Manda teve um perseguidor – conta a Samira. – Começou em Oxford, mas continuou em Londres por uns anos, não foi, Manda?

– Sabem – diz a Miranda, despreocupadamente –, às vezes quase que acredito que nunca houve realmente alguém. Que era antes alguém a brincar comigo.

– Que brincadeira mais parva – comenta o Julien. – E não me lembro de na altura te mostrares tão descontraída. Foi assustador como a merda... deves lembrar-te do quanto te assustou?

A Miranda franze o sobrolho. Desconfio que não aprecia a implicação de que a assustara. Vitimizar-se não é o seu estilo.

– Seja como for – diz ela –, ele levava coisas minhas. Coisas estranhas, pequenas... mas com frequência com valor sentimental. Para ser sincera, levei algum tempo a descobrir. Sou tão desorganizada que perco constantemente coisas para nunca mais as encontrar.

– E ele devolvia-as – conta a Katie, falando por cima da revista que lia. Esteve tão calada na última hora, enquanto todos faziam tanto barulho, que quase me esqueci da sua presença. – Mais tarde, devolvia-as.

– Oh, sim – diz a Miranda. Por momentos, pareceu-me ver uma sombra de algo na sua expressão, medo ou inquietação, mas se a recordação a perturba, depressa o disfarça. – Em Oxford, ele costumava deixar no meu cacifo na

faculdade as coisas que levava, com um bilhetezinho datilografado. E depois, quando já estávamos em Londres, eu recebia coisas por correio, também com um bilhete: um brinco, uma camisola, um sapato. Era como se só as guardasse por uns tempos.

– Era horrível – diz a Samira. – Em especial no segundo ano quando vivíamos naquela casinha sombria ao pé da linha do comboio. Lembras-te? Sempre achei que devias passar a vida com medo. *Eu* sentia medo, só de pensar que ele andava por ali à espreita.

– Eu acho que na realidade até achava aquilo divertido, acima de tudo – diz a Miranda.

– Acho que na altura não pensavas bem isso – diz a Katie. – Lembro-me de, na faculdade, apareceres no meu quarto a meio da noite com o edredão por cima dos ombros, a dizer que achavas que tinha estado alguém no teu quarto a observar-te. Costumavas ir dormir para o chão do meu quarto.

A Miranda franze o sobrolho. Acho que é esse o problema com velhos amigos; têm boa memória. É como se a Katie não respeitasse as regras – o comentário dela arrefeceu o ambiente.

– Sabes – diz o Julien –, sempre pensei que fosse alguém que conhecias. Só podia ser alguém que estivesse sempre lá, junto a ti... suficientemente perto para levar essas coisas.

Vejo a Katie a lançar uma olhadela ao Mark, para de pronto desviar o olhar. Tenho a certeza de que sei o que ela está a pensar. Aposto que a teoria dela seria de que era ele o perseguidor. Ele sempre teve um fraquinho pela Miranda. Sim, eu sei disso. Não, não me incomoda. É inofensivo, sei que sim. O Mark é, no fundo, uma alma muito simples. Tem garra, sim, mas falta-lhe a natureza calculista necessária para tal comportamento.

Vislumbro pena na forma como a Katie por vezes me fita. Irrita-me. Passo bem sem a pena dela. Quem me dera poder dizer-lhe isso, sem soar que estou a protestar demasiado.

Miranda

As pessoas sempre se entretiveram com as histórias do meu perseguidor. Sei como embelezá-las para criar aquele arrepio na espinha tipo história de fantasmas. E é algo tão bizarro, não é? Um perseguidor verdadeiro. Toda a gente parece pensar que só acontece às celebridades: atrizes, cantoras, apresentadoras de televisão. Às vezes, apanho a pessoa a quem conto a olhar para mim, com a cabeça descaída para um lado, como se me avaliasse. Mereço mesmo ser perseguida? Sou mesmo assim tão interessante?

Com frequência trago o meu perseguidor à baila numa conversa num jantar. Por vezes, é como se fosse um animal de estimação exótico e fascinante, ou uma criança particularmente dotada. É bom para lançar uma conversa. Também serve para lhes pôr um fim: a ideia de alguém a vigiar-nos, sabendo tudo sobre nós. E então sigo habilmente para a minha rotina – se se pensar bem nisso, nos tempos que correm *todos* somos perseguidores. Todos sabemos imenso sobre as vidas uns dos outros. Mesmo pessoas que não vemos há anos. Antigos amigos de infância, antigos colegas de escola. Refiro-me ao modo como todos nos pomos a jeito de sermos perseguidos. De como achamos que controlamos tudo, partilhando o que achamos que desejamos partilhar, mas na verdade expondo muito mais do que aquilo de que temos consciência.

– Por isso, a sério – digo para todos, nesse momento da minha atuação –, o meu perseguidor era apenas um visionário! Uma espécie de pessoa que indicava a tendência. Só que analógico. Embora, provavelmente também estudasse em Oxford – pequena pausa para deixar assentar, para que cintile e impressione por uns momentos –, tanto quanto sei deverá estar por detrás de alguma aplicação para redes sociais. A partilhar a sua sabedoria com o mundo!

Deixa: riso irónico. Deixa: uma discussão contínua sobre privacidade e aquilo a que nos devemos sujeitar e onde devemos traçar o limite... e como a privacidade é o verdadeiro campo de batalha do século XXI. Deixa: uma troca

de várias experiências estranhas que as pessoas viveram: mensagens privadas da parte de estranhos no Instagram, lançar o isco no Twitter, um pedido de amizade assustador no Facebook da parte de alguém que nunca conheceram. Nada disso, contudo, tão estranho e *especial* como a minha própria experiência.

Vou recostar-me, sentindo em mim um certo cintilar. Como se tivesse desempenhado uma rotina bem ensaiada, apresentando-a com mais brilho do que antes. A minha própria exibição de ginástica social. O Julien provavelmente estará a revirar os olhos neste momento. Já ouviu tudo isto antes – o quê, umas cinquenta, cem, mil vezes? E nunca foi capaz de ver o lado interessante ou divertido. Foi ele quem achou, há tantos anos, que eu devia falar à polícia. Costumava parecer irritado quando eu abordava o assunto, por achar que não devia trazer à tona algo «assim assustador como o caraças», tal como ele o definia. Agora, acho que está principalmente um pouco farto de o ouvir.

Mas a verdade é que não conto a ninguém que tinha – tenho – medo do meu perseguidor. Há coisas que o perseguidor sabe sobre mim, coisas secretas e vergonhosas, que não contei a ninguém. Nem sequer à Katie, nem sequer na altura em que éramos unha com carne, nem ao Julien.

O perseguidor sabia, por exemplo, que de vez em quando eu gostava de me dedicar a uns pequenos furtos em lojas em Oxford, só por diversão. Apenas em fases de muito *stress*: época de exames ou antes de um grande artigo para o qual tinha de contribuir. A minha terapeuta (a única pessoa a quem falei deste pequeno hábito) acha que se trata de uma questão de controlo, um pouco como a minha dieta e exercício físico: algo sobre o qual tenho poder, e onde era boa. Mas acha que isso ficou no passado – não imagina que às vezes ainda deito a mão a um batom, a um par de luvas de caxemira, a uma revista. E há também a excitação de escapar; a minha terapeuta não conseguiu desvendar essa parte.

Roubei um par de brincos da Topshop de Oxford. Argolas de ouro com um pequeno papagaio pintado sentado em cada uma. Uns dias depois de os ter surripiado desapareceram do meu quarto. Foram devolvidos umas semanas mais tarde no meu cacifo, com um bilhete: «*Miranda Adams: Esperava mais de ti. Atenciosamente, um amigo preocupado. Xxx*» A merda dos beijos era o pior daquilo.

Ele só podia estar ao meu lado na loja quando o fiz. Lembro-me que estava cheia: e tanto lá estavam homens como mulheres, a seguir as namoradas, ou a abrir caminho até à Topman. Mas nenhum rosto em particular se destacou. Não tinha qualquer memória de alguém a olhar para mim – mais do que o normal – ou a comportar-se de forma estranha.

Enquanto os brincos estavam desaparecidos, recordo-me de ter visto uma

rapariga de óculos em Bodleian com um par exatamente igual – e quase fui atrás dela até dentro de uma casa de empréstimos. Até perceber que qualquer pessoa os podia ter comprado. Eram da Topshop, por amor de Deus. Devia haver umas vinte – cinquenta – raparigas na cidade com eles. Foi neste patamar de paranoia que o meu perseguidor me deixou, levando-me ao ponto de perseguir uma absoluta estranha.

Depois, houve o ensaio que comprei a um aluno do ano à frente do meu com a intenção de o plagiar ao compor o meu. Ambos estiveram pousados sobre a secretária do meu quarto – o original e a minha cópia mal disfarçada. Saí para beber um copo no *pub* e quando regresssei reparei que ambos tinham desaparecido. Tive de remendar algo, bêbeda, nas horas que tinha até ao fim do prazo, e acabei por passar à justa, com a minha pior nota até à altura – embora não a pior de sempre. Uma semana mais tarde foram-me devolvidos. O bilhete: «*Acho que não queres seguir esse caminho, Miranda.*» E, todavia, uma semana mais tarde, quando uns quantos estudantes reprovaram por plagiarem, quase me senti estranhamente grata.

E houve aquela outra vez, muito cedo na relação com o Julien, em que o traí. Uma queca bêbeda com um tipo do meu grupo de tutoria. Com toda a minha sorte, nesse mês não me veio o período. Fiz um teste de gravidez – felizmente negativo –, que foi devolvido uma semana mais tarde com um bilhete onde se lia: «*Sua malandra, Manda. O que diria o Julien?*»

O recurso casual a Manda, algo que só os meus amigos me chamavam.

Não contei a ninguém estas comunicações em particular. Nem sequer à Katie, nem à Samira. Revelavam aspetos do meu ser que preferia que ninguém conhecesse. E temi que, caso fizesse algo que desagradasse ao meu perseguidor, ele usasse os meus segredos para me destruir.

Todavia, fui à polícia – mas, uma vez mais, não contei a ninguém. Levei comigo uns bilhetes: aqueles que ganhei coragem para mostrar. Não fui levada muito a sério.

– Menina, havia ameaças nos bilhetes? – perguntou o agente com quem falei.

– Bem, não.

– E não reparou em ninguém a comportar-se de forma ameaçadora?

– ... Não.

– Nem sinais de arrombamento?

– Não.

– Parece-me – ele voltou a pegar num dos bilhetes, lendo-o –, que algum dos seus colegas pode andar a pregar-lhe uma partida. – Idiota condescendente.

E foi isso. Arrependi-me de lá ter ido – e não apenas por a polícia não ter ajudado. Ao fazê-lo, fiz de mim a vítima que me recusava a ser.

Mas prosseguiu em Londres ao longo de vários anos. Ele descobriu onde eu vivia. Uma coisa é aceder a um quarto de estudante numa ala relativamente acessível. Outra completamente diferente é entrar numa propriedade em Londres com três fechaduras de alta segurança na porta. E quando nos mudámos *continuou* a acontecer. Os artigos que desapareciam eram sempre todos do mesmo tipo. À primeira vista, sem valor, mas todos com um significado íntimo. A boneca mais pequena do interior da bela *matrioska* pintada que me foi oferecida pela minha querida madrinha, antes de morrer de cancro. O lenço *batik* que comprei numa aldeia grega nas minhas primeiras férias com o Julien – o verão do nosso segundo ano. A pulseira da amizade entrançada que a Katie me deu no ano em que nos conhecemos.

Pensei que iria ter sempre o meu perseguidor. Começara a senti-lo como parte da minha vida, uma parte de mim, até. Mas, então, do nada, parou. Há um par de anos. Pelo menos, acho que parou. Não recebi mais embrulhos, nem bilhetes. Mas, por vezes, quando perco algo, retorna aquela velha sensação de medo. Houve aquele chocalho de bebé em prata que comprei recentemente na Tiffany's, por capricho, quando seguia a pé pela Bond Street. Sei que há de aparecer algures. Afinal, não sou a pessoa mais organizada do mundo. Digo a mim mesma que é só paranoia. Mas nunca me livrei daquela sensação de estar a ser observada.

Não contei a ninguém – nem sequer ao Julien, ou à Katie, ou à Samira, digamos – a sensação assustadora de horror que por vezes sinto. Momentos em que estou no meio de uma multidão e de repente convenço-me de que está alguém parado mesmo ao meu lado, a respirar sobre o meu pescoço... e viro-me e vejo que não está lá ninguém. Ou de repente tenho a certeza de que alguém me observa com uma intensidade fora do normal. Sabem como é... aquela impressão que se sente quando se sabe que estamos a ser observados? Aconteceu em festivais de música e em idas às compras, em supermercados e discotecas. Na plataforma do metro às vezes dou por mim a recuar de junto da beira, convencida de que há alguém logo atrás de mim, prestes a empurrar-me.

Não, não falo desses medos a ninguém. Nem à Katie, nem ao Julien, e certamente que não aos meus divertidos convidados para jantar.

Também tive pesadelos. É pior quando o Julien está fora em viagens de negócios. Tenho de verificar duas vezes as fechaduras das portas e mesmo então acordo em plena escuridão convencida de que está alguém no quarto comigo. Parecido com as partidas que a mente nos prega, logo a seguir a ver-se um filme de terror. De repente, vê-se sombras sinistras em cada canto. Só que isto é cem vezes pior. Porque algumas destas sombras podem ser reais.

Katie

A Miranda está finalmente a chegar ao fim do seu pequeno reportório. Neste preciso momento, o vento opta por lançar um longo uivo melodramático pela chaminé a baixo. O fogo parece esvoaçar, com umas faúlhas a pousarem ainda na grelha. É um sentido de oportunidade perfeito à filme de terror. Toda a gente se ri.

– Faz-me lembrar aquela casa em que ficámos em Gales – diz o Giles.

– Aquele onde a luz estava sempre a ir abaixo? – pergunta o Nick. – E onde o aquecimento se desligava de tempos a tempos?

– Estava assombrada – diz a Miranda –, foi o que nos disse o dono... lembram-se? Era jacobina. – Fora a Miranda a escolher aquele lugar.

– Era sem dúvida velha – diz o Mark –, mas não me parece que os fantasmas fossem uma boa desculpa para canalizações manhosas e falhas elétricas.

– Mas houve muitos avistamentos – diz a Emma, com lealdade. – A mulher disse que foi lá gente do *Most Haunted*⁴ visitá-los.

– Sim – diz a Miranda, agradada. – Havia aquela história sobre uma rapariga a ser atirada pela janela pelos meios-irmãos depois de perceberem que ela ia herdar a propriedade. E as pessoas ouviram-na a gritar à noite.

– Eu sem dúvida que ouvi alguém a gritar à noite – diz o Giles, sorrindo-lhe. A fina espessura das paredes deu aso a muitos risos, e certos «ruídos» mantiveram toda a gente acordada à noite. A Miranda e o Julien foram dados como os principais culpados.

– Oh, para com isso – diz a Miranda, atirando uma almofada ao Giles. Ela está a rir-se, mas conforme a conversa prossegue deteto uma nova expressão – melancolia? – a tomar-lhe as feições. Desvio o olhar.

A referência do Giles a Gales abriu a conversa a outros anos passados. É um passatempo ao gosto de todos, passar revista à nossa história partilhada.

São as experiências que sempre nos uniram, que nos deram uma percepção tribal de afiliação. Pois desde que nos conhecemos sempre passámos o Ano Novo juntos. É um reagrupamento de fios soltos que com o passar dos anos vão ficando mais frouxos, conforme os nossos empregos e vidas nos levam em direções diferentes. Penso se os outros sentirão o mesmo que eu, nestas ocasiões. Que por muito que ache que eu tenha mudado, por muito que me sinta uma pessoa diferente no trabalho, ou com os amigos não universitários que tenho, em momentos como este de certa maneira regresso exatamente à mesma pessoa que era há mais de uma década.

– Nem consigo acreditar que bebi tanto no ano passado... estando grávida da Priya – diz a Samira, parecendo horrorizada.

– Na altura não sabias – comenta a Emma.

– Pois não, mas ainda assim... todos aqueles *shots*. Nem consigo imaginar beber daquela maneira agora. Parece tão... excessivo. Hoje em dia, sinto-me uma velhota.

Mas não parece, nem por sombras. Com o seu cabelo preto brilhante e pele lisa e fresca, a Samira parece exatamente a mesma rapariga que conhecemos em Oxford. Já o Giles, por seu lado, que em tempos ostentou uma cabeça repleta de cabelo, parece alguém completamente diferente. Mas, ao mesmo tempo, a Samira mudou, talvez mais drasticamente do que o Giles. Ela costumava ser eriçada, levemente intimidante, com aquele intelecto cortante e estilo impecável. Em Oxford, envolvia-se em tudo. Na sociedade de debates, em diversos desportos, teatro, orquestra da faculdade – além de ser uma conhecida amante de festas. Não sei bem como, pareceu encaixar dez vezes mais do que a quantidade normal de atividade para quatro anos e ainda assim sair de lá com um elevado *First*.

Agora, parece mais branda, mais amável. Talvez se deva à maternidade. Ou por estar tudo a correr tão bem na sua vida profissional – ao que parece, a firma de consultoria onde trabalha está desesperada para que regresse mais cedo da licença de maternidade; não é difícil imaginar aquele lugar caído de joelhos sem ela. Talvez esteja pura e simplesmente a envelhecer. Uma percepção de que já não tem nada a provar, que sabe exatamente quem é. Invejo isso.

O Julien está a falar de um local que visitámos em Oxfordshire há uns anos – a primeira passagem de ano da Emma connosco, se não me engano.

– Ah! – O Mark beberica da sua bebida. – Foi onde tive de mostrar àqueles parolos da terra quem é que mandava. Lembram-se? Um deles tentou bater-me?

Não é bem assim que eu recordo.

É disto que me lembro. Recordo-me de o grupo ter exatamente a dimensão

errada. Quinze pessoas – não suficientemente grande para uma festa, não suficientemente pequeno para haver intimidade. O plano passava por ir às corridas na tarde da Véspera de Ano Novo. Eu estava a contar com algo com mais *glamour*, cenas trazidas de *Minha Linda Lady* e *Pretty Woman: Um Sonho de Mulher*. Mas não foi bem assim. Havia raparigas com saias tão curtas que se via os seus fios dentais *Ann Summers*, e rapazes com fatos brilhantes foleiros e maus cortes de cabelo e bronzeados de solário, a pavonear-se e a revelarem-se cada vez mais tumultuosos com o aproximar do anoitecer. A comida era menos champanhe e caviar e mais bife e tortas e garrafas de *WKD*⁶. E, ainda assim, tudo aquilo foi algo divertido. Na verdade, não passavam de uns miúdos, aquelas raparigas de minissaia e aqueles rapazes de fatos brilhantes, gabarolas e armantes e a disfarçarem o seu embaraço sob a névoa do álcool, tal como todos fizemos antes deles.

E, então, o Mark decidiu fazer uns comentários sobre o facto de o lugar estar a ser «tomado por ciganos».

É certo que estávamos numa zona deserta do recinto, a beber as nossas bebidas alcoolizadas aromatizadas – a maioria das pessoas encontrava-se junto à pista, a aplaudir os seus cavalos. Mas ainda havia alguma gente por ali à nossa volta. Um grupo de *youths*⁷, como poderia catalogá-los o *Daily Mail*. E o Mark não se esforçou minimamente por ser discreto. Ele é assim. Às vezes acho que se a Emma fosse mais dada a objeções, mais dada a sujar as mãos, as pessoas iriam tolerá-lo menos.

Dois dos adolescentes já bem bebidos ouviram-no. De repente, estavam a cercá-lo. Mas dava para perceber que não queriam mesmo passar das palavras aos atos. Era apenas algo que acharam que deveriam fazer, para proteger a sua honra menosprezada, como num documentário da vida selvagem onde os machos mais pequenos do bando não podem dar-se ao luxo de demonstrar medo, arriscando-se a serem devorados. Na realidade, bastante compreensível.

O que avançou primeiro era um tipo pequeno e magro, com um leve vestígio de barba adolescente no queixo, uma quantidade de pelos particularmente garridos.

– Diz lá isso outra vez, pá. – A voz dele ostentava um inconfundível tom esgançado típico de adolescente; não poderia ter mais de dezanove anos.

Contei que o Mark pedisse desculpe, pusesse cobro à situação – que não desse importância ao assunto. Porque teria sido a única coisa sensata e adulta a fazer. Afinal de contas, éramos nós os adultos. O Mark era um par de cabeças mais alto do que o seu adversário com fato às riscas.

Mas o Mark deu-lhe um soco. Avançou dois passos e deu-lhe um soco em cheio na cara, com uma daquelas suas mãos carnudas. Com tal força que a cabeça do rapaz caiu para trás. Com tanta força que pareceu uma estátua a ser derrubada. Ouviu-se um ruído, um estalido, um simulacro da pistola de

partida da corrida; como eu pensei que só acontecia nos filmes.

Ficámos todos ali parados, espantados, incluindo o grupinho de amigos dele. Seria de achar que os amigos iriam ripostar, para tentar vingá-lo. Nada disso. Foi essa a característica da violência. Foi demasiado súbito, demasiado brutal. Dava para perceber: estavam aterrorizados.

Curvaram-se sobre ele e, quando ele recuperou a consciência, perguntaram se se sentia bem. Gemeu como um animal em sofrimento. Havia um rasto de sangue vermelho a escorrer-lhe do nariz e outro – de certa forma mais preocupante – a sair-lhe da boca. Eu nunca vira ninguém a sangrar da boca, a não ser em filmes. Afinal, ele tinha mordido a ponta da língua quando a cabeça bateu no chão. Li isso num artigo *online*, no pasquim local, umas semanas mais tarde. Também li que a polícia andava à procura do agressor. Mas havia também uma referência ao facto de o tipo ser um desordeiro – por isso, talvez a caçada não tenha sido muito empenhada.

O que foi muito estranho, pensei, foi o facto de a Emma não parecer particularmente chocada. Lembro-me de ter pensado que ela já teria visto aquela faceta do Mark. Teve uma ideia precisa e imediata do que foi necessário fazer – como se já contasse que acontecesse algo do género. Tudo muito prático.

– Temos de ir embora – disse ela. – Antes que alguém saiba disto.

– Mas e se ele não estiver bem? – questionei.

– Não passam de um bando de parolos – disse a Emma. – E foram eles que começaram. – Voltou-se para ficar de frente para nós. – Não foram? Não foram eles que começaram? Ele só estava a defender-se.

Ela foi tão fervorosamente convincente – estava tão convencida – que acho que todos começámos a acreditar nela. E nunca mais ninguém abordou o assunto, durante os três dias de férias. Na Véspera de Ano Novo, quando o Mark dançou em cima da mesa com uma peruca pateta e um grande sorriso idiota, foi ainda mais fácil acreditar que nunca se passara nada. Agora, é quase impossível imaginar, olhando para ele a puxar a Emma para o colo, remexendo ternamente no cabelo dela enquanto lhe sorri – a típica imagem do namorado afetuoso. Quase, mas não exatamente. Porque a verdade é que nunca consegui verdadeiramente esquecer o que vi e por vezes, ao olhar para o Mark, regressa-me aquilo à memória, com um ligeiro choque de horror.

4 Série televisiva britânica sobre atividade paranormal. (N. do T.)

5 *First* (Primeiro) é a melhor nota que se pode obter enquanto estudante universitário, representando algo acima de setenta por cento. (N. do T.)

6 Marca de vodka com sabores. (N. do T.)

7 Expressão cunhada pelo jornal *Daily Mail* para classificar jovens violentos e iletrados que vivem à margem da sociedade. (N. do T.)

Doug

Duas da manhã. Quando ele levanta a cortina, vê a luz a brilhar no Abrigo, que agora quase parece mais iluminado, um desafio à escuridão que o cerca. Já está há horas deitado acordado, como um animal cujo território foi invadido, que não consegue descansar até a ameaça desaparecer. Mesmo daqui, consegue ouvir os hóspedes, a batida da música, o ocasional *staccato* dos risos deles. Até ouve a vibração grave das vozes. Ou estará a imaginar esta parte? É difícil ter a certeza. Para alguém a quem em tempos na escola disseram que tinha uma «infeliz falta de imaginação», o cérebro dele hoje em dia parece conseguir criar muito a partir do nada.

Escolheu este chalé especificamente por ser o mais afastado dos outros edifícios. As janelas davam predominantemente para o flanco sombrio e desolador do Munro; só vislumbrava o lago através da janela da casa de banho, que estava quase completamente coberta por heras. Praticamente conseguia imaginar-se aqui absolutamente sozinho, na maior parte do tempo. Seria melhor se estivesse absolutamente sozinho. Pelo seu próprio bem, e pelo bem dos outros.

Recorda vagamente um homem que era sociável, que apreciava a companhia de terceiros – que tinha (sussurra) amigos. Que atraía as atenções enquanto o pessoal bebia umas cervejas, que tinha uma certa fama de ser cómico, um contador de histórias. Aquele homem antes tinha uma vida: um lar, uma namorada – que esperou por ele ao longo de três demorados destacamentos no Afeganistão. Manteve-se junto dele quando regressou da última missão, destruído. Mas, depois, aquilo aconteceu – ou melhor, ele fez acontecer aquilo. E, a seguir, ela deixou-o.

– Já não te conheço – dissera ela, enquanto enfiava os seus pertences ao

acaso em sacos do lixo, como alguém a fugir de um desastre natural. A irmã dela aguardava no carro, como se ele pudesse fazer algo inominável para a deter. – O homem que eu amava – e então surgiram lágrimas nos olhos dela como se chorasse alguém que morreu –, não faria tal coisa.

Mais do que isso, ela tinha medo dele. Ele percebeu ao aproximar-se, para a tentar reconfortar – porque odiava vê-la chorar. Ela recuara, posicionara a mala que segurava diante de si como um escudo. Ela mudou-se, alterou o número do telefone. Também a família dele se afastou. A ideia de que o homem que recordava era, de facto, ele próprio parecia-lhe demasiado absurda para ser real. Mais valia imaginá-lo como um parente afastado.

Ele percebeu como os hóspedes olhavam para ele, como se fosse uma curiosidade, uma atração de circo. Quando ele – raramente – via de relance o seu aspeto ao espelho, fazia uma certa ideia do porquê. Parece um homem selvagem, alguém que vive nas margens da sociedade. Esta seria provavelmente a única profissão em que o seu aspeto, o cabelo por pentear e as roupas velhas e gastas, poderia na verdade ser considerado um pré-requisito. Por vezes, pensa se deveria deixar de fingir que vive como uma pessoa relativamente normal, dedicando-se a uma vida completamente selvagem. *Poderia fazê-lo*, pensa ele. Sem dúvida que é rijo para isso: aqueles primeiros meses de treino com os fuzileiros depressa afastaram qualquer brandura e os anos que se sucederam serviram apenas para o enrijecer ainda mais, como aço temperado. A única fraqueza nele, aquilo que se acha incapaz de controlar, é a mente.

Ele tem umas certas capacidades, sabe como sobreviver indefinidamente na natureza. Sabe usar uma arma, uma cana de pesca: abater e caçar a sua própria comida. Tudo o mais poderia roubar, caso fosse necessário. Não tem escrúpulos em tirar algo. Ele deu tudo, não foi? E a maioria das pessoas não percebe que tem bem mais do que necessita. São preguiçosas e gananciosas e não conseguem perceber como as suas vidas são fáceis. Talvez a culpa não seja delas. Talvez simplesmente não tenham tido a oportunidade de ver como é frágil o laço que as prende à felicidade. Mas, por vezes, acha que as odeia a todas.

Com a exceção da Heather. Ele não a odeia. Mas ela é diferente. Não anda por aí envolvida numa nuvem de alegre alheamento. É verdade que não a conhece bem, mas pressente que ela viu o lado negro das coisas.

Desce da cama. Não vale a pena fingir que conseguirá adormecer. Ao abrir a porta para a sala de estar desperta os cães, que inicialmente o fitam desde a cama deles com um espanto ensonado, mas que passa então a excitação, saltando para ele, sacudindo furiosamente as caudas. *Talvez os leve a passear,*

pensa ele. Aprecia o silêncio mais intenso deste lugar à noite. Conhece os caminhos junto ao Abrigo tão bem na escuridão quanto de dia.

– Ainda não, meninos – diz ele, deitando a mão a uma garrafa de *single malt* e servindo um pouco – e um pouco mais – num copo. Talvez isto servia para suavizar as coisas.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

Ligo à polícia, para lhes falar do cadáver.

O operador (que não pode ter mais de uns dezanove anos) soa sinistramente animado.

– Não parece ter sido acidental – informo.

– E como é que sabe, minha senhora? – Nota-se um leve, mas incontestável, tom de jocosidade. Sinto-me levemente tentada a explicar-lhe quem eu era, o que costumava fazer.

– Sei porque – digo, no tom mais paciente que consigo –, há uma pisadura circular em volta do pescoço. Não sou... especialista, mas isso sugere-me um sinal de algo, de alguma pressão. – *Como um estrangulamento*, penso eu, sem o dizer. Não quero dar-lhe outra oportunidade de pensar que estou a pôr a carroça à frente dos bois.

Segue-se uma longa pausa do outro lado da chamada, que imagino seja o som dele a tentar perceber que isto é algo que vai além das competências dele. A seguir, regressa. O seu tom perdeu toda a anterior ligeireza.

– Se puder esperar um momento, minha senhora, vou chamar outra pessoa para falar consigo.

Espero e surge uma mulher em linha.

– Olá, Heather. Daqui fala a inspetora-chefe Alison Querry. – Soa de certa forma demasiado confiante para uma pequena esquadra de província. O seu sotaque também não é local: tem um certo arrastar de erres típico de Edimburgo. – Fui destacada para a esquadra para apoiar na investigação de outro caso. – Ah, penso. Isso explica tudo. – Pelo que compreendo, o que aqui temos é uma situação de uma pessoa desaparecida que, infelizmente, veio a verificar-se tratar-se de uma morte.

– Sim.

– Pode descrever-me o estado da pessoa falecida?

Faculto a mesma descrição que dera ao subalterno dela, com um pouco mais de pormenor. Refiro o ângulo estranho do corpo, o borrifio de sangue sobre as rochas.

– Certo – diz ela. – OK. Tanto quanto sei o acesso presentemente é impossível devido às más condições meteorológicas e ao facto de a propriedade ser remota. Mas vamos esforçar-nos ao máximo para chegarmos até aí, provavelmente por helicóptero.

Por favor, quero implorar-lhe, a esta Alison Querry com a sua calma e tons contidos, vem para cá o mais depressa possível. Não posso tratar disto sozinha.

– Quando – acabo antes por perguntar – é que acha que isso será?

– Lamento, mas ainda não sabemos ao certo. Enquanto nevar desta maneira, nada podemos fazer. Mas será em breve, estou certa. E, entretanto, gostaria que mantivesse todos os hóspedes dentro das instalações. Diga-lhes o que tiver de dizer, obviamente, mas por favor mantenha de lado esses pormenores que me facultou. Não queremos assustar ninguém sem ser preciso. Quem está aí de momento?

Esfoço-me por contar apesar de todo o cansaço – já há vinte e quatro horas que não durmo. Passei esse tempo a oscilar entre a exaustão e picos de adrenalina. Agora, os meus pensamentos parecem presos.

– Há... onze hóspedes – digo, por fim –, nove num grupo de Londres e um casal da Islândia. E o guarda de caça, o Doug, e eu.

– São apenas vocês os dois a gerir um lugar tão grande? Deve ser alguma pressão, não?

Ela di-lo de modo compreensivo, mas parece haver ali algo por detrás da pergunta – algo cortante, a sondar. Ou talvez seja apenas a minha mente privada de sono a pregar-me partidas.

– Bem – digo eu –, cá nos arranjamos. E há outro funcionário, o Iain, mas ele foi embora na Véspera de Ano Novo depois de ter terminado o trabalho do dia. Ele não vive aqui, percebe? Sou só eu e o Doug.

– OK. Tanto quanto percebo, as únicas pessoas presentes na propriedade nessa noite eram a senhora, o seu colega guarda de caça e os onze hóspedes? Portanto: treze.

Azar para alguém... pareço ouvir.

– Bem, isso simplifica as coisas, calculo.

Simplifica, como?, tento imaginar. Simplifica, percebo, porque se realmente houve um homicídio o autor estará provavelmente entre nós. Doze suspeitos. Entre os quais, presumivelmente, inquestionavelmente, eu serei um deles. Tal constatação não deveria surpreender-me. Mas surpreende, devido aos modos descontraídos da inspetora-chefe Querry, a sensação que ela transmitiu – fingida, percebo agora – de me pôr como responsável na ausência dela.

– Então – diz ela –, para resumir: mantenha todos onde estão. Entretanto, seria para mim uma grande ajuda se pudesse rever com atenção algo que possa ter reparado nas últimas quarenta e oito horas. Algo que lhe tenha parecido estranho. Talvez tenha visto algo, talvez tenha ouvido algo... talvez até tenha reparado em algo nesse lugar que não reconheceu? Qualquer pormenor pode ser importante.

– OK – digo. – Vou pensar.

– Há algo que lhe ocorra agora?

– Não.

– Por favor. Pense um momento. Pode surpreender-se.

– Não me ocorre nada. – Mas, no momento em que o digo, recordo algo. Talvez se deva ao lugar onde me encontro enquanto falo com ela: à janela do escritório, a olhar para lá do lago para o cume escuro do Munro e para o Abrigo Velho, ali aninhado como uma criatura maligna. De repente, forma-se uma imagem mental, praticamente a mesma cena que vejo diante de mim, mas na escuridão, vista da minha janela a uma hora imprópria da madrugada – se assim se pode chamar – do Dia de Ano Novo. Fecho os olhos, tento tornar a imagem mais nítida. Algo me despertara: de início não percebi o que fora. A seguir ouvi o choro do bebé dos hóspedes. Pode ter sido isso. Dirigi-me cambaleante à casa de banho, para espalhar água na cara. Ao olhar pela pequena janela da casa de banho ali estava a forma imponente do Munro, como um recorte no céu noturno, ocultando as estrelas. E, então, algo estranho. Uma luz, movendo-se como um pirilampo solitário – uma estrela errática. Pareceu-me que se dirigia para o Abrigo Velho. Percorrendo lentamente o seu caminho pela lateral da encosta escura.

Mas não posso contar-lhe isto. Nem sequer sei se é real. É tudo tão nebuloso, tão incerto. Nem sei ao certo *quando* o vi, apenas que foi a dado momento ao início da manhã. Enquanto tento apurar a recordação na minha mente, interrogando-a por mais que eu pudesse ter esquecido, desaparece de mim até ter quase a certeza de que nada mais era do que a minha imaginação.

– E mais uma coisa. É informal, mas é para eu traçar o meu retrato das coisas até agora. Seria de grande ajuda. Recorda-se do que estava a fazer na noite do desaparecimento da hóspede?

– Estava... bem, estava na cama. – *Não era bem verdade, Heather. Também não era propriamente mentira. Mas, como acabaste de recordar, andavas aos tropeções sabe-se lá a que horas da noite.*

Véspera de Ano Novo. A noite mais solitária do ano, mesmo quando se tem companhia. Já antes de a minha vida se desmoronar que me ocorria isso. Há sempre aquela preocupação de podermos não estar a divertir-nos tanto quanto seria possível. Quanto deveríamos. E este ano, o som de toda a diversão dos londrinos – mesmo tendo eu dito a mim mesma que não invejo nenhum

deles – não ajudou em nada. Então, bebi bem mais do que o habitual: esquecendo que tentar embebedar-me para aplacar a solidão apenas me leva a sentir-me mais só do que antes.

Quando cambaleei até à casa de banho não sei a que horas – cinco, seis? – não estava em estado de ter a certeza do que vira, ou sequer se testemunhei mesmo algo. E não posso contar-lhe nada disto. Pois nesse caso teria de admitir o quanto estava bêbeda. *E depois?*, pergunta uma vizinha. *Terias de admitir que não és a pessoa competente e incisiva que pretendes ser? Perderias a confiança dela?* É-me recordado uma vez mais que apesar de todas as perguntas sobre aquilo em que possa ter reparado, de alegadamente ela me pôr numa posição de responsabilidade até chegar, sou um dos treze aqui presentes naquela noite. Também eu sou suspeita.

– Ficou aí calada, Heather – diz a inspetora-chefe Alison Querry. – Ainda aí está?

– Sim – digo. A minha voz soa baixinho, insegura. – Ainda aqui estou.

– Ótimo. Bem, mantemo-nos em contacto. Quaisquer perguntas, estou aqui. Se lhe ocorrer algo, não hesite em ligar-me.

– Claro.

– Estarei aí logo que seja possível. Entretanto, parece-me que será capaz de ter mão nas coisas.

– Obrigada. – Ah. Recordo a minha irmã, a Fi: «Às vezes, não tem mal não te mostrares corajosa diante das situações, Heaths. Guardares tudo dentro de ti pode acabar por fazer mais mal do que bem.»

– Contacto-a muito em breve para lhe dar uma estimativa dos *timings* – informa a inspetora-chefe Querry –, quando é que achamos que será possível fazer sair o helicóptero. Só precisamos que a neve abrande o suficiente para se poder voar em segurança.

O que fazer até lá?, tento imaginar. Esperar aqui sob o nevão com o espectro da morte do outro lado da porta?

E, então, eu pergunto, apesar de saber que provavelmente não receberei resposta.

– O outro caso em que está a dar apoio – digo –, qual é?

Uma curta pausa. Quando ela volta a falar, o seu tom é menos amistoso, mais profissional.

– Dou-lhe essa informação se e quando se tornar necessário.

Mas não precisa de me dizer. Tenho quase a certeza de que sei. O corpo, o aspeto que apresentava. Li sobre o assunto nos jornais. Teria sido impossível não o fazer. Ele está a estrangular a imaginação da nação. Ele tem até o seu próprio título. O Estrangulador das Terras Altas.

Três dias antes
30 de dezembro de 2018

Katie

São quase duas e meia da manhã. Estou aqui a pensar se já será suficientemente tarde para ir sorrateiramente para a minha cabana sem ser chamada de desmancha-prazeres, quando a Miranda se deixa cair ao meu lado no sofá.

– Parece que nem tive a oportunidade de conversar contigo esta noite – diz ela. Baixa então o tom de voz. – Acabei de conseguir escapar à Samira. A sério, adoro-a como tudo, mas hoje em dia ela só fala daquela bebé. Na verdade, é um bocado... bem, é um bocado insensível, para ser sincera.

– Como assim?

Franze o sobrolho.

– Nem me lembro se te contei da última vez que estivemos juntas... já lá vai tanto tempo. Mas... – Baixa ainda mais o tom de voz, até um sussurro –, tenho andado a tentar, sabes...

– A...

– Sim, a engravidar. Ora bem, sei que ainda são os primeiros dias, e tal. Toda a gente diz que leva o seu tempo. – Revira os olhos. – Exceto no caso da Samira, pelos vistos. Ela diz que por magia engravidou *mal* deixou de tomar a pílula.

– Calculo que seja diferente para toda a gente.

– Sim. Quer dizer, talvez seja uma bênção disfarçada, para ser sincera. É o fim de tudo, não é? A vida tal como a conhecemos. Olha para aqueles dois. Mas é como... não sei, de repente é um ritual de passagem. Todas as pessoas que conheço no Facebook parecem ter uma criança ou ter uma no forno... é como esta súbita *epidemia* de fertilidade. Entendes o que eu digo?

Assinto com a cabeça.

– Já há uns tempos que deixei de ir ao Facebook, para ser sincera. É tóxico.

– Sim, tóxico! – diz, avidamente. – É mesmo isso, exatamente. Meu Deus, é tão refrescante falar contigo, K. Estás fora de tudo... solteira, na tua onda... tão distante sequer de pensar em filhos.

– Pois – digo, engolindo algo que parece estar atravessado na garganta. – Sou eu.

– Desculpa – diz ela, subitamente sensível –, era um elogio.

– Não tem mal – digo. O aperto na garganta ainda lá está. – Eu entendo.

– Olha... tenho algo que vai animar-te. – Pisca-me o olho e retira algo do bolso das calças de ganga. A seguir, chama os outros: – Alguém quer pudim?

– Estiveste a cozinhar? – pergunta o Nick, fingindo-se surpreendido. – Não me lembro de alguma vez teres sido dada à cozinha, Miranda.

Trata-se de um eufemismo – o que, tenho a certeza, é o objetivo dele. A Miranda é *péssima* cozinheira. Lembro-me de um risoto particularmente mau no qual metade do arroz ficou colado ao fundo do tacho e queimado.

– Mas já tivemos sobremesa – diz de pronto o Giles. – Aquela coisa de merengue e framboesa ao jantar.

A Miranda sorri maliciosamente. Agora, é a Miranda dos tempos da universidade, a inquestionável rainha da festa. Tem aquele brilhoso nos olhos: algo entre excitação e euforia. Faz com que me sinta percorrida por um abanão de adrenalina, tal como fazia há tantos anos. Quando a Miranda está assim, é divertida, mas também perigosa.

– Isto é um *bocadinho* diferente – diz ela, segurando um saquinho de plástico com fecho de correr, chocalhando uns comprimidos brancos no interior. – Vamos chamar-lhes os nossos «rebuçados de menta pós-jantar». Como se fosse para limpar o paladar. E pelos bons velhos tempos... no espírito de estarmos aqui todos juntos.

Sei de pronto que não posso ingerir nenhum – não consigo lidar com a perda de controlo. Da única vez que o fiz, correu terrivelmente mal.

Ibiza. Entráramos recentemente na casa dos vinte. Um grande grupo. Eu na realidade não fora convidada, o organizador era alguém de Oxford que eu nunca conhecera muito bem (ler: ele não me considerava suficientemente fixe para me convidar para qualquer das famosas festas loucas que organizava). Mas, na semana anterior às férias, morrera a avó da Miranda e ela vendeu-me o lugar dela, com desconto. O Julien ia, tal como a Samira e o Mark, e muitos outros com quem, entretanto, fomos perdendo o contacto. Não sei se recordo muitos dos nomes deles, nem que quisesse mesmo esforçar-me.

Apreiei os longos e ociosos almoços junto à piscina. Os entardeceres a tomar rosé, a bronzear e a ler o meu livro. O que não me cativava tanto era a parte da noite em que entravam em cena as pastilhas, e toda gente olhava para

mim – quando eu recusava – como se fosse um dos pais que aparecera para estragar a diversão a todos. E então eles resvalavam para as piores versões deles mesmos – histéricos, desinibidos, com as pupilas dilatadas: como animais. *Se conseguissem ver-se a eles próprios*, pensei. Ao mesmo tempo, senti-me puritana, uma seca: uma pobre substituta da Miranda. A Samira – sempre com o pessoal «in» – puxou-me ao lado e disse:

– Tens de te descontraír.

Pelo final da semana, passavam o dia praticamente na cama. A casa tornara-se um nojo. Por onde se passasse, parecia haver roupa suja, latas de cerveja, preservativos usados, até poças de vômito limpas sem grande empenho. Eu estava prestes a reservar um voo de volta para casa. Era suposto serem umas férias, por amor de Deus. Um descanso do emprego em que trabalhava oitenta horas por semana. Sabia que ia regressar a casa a sentir-me cansada, suja e zangada. Mas aguentei. Encontrei uma zona do terraço fora da vista da casa principal. Arrastei uma espreguiçadeira até lá e passei os últimos dias a ler. Pelo menos, fiquei com um belo bronzeado e terminei o meu livro: um simulacro do que era suposto fazer-se nas férias. Pelo menos, iria *parecer* aos olhos dos meus colegas e família que eu me teria divertido.

Na última noite, por milagre, toda a gente reuniu forças para organizar um churrasco como os que tinha havido no início da semana, antes de se terem arruinado a eles próprios. Bebi imensa *cava*, e depois ainda mais. À luz das velas, ao olhar para os rostos de toda a gente e para o cintilar turquesa-escuro do mar, pensei como é podia ter achado que não estava a divertir-me. Ser-se jovem era isto, certo?

Então, quando, inevitavelmente, as pastilhas apareceram, ingeri uma. A euforia apossou-se de mim pouco depois, senti-me invencível. Livre da prisão de ser eu: a amiga menos divertida e fixe da Miranda.

Imenso do que aconteceu a seguir pareceu ocorrer num lugar livre não muito real. Lembro-me da piscina, de saltar para lá completamente vestida; de alguém acabar por me tirar de lá, dizendo que ia ficar com frio, apesar de eu insistir que queria «ficar *para sempre* na água». Recordo-me de adorar tudo aquilo, todos eles. Como é que não percebera quanto os adorava?

Mais tarde, recordo-me de um homem e recordo-me do sexo na casa da piscina às escuras, muito depois de toda a gente aparentemente ter ido para a cama. Uma escuridão quase total, o que tornou todas as sensações ainda mais intensas. Era eu ao volante, era eu quem comandava. Quando me vim, senti por momentos como se todo o meu corpo se tivesse estilhaçado em estrelas. Nunca me senti tão eu própria... e ao mesmo tempo alguém tão absolutamente diferente.

Na manhã seguinte, não fui capaz de acreditar. Aquela pessoa atrevida e sexual não podia ser eu, pois não? Se a Miranda lá tivesse estado, poderia ter-

lhe perguntado: quanto do que eu achava recordar fora real? Ela viu-me ir com o homem para a casa da piscina? Aquilo aconteceu mesmo? Ou fora, na realidade, apenas uma alucinação particularmente detalhada. Não consegui reunir coragem para perguntar à Samira, temendo que se risse de mim e me dissesse para deixar de ser infantil.

Entendi que deve ter acontecido: havia uma dor reveladora no meio das minhas pernas que indicava que acontecera. Mas ninguém disse nada no dia seguinte. Tentei aperceber-me de piadas ou de gabarolice entre os rapazes, mas não houve nada.

Felizmente, esta noite há vários de nós que não alinham. O Bo – a Samira, claro, e o Nick, solidário com o Bo. Vi como o Nick não se sentiu minimamente impressionado com este acréscimo à noite através do olhar fulminante que lançou à Miranda quando esta lhe ofereceu o saco, praticamente esticando-se por cima do Bo para o fazer. Pareceu completamente alheada, mas a verdade é que sempre foi boa a dar a impressão de desdramatizar as coisas, como se fosse intocável. Sendo eu a sua amiga mais antiga, sei que isto não é necessariamente verdade. Por vezes, exige-lhe um grande esforço parecer tão despreocupada.

Agora, está debruçada sobre o gira-discos no canto da sala de estar do Abrigo, a passar os olhos por uma estante cheia de velhos discos. Por fim, com um grito vitorioso, encontra aquele que quer – *HITS: STUDIO 54* –, pousando-o no prato. Com a música a jorrar, uma cantora de voz rouca, a Miranda dirige-se a meio da sala e começa a dançar. Está completamente à vontade, dançando desta forma enquanto os restantes de nós olhamos, sentados e imóveis. Está tão sintonizada com o seu corpo. Sempre desejei ser assim tão desinibida. Porque, a sério, dançar não é isso mesmo? Não tem que ver com ser-se particularmente talentoso: Não, a não ser que o faça de forma profissional. É mais uma capacidade de nos livrarmos da nossa autoconsciência. Nunca fui capaz de o fazer. Não é algo que se aprenda a fazer. Ou se tem, ou não se tem.

Recordo a nossa adolescência, a tentarmos convencer os porteiros das discotecas a deixarem-nos entrar. Embora a Miranda não tivesse de recorrer a isso. Deixavam-na entrar assim que a viam: ela tinha quinze anos, mas dava ares de vinte e cinco, e já era linda. E, olhando para trás, quando penso nos olhares que os homens lhe lançavam, nos comentários que lhe dirigiam, dá-me a volta ao estômago. Enfiava-me atrás dela, na esperança de que ninguém reparasse em mim. Lembro-me de dançar ao lado dela, aquecida pela vodca roubada ao suprimento ilimitado da minha mãe. Copiando os movimentos da Miranda tão fielmente quanto a sua sombra; porque sempre fui assim: a sua

sombra. A escuridão da sua tocha flamejante. Quase sentindo como se me tivesse libertado da minha inépcia.

A Miranda é o tipo de amiga que nos torna ousados. Que consegue fazer com que nos achemos com um metro e oitenta, quase tão radiante quanto ela, como se tomássemos emprestada um pouco da sua luz. Ou consegue fazer com que nos sintamos uma merda. É a seu bel-prazer.

Por vezes, naquelas saídas noturnas ela elogiava o meu aspeto – sempre com algo emprestado do seu já extenso guarda-roupa, largo no peito e na zona das ancas, um pouco como uma rapariga a brincar às senhoras com as roupas da sua mãe. Noutras alturas, ela dizia algo do tipo: «Oh, céus, Katie, fazes ideia do teu ar sério ao dançar?», seguido de uma imitação – olhos semicerrados, lábios tensos, ancas rígidas – «Parece que estás com um *grave* caso de prisão de ventre. Tenho a certeza que não é assim que o Sean Paul quer que as pessoas dancem.» Eu sentia toda a minha recém-conquistada confiança a abandonar-me – sentia-me pior do que nunca. Eu dava uma boa golada da vodca com qualquer coisa que estivesse a beber, até sentir o deslize, a mudança. E percebia então porque é que a minha mãe parecia recorrer ao álcool como medicamento.

Como sempre, é quase impossível não olhar para a Miranda a dançar. É tão graciosa, tão fluída, que se parte do princípio que teve aulas de dança. Na verdade, o único de nós que não está a olhar é o Julien. Ele olha pela janela para a escuridão, de cenho franzido, aparentemente perdido nos seus pensamentos.

A Miranda gesticula para que nos juntemos a ela. Agarra a mão do Mark, faz com que ele se levante. De início, parece emperrado e desajeitado a meio do tapete. Mas assim que ela encaixa o corpo no dele, começam a mover-se em conjunto, e com ela o Mark adquire um ritmo sinuoso, até sensual, que nunca descobre por si. Parece ser contagioso, com o zumbido ritmado da música a exercer uma espécie de atração sobre todos. A Samira levanta-se – sempre foi fantástica a dançar. É dotada daquela desenvoltura, daquele conforto com a sua própria pele. O Giles agarra a mão da Emma, faz com que ela se levante e leva-a a dançar por toda a sala. O Giles não tem qualquer ritmo, mas nitidamente não quer saber – parece um estudante um pouco crescido demais e bêbedo. Vão de encontro a uma das cabeças de veado penduradas na parede, deixando-a torta. A Emma tenta endireitá-la, com um sorriso ansioso, mas quando está a fazê-lo, o Giles agarra-a pela cinta e vira-a de pernas para o ar.

– Giles! – grita a Samira, mas ela está a rir-se e vira-lhes costas com os olhos fechados, perdida na música. A Emma também se ri – embora talvez seja a única autoconsciente de entre todos eles, puxando o *top* para baixo quando o Giles volta a pousá-la direita. Agora o Nick também se levanta, estendendo a mão ao Bo, e indiscutivelmente dançam melhor do que a Miranda, movem-se

tão bem juntos.

Mas, como sempre, é na Miranda que os olhares incidem: o sol em redor do qual gravitam os outros planetas. O Mark está no seu elemento, a encostar-se aos contornos do corpo dela enquanto dançam. Nunca a sua paixoneta por ela foi tão evidente. Se é que dá para a considerar paixoneta. Cheguei a pensar se não seria algo mais.

Quando a Miranda e o Julien começaram a sair juntos, recordo-me de pensar que era um bocado estranho o amigo dele parecer funcionar um pouco como um pombo-correio entre eles, transportando mensagens para a frente e para trás. O Mark chegava à nossa faculdade, pedindo para falar com ela. Tinha algo para lhe contar da parte do Julien. O Julien, como um rei, enviando um enviado, querendo convidá-la para o seu jogo de rãguebi nesse fim de semana. Ou para o acompanhar a uma festa. Mas metia dó, na minha opinião. Não podia ser sequer uma amizade, era mais tipo uma adoração por um herói, ou escravatura. Quem é que o Julien se achava? E porque é que o Mark alinhava naquilo? É verdade que o Julien, tal como a Miranda, tem aquele tipo de ar – e carisma – dado a atrair acólitos. Mas o Mark não deixava de ser atraente, não sendo uma pessoa desajeitada, nem tímida. Não precisava de se rebaixar tanto. E era estranho. Na altura, todos tínhamos telemóveis. Bastava ao Julien enviar simplesmente uma mensagem.

Mas, então, comecei a reparar no modo como o Mark olhava para ela, comecei a desconfiar que aquelas visitas não eram, afinal, instigadas pelo Julien. O Mark oferecera-se. Começou a aparecer não apenas à porta, na praceta abaixo do nosso prédio, mas na verdade na nossa própria ala. Alguém o deixara entrar, explicava ele, quando lhe perguntava como é que tinha aberto a porta com código.

Uma vez, dei com ele sentado à porta do quarto da Miranda.

– Ela saiu – disse eu. – Tem uma reunião com o tutor até às quatro. – Seria uma hora e meia até ela regressar.

– Não tem mal – disse ele. – Não tenho mais nada para fazer. – E percebi que ele queria ali estar, à espera dela.

Há um outro momento que não me sai da cabeça. O Julien e a Miranda na altura já estavam juntos, o novo casal *sexy*. Fomos a um churrasco em casa do Julien num dia quente depois dos exames – na altura já nos tínhamos mudado para casas particulares –, a casa urbana enorme e decrépita onde ele vivia com oito colegas do rãguebi, incluindo o Mark. Eu era a invisível que estava a mais. Tenho de reconhecer que um par de amigos do Julien tentou, sem grande empenho, fazer-se a mim, mas mostrei-me fria e distante com eles. Não queria ser conhecida pela amiga de Miranda com pior ar, mas fácil de levar.

O Julien estava no grelhador, sendo o centro das atenções, sem camisa para as suas amplas costas musculadas, que afunilavam naquela cinta

surpreendentemente elegante. Apesar de ser ainda o início do verão, de algum modo ele conseguira arranjar um bronzado dourado equilibrado. Não consegui evitar uma comparação comigo mesma: o rubor do calor vincado no meu peito e antebraços, o resto branco como leite. A Miranda também olhava para ele, de uma forma não muito diferente da que fitaria nos seus dezasseis anos o seu reluzente novo pônei, o *Bert*. A seguir, virou-se para mim e apanhou-me a olhar.

Então, desviei o olhar, na direção do Mark. Ele usava uns *Ray-Ban* ostensivos, que não se adequavam lá muito bem ao seu rosto largo. Se se olhasse de repente para ele, poderia ter dado a impressão de estar a sonhar acordado, a fitar o vazio. Mas, conforme continuei a olhar, reparei que os seus óculos não eram tão opacos como eu pensara. E percebi que os seus olhos estavam fixos num demorado olhar de esguelha para a Miranda. Nem por um momento desviou o olhar. Sempre que eu espreitava para aquele lado ele olhava para ela. E quando ela despiu o colete para exhibir a parte de cima do seu biquíni, vi o olhar dele a tornar-se mais intenso, de forma indefinível. Vi-o a remexer-se no seu assento.

Mais tarde, relatei à Miranda o que vira.

– A sério, Manda – contei-lhe –, foi esquisito. Ele não estava só a olhar para ti, ele estava pasmado. Parecia capaz de te comer.

Ela riu-se.

– Oh, Katie, és mesmo paranoica. Ele é inofensivo. Tu também és assim em relação ao Julien.

Foi quase o suficiente para me fazer duvidar do que vira. Até para perguntar a mim mesma: estaria eu com ciúmes? Eu tinha quase a certeza de que não se tratava disso. Mas senti-me humilhada, irritada por ela não me levar a sério.

– E vocês os dois! – Sou puxada de repente para o presente. A Miranda olha para mim e para o Julien – os dois fora da bolha, os únicos que não dançavam com total desinibição por toda a sala.

– Julien – diz ela –, por amor de Deus dança com a Katie. Ela não vai fazê-lo sozinha. – O seu tom é ligeiramente aceroso.

Não há nada que menos me apeteça fazer, mas o Julien levanta-se, pega-me pelas mãos. E subitamente recordo-me de os ver dançar no casamento deles. Há cinco, seis anos? A Miranda obrigou-o a ter aulas de dança antes, para poderem dançar o *foxtrot* à nossa frente. Tudo muito típico da Miranda, o casamento. Ela disse que queria fazer algo pequeno, diferente. Ela queria um casamento só a dois!

Acabou por ser na casa senhorial dos pais em Sussex. Duzentos convidados. Aquelas cadeiras douradas finas que só se veem em casamentos, as mesas redondas, o teto LED «noite estrelada» sobre a pista de dança. E,

cereja no topo do bolo de andares com flores de açúcar: a dança dos noivos.

O Julien, que até então desempenhara na perfeição o papel de noivo belo e atraente, encolheu-se em si mesmo. Falhou passos, tropeçou no véu da Miranda (quase tão comprido como o da Kate Middleton) e deu toda a impressão de querer estar em qualquer lugar que não ali. Neste momento, ostenta exatamente a mesma expressão.

Miranda

Observo a Katie a dançar – ou numa tentativa pouco empenhada de o fazer. Parece ativamente empenhada em não se divertir. Tem estado ausente desde que aqui chegámos, agora que penso nisso. Muito bem, ela sempre foi um pouco reservada, mas nunca uma presença tão sombria e monossilábica. De repente, fico com a incómoda sensação de estar a olhar para uma estranha.

Sempre soube exatamente o que se passava na vida da Katie. Ela sempre soube exatamente o que escolhi partilhar da minha. Mas, ultimamente, não faço ideia do que vai na vida dela. Nos últimos meses arranjou uma série de desculpas para não se encontrar comigo. Disse a mim mesma que eram genuínas: ela está sempre tão, tão, tão ocupada com a merda do trabalho. Ocupada a ser uma verdadeira adulta, ao contrário de mim. Ou a ter de ir a Sussex visitar a mãe, que tem estado doente (ler: toda aquela bebida acabou finalmente por fazer estragos). Até me ofereci para a acompanhar para visitar a Sally; por amor de Deus, já conheço a mulher há uns vinte anos. Apesar de ela nunca ter gostado de mim – chamava-me descaradamente Miss Armante, com o seu bafo a álcool –, pareceu-me o indicado. Mas a Katie depressa descartou a sugestão, como se a ideia a horrorizasse.

A questão é esta, recentemente necessitei dela. Sei que sempre dei a impressão de ser autossuficiente, de não querer que ninguém metesse o nariz. Mas, ultimamente, tudo se tornou um pouco excessivo. A Katie é a única pessoa com quem posso falar sobre os problemas que temos vivido. Não posso contar-lhe tudo sobre os problemas do Julien, por ser muito importante que ninguém o saiba, mas mesmo assim.

Falei-lhe agora dos problemas de fertilidade. Ou melhor, contei-lhe *algo*. A verdade é que não começámos a tentar só agora. Já lá vai mais de um ano – ano e meio, para ser sincera. Dois anos são o suficiente para o serviço nacional de saúde oferecer fertilização *in vitro*, certo?

Podia também ter-lhe falado da falta de sexo – o que não ajuda muito quando se quer engravidar. A sensação de distanciamento que parece estar a crescer entre mim e o Julien ao longo do último ano... talvez até mais.

Para ser absolutamente sincera comigo própria, sei que o motivo para não ter partilhado isto é apreciar a ideia de ser aquela que tem a vida perfeita, a amiga que tem tudo. Sempre pronta a avançar e dar conselhos quando necessário, desde a sua posição altaneira. Seria necessário mais do que umas quantas discussões, do que uns meses de sexo infrequente, para eu desejar abdicar disso.

Talvez este distanciamento entre mim e a Katie seja inevitável, faça parte do crescimento, de nos tonarmos adultas com as nossas próprias vidas. Responsabilidades e família a atravessarem-se no caminho da amizade. Por certo que só vai piorar, e não melhorar. Acho que não posso culpá-la por isso. Sei que os amigos se afastam, deixam de apreciar a companhia uns dos outros. Olho por vezes para o Facebook, para aquelas fotos já com uma década dos nossos tempos em Oxford, e há fotos minhas com pessoas – rostos que se repetem em muitos instantâneos – que mal reconheço... quanto mais recordar os seus nomes. É um pouco perturbador. Vou passando as fotos, festas a seguir a festas, em casas e bares e salões juniores, com os braços assentes sobre pessoas que podem muito bem ser completos estranhos. As fotos do primeiro ano são as mais obscuras. Diz-se que se passa o primeiro ano da universidade a tentar sacudir para longe todos os «amigos» que se fez na primeira semana, e isso comigo foi verdade: cometi o erro de conversar com uma rapariga excessivamente intensa nas entrevistas; de conversar embriagada com um tipo na receção ao caloiro que depois me encontrava «por acaso» em vários locais da universidade para poder sugerir que fôssemos tomar um café.

Depois da universidade, passa-se os anos seguintes a afastar esses colegas que restam, ao perceber-se que não temos tempo nem forças para atravessar Londres ou o país para estar com pessoas com já quase nada se tem em comum.

Mas nunca pensei que tal acontecesse comigo e com a Katie. Conhecemo-nos desde crianças. É diferente. Esses amigos estão sempre presentes, não estão? Se já se aguentou tanto tempo juntos?

Ainda assim, se eu não soubesse o contrário, diria que parece que a Katie me deixou para trás. E no fundo da minha mente há uma vozinha insistente. Uma voz desagradável, a pior versão de mim mesma, dizendo: «Fiz de ti quem tu és, Katie. Sem mim, não serias ninguém.»

Adiante. Não vou permitir que ela estrague o meu estado de espírito. Bebo uma boa golada da minha bebida e espero que a pastilha comece a surtir efeito.

Na hora seguinte, as pessoas vão-se descontraindo. O Giles começa a

vasculhar os jogos de tabuleiro empilhados junto à lareira. Com um grito triunfal, desencanta uma caixa de *Twister*.

– Oh, foda-se! – grita o Julien, mas fá-lo com um sorriso. Já lá vai muito tempo desde que o vi sorrir como deve ser. Provavelmente, é só efeito da pastilha, mas faz com que se expanda dentro de mim uma bolha de algo que se assemelha a felicidade. Se calhar, está mesmo na altura de o deixar sair da casota. Já lá vai um ano. E é cansativo: ele sempre a mostrar-se culpado, eu desiludida com ele.

São precisas múltiplas tentativas e muitos risinhos só para estender o tapete de plástico. De repente, está toda a gente bastante excitada.

– Sou eu a chamar – diz de pronto a Katie. Ela não tomou pastilhas, tal como a Samira, mas pelo menos esta tem um bom motivo: o monitor da bebé preso ao peito como uma agente da polícia com um rádio. Neste momento, a cara da Katie – a expressão dela, de desespero de adulta face à tolice infantil – quase rebenta a bolha de alegria dentro de mim. Quero dizer algo, chamar-lhe a atenção para isso, mas não encontro as palavras adequadas. Antes de o conseguir fazer, o Mark já me agarrou o braço e faz-me baixar: mão esquerda, vermelho. O Julien vai a seguir: pé direito, verde. Depois a Emma, o Gilles, o Mark. O Bo e segue-se o Nick: nem o Nick escapa ao *Twister*, por amor de Deus. Daí a nada, o Julien tem uma perna quase por cima de mim e na agitação que vai na minha cabeça penso como a sensação é intimista. Provavelmente, a nossa maior intimidade nos últimos tempos, isso é certo. *Vamos ter sexo esta noite*, penso, naquela grande cama de dossel. Não será sexo para fazer bebés. Só pela pura diversão.

A Emma cai e é expulsa do jogo. Levanta-se a custo, rindo.

Mais uns passos. O Nick cambaleia e pousa um pé fora do tapete e é posto fora, e então o Giles cai ao tentar cruzar a perna esquerda sobre a direita. Agora, resto apenas eu, o Bo, o Mark e o Julien em jogo.

Apercebo-me de uma mão no flanco do meu tronco, logo abaixo da mama, e a subir. Está no lado fora do alcance da vista dos outros. Sorrio e olho em volta, à espera de ver o Julien. Em vez disso, dou por mim a seguir a mão até ao braço do Mark. Estamos de costas para a Emma, e como o Julien está por cima de mim tenho quase a certeza de que mais ninguém vê. Há um momento em que eu e o Mark olhamos um para o outro. O olhar dele é vidrado como o de um sonâmbulo. A minha mente de repente está desperta como ainda não estivera desde que tomei a pastilha, até desde que comecei a beber. Errado, é tudo o que me ocorre. Isto está errado.

É como se ele tivesse esquecido as regras. Namoriscamos, sim, e ele gosta de mim, e eu até aprecio, e faz coisas por mim, e a recompensa dele é olhar. Mas não pode tocar. Isso é diferente.

Liberto-me do aperto dele. Ao fazê-lo, tê-lo-ei desequilibrado – balança e

cai estendido no tapete.

– O Mark está fora! – grita a Emma, animada.

Sinto-me um pouco nauseada, com toda aquela comida apurada e a bebida e a seguir a pastilha. Rolo para fora da minha posição, entre vaias de «desmancha-prazeres» e apelos para que volte ao tapete, e sigo aos tropeções pelo corredor até à casa de banho. Quero lavar a cara – é o mantra na minha cabeça – quero lavar a cara com água fria.

Olho-me ao espelho por uns momentos. Sob a luz brilhante, e apesar de todos os meus esforços, pareço ter mais do que trinta e três anos. Não são as rugas – assegurei que houvesse a menor quantidade possível – é algo intangível, algo tenso e cansado na minha cara. Sinto uma estranha desconexão entre a pessoa que olha para mim e o meu eu interior. Não sou eu, pois não? Esta mulher no espelho? Em que estava eu a pensar, ao arranjar aquele material? Esqueci como depois da hilaridade e da descontração é muito fácil sentir-me em baixo. Mas estou a tentar enganar quem? Ultimamente é cada vez mais frequente sentir-me assim, com ou sem pastilhas.

Costumava bastar. Ser simplesmente eu própria. Ter o aspeto que tenho e ser o raio de uma licenciada em Oxford e ser capaz de falar de forma fluente sobre temas atuais ou o estado da economia e a nova tendência em *bodies* e camisas de noite.

Mas, certa manhã, despertei e percebi que era suposto ter algo mais: ser algo mais. Especificamente, ter «Uma Carreira». «O que fazes?»: é a primeira pergunta em qualquer encontro para beber uns copos, casamento ou jantar. Parecia soar tão pretensioso quando alguém perguntava isto – quando tínhamos vinte e poucos anos, quando ainda só brincávamos aos adultos. Mas, de repente, já não bastava ser Miranda Adams. As pessoas esperavam que fosse «Miranda Adams: *inserir espaço para algo de poder elevado*». Uma editora, digamos, ou uma advogada, ou bancária ou designer de *apps*. Durante uns tempos tentei dizer casualmente que estava a escrever um romance. Mas isso levou apenas a perguntas inevitáveis: «Já tens agente? Editora? Contrato para um livro?» Depois, «Oh». (Silenciosamente.) Então, não és mesmo escritora, pois não?

Deixei de me dar ao trabalho.

Por vezes, só para chocar, eu dizia, «Oh, sabes como é, sou dona de casa. Gosto de manter a casa arrumadinha para o Julien e de tomar conta dele, para garantir que se sente confortável.» E finjo para mim mesma que me divirto com o silêncio de terror que se segue.

Foi por isso que namoriscaste com o Mark. Para provar que ainda estás em forma. Para provar que não ... sussurra-o... passaste à história.

Foi uma estupidez. Ora bem, eu namorisco com praticamente toda a gente: algo que a Katie venceu quando entrámos na universidade. Mas sei que é

diferente com o Mark – que não devia dar-lhe esperanças.

Ouçó passos no corredor. Talvez seja o Julien, para ver se estou bem. Ou a Katie, como nos bons velhos tempos. Mas quando a porta se abre, devagar, é a última pessoa que quero ver.

Ele é tão alto; esqueço sempre isso. Tapa a entrada com a sua silhueta.

– Foda-se, Mark! – silvo. – Que merda foi aquela? A apalpares-me ali?

Esperei que me implorasse que não contasse à Emma, que alegasse que estava demasiado passado para se aperceber dos seus atos.

Em vez disso, diz:

– Ele não te merece, Manda.

– O quê? – Lanço-lhe um olhar fulminante. – E calculo que tu mereças? – Sinto-me preenchida por uma fúria justificada e dou-lhe um empurrão. – Deixa-me passar.

Ele desvia-se, mas ao mesmo tempo estica o braço, rápido com um relâmpago, para me agarrar o antebraço. Contorço-me para me tentar libertar dele, mas cinge ainda mais os dedos, apertando-me com tal força que arde como se me tivesse queimado. Sinto uma injeção de adrenalina e puro medo. Ele não iria tentar nada, pois não? Não aqui, com os outros na divisão ao lado?

– Foda-se, vê se me largas – digo, num tom baixo e ameaçador. Ele nunca se comportou assim, pelo menos comigo. Tento libertar o braço, mas o aperto dele é forte como o de um torno. Penso em todas aquelas aulas de *body combat* que tive no ginásio: sou tão fraca comparada com ele.

Curva-se até ao meu ouvido.

– Ao longo de todo este tempo, estive sempre pronto a ajudá-lo. Desde Oxford. A olhar por ele, se necessário a encobri-lo. E ele olha por mim? Ajuda-me quando lhe peço? Para ter algo meu, só para variar? Não. Fartei-me. Vou deixar de mentir por ele.

Ele parece completamente sóbrio, falando de forma clara. É como se o comprimido não o tivesse afetado minimamente. Já eu, em comparação, sinto a mente turva e confusa. A não ser pela dor no braço, que me mantém presa à terra.

– Como assim? – pergunto-lhe. Sinto-me como se estivesse a passar-me algo ao lado.

– Eu sei o que se passa com ele. Conheço o segredinho dele. Queres que te conte o que ele tem andado a fazer?

Tremo, com um misto de medo e raiva. Neste ponto, é importante que eu finja nada saber – não quero saber.

– Seja o que for – digo –, não quero saber. Não quero ter nada que ver com isso.

Por momentos, parece surpreendido. Afrouxa o aperto e liberto o braço.

– Eu... – atrapalha-se –, tu... não queres mesmo saber?

Ele acha mesmo que o meu próprio marido não me poria a par do seu segredinho vergonhoso? Ainda assim, sem dúvida que mais vale fazer-me de parva. Na eventualidade de chegar a um momento em que tenho de me distanciar de tudo, em insistir na minha própria inocência.

– Não – afirmo. – Não quero saber.

– Muito bem – diz, parecendo genuinamente espantado, já desprovido de toda a fanfarronice. Recua. – Se é mesmo isso que queres.

Cambaleio nas minhas pernas instáveis de volta para a sala de jantar, certa de que alguém repara na minha expressão, perguntando-me o que se passa – não sei se desejo, ou não, a atenção deles neste momento.

De início, ninguém me vê. Está em curso outra sessão de *Twister* e todos riam às gargalhadas enquanto o Giles tenta que o Bo escarranche as pernas. O ambiente está exatamente igual ao que estava antes – toda a gente alegre, alimentada pela bebida e pelas pastilhas. Mas, de repente, estou de fora a olhar para dentro e tudo me parece ridículo... falso, até, como se se esforçassem demasiado para mostrar que se divertiam imenso.

A Emma vira-se e vê-me ali parada à porta.

– Estás bem, Manda? – pergunta.

– Pensámos que tinhas ficado ali trancada – diz o Giles, com um sorriso estúpido e pateta. – Por isso, o Mark foi ver como estavas.

– Oh, céus – diz a Emma –, Manda, lembras-te daquela vez que alguém deu uma festa em casa e ficaste presa na sanita?

– Não – respondo. Mas ao responder percebo que me recordo, vagamente. A sensação de humilhação quando alguém teve de me desencaixar de lá. Meu Deus – vergonhoso. Era capaz de jurar que acontecera há pelo menos uma década. Mas se a Emma se recorda, deve ter sido mais recentemente. – Quando é que foi isso?

– Hmm – diz a Emma –, deve ter sido a dada altura em Londres. Nos tempos em que, na verdade, toda a gente dava festas em casa. Quando éramos divertidos, lembras-te? Tão recente e, no entanto, parece que foi há séculos.

Assinto com a cabeça, mas algo na referência àquele assunto provocou-me uma sensação estranha, de desconforto. Mas não percebo porquê.

– *Sentes-te* bem? – insiste a Emma.

O tom dela é tão maternal, tão atencioso... foda-se, tão condescendente.

– Sim – respondo –, porque é que não haveria de sentir?

Talvez tenha soado mais cortante do que eu desejava: parece magoada.

Deixo-me ficar ali sentada sem fazer nada durante cerca de uma hora. Fiz melhor do que a Katie – ela deve ter regressado à cabana enquanto eu estava na casa de banho. E, todavia, é com ela com quem desejo conversar sobre o que acabou de acontecer – de certo modo, mais do que com o meu marido. Se pudesse ir ter com ela... ainda deve estar acordada. Mas, se sair, isso pode

mostrar ao Mark que me abalou, e não é o que desejo. Os efeitos da pastilha já passaram por completo e olho com inveja para os outros, felizes, a sorrirem abertamente uns para os outros.

Por fim, quando decido que já estive de parte o tempo suficiente, viro-me para o Julien.

– Estou cansada – digo. Ele assente ao de leve com a cabeça, mas acho que mal registou o facto de eu ter falado. As pastilhas sempre exerceram um forte efeito nele. Em parte, eu disse aquilo como um convite para me acompanhar de volta à cabana, mas não me vou envergonhar diante dos outros deixando isso agora bem patente.

Quando saio, a Lua brilha em pleno e o lago apresenta um brilho prateado. Está uma noite límpida, a não ser por uma faixa de nuvens no horizonte onde a luz das estrelas desaparece, como se tivesse sido puxado um manto sobre as mesmas.

Penso no Mark e no que acabou de acontecer. Ainda me dói a parte de cima do braço, onde ele me agarrou. Tenho a certeza de que vou ter pisaduras de manhã: lembretes dos dedos dele.

Retiro o *iPhone* do meu bolso e acendo a lanterna. Projeta diante de mim um feixe de luz fraco; um pequeno consolo, uma lanterna contra a escuridão. Por diversas vezes tenho de me virar para trás para verificar se ninguém me segue. Uma patetice, provavelmente – mas estou no limite e o silêncio aqui fora de certa forma parece vigilante. Recordo-me de caminhadas sombrias e embriagadas até casa, em Londres, nos primeiros tempos de discotecas, com as chaves entre os nós dos dedos. Só para prevenir. Mas, aqui, estou no meio do nada, sem mais ninguém além dos meus amigos mais chegados. O silêncio aqui, a vastidão, de repente parecem-me hostis. Um pensamento ridículo, não é? Pela manhã, tudo vai parecer diferente, digo a mim mesma.

Ou podíamos partir pela manhã. Podia contar ao Julien e podíamos ir embora. Ele não iria gostar – tenho a certeza de que andava ansioso por esta viagem. Andávamos ambos, para ser sincera – talvez eu ainda mais do que ele. Acho que ele concordaria, se eu explicasse tudo. Podíamos regressar a casa, beber champanhe e talvez mandar vir comida e ver o fogo de artifício de Westminster sobre os telhados. Percebo que ao pensar nisso não imagino a nossa atual casa: a casa de adultos, estucada. Penso na realidade no nosso primeiro apartamento em Londres: antes de ter fracassado em fazer algo de interessante com a minha vida, de me tornar um fiasco. Antes de o Julien ficar tão ocupado a ganhar dinheiro.

Podia ser divertido.

Mas seria também desistir. Deveria ser o Mark a sentir vergonha, quem

tinha de partir. Não eu. Tal pensamento enfurece-me. Então, penso naquele momento, olhando-me ao espelho – vendo mais do que o que desejava, para lá dos efeitos do comprimido. Mesmo antes disso, mesmo antes de o Mark me apalpar durante o *Twister*, andava a sentir que não me divertia tanto quanto deveria. Ali estava a Samira, falando-me ao ouvido sobre horários de sono e bombas de aleitamento, mostrando-me as nódoas na sua velha *T-shirt* larga. Isto vindo da rapariga cuja alcunha em Oxford era Princesa Samira, por andar tão primorosamente penteada e glamorosamente vestida, mesmo aos dezanove anos. Adorava a agitação que causávamos quando íamos juntas a um bar ou a um *pub*, ou mesmo no Salão Júnior; as duas praticamente da mesma altura, uma de cabelo escuro, a outra loura, vestidas com as melhores roupas. Farinha do mesmo saco.

E, depois, há a Katie – tão distante desde que aqui chegámos, provavelmente a pensar em algo muito mais importante, algo do trabalho. A comportar-se como se fosse melhor do que nós; a advogada de sucesso. Tive repentinamente a sensação de ser deixada para trás. Foi por isso que pus toda a gente a dançar. Foi para isso que saquei das pastilhas naquele momento. Estava a poupá-las para amanhã, na verdade, para a Véspera de Ano Novo. Mas de repente senti a necessidade de ser de novo quem mandava, ditando a ordem das coisas.

Ao contornar a esquina, vejo ao longe três retângulos de luz brilhante, a cintilar no escuro. É o chalé do guarda de caça, claro. Quando lá fui mais cedo não tinha percebido como era afastado das outras construções, quase no sopé da montanha. Conforme continuo a olhar, surge um vulto escuro na janela central, com uma auréola na noite. Deve ser o guarda de caça, o Doug, ainda acordado. Mas, ao longe, não tem feições e é espectral. Recuo um passo, o que é ridículo: mesmo vendo o minúsculo feixe de luz do meu telemóvel, não me vê a mim. Mas parece que olha diretamente para mim. E não é nada como antes, quando fui bater à porta dele. Neste preciso momento, depois do que acabou de acontecer, sinto-me vulnerável, deslocada, a paisagem tão vasta, desconhecida e silenciosa em meu redor. Anseio pelo ruído, as luzes e o bulício da cidade.

Percorro o resto do caminho pelo carreiro praticamente em passo de corrida. Dentro da cabana por momentos sinto-me segura. Mas, apenas fugazmente, porque quando deito a mão ao fecho da porta, constato que não há fechadura.

Preparo-me para me deitar e quando volto a olhar pelas janelas constato que as luzes se acenderam nas outras cabanas. Toda a gente deve ter optado por se deitar pouco depois de mim. Então, onde se meteu o Julien?

Presumivelmente, estará de regresso pelo carreiro – mas está a levar o seu tempo.

Passa meia hora, e depois uma hora. Dói-me o braço onde o Mark agarrou. Visto uma camisola e calço umas grandes pantufas fofas patetas que o Julien odeia por me fazerem parecer «uma dona de casa suburbana dos anos de 1960». Ainda assim, nunca me desfiz delas por serem confortáveis como o caracas. Constató que bato os dentes – apesar de não ter verdadeiramente frio.

Acordo às quatro da manhã. Não sei onde estou. A primeira coisa que vejo são números a piscar no pequeno despertador ao lado da cama. Primeiro, penso que estou em casa, mas então percebo que está demasiado sossegado para isso: na cidade, haveria aquela banda sonora de fundo de sirenes e motores de carros, por muito que fosse tarde. Não sei ao certo o que me despertou. Não me recordo verdadeiramente de ter adormecido. Ainda visto a camisola e as pantufas, constato, deitada sobre a colcha. A luz está acesa, no corredor. Deixei-a acesa? Não me recordo.

Então, vejo um vulto parado no escuro junto à entrada. Recuo, atrapalhada, para longe dele. Então, ele avança e vejo que se trata do Julien. Tem as faces ruborizadas devido ao frio. O seu olhar é estranhamente inexpressivo.

Endireito-me.

– Julien? – A minha voz soa débil e esganiçada; nem parece minha. Vejo que se assusta com o som da minha voz. – Onde estiveste?

– Desculpa – diz ele –, fui dar uma volta.

– A meio da noite?

– Bem, sim... para ordenar as ideias. O raio daquelas pastilhas... e depois fui-me abaixo, comecei a preocupar-me com tudo. Dei a volta ao lago. – Passa uma mão pelo cabelo. – Oh, e vi aquele esquisitoide, o guarda de caça.

– Viste? – Recordo agora como no regresso fiquei perturbada com a silhueta na janela iluminada.

– Ele andava ali a arrastar-se à volta do lago... a sair daquela zona de floresta densa. Tinha uns cães. O que raio andaria ele a fazer? Sinceramente, acho que deve ser um bocado desparafusado. Acho que é melhor manteres-te longe dele.

Sinto-me tanto sensibilizada como irritada com esta demonstração protetora chauvinista. *Pelo menos, mostra que se preocupa*, penso eu, e então contenho-me. Tornei-me assim tão duvidosa do seu afeto por mim para ficar tão carente?

– Não é com ele que deves preocupar-te – comento.

– Como assim?

– O Mark. Foi atrás de mim até à casa de banho. Agarrou-me pelo braço. Aqui. – Subo a manga da camisola para lhe mostrar. – Disse que conhecia o teu *segredinho sujo*. Sim, foi assim que lhe chamou.

Vejo-o a retrair-se.

– Ele está a referir-se ao que eu penso que está? – pergunto. – Contaste-lhe? Já passámos por isto antes, Julien, não podes contar a ninguém. Iria destruir tudo. E não me digas que estou a ser paranoica. Assim que decidiste usar-me, levaste a que eu fizesse parte disso, gostes ou não.

Segue-se uma longa pausa.

A seguir:

– Olha, Manda – diz o Julien, passando a mão pelo cabelo e suspirando –, todos bebemos imenso... e depois as pastilhas...

Sinto um acesso de fúria.

– Estás a dizer que estou a inventar? Que não acreditas em mim?

– Não... não. O que quero dizer é que se calhar ele não queria fazer isso, magoar-te, isto é. Ele é grandalhão, às vezes exagera um bocado e não controla o peso. Quer dizer, há quanto tempo o conhecemos?

– Espera lá um segundo – disse –, até parece que estás a defendê-lo.

– Não estou nada, juro que não estou. Mas... olha, vale mesmo a pena estragarmos tudo para nós por causa da estupidez dele? É um dos meus amigos mais antigos. Não achas que lhe devemos o benefício da dúvida?

De repente, percebo o que ele está a fazer. Não está a proteger o Mark. Está a proteger-se a si próprio. Porque se o Mark efetivamente conhece o seu – nosso – segredo e o Julien o desafiar, o Mark pode usá-lo contra ele.

Devia sentir-me ofendida. Mas de repente só me sinto muito cansada.

Ele já se despiu. Pega no pijama. É muito chique, um presente da minha mãe, que gosta de acompanhar todas as novas tendências de moda: uma compra de Natal na *Mr Porter*. Todavia, houve uma altura – não há muito tempo – em que ele não teria vestido nada na cama, nem sequer boxers. Gostávamos de nos deitar pele com pele.

– Não – digo, quando ele vai a vestir as calças. Fica parado por uns momentos com um ar particularmente despido e confuso.

– Está frio – diz.

– Sim – digo. – Mas podes vesti-las... depois. – De repente, desejo o conforto dos braços dele à minha volta, o seu peso sobre o meu, a sua boca na minha. Quero apagar aquela sensação estranha e crescente que tenho sentido desde esta noite.

Para enfatizar, retiro a camisola pela cabeça. Estou nua por baixo. Deito-me e deixo que as minhas pernas se abram, para que não duvide do que tenho em mente.

– Anda cá – digo, chamando-o.

Mas ele faz uma espécie de careta, com a boca a descair na pontas.

– Sinto-me mesmo cansado, Manda.

Sinto a minha pele a arrepiar-se com o gelo da rejeição dele.

Nos primeiros anos de conhecimento mútuo, de estarmos juntos, fui sempre eu quem deu para trás. Talvez umas duas vezes em oito anos tenha sido ao contrário: a exceção que confirma a regra, quando ele apanhava uma gripe ou, digamos, tinha uma entrevista no dia seguinte. Mas, ultimamente, tenho andado a contar. As dez últimas vezes, talvez mais, tem sido ele.

Tenho em casa duas gavetas separadas de roupa interior. Uma é para todos os dias: as minhas cuecas e soutiens da M&S, destinados exclusivamente a serem confortáveis. O Julien costumava ficar horrorizado com os meus soutiens *T-shirt* beges quando saíam da máquina de lavar. Depois, outra gaveta: folhados da *Agent Provocateur*, *Kiki de Montparnasse*, *Myla* e *Coco de Mer*. Centenas, talvez até milhares de libras em seda e rendas. O tipo de lingerie que não é destinado a ser usado sob a roupa, que se destina apenas a agraciar a pele por uns minutos antes de ser arrancado do corpo. Percebi, ao fazer as malas para esta viagem, que já nem me lembrava de vestir qualquer destas peças. Senti-me de certa forma tentada a deitá-las fora: pareciam troçar de mim. Em vez disso, agarrei em todas as peças e atirei-as para uma mala. Uma armadura, para uma ofensiva desesperada – uma última tentativa?

Suponho que faça algum sentido que o Julien ande um pouco desligado do sexo. Tem muito com que lidar – embora em grande parte por sua culpa – e depois há a minha insistência em engravidar. Mas aqui, nesta natureza maravilhosa, alimentados por champanhe e pastilhas, achei que seria diferente. Sinto um pequeno arrepio de medo quando ele se deita ao meu lado e rola para se virar para a parede.

Avanço para ele, para ir buscar algum do seu calor. Estendo uma mão para lhe tocar a parte de trás da cabeça. A minha palma fica húmida.

– O teu cabelo – digo.

– O que foi? – A voz dele nem sequer soa ensonada. Penso se estará a fingir, mantendo-se ali deitado acordado, tal como eu.

– Está húmido, aqui, atrás.

– Oh, bem... começou a chover quando vinha para cá.

Ali deitada, penso no céu limpo e na minha caminhada até à cabana, e penso que as nuvens se devem ter aproximado muito depressa para ter começado a chover. Mas, de qualquer modo, por certo que está demasiado frio para chover. Teria de ser neve. De repente, não tenho dúvidas de que está a mentir. Penso no quê, e no porquê, e nada me ocorre. Digo a mim própria que não vale a pena preocupar-me. Afinal, já conheço o seu pior segredo.

Foi há cerca de um ano que o Julien disse, muito descontraidamente, certa noite:

– Tenho um amigo que adorava que lhe concebesses um *website*. Ele deixou a City e está a tentar montar um negócio. O que te parece?

Saberia eu, já na altura, que havia ali algo de estranho? Apenas em retrospectiva consigo perceber que o modo como ele perguntou foi um pouco descontraído demais. Que tamborilava com os dedos no balcão da cozinha: um contraste perfeito com o seu tom de voz. O modo como mal olhava para mim ao falar. Junte-se ainda a isso o facto de nunca até àquele momento ter parecido muito interessado nos meus talentos em termos de *design* de *websites*, ou na minha ideia de um pequeno negócio: de o passar a empresa, procurar encomendas. Ele chamava-lhe o meu «projeto», como se eu estivesse a fazer uma colcha de retalhos.

Até à data, seria apenas a minha segunda encomenda – a primeira fora para o *baby shower* de uma amiga. Mas optei por ignorar os meus receios. Assumi que a razão para aquela mudança de atitude era que se tratava evidentemente de um projeto piedoso, por muito que ele alegasse o contrário. Ele ganhava o suficiente para nós os dois juntos, mais do que o que precisávamos, mas acho que sabia que eu andava de orgulho ferido devido ao meu insucesso. Por isso, para ser completamente sincera, não prestei muita atenção àquilo. Na altura, não. E seria uma boa montra. Já seria útil simplesmente ter outro cliente feliz na minha alçada: para partilhar no meu próprio *website*, nas minhas redes sociais. É preciso ter uma boa carteira de trabalhos para atrair outros clientes. Um pouco como a história do ovo e da galinha, mas é assim que funciona.

– Será melhor enviar-lhe um orçamento? – perguntei ao Julien. – Espero que ele tenha a noção de que não vou trabalhar à borla. – Não queria que aquele tipo pensasse que lá por eu ser a mulher do amigo dele lhe ia dar uma borla. Podia fazer preço de amiga, sem dúvida, mas era uma profissional. O meu tempo era valioso. Já lá ia muito tempo desde a última vez que me sentira efetivamente útil em termos profissionais, se é que isso alguma vez aconteceu, e ia saborear a sensação. Era essa a minha maior preocupação na altura. Poder ser humilhada por trabalhar à borla.

– Não te preocupes com o dinheiro – disse o Julien. – Ele já me garantiu que te pagava bem. – Sorriui. – Parte em dinheiro, parte por transferência bancária... para não teres de declarar tudo às finanças, se não quiseres. – Bem, isso não era propriamente um problema. A empresa ainda não faturara qualquer dinheiro – era improvável que alcançasse lucros até ao final do ano fiscal. Por certo que o Julien teria noção disso?

Nem sequer na altura desconfiei de nada. Será que o deveria ter feito? Por amor de Deus, ele era o meu marido.

Foi apenas quando entrou na minha conta bancária um pagamento de cinquenta mil libras e quando o Julien chegou a casa depois de «ver um jogo de rãguebi no *pub*», com uma quantia idêntica em notas de cinquenta, que se tornou suspeito.

– Julien – perguntei –, o que raio se passa aqui? – Ele sorriu embarçadamente e abriu bem as mãos.

– É só o que ele quer pagar-te – disse. – Ficou muito satisfeito com o trabalho. Ele nada em dinheiro, por isso isto para ele são só uns trocos.

Eu até poderia ter acreditado nele, não lhe tivesse visto o olhar.

– Julien – disse eu, num tom cortante, para que percebesse que não estava para tretas –, este dinheiro está na minha conta. Por isso, dê por onde der, estou agora envolvida no que raio se esteja aqui a passar. E sou tua mulher. Por isso, acho que tens de me contar tudo, e já.

– Vai acabar por ser bom para nós – disse ele, num tom vociferante. – Acho que... se pode dizer que vi uma oportunidade.

– Que tipo de oportunidade? Fora do trabalho?

– Bem... – Agarrou as costas da cadeira diante dele, com força. – Acho que se pode dizer que está ligado ao trabalho. De certa maneira... – Pareceu recompor-se. – Olha, estava ali... mesmo à minha frente, à espera. Havia uma certa informação de que eu estava a par e teria sido uma estupidez não a usar.

Foi então que por fim se fez luz.

– Oh, meu Deus, Julien. Oh, meu Deus. Referes-te a informação privilegiada? É isso que me estás a dizer? É de onde vem este dinheiro?

Percebi a verdade mais pelo facto de ele ter ficado lívido do que a partir de algo que tenha dito.

– Não diria as coisas de uma maneira assim tão formal – disse ele. – Não, não é nada disso. Dei apenas um empurrãozinho a umas pessoas. Amigos. Nada em grande. Estas coisas estão sempre a acontecer.

Não conseguia acreditar no que ele me contava.

– Acho que o que queres dizer, Julien, é que as pessoas estão sempre a ser presas.

Ainda na semana anterior tinha estado a ler sobre Ray Yorke, sócio de um grande banco de investimento, a cumprir pena por passar segredos ao seu parceiro de golfe. Enquanto iam percorrendo o campo ele ia deixando cair umas migalhas de informações... supostamente sem perceber que o parceiro estava a vender a informação, fazendo milhões. Alegou que não se apercebeu sequer ao aceitar presentes que o amigo insistia em dar-lhe: um relógio *Rolex*, joias para a mulher, somas em dinheiro. Quando foi apanhado, a vida dele acabou. Perdeu o emprego, foi para a cadeia, a mulher pediu o divórcio, nunca mais voltou a trabalhar em finanças. A CNN passou uma entrevista dele à porta do tribunal praticamente a chorar: oferecendo-se para com a sua

história servir de alerta contra novos casos. E, claro, entretanto teve de devolver tudo... e mais algum.

Não senti nenhuma pena dele. Quem, pensei eu, poderia ser tão estúpido? A mim pareceu-me bastante óbvio. É evidente que se acaba sempre por ser apanhado.

E, afinal, o meu marido podia ser exatamente assim tão estúpido.

– O que raio se passa contigo, Julien? – perguntei. – És como um apostador, sempre pronto para mais uma mão.

– Desculpa, Manda, não sei o que... – E, então, de repente a sua expressão alterou-se, endureceu. Parou com a rotina declarada de tipo inocente, pôs fim ao *mea culpa* retraído e tenso.

– Bem, acho que para ti é fácil falar, Manda – disse ele. – Mas parece que esqueces o quanto aprecias esta vida. As férias... Tulum, as Maldivas, St. Anton, nada disso é de borla, sabes? Passas metade da vida sentada a ler brochuras de férias que custam mais do que algumas pessoas ganham num ano. Nem as caixas da *Net-a-Porter* que aparecem em todas as estações, nem as quinhentas libras que pagas por mês ao raio do teu nutricionista. Sim, ganho imenso. Mas praticamente não tenho poupanças. E agora não te calas com a história de termos filhos... sabes quanto custa hoje em dia um colégio particular? Porque, evidentemente, os filhos de Miranda Adams não podem frequentar algo tão reles como uma escola *pública*, como foi o meu caso. E a universidade, agora que as propinas subiram? E só com um de nós a trabalhar... – Olhou-me nos olhos. – O meu trabalho não é assim tão seguro quanto pensas, Miranda. A crise financeira não foi assim há tanto tempo. E então teríamos sido lixados.

Eu não conseguia acreditar.

– Não podes atirar as culpas para cima de mim, Julien. Foste tu que fizeste merda.

Talvez eu devesse ter percebido o que ia acontecer. Porque ele sempre foi assim. Não foi criado num lar abastado, como eu, com uma família sólida. A mãe dele era mãe solteira. Custou-lhe couro e cabelo pô-lo na universidade. Embora nem desse para perceber, pelo modo como ele lá se comportava. Ele tem imensa vergonha de ter vindo de uma família de baixos rendimentos, que nem sequer era pobre. Receia parecer mal – que é a ideia que ele tem dos pobres. É como se sempre tivesse sentido o défice. Talvez, se não fosse isto, fosse outra coisa qualquer. Seria um caso amoroso, por exemplo, o vício no jogo. Talvez até me deva sentir grata por não ser algo mais, algo pior: embora neste momento seja difícil imaginar o que poderia ser.

Doug

Está escuro, é tarde. É o momento preferido dele. Tem o lugar todo para si – finalmente. Ou, pelo menos, pensou que tinha, até se cruzar com aquele hóspede idiota, aquele que o importunou com o *wi-fi*, aquele com o rosto atraente que dá vontade de socar. Julien. Quando o raio da lanterna passou por ele, percorria o carreiro que dava do Abrigo para o chalé onde estava alojado com a mulher. Mas já decorrera cerca de uma hora desde que terminara todo aquele barulho terrível no Abrigo – e desde que foram apagadas as luzes.

O homem espantou-se, surpreendido, quando ele lhe apontou a lanterna. Parecia um animal, como um da manada, com o olhar preso nas luzes do *Land Rover*. A expressão dele revelou que se debatia com a dúvida se deveria explicar o que fazia tão tarde no exterior. Mas acabou por se decidir por um esgar e um aceno de cabeça, e seguiu o seu caminho sem se virar para trás. Não podia apresentar um ar mais culpado. Tinha os ombros curvados, o caminhar tenso e afetado de alguém que se envolveu em algo duvidoso. Doug seria capaz de apostar que o homem não contava cruzar-se com ninguém. E, fosse o que fosse que andava a fazer, fora apanhado.

Isso, pelo menos, compensou a interrupção na sua paz. Ao pensar agora nisso, sorri.

Ele levava os cães consigo. *Griffin* e *Volley*: *Griffin*, uma bela *retriever* de pelo liso com uma boca macia como veludo, e *Volley*, um pastor-australiano, com um olho azul aquoso e uma pelagem marmoreada como tinta que pingou em água. Parecem gostar efetivamente dele, parecem não pressentir como as pessoas as trevas que nele existem.

Esta noite, ambos cães estão ariscos, excitados. É a promessa da neve que paira no ar, tem ele a certeza – o odor cortante, metálico, estranho. A previsão meteorológica não o previra, mas num lugar como este aprende-se a confiar mais na visão e no olfato do que em qualquer suposta ciência.

Amanhã, vai ter de ir avisar os malditos hóspedes. Pode estar para chegar imensa neve. Se necessitarem de mercearia para os próximos dias, terão de o avisar até à noite. Se cair mesmo um nevão, vai ser impossível percorrer a estrada, mesmo para o *Land Rover* – até com pneus de neve postos. Ninguém conseguirá cá chegar, ou sair.

Apanha um pau caído no carreiro e atira-o. Desaparece fora do alcance do raio da lanterna para lá da sua visão. Mas os cães correm atrás do pau, tendo uma visão mais apurada. Correm praticamente à mesma velocidade, mas *Griffin* está a ficar velha e abranda primeiro. *Volley*, fiel ao seu nome, salta à frente e conquista o troféu, sacudindo energicamente a cauda, com um ar triunfante na forma orgulhosa como ergue a cabeça.

Em momentos como este, Doug sente menos dificuldade a respirar.

Agora, *Volley* larga o pau e começa a ganir.

– O que se passa, rapaz? Ei, o que é?

Griffin também sentiu o odor. Começam a segui-lo, com os focinhos baixados. Um coelho, talvez, ou uma raposa. Talvez até um veado, embora por norma estes não apareçam com regularidade deste lado do lago. Então, Doug ouve algo um pouco afastado: o ruído de um animal grande a passar pela vegetação rasteira ao lado do carreiro.

– Quem está aí? – chama ele.

Não há resposta, embora prossiga o inconfundível ruído de estalidos e de rasgar, a um ritmo mais intenso. Algo – ou alguém – foge deles.

Os cães lançam-se em frente, na pegada do som. Ele chama-os de volta. Dão a volta e trotam de novo para junto dele: relutantes, mas obedientes. Se for outro dos hóspedes, os cães poderiam aterrorizá-lo.

Doug aponta a lanterna sobre o terreno em seu redor e uns passos à frente ilumina uma pegada de homem. Apenas uma; aparentemente será a única parte do carreiro suficientemente mole para deixar marca. Uma pegada grande. Assenta a sua logo ao lado: é praticamente do mesmo tamanho. Pode ser, claro, de um dos hóspedes, embora o surpreendesse se se tivessem afastado tanto do Abrigo nas suas explorações noturnas. Ouvira-os lá em baixo junto ao lago antes da ceia, mas duvida que se tenham aventurado mais na escuridão. E esta bota deixou uma marca bem vincada. Os hóspedes de Londres apareceram todos com a ideia dos cidadãos quanto ao vestuário para exteriores agrestes – botas *Dugarry* e *Timberlands*.

Então, talvez os islandeses, com as suas botas apropriadas. Mas permanece a questão: porque é que haveria de fugir um dos hóspedes, quando chamou?

É frequente sair a esta hora para verificar se há algo fora do lugar. No entanto, algumas das suas incursões noturnas não são assim tão intencionais.

Certa vez, despertou e deu por si estendido na urze húmida um pouco afastado da outra ponta do lago, junto ao acampamento de escoteiros deserto. A noite ia a meio, mas felizmente havia luar suficiente para conseguir ver onde se encontrava. Não se recordava de como ali chegara, mas doíam-lhe as pernas como se tivesse estado a correr. Sentia as mãos a picar. Mais tarde, já com a luz do chalé, viria a descobrir que estavam laceradas por golpes e arranhões, em alguns pontos com bastante profundidade.

Não conseguia lembrar-se de nada do que acontecera até àquele momento. Certa vez, ainda em rapaz, sofreu um apagão geral. Foi como se lhe tivesse descido uma cortina negra sobre a consciência, uma luz apagada, o tempo perdido parecendo uma piscadela de olho. Isto também era assim. Grandes quantidades de tempos sorvidas, deixando um vazio no seu lugar. Poderia ter estado em qualquer lugar. Poderia ter feito o que fosse.

Também lhe acontecera na cidade. Isso foi pior: na altura, apareceu do outro lado da cidade, deu por si a deambular em ruas desconhecidas, ou deitado num parque infantil ou a cambalear num desvio ferroviário.

Há uma palavra para isto, uma palavra que parece uma peça de música: fuga. Uma bela palavra para algo tão assustador. Eram provocadas pelo trauma, disse-lhe a psiquiatra. Era um sintoma, não uma doença em si. A primeira coisa que ele tinha a fazer era começar a falar sobre o que lhe acontecera. Compreendia isso, certo? Porque este problema, apesar de até agora ainda não ter causado grande mal além de umas noites confusas... bem, poderia ser perigoso. Para ele próprio. Para quem o rodeia. Afinal, não se podia esquecer o incidente em causa: a própria razão que o levava a ter estas sessões.

– Sim – dissera ele, olhando a psiquiatra nos olhos. – Mas isso não acontece em estado de *fuga*. Na altura, eu sabia exatamente o que fazia.

A psiquiatra tossira, mostrando-se desconfortável.

– Mesmo assim, acho que já definimos que tanto o incidente como estes episódios, diretamente ou nem tanto, têm origem no mesmo trauma.

Houvera uma quantidade obrigatória de sessões, embora a psiquiatra tenha escrito no seu relatório que acreditava que necessitavam de mais. Ele confirmou: era apenas aconselhável e não obrigatório. Podia ignorar o conselho dela. Não conseguia acreditar que escapara tão facilmente e desconfiava que ela pensava o mesmo. Mas ficou assombrado com a possibilidade de magoar alguém: sem intenção, tal como acontecera na outra situação, mas sem sequer saber o que fazia. Por isso, em vez de ir ao fundo da questão – pois não achava que algum dia seria capaz de falar desse dia, nem que fosse para salvar a sua própria vida –, mudou-se para um local onde há poucas pessoas a quem possa magoar.

Espera por um bocado no limite das árvores, com os ouvidos atentos a mais movimentos. Mas não se passa nada e os cães também parecem ter perdido o interesse. Vira-se e percorre vagarosamente o carreiro na direção de onde veio.

Quando regressa ao chalé, estende-se na cama, completamente vestido. Permite-se, por fim, a ter a esperança de dormir.

O quarto é espartano. Aqui não há fotografias penduradas nas paredes, nem bugigangas nas estantes, que sustentam apenas um par de livros esguios: um volume de contos e uma coletânea de poemas. Hoje em dia, já não lê, mas trata-se de pistas, amarras à pessoa que em tempos foi. Não há nada aqui que revele o homem que habita o quarto, a não ser que o nada em si seja a pista para algo. Contém o anonimato de uma cela de uma prisão. Isto, se alguém o conhecesse, embora ninguém o conheça bem, não se trata de uma coincidência.

Vira-se de lado e fecha os olhos. Não passa de uma imitação de sono. Se tiver sorte, talvez tenha uma hora – ou até duas – de repouso. Aprendeu a existir assim, a beber café suficiente para combater as tonturas, a tomar analgésicos suficientes para disfarçar, o melhor possível, as enxaquecas. Tempos houve em que dormia o sono profundo e despreocupado de um animal. Agora, já nem sequer consegue imaginá-lo. Essa vida pertencia a um homem diferente. Agora, sempre que fecha os olhos vê os rostos deles. Com olhares de súplica, questionam-no: *Porquê nós? O que fizemos para merecer isto?* As mãos deles tentam apanhá-lo, agarram-lhe o cabelo, as roupas. Sente-as nele – tem de se livrar delas. Mesmo quando abre os olhos sente os vestígios fantasma das pontas dos dedos deles na pele: memórias antigas.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

Depois de ter ligado à polícia, marco o número do chefe em Londres. Naturalmente, não é ele que atende: é uma secretária de voz sedosa.

– Em que posso ajudar?

Conto-lhe tudo. Segue-se um silêncio de choque:

– Vou passar-lhe a chamada – diz ela, numa voz muito mais normal, como se tivesse decidido de repente que o ronronar rouco não se adequava à situação.

Ele atende de pronto.

– Olá, Heather – diz ele, com uma familiaridade que pareceria indicar que conversamos diariamente ao telefone. Do único encontro que tive com ele, lembro-me de ser bastante atraente (embora seja difícil dizer se se deveria ao facto de estar bem arranjado e a todo aquele charme), com o sorriso de um político.

– Isto é muito mau – digo. – Encontrámos um cadáver.

– Oh – diz ele. – Oh, céus. – Mas não parece particularmente chocado. Em vez disso, tenho a certeza de que o ouço a pensar – tal como o político a que se assemelha – na maneira de gerir o assunto, na maneira de proteger a propriedade.

– E temo que não pareça ter sido accidental.

– Hmm – diz ele. – Já ligou à polícia, certo?

– Sim – respondo –, antes mesmo de lhe telefonar.

– Eu até ia aí – diz ele –, mas não sei se isso iria ajudar.

– De qualquer modo, é provável que não conseguisse cá chegar. – Explico a situação do tempo, o facto de estarmos praticamente bloqueados pela neve.

– Disse-me que foi o Doug a encontrar o corpo?

– Sim.

– Onde? – questiona, num tom de voz agora mais cortante. Talvez equacione se de alguma forma poderá ser processado por causa disto.

– Na cascata junto ao velho moinho de água.

– OK. E viu alguma coisa? Ou o Doug?

– Não... nada em particular.

– O Iain também já sabe?

– Ah... não, ainda não. Ele terá ido embora na Véspera de Ano Novo, mal terminou o trabalho do dia.

– Bem, ainda assim tem de ser informado, é claro. É importante que também o ponha ao corrente.

– Sim – respondo. – Claro. Vou tentar apanhá-lo já a seguir.

– Faça-o. E mantenha-me a par de quaisquer desenvolvimentos, por favor.

– Com certeza. – Tentei dizer algo assertivo, mas saiu pouco mais do que um sussurro. Ele soa tão pragmático, tão distante. Talvez seja possível sê-lo, lá longe em Londres... intocado pelo ambiente de morte que se infiltrou em todos os poros deste lugar.

A seguir, tento contactar o Iain. Só tenho o número do telemóvel, não o de casa. Vai diretamente para o *voicemail*. O problema de estar contactável apenas por telemóvel neste pedaço do mundo é o facto de na maioria das vezes não haver rede suficiente. Vou deixar-lhe uma mensagem de voz. Estou certa de que ficará sensibilizado com a preocupação do chefe, mas sinceramente neste momento é a menor das minhas preocupações.

Estou prestes a deixar uma mensagem rápida quando alguém bate à porta.

É o Doug.

– Estão aqui – anuncia. – Os hóspedes. – Enquanto estive ao telefone, ele foi chamar os outros hóspedes às cabanas, encaminhando-os para o Abrigo.

O Doug está com péssimo ar – eu já reparara antes, mas não vira com olhos de ver, por me sentir tão preocupada com o desastre em mãos. As órbitas dele são de um roxo-escuro, como se não pregasse olho há uma semana. É como se a morte o tivesse afetado pessoalmente. Reparo que tem a mão enfaixada, com uma gaze espessa a cobrir a maior parte da pele. Eu não vira quando estávamos lá fora, claro, por ele usar luvas.

– O que é que te aconteceu à mão? – pergunto.

– Oh – diz ele. Levanta-a e fita-a como se fosse novidade para ele. – Acho que me magoei.

– Quando? Está com mau ar.

– Não sei – responde. Coça a nuca com a outra mão. – Há uns dias, acho eu.

Mas isso não é verdade – não pode ser. Não usava ligadura no Jantar das Terras Altas... tenho a certeza; eu teria reparado. E o ferimento por baixo deve ser feio, para ter de usar uma ligadura: já vi o Doug com cortes e pisaduras

terríveis e nem se deu ao trabalho de aplicar um curativo.

– Achas que lhes diga que vais falar com eles? – questiona. Reparo que escondeu a mão enfaixada no bolso do casaco.

Não sei bem como, cabe-me a mim informar os hóspedes: parecemos ter concordado nisso sem sequer o discutirmos. Tento conter o meu pavor crescente, assinto com a cabeça e sigo-o até ao escritório.

Os hóspedes estão reunidos logo ao fundo do corredor na sala de estar, à espera de novidades. Apenas os hóspedes de Londres: o casal islandês está de regresso ao barracão. Eu e o Doug decidimos contar primeiro ao grupo de amigos: afinal, a morte será uma revelação muito mais devastadora para eles.

Quando me dirijo à sala de estar, olham todos para mim. Já antes estive deste lado, no meu antigo emprego. Todas aquelas famílias ansiosas à espera de notícias, eu a ter de lhes contar a última coisa que desejavam ouvir. *Não correu bem. Ocorreu uma complicação imprevista. Fizemos tudo o que era possível.*

Cravo as unhas na pele das minhas palmas. Também já estive do outro lado. Conheço bem a sensação. Os rostos dele aglomeram-se diante de mim, afetados, expectantes, absolutamente atentos ao que estou na iminência de dizer. Sinto uma náusea no fundo do estômago. O que estou prestes a contar-lhes vai mudar a vida deles, para sempre.

– Encontrámo-la – digo. Começam quase de imediato as perguntas; ergo uma mão a pedir silêncio. O importante agora é transmitir-lhes o mais depressa possível a terrível notícia, extinguir qualquer esperança que possa perdurar. A esperança é algo muito importante, quando ainda há uma hipótese de tudo correr bem. Mas em casos em que praticamente não há esperanças pode causar muito mais mal do que bem. Embora não me pareça que algum deles ainda alimente realmente alguma esperança. Eles já sabem. Mas a confirmação de tal conhecimento é algo bem diferente.

– Lamento, mas as notícias são muito más – digo. De repente, daria para cortar o ambiente pesado com uma faca. A horrível força de estar nesta situação atinge-me em pleno. Sou eu quem tem todas as cartas na mão, pronta a expô-las diante dos hóspedes – farão com elas o que desejarem. – É com muita pena que vos digo que ela está morta.

De início, há o choque: estão unidos nisso. Fitam-me como se esperassem que eu aplicasse o golpe final. E, então, cada um deles começa a processar à sua maneira a informação e a dor: histerismo, incompreensão muda, raiva.

Sei que nenhuma destas reações é mais ou menos válida do que as outras. Vi tudo isto na enfermaria, sempre que tinha de informar o parente mais próximo. E como qualquer paramédico poderia dizer-vos, é com frequência com os mais calmos que devemos preocupar-nos depois de um desastre: não

com os que gemem e gritam com a dor. Mas os que gemem e gritam não deixam de estar a sofrer. A dor pode manifestar-se de maneiras diferentes conforme as pessoas. É algo que sei muito bem.

Mas nem por isso deixa de me ocorrer o pensamento: será possível que uma destas exhibições de dor não passe disso mesmo? De uma exibição? De uma representação? Conforme me fazem perguntas sobre o corpo, sobre como o encontrei, que aspeto tinha quando o encontrei, penso: *será que algum deles já está a par disto? Será que alguém sabe mais do que deixa entender?*

De novo abrigada no escritório, o meu telefone toca. Pego-lhe, a contar que seja de novo o chefe, ou a polícia – talvez com uma atualização sobre quando contam conseguir cá chegar. Não é a polícia.

– Mãe, agora não posso falar.

– Aconteceu alguma coisa de mal. Dá para perceber.

Como é que ela percebe através de cinco palavras? Cerro os maxilares. Depois, relaxo.

– Agora não posso falar. Estou bem, é tudo o que precisas saber neste momento. Mais tarde conto-te. OK?

– Ontem não telefonaste, ao contrário do combinado. Por isso, sei que aconteceu alguma coisa. – A voz dela é rouca, desgastada, com contornos de preocupação. – Oh, Heather, eu sabia que não deveria ter permitido que fosses morar para esse lugar.

Ela nunca o compreendeu. Porque é que, tendo eu de repente dado por mim sozinha no mundo pela primeira em quinze anos, haveria de agravar essa solidão mudando-me para tal lugar. Mas o que ela não podia compreender – porque não era efetivamente algo que eu pudesse explicar, apenas algo que sentia – era que me sentia muito mais só rodeada por gente. Todos os nossos amigos, por muito que tentassem ajudar, e compadecer-se, faziam com que me lembrasse dele. E a cidade onde vivemos juntos. Em cada esquina havia um café onde tomámos um *brunch* ou uma livraria onde procurámos livros, ou até uma filial da Sainsbury's onde fomos buscar um caril já pronto e uma garrafa de vinho. O pior de tudo era o nosso apartamento, claro. Mal me aguentava lá dentro antes de ser vendido. Ali estavam todas as memórias de uma vida a dois, de crescermos juntos: o lugar onde vivemos praticamente desde que acabámos a universidade. Toda a minha vida de adulta.

E estar rodeado de pessoas – pessoas com as suas vidas, ocupadas e confusas, a assentarem, a terem filhos, a casarem – servia apenas para

ênfatisar o quanto a minha estagnara, indefinidamente. Talvez para sempre.

Por isso, sim, às vezes sinto-me só aqui. Mas, pelo menos, esta paisagem sempre pareceu adequar-se à solidão e não sou confrontada, diariamente, com tudo o que perdi, com todos os ecos da minha antiga vida, completa, feliz e plena de amor. E, sim, por vezes, tal como me acontecia na cidade, sentia-me quase incapaz de sair da cama, sem força para me vestir, tomar o pequeno-almoço e fazer a curta caminhada a pé até ao Abrigo. Mas é muito mais fácil enfrentar o dia quando se sabe que não se tem de encarar outras pessoas e a sua felicidade.

Aqui, tenho sido capaz de gritar a minha infelicidade e a minha raiva – sim, há imenso disso – às montanhas e ao lago, e sentir a imensa paisagem absorver parte da minha dor. Aqui, a solidão é o estado natural das coisas.

Quando aconteceu, parte de mim pensou se eu já estaria simplesmente à espera, se sempre soubera que aí vinha. Sempre senti, desde que eu e o Jamie nos juntámos, que era demasiado bom, que tínhamos demasiada sorte. Que tal felicidade não poderia durar: estávamos a usar mais do que a nossa quota da mesma e a dado momento alguém iria reparar. O destino decidiu provar que eu tinha razão. A expressão que o chefe do Jamie, o Keith, ostentava quando veio dizer-me. Percebi antes de ele abrir a boca. Inalação de fumo. Ninguém percebeu, no meio do caos, que o Jamie não reaparecera. Ficara encurralado na casa em chamas. Os outros bombeiros fizeram tudo o que podiam. Ficaram ali agachados com os paramédicos.

O Keith esteve uns quarenta e cinco minutos a fazer reanimação cardiorrespiratória ao Jamie antes de eles conseguirem lá chegar. Quando ele começou a chorar, tive de desviar o olhar, por ser uma visão tão horrível e inesperada. Ver um homem como o Keith a chorar. E porque isso, mais do que tudo, tornou tudo real.

O Jamie era bombeiro. Poderia ter sido muitas coisas, com aquele cérebro dele: cientista, advogado, professor. Mas quis fazer algo que achasse que era efetivamente importante, contou-me – tal como eu. Aquilo que o tornou um dos melhores foi ir sempre mais além. Tal como o Keith contou no funeral, quando os outros desistiam de uma causa perdida, o Jamie esforçava-se sempre um pouco mais, arriscava aquele pedacinho mais. Por vezes, parecia quase invencível. Só que não era. Era apenas um homem. Um homem de coração grande, corajoso, disposto a sacrificar-se – mas sem dúvida um mortal.

O que ninguém nos diz é que quando morre alguém que amamos podemos zangar-nos com ele. E isso aconteceu, senti-me muito zangada com o Jamie. Antes, a vida tinha significado. Tudo em nós estava destinado a ser assim. A forma como nos conhecemos – ele a decidir em cima da hora ir a uma festa caseira dada pelo amigo de um amigo. O belo apartamento com

bastante luz que encontrámos no centro histórico de Edimburgo, que o dono decidiu alugar por uma bagatela a alguém que lhe tomasse conta do cão quando ele fosse de viagem. Até a simples forma como encaixávamos, ele e eu – duas peças de um *puzzle* muito simples que, quando combinadas, formavam um retrato completo.

Quando ele morreu, nada mais fez sentido. Um mundo onde ele me pudesse ser tirado só podia ser um lugar cruel e caótico. E pensei – breve, mas firmemente – em pôr um fim a tudo. Acabou por não ser um desejo de sobrevivência que me impediu de o fazer; foi o conhecimento das repercussões que teria na minha família.

Vir para aqui foi a melhor solução possível, percebem. Tratou-se de uma forma de escapar da vida tal como a conhecia, de tudo o que me unia ao passado. Por vezes, acho que é um pouco como morrer – uma opção ligeiramente mais aceitável do que comprimidos e o salto da Ponte Forth que equacionei nas semanas após a morte do Jamie. Por isso, de uma forma singular, esta paisagem tem sido o meu refúgio. Mas agora, com este novo horror e a queda de neve a encurralar-nos e a impedir a chegada de ajuda, tornou-se, em apenas vinte e quatro horas, numa prisão.

Dois dias antes Véspera de Ano Novo de 2018

Emma

Na noite passada, o Mark e eu tivemos uma bela sessão de sexo. Ele atirou-me para a cama. As feições dele revelavam uma certa intensidade, um ar sombrio. Quando está excitado, fica com um ar muito parecido ao que tem quando se sente bastante zangado.

Não sei o que lhe deu. Pode ter sido tudo aquilo que ingerimos (o que, olhando em retrospectiva, eu não devia ter tomado, porque digo coisas estúpidas – coisas que não quero dizer em voz alta). Mas a intensidade dele pode ter também que ver com a coisa que acabou de me contar – aquilo que descobriu – aquele prazer estranho, quase erótico, que sentimos quando alguém faz asneira.

Sei que as pessoas se interrogam em relação a mim e ao Mark. «Como é que se conheceram?», questionam. Ou, «O que te atraiu nele?» e «Quando é que percebeste que ele era o “tal”?» Por vezes, respondo-lhes que foram os passos de dança dele ao som de Chesney Hawkes no centro da pista de dança da Inferno's que me cativaram, e isso por norma arranca uma gargalhada. Mas trata-se apenas de uma medida temporária para empatar as perguntas que sem dúvida se seguirão, as interrogações mais profundas e prementes.

Procuram o romance, a química, a chama vital que nos uniu, que nos mantém unidos. Por norma, acho que acabam desiludidos com a busca. Porque a verdade é que não há grande romance entre nós. Não houve uma grande paixão. Nunca houve isso – nem sequer no início. Não tenho problemas em admiti-lo. Não era o que eu procurava.

Há pessoas que procuram o amor, AMOR em maiúsculas, não se detendo enquanto não o encontram. Há os que desistem por não o encontrarem. Sem meios termos, ou tudo ou nada. E, então, talvez na maioria dos casos, há os que assentam. E acho que somos os mais sensatos. Porque o amor nem sempre

implica longevidade.

Sinto-me feliz com o que temos. O *Mark também*, penso eu. As pessoas parecem comentar imenso o facto de não sermos parecidos. «Os opostos atraem-se», dizem com um ar sabedor. «Não é?» O importante para um casal é ter certos interesses ou passatempos em comum, é assim que vejo as coisas. Umas quantas áreas – ou até uma única área – em que se partilha o mesmo grau de interesse. O que é o nosso caso. Há uma coisa em particular. E não, não se trata disso, apesar de termos bom, ou até fantástico, sexo.

Portanto, não, não temos a química imensa de um casal como a Miranda e o Julien... embora algo, agora que penso nisso, pareça estranho entre eles – serei a única a reparar? E sim, sei que o Mark tem uma paixoneta enorme pela Miranda, caso estejam a pensar nisso. Não sou idiota. Na verdade, vejo bem mais do que aquilo pelo que a maioria das pessoas me dá crédito. Não me importo. A sério que não. Quase consigo *ouvir* a incredulidade. Mas juro que é verdade.

Por isso, não, quando vi o Mark naquela discoteca abafada com porta para a Clapham High Street, não pensei propriamente: eis o homem dos meus sonhos, deve ser daqui que se faz a grande literatura e o grande cinema; o verdadeiro amor, amor à primeira vista. Não foi nada disso.

O que vi foi, de imediato, mais e menos do que isso. Vi uma vida. Uma nova forma de ser. Vi aquilo que sempre desejei.

Eu e o Mark tivemos infâncias complicadas. Eu mudei de escola a cada par de anos e nunca consegui fazer verdadeiros amigos. Mas isto não é nada em comparação com a experiência do Mark. O pai dele batia-lhe. Não um par de bofetadas inócuas por se portar mal, mas sim espancamentos bárbaros à moda antiga. Contou-me ele que uma vez a mãe teve de lhe pôr corretor para ir para a escola, para disfarçar a pisadura em volta do olho. Ela não travou o pai dele. Não podia. Também ela própria era por vezes, mas não tão frequentemente, vítima dos acessos de fúria do pai. Quando ele era mais novo, o Mark era pequeno para a idade e levava coças nos jogos de rãguebi, sendo por isso desprezado pelo pai. Depois, começou a crescer. Bebia batidos de proteínas e ia ao ginásio. Os espancamentos finalmente pararam; como se de repente o pai tivesse constatado que o filho seria capaz de dar luta: e vencer.

O Mark herdou em parte o feitio do pai. Gosta de se impor. Nunca foi violento comigo... embora tenha havido uma ou outra ocasião no meio de uma discussão particularmente explosiva em que o senti no limite. Uma porta a bater com tal força a ponto de rachar a madeira, um quadro sobre o qual não concordamos esmagado contra a parede. Mas não é o idiota insensível que as pessoas possam achar. Na noite passada pode ter brincado com o incidente nas corridas, mas recordo os remorsos que sentiu depois, o horror face ao que fizera... como quase chorou quando soube que o rapaz foi levado para o

hospital. Tive de o impedir de lá ir entregar-se.

O Mark não quer de maneira nenhuma transformar-se em alguém como o pai. Mas sei também que por vezes teme estar a tornar-se igual a ele.

Miranda

Acordo cedo. O Julien está enroscado de costas para mim por baixo do lençol. Ocorrem-me de imediato recordações da noite passada, todas entrelaçadas e pouco claras. O modo como se impôs diante de mim, a ameaça do aperto ao meu antebraço.

Levanto-me e visto-me. Vou dar uma corrida, tentar expulsar dos meus pulmões a estranheza da última noite. Agora, aprecio correr. Aprendi a gostar – nem sempre foi o caso. Não gostava quando tinha catorze anos, quando de repente subi um par de tamanhos e a minha querida mãe me ofereceu a inscrição num ginásio no meu aniversário.

Passo a correr pelas outras cabanas e pelo Abrigo, o mais depressa possível. Para já, não me apetece nada ver um dos outros. Ainda não tratei de compor a cara – não me refiro a maquilhagem. Refiro-me à Miranda dura, divertida e pronta para tudo. Ao alcançar o abrigo escuro do arvoredado que delimita o lago, e vendo que ninguém pergunta «Onde vais?», suspiro de alívio.

O Mark: como é que ele se atreve? Sinto-me tentanda a contar à Emma, hoje.

Mas entendo como ela se esforçou para organizar tudo isto, o orgulho que sente por ter encontrado um sítio tão espantoso – não sou assim tão insensível como as pessoas pensam a essas coisas. Por isso, talvez deva esperar até mais tarde, abordar o assunto enquanto tomo um copo com ela em Londres. Se ele foi assim comigo, como é que se comporta com ela? Ela parece tão capaz, com a sua vida tão controlada, mas, como eu muito bem sei, a cara que apresentamos ao mundo pode ser enganosa.

Hoje, sente-se o ar bastante mais frio. Algumas das poças da chuva parecem ter congelado durante a noite. Há neste frio um quê, uma crueza, que não é familiar. Um dia frio em Londres é sempre compensado pelo sopro quente das lojas sobreaquecidas, pela viscosidade do metro, pela pressão dos

outros corpos. Mas, aqui, o frio dispõe de uma oportunidade para nos apanhar como deve ser. É como se eu tentasse deixá-lo para trás.

Trouxe comigo o meu telemóvel para poder ouvir música – acho que ajuda sempre a relaxar, abafa todos os outros ruídos da minha cabeça. Muito melhor do que o «silêncio *mindful*» que a minha terapeuta tanto adora. Tal como prometido, o pequeno indicador de rede está vazio. É curioso como agora vivemos num mundo onde a falta de conectividade pode ser anunciada como uma característica em si.

Uns metros à frente, o caminho abre-se na direção de outro molhe. É um lugar absolutamente belo e melancólico. Corro até lá. Há canoas aqui empilhadas, presumivelmente para usar no verão – uma está apoiada sobre o seu fundo e encheu-se de uma boa dose de água invernal, agora solidamente congelada. Paro diante dela e ao olhar para dentro é como se o meu reflexo estivesse preso sob a superfície do gelo – como se eu estivesse ali presa. Tremo, apesar de estar bem protegida contra o frio. Regresso ao carreiro.

Devo ter corrido perto de duzentos metros pelo caminho sulcado ao longo do qual passámos de carro na noite passada, a floresta de um lado e o lago do outro, quando dou com uma ponte que cruza as margens de uma cascata que alimenta o lago. A própria cascata tem sobranceira uma construção pequena em ruínas. Penso no que raio será. Debruço-me na beira da ponte – há apenas três correntes entre mim e o vazio – e olho para baixo para a cascata, agora essencialmente congelada em pingentes, e para as rochas negras cobertas de musgo.

Para lá deste ponto, nada se salienta ao longo do carreiro. Mas a dado momento chego a um pequeno lote de terreno queimado, um círculo, como se alguém aqui tivesse ateadado um fogo. Perto encontra-se um par de latas de cerveja carbonizadas e enferrujadas. Recordo o que nos contou a Heather sobre caçadores furtivos.

Saio do carreiro para a margem que desce para a água, desviando-me dos ramos das árvores ao avançar, até chegar perto do lago, tropeçando e escorregando em antigas raízes cobertas de musgo, com galhos a agarrarem-se ao meu cabelo, rosto e casaco. A dado momento, quase me desequilibro por completo e começo a derrapar na direção de uma pequena enseada à minha direita, acabando por me reequilibrar no último momento. Assim que o faço, avisto algo a brilhar sob a superfície. É de um branco incrível, muito mais brilhante do que as pedras acastanhadas em redor. Espreito mais de perto e percebo do que se trata. Um osso. Bastante grande, parcialmente escondido por folhas apodrecidas. Ao olhar em meu redor deteto um outro – e mais outro, espalhados pela margem relvada. Alguns são ainda maiores do que o

que se encontra na água, tão compridos como o meu fémur. São ossos de animal, isso eu sei. Digo isso a mim própria, enquanto procuro o crânio que o confirmará. Um animal morto por outro animal, ou que morreu de velhice. Mas alguns ossos, pelo que vejo, estão queimados. E não há crânio à vista. Uma vez mais, recordo o aviso sobre caçadores furtivos a invadirem os terrenos; talvez tenham levado as cabeças para pendurar numa parede. Arrepio-me. Matar algo deste tamanho deve ter envolvido uma certa violência, e determinação.

Tenho de me distanciar deste lugar. A descoberta sombria deixa o meu estômago vazio às voltas. Assim, empenho-me em subir o declive ligeiro até só conseguir concentrar-me no ardor dos meus pulmões e pernas. Recordo a mim mesma como este lugar é belo. Os ossos arrepiaram-me, assentaram um manto sombrio sobre as coisas. Mas não há aqui nada de sinistro. É simplesmente diferente, faço por recordar. Remoto, selvagem.

Agora, encontro-me praticamente na ponta oposta do lago em relação ao Abrigo: na outra margem vê-se um brilho estranho e magnífico. Há uma abertura nas árvores que aqui delimitam o lago, deixando uma faixa de aspeto despido com imensas rochas e urze com ar seco. Também ali há uma construção, baixa e em madeira como as cabanas. Deve ser o barracão onde estão alojados os islandeses. Todas as janelas estão às escuras, sem sinais de vida no interior. Talvez estejam ainda a dormir.

Sigo o meu caminho, estugando o passo para a segunda metade da volta, tal como sempre faço quando corro. Ao mergulhar de novo entre as árvores, escuto um som, alto e agudo, tipo um animal em sofrimento. Penso inevitavelmente nos ossos na outra margem. É difícil perceber com exatidão a origem do som, mas espreito mais ou menos para a direção do mato denso. E agora vejo-os – nem acredito que não vi logo ao início. Credo. Tanta pele exposta. A mulher agachada sobre mãos e joelhos, o homem a montá-la por trás, fletindo as ancas com força, a mão emaranhada no cabelo preto dela. Ela tem a cabeça para trás, possivelmente puxada pela força do aperto dele. Ambos fazem imenso barulho e os ruídos são animais, desinibidos. Há algo de horivelmente atrativo na visão. Fico com os pés pregados ao chão, incapaz de desviar o olhar.

E, então, o homem roda a cabeça e olha diretamente para mim. Com dois dedos faz uma espécie de gesto de aceno com a mão.

– Anda – chama ele –, junta-te a nós.

A seguir, desatou a rir à gargalhada. Está a gozar comigo. A mulher ergue o olhar, para ver com quem ele fala. Também ela me sorri: a expressão meio entontecida de alguém mergulhado na luxúria. A pele exposta deles é bastante branca sob a luz crua. Os joelhos dela estão quase pretos com terra.

E apesar de sempre me ter achado uma pessoa *muito* aberta, sexualmente

liberal, assim que os meus membros decidem voltar a funcionar dou por mim a recuar atabalhoadamente e depois a virar costas e a fugir o mais depressa que as minhas pernas me transportam, sentindo ramos a picar-me os tornozelos e a vergastar-me o rosto. É como se ainda ouvisse o riso dele a ecoar, apesar de, preocupantemente, não ter a certeza absoluta de que não é na minha mente.

De regresso ao Abrigo, trato de tirar um café na máquina *Nespresso*. Os meus dedos não parecem operar em condições. Tremem. Tenho a certeza de que se deve unicamente ao frio, mas seria mentir dizer que a cena no bosque não me perturbara. Foi a sua natureza animal, a sua *violência*, no meio de toda aquela loucura. Ouço a porta a abrir-se atrás de mim. Não me volto. Já tenho a certeza – pela ausência de saudação – de que é o Mark. Oh, por amor de Deus. Sem dúvida que neste momento passava bem sem ele.

Consigo finalmente encaixar a pequena cápsula dourada na ranhura e baixo a manete ruidosamente. Primo o botão e espero que algo aconteça. Ouço a cápsula a cair na cavidade atrás.

– Foda-se! – Parece que me tornei completamente descoordenada.

De repente, o Mark está junto a mim.

– Olha – diz ele –, tens de ligar antes de lá pôr a cápsula. – Mostra-me como se faz e um jorro perfeito de um castanho aveludado escorre para a chávena.

– Obrigada – digo, sem olhar para ele.

– Miranda – diz ele. – Manda... quero pedir desculpa pelo que se passou ontem à noite. Não sei o que me deu. Bebi demais e aquelas pastilhas... o que era aquilo, afinal?

– Isso não é desculpa – digo.

– Não – diz ele de pronto. – Não é desculpa. Sei disso. O meu comportamento foi imperdoável. Magoei-te?

Subo a manga para lhe mostrar a pisadura, que assumira um roxo impressionante.

Ele deixa descair a cabeça.

– Desculpa. Nem acredito que fiz isso. Às vezes... não sei, deixo-me levar pela minha raiva. É como se perdesse o controlo... uma vez mais, é imperdoável. E nem sequer era contigo que estava zangada... claro que não. Era com o Julien. É uma coisa que não vou, não posso, retirar. Ele não te merece, Miranda. Nunca mereceu. Mas em especial recentemente...

– Não – levanto a palma da mão –, o que quer que penses que sabes sobre o «segredinho» dele, ou lá como lhe chamas, quero que guardes para ti. Pelo meu bem, se não o queres fazer pelo dele. Entendes?

– Acho que sim, mas... – Parece estupefacto. – Eu só... estou a pensar em

ti, Miranda. Acho que tens o direito de saber o que ele tem andado a tramar. Tens a certeza?

– Sim – respondo, assentindo com a cabeça para enfatizar. – A certeza absoluta.

Beberico o meu café. Está demasiado quente e escalda-me a língua, mas não me retraio diante dele.

– Oh, e Mark?

– Sim?

– Voltas a tocar-me daquela maneira, seja no tapete do *Twister* ou na casa de banho, e eu mato-te, foda-se. Entendido?

Katie

Não dormi bem na noite passada. Acho que já não durmo bem há meses. Até parecem anos.

Quando entro para o pequeno-almoço, a Emma está de pé na cozinha do Abrigo, a tratar de preparativos para o jantar desta noite. Tem o cabelo afastado da cara, sem maquilhagem. Para ser sincera, já não me lembro de a ver sem maquilhagem. Por vezes, é estranho ver alguém pela primeira vez com a cara despida. Em especial alguém louro, como a Emma, que por norma está equipada com máscara, *eyeliner*; quase parece não ter feições.

Ela planeou um grande banquete para esta noite, conta-me. O frigorífico está cheio de salmão fumado e os melhores bifes do lombo, e ela está a bater massa para panquecas *blinis*. Ela faz as suas próprias *blinis*, por amor de Deus.

– As que se compram nas lojas sabem a borracha – diz ela. – E são tão fáceis de fazer. – Está nas suas sete quintas, cantarolando para si mesma. Põe-me a cortar minúsculos triângulos de salmão com muito mais cuidado do que eu habitualmente teria. Na verdade, é agradável ter algo em que me focar. Embora, apesar de todo o meu esforço, os meus pensamentos continuem a vagar. Prossigo até a Emma gritar:

– Katie, meu Deus! Estás a sangrar! Não reparaste? – E num tom ligeiramente irritado: – Oh, deixaste o salmão cheio de sangue.

– A sério? – Olho para baixo para a minha mão. – Oh. – Tem razão, cortei bem fundo no meu indicador. Um corte vermelho brilhante. O peixe está manchado, de repente com um ar ensanguentado.

A Emma olha fixamente para mim.

– Como é que não deste por isso? – Pega-me na mão, com alguma brusquidão. – Oh, pobrezinha. Isso deve doer. É bastante profundo.

Tenta mostrar compaixão, mas não consegue disfarçar um tom de irritação.

De repente, a dor chega. Penetrante, formando lágrimas nos meus olhos. Mas dou por mim quase a apreciar a picada. Parece correto, como sendo o que eu mereço.

Mais tarde, tomamos um *brunch* na sala de jantar do Abrigo, todos nós em redor da grande mesa ao centro, com a exceção da Samira e do Giles, que ainda não chegaram. Mas já acordaram – ao passar pela cabana deles ouvi vozes alteradas e o guincho de fúria infantil.

Esta manhã, o ambiente está morno – as conversas em volta da mesa são formais, toda a gente se serve apaticamente dos seus fritos. Há ressacas da noite passada, obviamente, mas talvez haja também algo mais. Algo ligeiramente tenso... como se toda a gente de algum modo tivesse esgotado no encontro da véspera a sua quota de bondade. Apenas a Emma dá sinais de animação e agitação, verificando se toda a gente tem bacon ou café que chegue.

– Por amor de Deus – diz o Julien –, vê se te sentas, Emma! Nós estamos bem. – Tenho a certeza de que ele pretendia usar um tom leve e brincalhão, mas sem grande sucesso.

A Emma senta-se, com o seu pescoço a ruborizar de lado.

– Katie – a Miranda puxa da cadeira ao lado dela –, senta-te aqui ao pé de mim.

Sento-me e deito a mão a uma torrada fria para lhe passar manteiga. A Miranda esta manhã pôs imenso perfume e enquanto mastigo é como se a torrada tivesse absorvido aquele sabor pesado e fragrante. Sinto o estômago às voltas. Bebo um gole de café, mas também este tem o mesmo sabor.

Quando por fim ergo o olhar, percebo que a Miranda rodou no seu assento para olhar diretamente para mim, com a cabeça tombada para um lado. Vejo, mais do que sinto, o pedaço de torrada a tremer na minha mão. Aquele olhar raio-X dela.

– Tens um homem novo, não tens? – pergunta. Sorri-me... mas parece-me mais um esgar do que um sorriso. Conheço-a demasiado bem para perceber quando se passa algo de errado. Se fosse uma boa amiga, perguntar-lhe-ia... mas não consigo obrigar-me a isso. Além disso, constato, este é um fórum demasiado público, com todos à nossa volta.

– O que te leva a dizer isso? – pergunto.

– Dá para perceber. Estás diferente. O cabelo, as roupas. – Afasto-me um pouco; o hálito dela é um pouco rançoso, o que não é nada habitual. Certa vez contou-me que escova os dentes antes e depois do pequeno-almoço segundo uma qualquer regra fascista da mãe. Deve ter-se esquecido.

– E – diz ela –, ultimamente tens andado muito esquiva. Mais até do que o normal. Sempre te comportaste assim quando havia um tipo novo em cena.

Desde que te conheço. – De repente, parece que todos os outros estão a ouvir. Sinto todos os olhares a incidir em mim. O Nick tem as sobranceiras soerguidas. Porque se ando a sair com alguém, sei o que está ele a pensar, eu já lhe teria contado, certo?

Trinco um bocado de torrada, mas cola-se à garganta e preciso de várias tentativas para engolir. Sinto a garganta áspera, arranhada.

– Não – digo, com uma voz rouca. – Atualmente, não tenho tempo... ando demasiado atarefada com o trabalho.

– Céus – diz ela. – Se é só trabalho e nada de diversão, Katie... tornas-te uma seca. Estás completamente obcecada. Não entendo.

Mas ela nunca poderia entender. A Miranda tentara e falhara a sua sorte em várias carreiras, sem qualquer sucesso evidente. Acabou por sair de Oxford com um *Third*. Não se importou, contou-me. Mas sei que não é assim. Ela foi arrogante quanto baste para achar que iria passar na boa, como sempre. A questão é que apesar de a Miranda ser inteligente não é propriamente inteligente para Oxford. A mãe dela contratou um explicador para a ajudar a ter aquelas quatro notas máximas no acesso e tenho a certeza de que os deslumbrou na entrevista. Mas ainda assim... Uma vez lá dentro, entrou num campeonato completamente diferente. De alguma maneira, logrou passar os dois primeiros anos da universidade, e ignorou os sinais de alerta no nosso terceiro ano de que não seguia no rumo certo, mesmo quando tentei mostrar-lhe isso. Juro que não me senti contente quando ela abriu aquele envelope e vi o resultado dela. Mas tenho de confessar que possa ter sentido – um *niquinho* – que se fizera justiça.

Aquele *Third* foi um insulto. Doe. Feriu-lhe o orgulho. Se se olhar agora para todos nós, é ela quem destoa. Todos nós temos bons empregos. A Samira é consultora de gestão, eu sou advogada, o Julien trabalha para um fundo de investimento, o Nick é arquiteto, o Giles é médico, o Bo trabalha para a BBC, o Mark para uma empresa de publicidade. A Emma trabalha para uma agência literária – recordo quando a Miranda soube dessa.

– Não compreendo – disse ela. – Como é que conseguiste sequer arranjar esse emprego? Pensei que essa agência só recrutava nas universidades *redbricks*, e por norma em Oxbridge.

A Emma manteve-se imperturbável.

– Não sei – respondeu, com um encolher de ombros. – A entrevista deve ter corrido bem.

A própria Miranda tentou entrar na indústria editorial. A seguir, tentou a publicidade. O Mark ajudou-a a chegar onde ela provavelmente por si não chegaria, convencendo um dos seus colegas a fazer-lhe uma entrevista para o cargo de assistente. Ela ficou com o posto, mas desistiu ao fim de apenas dois meses. «Fartou-se», disse ela. Mas num casamento conheci uma rapariga que

trabalhava lá e ela contou-me que foi um pouco mais complexo do que isso.

– Mandaram-na embora – contou-me. – Era incredivelmente preguiçosa. Parecia achar que era superior àquilo. Um dia, ao enfiar cartas em envelopes, recusou-se a lamber as abas para as colar. Disse que detestava o sabor e que não era adequado para ela. Disse que não tinha andado a estudar em Oxford para andar a fazer aquilo. Dá para acreditar?

Sim, má amiga como sou, é claro que acredito.

O Giles e a Samira chegaram agora mesmo. Parecem bem mais despedaçados do que todos nós. A Samira deixa-se cair numa cadeira e assenta a cabeça nas mãos com um gemido, enquanto o Giles tenta instalar a Priya na cadeira elevada. Ela choraminga, descontente com a prisão. Assim que o tom se torna num choro estridente vejo o Nick a enfiar os dedos nos ouvidos.

– Oh, céus – geme a Samira. – A Priya acordou-nos às cinco e depois outra vez às seis.

– Nem dá para imaginar – diz o Bo. – Nem eu me consegui vestir hoje de manhã, quanto mais alguém pequenino. O Nick teve de me avisar que a minha *T-shirt* estava virada ao contrário, não foi? – O Nick sorri, sem ânimo.

– Bem, são escolhas de vida, não é? – comenta a Miranda num tom ligeiro, servindo-se de sumo de laranja. – Ninguém nos obriga a ter filhos.

Até para a Miranda – que miraculosamente consegue escapar incólume com estes comentários – isto foi de muito mau gosto. Mas a verdade é que sem dúvida que se passa algo com ela esta manhã. O seu brilho está algo fragilizado.

Já há muito que não via a Samira zangada, mas recorro de imediato que é um espetáculo terrível. Há um feitio muito próprio por baixo daquela capa calma e arranjada. Fica completamente rígida na sua cadeira. Todos a vemos, em silêncio, à espera de ver o que fará a seguir. Então, parece estremecer e estende a mão para a cafeteira. A sua mão treme ligeiramente ao servir-se. Nem sequer olha para a Miranda. Talvez pelo bem da harmonia de grupo, é evidente que decidiu mostrar-se superior a isso.

Com alguma hesitação, prosseguem as conversas em volta da mesa. Hoje vamos perseguir animais, porque, aparentemente, é algo «obrigatório» para quem se aloja numa propriedade escocesa.

– Calculo que vocês os dois hoje não venham perseguir animais, certo? – pergunta o Mark, apontando para o Nick e para o Bo.

– Porque não? – pergunta o Nick.

– Bem... – A boca do Mark curva um pouco no canto. – Porque... sabem como é.

– Não, não sei.

– Não achei que gostassem desse tipo de coisas.

– Espera lá, Mark – diz o Nick. – Se bem percebi, parece que decidiste que

não vamos por sermos *gays*. É mesmo isso que estás a querer dizer?

Dito em voz alta soa tão ridículo que até o Mark deve ser capaz de o ver.

– Não é uma deficiência, Mark. Só quero deixar isso bem claro.

O Mark faz um ruído involuntário ao fundo da garganta. O Nick tem os nós dos dedos brancos em volta da caneca de café. Apesar de todos os músculos do Mark, acho que não seria isso a impedi-lo de se lançar numa luta.

– É verdade – prossegue o Nick –, que, tal como as pessoas mais sensatas, não me agrada particularmente a ideia de matar animais por desporto. – O Mark faz uma expressão de *aha!* – Mas, pelo que sei, a situação descontrola-se se não for gerida a quantidade de veados. Por isso, a ideia não me incomoda. Também tenho uma pontaria muito boa: da última vez que fui a uma carreira de tiro acertei dezoito em vinte. Mas obrigado pela preocupação.

Depois disto, ninguém, nem sequer a Miranda, pareceu ter a capacidade de acrescentar o que fosse.

⁸ Grupo de universidades britânicas de topo, excluindo Oxford e Cambridge, caracterizadas pela sua construção em tijolo vermelho. (*N. do T.*)

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

Preparei inúmeras chávenas de chá, tantas que comecei a sentir-me uma extensão da chaleira. Ninguém parece estar efetivamente a bebê-las, mas sempre que pergunto todos assentem com a cabeça, ao de leve, e sentam-se com as chávenas nas mãos, enquanto o chá quente arrefece, sem que o provem. Do outro lado das janelas, a neve não dá mostras de querer parar. É difícil imaginar um momento em que não estivesse ali, esta cortina de branco móvel.

Por norma, após a descoberta de um cadáver, tenho a certeza de que por todo o lado há luzes a piscar, homens com fatos protetores brancos e agitação. Mas este não é um lugar vulgar. E neste caso a paisagem tem as suas próprias ideias. O estado do tempo obrigou-nos a curvarmo-nos perante os seus próprios caprichos. Percebo, por uma das primeiras vezes desde que para aqui me mudei, o quanto este lugar é estranho, o quão pouco o conheço. Bem podia ser noutro planeta. Estou certa de que há aqui segredos para lá dos esconderijos de *whisky*, para lá do lúcio monstruoso no lago. Essas são apenas pequenas coisas que a paisagem escolhe revelar.

Ouve-se um sonoro choro na divisão ao lado, cacofonia no silêncio, sobressaltando-me de tal forma que despejo água da chaleira no chão. É só a bebé, claro. Recordo-me do som da bebé a chorar na Véspera de Ano Novo quando me levantei para ir à casa de banho e quando vi – ou achei ver – aquela luz estranha, lá no alto no flanco do Munro. E equaciono agora se o som poderá ter abafado outros ruídos no exterior.

Penso em todos os sons deste lugar que vieram a parecer normais e opto por não questionar. Enquanto espero que a chaleira ferva, recordo uma das minhas primeiras noites no Abrigo. Mudara-me para o chalé e focava-me em não pensar demasiado em nada. Era a semana do terrível aniversário. Tinha bebido imenso vinho – uma quantidade medicinal, garrafa e meia talvez.

Lembro-me de me afundar na cama e tapar-me com o edredão. Algo que aprendi em relação ao «silêncio» – pelo menos este tipo de silêncio, o da natureza selvagem – é que é surpreendentemente alto. O edifício é velho, rangia à minha volta. Lá fora na noite havia os sons dos animais; duas corujas a conversar em longos piados lamuriosos. O vento movia-se por entre os altos dos grandes pinheiros escoceses logo do lado de lá da minha janela. Parecia um gemido. Podia ser relaxante, recordo ter dito a mim mesma. Talvez me viesse a habituar (Nunca me habituei verdadeiramente.)

A seguir, surgiu um som que se apossou de tudo o resto. Um grito, agudo, desesperado: horrível, o som de uma pessoa num sofrimento atroz. O ar transportou o eco durante uns bons segundos. Sentei-me na cama, com toda a sonolência gerada pelo vinho a abandonar-me. Sentia os ouvidos sensíveis como os de um animal, toda eu arrepiada, à espera de novo grito. Não aconteceu.

Aguardei por uma reação: por certo que mais alguém terá escutado? Então, lembrei-me que era apenas eu e o guarda de caça: mais ninguém nos quilómetros em redor... com a exceção, presumivelmente, de quem quer que tenha gritado. Imaginei o Doug com as suas botifarras, a levar uma das espingardas do celeiro. Disse a mim própria que ele seria a pessoa indicada para ir. Não o meu ser embriagado de um metro e cinquenta e sete. Mas a noite parecia agora ainda mais sossegada do que antes.

Abri um pouco o estore e espreitei para o exterior. Não conseguia ver quaisquer luzes. Olhei para o meu relógio. Duas da manhã. Já não tinha a noção das horas; não tinha percebido quanto tempo passara. Achei que seria efeito do vinho. Começou a ocorrer-me que o Doug poderia estar a dormir. Que eu poderia ser a única dos dois acordada para ouvir o grito.

Comecei a crer que teria sido imaginação minha. Talvez tenha tombado no sono nesses dois minutos, sem me aperceber. Nem sequer me recordava bem do som, apesar de se manter uma reverberação nos meus ouvidos.

Então, como que a querer recordar-me, regressou e desta feita foi mais terrível do que a anterior. Foi o som de pura agonia, com algo de animalesco. Levantei-me da cama, com os pés procurei os meus chinelos. Tinha de ir ver – agora, já não dava para fingir. Havia alguém lá fora em apuros.

Desci lenta e silenciosamente, encolhida no meu casaco e botas, peguei no atizador de ferro forjado pousado na lareira e na lanterna deixada no parapeito da janela.

A noite lá fora revelava-se negra e imóvel. Recordo-me de ter reparado que acima de mim o céu apresentava uma profundidade que eu nunca vira, como naquele momento me pareceu sinistro, como um vazio.

Espreitei para as sombras, tentando discernir algum sinal de movimento.

– Está aí alguém? – chamei. As minhas mãos tremiam tanto que a luz da

minha lanterna ressaltava por todos os lados, iluminando diferentes porções de terreno. O silêncio em meu redor assemelhava-se a uma respiração sustida.

– Está aí alguém?

Talvez fosse inevitável que me sentisse observada, tendo em conta a auréola criada em minha volta pela luz da porta. Percebi que ao chamar por alguém me expus, me tornei visível e audível. Poderia simplesmente ter-me posto em perigo.

Avancei uns passos. E algures na direção do lago apercebi-me de um movimento. Não com o raio de luz da lanterna, mas mais com algum sentido animal do qual eu desconhecia a existência: uma mistura de visão e som.

– Quem está aí? – O medo sufocou-me a voz. Saiu um guincho fininho e estrangulado. Apontei o raio da lanterna para onde achei ter detetado o movimento. Nada. E depois mais um tremeluzir, muito mais perto.

– Heather?

Rodo o braço e ilumino um rosto. Sob a luz da lanterna a figura era fantasmagórica e quase gritei; foi um gosto perceber que não o fiz. Era o Doug.

– Está tudo bem? – perguntou. Não havia urgência na voz dele, apenas o tom profundo e pacato com que sempre falava.

– Ouvi alguém gritar. Ouviste?

Mas ele franziu a testa.

– Um grito?

– Sim. Muito agudo. Quem quer que fosse, parecia aterrorizado. Vim cá fora ver o que era... – Face à evidente incredulidade dele vacilei. – Não ouviste nada?

– Foi assim? – perguntou. E então, para meu espanto, imitou o som quase na perfeição. Senti um fluxo frio de pavor a descer-me pelas barrigas das pernas.

– Sim. Foi exatamente isso.

– Ah. Nesse caso, ouviste uma raposa. Uma fêmea, para ser mais preciso.

– Não entendo. Parecia uma mulher.

– É um som horrível... e é fácil de confundir. Não és com certeza a primeira a quem isso sucede. Ainda recentemente corria uma história sobre um homem que morreu na linha de comboio às portas de Edimburgo ao tentar ajudar o que achou tratar-se de uma mulher em apuros. – Ergueu as sobrancelhas. – Nunca ouviste essa história, tendo em conta que vivias na cidade?

– Não – respondi. Começava a sentir-me embaraçada com o tremor na minha voz e desejei poder controlá-lo.

– É quando eles estão... – Fez uma careta. – ... o macho está... sabes como é, farpado. Por isso, não é propriamente uma experiência agradável para a fêmea.

Não consegui evitar um estremecimento.

– Exatamente. Não é lá muito agradável. Mas também não é ninguém a ser assassinado. – Fez uma pausa. – De certeza que está tudo bem?

– Sim. – Mesmo aos meus ouvidos não soou muito convincente. Tentei vincar a posição, dizendo: – A sério, estou bem.

– Assim sendo, vou deixar que te vás deitar.

Recordo que então me varreu com o olhar, tão depressa que quase poderia ter sido imaginação minha. Mas não foi bem assim. Eu estava de pijama. Mas de repente senti-me mais exposta do que se estivesse ali nua.

– Obrigada – disse eu.

Ele levantou um chapéu imaginário.

– De nada.

Fechei a porta, entrei e pressionei uma mão contra o peito. O meu cérebro parecia não ter comunicado ao meu coração que o perigo passara. Batia com tal intensidade e velocidade que parecia querer saltar-me da caixa torácica. Apenas quando por fim voltei para a cama, e me tapei com o edredão, é que me ocorreu pensar adequadamente no que acabar de acontecer. Se não foi o grito a acordar o Doug, como a mim me aconteceu, então o que raio andava ele a fazer a vaguear pelos terrenos em plena noite?

Penso na mão dele; em como foi vago em relação à forma como se feriu. Penso na referência do chefe ao modo como ele seria bom a fazer desandar eventuais caçadores furtivos, a insinuação de violência. Não basta eu querer que ele não tenha nada que ver com isto. *E isso deve-se apenas ao facto de gostares dele*, diz uma vozinha dentro de mim. *Só porque te vieste a pensar nele*. Com um certo esforço, silêncio esta corrente de pensamentos.

Recordo as palavras da minha mãe em relação a procurá-lo no Google. De repente, parece importante, necessário.

Avanço em passos rápidos para a porta do escritório e tranco-a. Se o Doug tentar entrar finjo que foi accidental, «força do hábito». Ainda assim não disponho de muito tempo, se não quero levantar suspeitas. Abro as portas do armário onde guardo todos os ficheiros. Os dois ficheiros pessoais: o meu e o do Doug. O Iain não integra os quadros e acho que já trabalhou antes para o chefe, não teve de se candidatar ao cargo como eu e o Doug.

Abro o ficheiro do Doug. Tem um CV curto, detalhando um período nos fuzileiros: seis anos. Nada mais. Procuro o quê, exatamente? Passo para o computador, escrevo o nome completo do Doug no motor de busca e espero que os resultados carreguem com a ligação debilmente lenta da Internet. Só quando começo a sentir um ardor no peito é que percebo que estava a sustentar a respiração. *Não haverá nada*, penso. Não haverá... e sinto-me péssima por

fazê-lo, pois terei violado a sua confiança sem que ele o soubesse sequer, mas parará por aí. Ele nunca saberá. E poderei descartar eventuais suspeitas – se é que são sequer isso.

Por fim, a página ganha vida.

Percebo de imediato que há imensos resultados. Para uma pessoa normal, alguém que não é uma celebridade ou conhecido de outra forma, esperar-se-ia obter o quê? Três resultados, no máximo? Uns quantos perfis de redes sociais, incluindo os de alguém que partilhava o mesmo nome, talvez uma ou outra referência a um feito desportivo ou um papel numa peça de teatro na universidade. Mas o invulgar nome do Doug ocupa toda a primeira página de resultados. E nada disto é muito agradável. Na verdade, é bastante horrível.

Quem me dera não ter procurado. Quem me dera nunca ter visto nada disto.

Dois dias antes Véspera de Ano Novo de 2018

Miranda

Vagueamos atrás do Doug até ao pátio por detrás do Abrigo, onde o seu *Land Rover* está estacionado junto a um grande e velho camião vermelho – talvez seja o meio de transporte da Heather. A ideia dela, com o seu pouco mais de metro e meio, ao volante daquele grande e velho veículo dá-me vontade de rir.

O Doug abre-nos o celeiro com um teclado de última geração que parece bizarro em contraste com a madeira velha. Calculo que seja necessário, caso haja aqui armas. Ao puxar para trás a pesada porta de madeira deleito-me a apreciar-lhe os músculos a mexerem-se por baixo da velha camisa que veste (apenas uma camisa – com este tempo!). Na minha opinião, daria um excelente candidato a amante de Lady Chatterley, tão alto, amplo e desgrehado. Um contraste em certa medida pouco lisonjeador para o Julien, não tenho como não pensar, cujos vários cremes e tinturas lutam por espaço na prateleira da casa de banho ao lado dos meus.

Ele equipa-nos no celeiro: sobrecalças e casacos, até botas de caminhada para a Katie, que falhou em trazer algo adequado. O Mark pediu um dos chapéus, que são peças ridículas à Sherlock Holmes.

– Se é mesmo o que quer, amigo – diz o Doug, com algo passível de ser confundido com uma careta.

Ao lado dos casacos e calças há dez espingardas penduradas. Há algo de letal na mera forma das armas, como se pudessem matar alguém sem serem disparadas.

Segue-se uma longa conversa sobre segurança e sobre onde vamos hoje: subir a vertente íngreme para lá do Abrigo Velho, porque, ao que parece, é onde ultimamente os veados se têm estado a reunir – embora só procuremos as corças, as fêmeas, pois é a altura errada do ano para abater machos. No final,

digo:

– Então, deixem cá ver se percebi. Até podemos não apanhar nenhum veado hoje. E mesmo que matemos um, não vai ter hastes por não ser a época certa. Mas pagamos centenas de libras por esse privilégio.

– Sim – assente o Doug. – Não está muito longe da verdade. – O seu tom é franco, mas reparo que quase não consegue estabelecer contacto ocular. Sinto um ligeiro entusiasmo triunfal. Reconheço *aquele* sintoma em particular, sabem. Sempre fui fiel ao Julien – bem, com aquela exceção, logo no início. Mas seria mentira dizer que não gosto de exibir o meu poder, lançar um isco. É o meu tipo de caçada, poderei dizer. Muito mais divertido do que urze gelada e sobrecalças à prova de água horrendas.

O Doug tranca a porta atrás dele com um clique metálico harmonioso. Agora, faz-nos deitar no chão para dispararmos contra uma caixa com um alvo. O Julien, o Bo e o Mark são péssimos, de forma risível. Com a exceção do Bo, sempre tão despreocupado (embora por certo, com aquele passado de drogado, não possa ter sido sempre assim?), eles não estão a achar nada divertido. O Mark – até me custa olhar para ele – solta um grunhido ao disparar. À sexta tentativa do Julien vejo aquele músculo de lado no maxilar a retesar-se como sempre acontece quando se zanga com algo e a cada estouro o olho dele contrai-se. É importante para ele, percebo. É importante para todos. Até o mais calmo Giles parece ter sido sujeito a um transplante de personalidade. Talvez se imaginem a eles próprios num filme de ação ou num videojogo de ação. Tenho a certeza de que se trata disso: os homens a voltarem a ser rapazinhos. Mesmo assim, não deixa de ser um pouco estranho.

A Katie também se revela *péssima*, mas nem sei porque se dá ao trabalho de tentar – tal como parece ter deixado de se dar ao trabalho de fingir que se diverte. A Samira – que após uma boa dose de persuasão deixou a Priya com a gerente, a Heather, por umas horas –, não é boa, mas compensa com uma boa dose de intensidade. Sou recordada do seu passado de remadora de elite da universidade. Se lhe dessem uma semana disto era provável que alcançasse um nível olímpico. É um vislumbre da velha Samira, a rapariga que eu conhecia, e sinto-me grata. Está é, afinal, a mulher que pegou fogo à mesa de jantar em nossa casa, imitando um bar em Ibiza, e que recebeu uma repreensão oficial da parte do reitor da universidade devido ao seu comportamento.

Não sou má, mas não sou tão boa como achei que seria: sempre tive queda para o desporto. O Doug diz-me que estou a ser demasiado «vigorosa» com o gatilho.

– Só precisa de pressionar ao de leve com o dedo – diz ele. Está muito sério, mas... é de mim ou soa um pouco indecente?

O Nick é bastante bom, como nos disse que seria. Mas, curiosamente, não há aí surpresa. Sempre foi bom em desportos e é tão preciso em relação às

coisas, tão intenso, por vezes. Mas é a Emma, quem diria, que sobressai. O Doug diz que ela é uma «natural» e ela sorri e abana a cabeça, tipicamente modesta.

– As mulheres com frequência são melhores – comenta ele. – São mais precisas, mais letais. Este desporto não tem que ver com testosterona ou força bruta.

Quem me dera que não me incomodasse tanto não ser eu a ouvir os elogios dele.

Iniciamos a escalada pela encosta. Caminhamos na direção do Abrigo Velho, a construção que a Heather nos indicou ontem. Detesto caminhar. É tão aborrecido e sem sentido. Deem-me antes uma corrida diária, algo que queime o dobro das calorias em metade do tempo. O Mark, o Julien e o Nick acotovelam-se para seguir na frente, como se cada um estivesse determinado a ser aquele que irá disparar o tiro. A Katie, entretanto, segue uns passos à minha frente, a conversar com o Bo. Sinto-me afrontada por não ter optado por caminhar na minha companhia. Podia juntar-me a eles, mas não vou humilhar-me pelas atenções dela. Parece que a ofendi ao pequeno-almoço, ao perguntar se havia um novo homem na sua vida. OK, eu podia ter sido um pouco mais subtil em relação a isso – é profundamente reservada nesse tipo de questões –, mas estava apenas a tentar demonstrar interesse. E, sinceramente, ao fim de tanto tempo separadas, que merda é que lhe custava perguntar-me sobre a minha vida. Não é nada dela: antigamente, era tão boa ouvinte. Certa vez, o Julien, de um modo não muito simpático, gozou dizendo que era uma sorte eu ter encontrado uma amiga que gosta tanto de ouvir como eu de falar. Mas ele não estava completamente errado. Sempre a encarei como o meu oposto, o meu complemento.

O carreiro já desapareceu, por isso limitamo-nos a subir por entre a urze e é um esforço bastante árduo. De vez em quando enreda-se no meu tornozelo, puxando-me para trás como que para me lembrar quem manda. Porque esta paisagem é sem dúvida quem manda. É brutal. A temperatura baixou ainda mais e o ar é rarefeito, picando-me a pele exposta. Até me doem os dentes quando abro a boca para falar. Parece que o frio se infiltrou no casaco que me foi emprestado e na bela camisola de caxemira – que achei que seria muito quente – que visto por baixo, pressionando-me a pele.

Aqui e ali o terreno é pantanoso, dever haver cursos de água no subsolo. De vez em quando piso numa zona bastante mole e sobe-me água gelada pelas botas, ensopando-me as meias. Também são de caxemira – um presente no outono da parte do Julien. Houve uma altura em que parecia que todas as semanas ele chegava a casa com alguma espécie de prenda – sentimento de culpa por aquilo em que se envolveu, sem dúvida, embora alegasse que só queria mimar-me.

O Nick, o Mark e o Julien não podiam ir mais depressa. Praticamente acotovelam-se na sua pressa em chegar à frente, para serem os primeiros a subir a colina. Não pode ser muito seguro, para quem transporta espingardas, certo? A dada altura, o Mark vira-se e parece empurrar o Julien. Ao de leve, mas não há como enganar. Brinca com a situação e vejo o Julien a forçar uma gargalhada... mas percebo que não está nada divertido.

É um alívio quando paramos no Abrigo Velho: uma triste e velha ruína enegrecida pelo fogo. O Doug pega num recipiente que leva na anca e passa-o por todos. Quando mo entrega a mim, deixo que as pontas dos meus dedos toquem nas dele, por um momento um pouco excessivo. Os olhos dele são de um castanho tão escuro que mal se notam as pupilas. Quero que o Julien veja isto, que registe o desejo deste homem por mim.

Não sou grande adepta de *whisky*, mas de certa maneira aqui parece-me adequado. E o respetivo calor também ajuda, parece amaciar o estado de espírito estranho em que me encontro desde a noite passada. Bebo mais um gole e quando o devolvo ao Doug reparo que a minha boca deixou uma agradável marca de batom no gargalo.

Dá a ideia de que alguém poderá ter estado aqui em cima antes de nós. São apenas beatas de uns quantos cigarros, espalhadas aqui e ali. Mas o Doug pega numa das pontas de cigarro e fita-a com atenção, como se pudesse ter uma mensagem secreta escrita de lado. Noto que a guarda no bolso. Que estranho. O que levaria alguém a guardar a beata de um velho cigarro? A seguir, olho para o seu casaco coçado, para as botas gastas e sinto uma inesperada pena. Talvez, percebo, ele vá guardá-lo para o fumar mais tarde.

Katie

Quando lá chegamos, vejo que o Abrigo Velho é um lugar horrível. Será provavelmente a única coisa feia nesta paisagem, uma carcaça ardida, com um único bloco enegrecido ainda de pé. Aqui, de alguma maneira, está mais frio do que em qualquer outro lugar, talvez por ser tão exposto aos elementos. Por que raio alguém haveria de construir aqui? Tão longe de abrigo e de ajuda. Penso no incêndio. Deverá ter sido visto a quilómetros – tal como os faróis que acenderam para assinalar o milénio por todo o país.

Há aqui um silêncio diferente do silêncio no resto da propriedade. Como uma respiração sustida. Parece – por muito que isto soe a cliché – que não estamos sozinhos. Como se algo, ou alguém, nos observasse. As pedras são como ossos antigos: um esqueleto de alguém que morreu e foi deixado ao relento, sendo-lhe negada a dignidade de um enterro. Quando nos aproximamos o suficiente, tenho a certeza de que o ar cheira a queimado. É impossível, não é? Ou poderá haver uma forma de o fumo se ter impregnado bem fundo na pedra, tendo lá permanecido enclausurado? Não seria difícil acreditar que o incêndio teria ocorrido há poucos anos, e não há quase um século.

O bloco estável – a parte que sobreviveu por as chamas não terem conseguido dar o salto – é quase obsceno na sua plenitude. Constató que também instalaram um fecho com teclado – presumivelmente para impedir a entrada de hóspedes, dado que não é seguro. O céu apresenta-se num violeta-claro. Isso não significa neve? O que fariamos se começasse a nevar a sério, estando aqui presos? Aqui, estamos completamente expostos, no flanco de uma montanha. O Abrigo – o Abrigo Novo, calculo – parece, visto daqui, um pequeno caco de vidro, ao lado do lago, que se revela cinzento e opaco como chumbo sob a luz estranha, as árvores a formar em redor dele um círculo de carvão. A estação, mais ou menos à mesma distância de nós a que se encontra

o Abrigo do outro lado, parece um modelo de brincar.

– Não sei o que nos leva a fazer isto – comenta a Miranda, de repente –, quando podíamos estar no Abrigo a enchermo-nos de champanhe. – Também se queixou na escalada até aqui: do terreno pantanoso e da água gelada que se infiltrava nas botas. É por não ter mostrado qualidades no tiro ao alvo – não duvido. Se se tivesse revelado uma craque, a história seria completamente diferente – estaria a liderar a investida. A Miranda odeia ser má no que quer que seja. Quase deu para ver o lábio a contorcer-se quando o Doug elogiou a Emma, como se ela achasse que a Emma não tinha o direito a ter boa pontaria.

– Está um frio de rachar – acrescenta –, tenho a certeza de que os veados vão esconder-se longe da vista, se forem minimamente sensatos. Agora, de certeza que não vamos apanhar nada?

O Nick roda de repente sobre os calcanhares para se virar para ela.

– Ei – grita o guarda de caça. – Tenha lá cuidado, homem, anda com uma arma carregada.

– Desculpa, Miranda. – O Nick parece um pouco envergonhado – Mas para ser sincero, estou um bocado farto de ouvir as tuas queixas de que estás aborrecida. Porque é que não voltas para o Abrigo, se estás com tanta vontade? Nunca haveremos de surpreender nada se não parares de te queixar da seca que estás a passar.

A seguir, instala-se um silêncio, o ambiente gelado parece baixar mais uns graus. A Miranda até parece que levou uma estalada. Toda a gente tem estado um pouco mais tensa nesta excursão, mas esta é a primeira manifestação abertamente hostil da parte de alguém. Talvez não surpreenda que seja entre o Nick e a Miranda. Afinal de contas, o Nick nunca foi grande fã da Miranda. Acho que ele nunca lhe perdoou.

Quando o Nick se assumiu perante alguns de nós, no nosso primeiro ano em Oxford, ele ainda não tinha contado aos pais, que à época estavam destacados na embaixada em Omã. Não que temesse fazê-lo, contou-me:

– São bastante liberais e é provável que já tenham adivinhado... houve alguns rapazes, quando vivíamos em Paris, de quem fiquei próximo.

Mas queria escolher o momento certo, pois era um marco importante na sua vida, uma afirmação de quem ele era.

A Miranda alegou que nada sabia em relação a isto quando os pais do Nick apareceram numa semana de pausa nas aulas e ele os apresentou a toda a gente no Salão Júnior. Conversou-se um pouco sobre os exames finais e a Miranda disse, num tom matreiro:

– Não se preocupem, senhor e senhora... M, vamos garantir que o Nick não levanta os olhos dos livros para ir atrás de todos os rapazes bonitos.

Ela nem era suposto saber, essa foi a pior parte. O grupo reduzido a quem o Nick confidenciou não incluía a Miranda. Não me orgulhei nada por ter sido eu a contar-lhe. Por norma, eu era muito boa a guardar segredos. Mas tinha-me embebedado e a Miranda estava a provocar-me por causa da minha paixoneta pelo Nick e acabou por me sair. Como é evidente, implorei-lhe para não dizer que sabia. E, no entanto, ela alegou não ter memória disso. Também alegou, mais tarde, que partiu do princípio de que os pais do Nick «já sabiam».

Eu tive a certeza de que o Nick nunca me perdoaria. Assim, senti-me aliviada com a reação dele. Ficou furioso, é verdade. Mas, felizmente, não foi comigo. Ele contou-me que pensou em diversas maneiras de se vingar da Miranda, mas não conseguiu encontrar nada equiparável ao que ela lhe fizera.

– Sei que não devia importar – disse-me ele –, eu já lhes ia contar esta semana e já... durante um belo almoço ou isso. Mas foi o princípio da coisa. *Sei* que não foi por acaso. Acho que ela o fez por gostar de deter esse poder. E para causar problemas entre nós os dois, claro.

– Como assim? – questionei, surpreendida.

– Tenho quase a certeza de que ela se sente melindrada com a nossa amizade.

– Isso são tretas – disse-lhe. – A Miranda tem imensos outros amigos e eu tenho... alguns.

– Sim, mas ela não tem mais amigos *chegados*... já reparaste nisso, Katie? Só te tem a ti... e à Samira num aperto. E não me parece que ela goste de partilhar os seus brinquedos.

Hoje em dia, é evidente que tudo são águas passada. Ou, pelo menos, o Nick conseguiu disfarçar muito bem. Pergunto-me, contudo, se ainda pensa no assunto. Feridas infligidas dessa forma em épocas ainda virgens das nossas vidas tendem a ser bem profundas – e deixam as piores cicatrizes.

– Ei – diz a Samira, num tom duro. – Vamos lá a acalmar, OK? Estamos de férias.

Curioso, não me recordo de a Samira no passado se irritar tanto com as coisas. E recordo o esforço dela no *brunch*, como conseguiu conter-se no que na altura teria desejado dizer à Miranda.

A Miranda murmura algo entre dentes, desafiante. Mas percebo que se sente mesmo magoada. Ela até pode aceitar as tréguas, a Miranda – mas nem sempre aguenta. Por baixo daquele exterior duro e brilhante, é mais mole do que parece. E acho que em segredo sempre admirou o Nick, vê-o como um igual.

Vejo-a a espreitar para o Julien. Penso se estará à espera que ele a defenda. Se assim é, fica desiludida, mas talvez não surpreendida. Ela sempre disse que

ele odeia confrontos, que gosta de tentar agradar a todos – nunca desejando ser visto como o mau da fita.

Eu também não quero tomar partidos. Não me posso dar a tal luxo. Já tenho problemas que chegue com que lidar. Sinto-me como se tivesse sido catapultada para o passado: a Miranda a criar drama e eu a ter de mediar entre ela e o infeliz oponente – sentindo que cada um deles me pede que escolha. Não vou fazê-lo agora. Afasto-me do grupo, contorno o outro lado da ruína, e deixo-me estar uns minutos a enfrentar o vento em toda a sua potência, de olhos fechados.

Cravo as unhas nas palmas até doerem. Tenho de parar. Tenho de travar isto, esta compulsão, de uma vez por todas. Mas sempre que tentei percebi que não sou capaz. Quando chega a hora de o fazer, nunca tenho força suficiente. Não acredito que me enfiei nesta confusão. Inspiro fundo umas quantas vezes, abro os olhos e tento distrair-me com as vistas.

Ao longo da vida, já estive em alguns lugares belos, mas em nenhum como este. É a paisagem selvagem, talvez: crua, intocada pelo homem para lá do pequeno aglomerado de residências abaixo de nós, a pequena estação do outro lado e as velhas ruínas atrás de nós. É desolador e brutal e o seu encanto, se assim pode ser chamado, reside nisso mesmo. As cores são todas baças: azul-acinzentado, o velho amarelo tipo pisadura do céu, o vermelho-ferrugem e o verde esmorecido. E, no entanto, são tão hipnotizantes como um mar turquesa, uma praia arenosa.

Enquanto olho, um grande alto de urze parece erguer-se e mover-se e percebo que são veados, correndo em harmonia, com a sua elegância atenuada apenas pelos clarões cómicos das suas caudas brancas. Talvez seja este movimento que me atrai a atenção para outro vislumbre de movimento, mais abaixo na encosta. De outra forma, acho que não teria dado conta. Não o teria visto a ele, quero dizer. Ele está a uns cinquenta metros de distância, envergando um camuflado e trazendo uma grande mochila às costas. Não lhe distingo o rosto, nem sequer a altura – pois está mergulhado na urze até à cinta. Parece estar a fazer um esforço para não ser visto, mantendo-se abaixado, junto à urze, conforme avança. Deve ter sido ele que assustou os veados e os pôs em debandada.

Acho que ainda não me viu. Sinto a batida do meu coração algures junto à garganta. Há algo de ameaçador na forma como se move, como um animal. A seguir, tipo predador a detetar o meu odor na brisa, ergue o olhar e vê-me. Estaca.

Não encontro sentido no que sucede a seguir. Desafia toda a lógica. Nos segundos seguintes parece desaparecer da vista; mergulhando na urze. Pestanejo, na eventualidade de ter acontecido algo à minha vista. Mas, quando abro os olhos, ainda não há sinais dele.

Penso nas instruções da gerente. «Avisem o guarda de caça ou a mim se virem alguém que não reconhecem.» Será que devo avisá-los? Mas não sei ao certo o que vi. Uma pessoa não se dissolve diante dos nossos olhos, pois não? É verdade que tenho os olhos marejados de lágrimas devido à crueza do frio e ainda me sinto um pouco zozza dos comprimidos para dormir que tomei ontem à noite. Os outros vão simplesmente achar que estou a inventar ou imaginar coisas. Sinto-me demasiado esgotada para tentar explicar o que vi. Se eu fosse a Miranda, fazia disto um grande drama, uma história de fantasmas. Mas não sou. Sou a Katie: a sossegada, a observadora. Além disso, não pode haver grande mal em não dizer nada. Pois não?

Doug

Há uma mudança no grupo. Ele reparou antes mesmo da discussão entre o homem de óculos e a bela loura. Já antes vira isto acontecer, esta mudança. Começa com as espingardas. Cada um deles vê-se de repente investido de um novo e terrível poder. De início, durante o treino de tiro ao alvo, retraíam-se a cada estouro, com o coice da máquina quando cravava pisaduras na carne sob os ombros. Mas depressa – quiçá, demasiado depressa – se tornou natural, e aprendiam a cada disparo: concentrados, atentos. Começaram a divertir-se. Mas começou algo mais a instalar-se. Um sentido de competição. Mais do que isso... algo primitivo foi evocado. A «febre do veado» sentida por todos os caçadores novatos antes do primeiro troféu. A sede de sangue. Cada um deles quer ser aquele que assume a matança. E, todavia, nem sequer sabem aquilo por que anseiam. Porque até então nunca mataram – não para lá de uma ou outra mosca esmagada ou um rato preso numa ratoeira. Isto é algo completamente diferente. Vão tornar-se outras pessoas. Uma inocência que não sabiam possuir será perdida.

E depois há também a paisagem. Deixou-os tensos. Aqui em cima os vinhos ásperos e esqueléticos da terra são expostos, granito a espreitar como ossos velhos por entre a urze vermelho-ferrugem. Aqui em cima ganham a noção do quanto se encontram sozinhos neste lugar – não há efetivamente qualquer outra alma humana à vista.

Exceto... os seus dedos tocam na ponta de cigarro que tem no bolso. Não gosta daquilo. Mostra que esteve aqui alguém recentemente. Heather não fuma, tanto quanto sabe – e por certo que não iria fumar junto ao Abrigo Velho, se pudesse evitá-lo. *Iain fuma*, pensa ele, mas não necessita de vir aqui acima: tem andado a trabalhar junto ao lago, na casa das bombas. Também pode ter sido o casal islandês – mas viu-os a fumar cigarros enrolados à mão na outra noite, após o jantar.

Vai falar do assunto a Heather, mais tarde. Só para verificar se ela reparou em algo.

Caçadores furtivos? Mas por certo que haveria outras provas da presença deles? No passado, encontrou erva manchada a sangue onde arrastaram o seu troféu ilegal, ou os cartuchos descartados com que o abateram. Encontrou os restos de fogueiras que atearam para tentar queimar o resto do corpo (por norma, só querem as cabeças) e os ossos enegrecidos sobrantes. Houve até alturas em que encontrou o animal abatido antes de regressarem para o irem buscar – levam a cabeça, a parte mais valiosa, e deixam o corpo decapitado na relva até ser oportuno o regresso para o recolherem.

Pode simplesmente ter sido deixado por um caminhante – ainda há o direito às caminhadas, embora sejam sem dúvida desencorajados pelas placas (provavelmente ilegais) de «propriedade privada». Não se recorda da última vez que viu um caminhante. Além disso, os caminhanes andam sempre com capas de chuva brilhantes e almoços envolvidos em plástico aderente e são pessoas sérias, não do tipo de despejar insensivelmente lixo na paisagem que vieram apreciar.

Não, ele não está a gostar nada disto.

Sente-se grato por deixar para trás o Abrigo Velho. A sua história tem paralelos com os seus próprios fantasmas. O guarda de caça é perseguido pela sua própria guerra, devastando o local. Ele sabe que tipos de forças podem levar um homem a tal ato.

Encontram as corças na faixa de terra por detrás do Abrigo. O céu já começa a escurecer – o sol, invisível por detrás das nuvens, deve estar a preparar-se para se pôr. Têm de ser rápidos. Leva os hóspedes a deitarem-se na urze e a rastejarem na direção dos veados, de forma a não os assustarem.

Uma afastou-se das restantes, uma velha cervo, que coxeava. Perfeito. Só se abate os velhos, os coxos. Apesar do que possam pensar os caçadores furtivos, isto não tem que ver com troféus magníficos.

Quando se aproximam o suficiente, volta-se para a loura mais baixa, que não é bela.

– Você – diz. – Quer tentar aquela?

Ela assente com a cabeça, com solenidade.

– Está bem.

Ele ajuda-a a fazer pontaria.

– A parte mais larga do peito – diz ele –, e não a cabeça. Demasiado espaço para errar na cabeça. E não muito baixo, ou desfaz-lhe a pata. E *prima* o gatilho, não se esqueça, com gentileza.

Ela faz como ele indica. A arma dispara, um trovão simples, a retinir nos

ouvidos. Os outros veados fogem assustados, desaparecendo a uma velocidade estonteante. Há exclamações dos outros hóspedes atrás dele, inspirando bem fundo.

Há uma pausa, como sempre, em que parece que o tiro não acertou em cheio, ou falhou por completo o alvo. Então, a cervo estremece como que atingida por um choque elétrico. Ouve-se o baque tardio do impacto da bala, o metal a penetrar a carne. Um urro, um som com tanto de raiva como de dor. Vacila uns passos, desequilibrando-se. Até que por fim desfalece – muito suavemente, como se tivesse cuidado consigo própria, dobrando as patas por baixo dela. O seu peito é de repente uma massa vermelha. Um tiro perfeito.

Ele percorre a centena de metros até ao animal moribundo. Ela ainda vive, para já: a respiração dela forma uma névoa devido ao frio. Há um momento em que o olhar dela encontra o dele. A seguir, ele pega na sua faca e crava-a, na perfeição, naquele ponto na base do crânio. Agora, ela morreu. Ele poucos remorsos sente, a não ser pela graça que em tempos foi, agora imobilizada. Ao contrário de outras mortes pelas quais foi responsável, sabe que está é correta, necessária. Sem precaução, a população iria descontrolar-se; os recursos tornar-se-iam tão escassos que toda a manada passaria fome.

Curva-se e enterra uma mão no ferimento, cobrindo os seus dedos de sangue. A seguir, regressa para junto da mulher, Emma, e – numa tradição imemorial – unge-lhe a testa e as bochechas com o sangue.

Emma

O guarda de caça disse-me que eu teria de esperar pelo bife do veado que abati. Necessita de ficar uns dias pendurado – aparentemente, nas primeiras vinte e quatro horas o *rigor mortis* instala-se mesmo e não seria comestível até os tecidos começarem de novo a amolecer. Mas eles têm já carne devidamente tratada que posso usar se quiser. Esta noite ia preparar um bife Wellington, mas percebi que podia fazê-lo antes com carne de veado. Seria perfeito, não seria – uma recordação do nosso dia?

Vim ao celeiro buscá-la. Primeiro, lavei a cara. Pelos vistos corre uma história antiga sobre não a lavar até à meia-noite para não se abater o azar sobre mim, mas não passa de um disparate e superstição. Além disso, secou e ganhou crosta, criando um péssimo aspeto.

Quando chego ao celeiro, não vejo vivalma, mas a porta está ligeiramente entreaberta. Empurro com uma mão e abre-se para trás.

Ouçó o murmúrio de vozes, em tons graves e urgentes. Ao som dos meus passos, cessam. Lá dentro está escuro e tenho de semicerrar os olhos. Quando o faço, recuo um passo. Numa das extremidades da divisão estão dependurados dois enormes pedaços de carne aterradores e ensanguentados junto à carcaça do veado que abati, esfolado e com os olhos ainda de um preto brilhante e focados. Há um cheiro distintivo, impossível de confundir: denso, metálico.

Atrás da carcaça, distingo o homem que faz trabalhos esporádicos ao lado de quem me sentei ao jantar, o Iain, segurando um grande cutelo numa mão e vestindo um avental de talhante embebido em sangue. Ele ergue a outra mão para me cumprimentar; tem a palma manchada a vermelho. Junto dele encontram-se os dois hóspedes islandeses.

Questiono-me em relação ao que poderiam estar a discutir com tanto fervor aqueles três estranhos.

– Já tenho o seu veado pronto – informa o Iain. Estende o braço para o balcão atrás dele e ergue um naco embrulhado em papel impermeável manchado.

– Obrigada – digo, pegando com cuidado. É pesado, frio.

– Estes dois – aponta para os outros hóspedes – estavam precisamente a perguntar-me se podiam ficar com o coração do que matou, dado que está mais fresco. Espero que não se importe que o levem?

– Não... – respondo, tentando disfarçar o nojo, como o faria um bom *chef*.

O homem, Ingvar, sorri-me.

– Obrigado. Sabe, um dia devia provar. É a parte mais saborosa.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

Fito o ecrã do computador. Estou sentada com a mão a tapar a boca numa imitação de choque. Mas sinto-me genuinamente espantada com o que revelou uma busca simples pelo nome completo do Doug. É mau. Muito mau. É bem pior do que provavelmente a minha mãe teria adivinhado com a sua imaginação mais fantasiosa.

Percebo isso até pelo breve resumo de cada artigo nas páginas de resultados da Google. Ele quase matou alguém. Tenho vivido neste lugar com um homem que esteve preso. Que foi condenado, como explica o discurso oficial, «por causar intencionalmente danos corporais graves».

O artigo do *Daily Mail* surge como primeiro resultado. Clico para o abrir. Há uma foto do Doug, com os olhos encovados, a boca um traço sombrio, cabelo rapado até ao escalpe. Outra envergando um fato mal ajustado, a ser levado de um carro para o tribunal, mostrando os dentes aos fotógrafos num rosnar. *Parece* um criminoso; parece violento, perigoso. O artigo que se segue é um ataque gritante a todos os aspetos do seu carácter. Frequentou um colégio privado; desistiu da universidade; serviu nos fuzileiros, tendo sido o único sobrevivente de um ataque talibã em «circunstâncias obscuras». Fortemente insinuante, para não dizer direto, de que da sua parte terá havido jogo sujo ou covardia.

E, depois, uma «rixa num bar».

Conforme leio, só piora. Os antecedentes por «danos corporais»? *Tentativa de estrangulamento*. Procuo algo no artigo que possa de certa forma exonerar o comportamento do Doug: algo a que me possa agarrar. Quero que ele seja exonerado. Não só por ser aterradora a ideia de ter vivido junto de alguém capaz de matar a sangue-frio (ou, pelo menos, tentar), mas também por, apesar de ele ser taciturno, eu ter começado a gostar bastante do Doug.

Acreditei genuinamente no que disse à minha mãe ao referir que ele era «inofensivo».

Mas não há nada que o ilibe. Descarto o *Daily Mail* e clico no *link* da *BBC NEWS*, que me deve fornecer um relato isento de enviesamentos ou sensacionalismo. O artigo contém uma citação de uma testemunha: «Aconteceu do nada. Num momento estavam a conversar, penso eu... dois tipos numa conversa tranquila no canto do *pub*, e no momento seguinte aquele homem estava a tentar estrangulá-lo. As pessoas tentaram afastá-lo e ele deu luta a todas, até finalmente haver gente suficiente para o suplantar. Foi assustador.»

Sinto um arrepio gelado, apesar de o aquecimento do Abrigo estar ligado no máximo. Tentativa de *estrangulamento*. Recordo a pisadura em redor do pescoço da hóspede, o colar preto e azul.

E, no entanto, que razões poderia ter o Doug para matar a hóspede? Ela só aqui estava há dois dias. Era uma perfeita estranha.

Talvez, diz uma vizinha, ele não precisasse de uma razão. O homem no *pub*, segundo estes artigos, também se acreditava que fosse um absoluto estranho.

Há pelo menos uma coisa que não encaixa, digo a mim mesma. O facto de ter sido o Doug a descobrir o corpo. Porquê mostrar-me o paradeiro do corpo, em vez de aproveitar para o esconder? Para controlar a situação? Talvez... mas, então, só faria sentido fazer isso se ainda fosse possível levar a que parecesse um acidente. É bastante óbvio, até para quem não é médico, que ela foi estrangulada.

Alguém bate à porta. Paraliso e fecho o portátil com força. Com uns passos rápidos chego à porta e destranco-a. Quando a abro, do outro lado – como de certa forma já previa – está o Doug.

Dois dias antes Véspera de Ano Novo de 2018

Katie

Toda a gente se dirige para as suas próprias cabanas para se preparar para a noite. A Miranda quer-nos a todos bem arranjados.

– É ridículo – murmurou a Samira a mim e à Emma –, estamos no meio de nenhures, no campo. Parecendo que não, tenho outras prioridades além de me aperaltar. Pensei que tínhamos vindo cá para relaxar?

– Oh, mas acho que será para criar um momento especial – disse a Emma, com lealdade.

Além disso, em assuntos como este não vale a pena resistir. A Miranda *vai* ter o que deseja.

Mas eu não passo o tempo anterior ao jantar a preparar-me. Passo-o na casa de banho, agachada sobre uma pequena vareta de plástico, e depois a andar de um lado para o outro na minha cabana, a pensar no que fazer. Apetece-me gritar. Mas este lugar é tão sossegado que todos me ouviriam.

Talvez, digo a mim mesma, tentando respirar, o teste tenha dado um resultado falso. Quem me dera ter um a mais. Mas, na Boots de King's Cross, estava muito afogueada, demasiado receosa que algum dos outros me visse a comprá-lo. Além disso, a folhinha das instruções sugere que apesar de ser possível o teste não detetar um resultado positivo, o contrário quase nunca acontece.

Sem dar por ela, já são oito da noite, e enfio um vestido preto que me lembrei em cima da hora de pôr na mala, uma velha peça de levar do escritório para um *cocktail*, e passo uma escova pelo cabelo, com tal força que até me magoo.

Não sei se será ou não imaginação minha, mas o vestido parece-me mais justo do que estava na festa de Natal do escritório e quando olho para o meu reflexo de lado no espelho, tenho a certeza de que vejo uma pequena saliência

onde antes nada tinha. Oh, meu Deus. Rodo, para um lado e para o outro. Está sem dúvida lá. Sinto o medo a apossar-se de mim.

Agora que reparei, torna-se inconfundível; espanta-me que a Miranda ainda não tenha comentado. Some-se isto ao facto de ter reparado que as minhas mamas estão um pouco mais sensíveis – e que o meu apetite anda aos altos e baixos. E, todavia, como raio é que isto aconteceu? Pensei que tinha sido bastante cuidadosa. Nitidamente, não fui suficientemente cuidadosa. Não sei o que hei de fazer.

Volto a sentar-me na cama. Não quero ir. Não consigo fazer isto – não consigo ir ali para fora e encará-los a todos. Deixo-me ficar uma meia hora sentada. A pensar... a esperar... talvez... se tenham esquecido de mim por completo?

Batem à porta. Por momentos, quase consigo fingir que foi imaginação minha.

– Katie? O que estás aí a fazer? Vejo-te sentada na cama!

Vou à porta e abro-a – que escolha tenho eu? Sinto-me como um animal, encurralado na sua toca. A Miranda está ali parada, de mão na anca. Está estupenda, claro: optou por um vestido dourado justo; o tipo de peça com que uma pessoa só se safa se tiver o aspeto da Miranda, e provavelmente apenas na Véspera de Ano Novo.

– Bem... – Ela olha-me de alto a baixo. *Será que ela nota? Estou de frente, pelo que provavelmente não.* – Não estás muito festiva – diz ela. Depois, abre a pequena bolsa que traz pendurada num braço. – Toma, isto vai ajudar. – Meio entorpecida, sinto-a a pressionar o batom nos meus lábios; o aroma a cera é quase esmagador.

Ela recua.

– Pronto. Está melhor. Então, vamos lá.

Agarra-me pelo pulso, com as unhas a raspar-me na pele – quase me arrasta pela porta aberta, encaixa o meu braço no dela.

Neste momento, não aguento este contacto forçado. Liberto o meu braço do dela.

– Estou bem assim, obrigado – digo. Sai mais cortante do que pretendia. – Acho que consigo ir até lá pelo meu próprio pé.

A Miranda fica espescada a olhar para mim, tão chocada como se lhe tivesse gritado. Percebem, eu nunca lhe faço frente. Ela gosta de dizer às pessoas que, enquanto amigas, «nós simplesmente não discutimos». Mas não se deve a ela, por amor de Deus. É por eu nunca, no passado, algum vez lhe ter feito frente.

– Olha – diz ela, com uma voz grave, perigosa –, não sei o que se passa contigo, Katie. Tens sido horrível desde que cá chegámos. Até parece que de repente és demasiado *boa* para nós. Como se te incomodasse alinhares. Mas, bem, esta noite vai ter de ser. É bom que te divirtas. – Roda sobre os

calcanhares. E dou por mim a segui-la tão mansa como se tivesse uma corda ao pescoço. Que alternativa tenho eu?

Esta noite, o ambiente está diferente. Na noite passada, estava tudo animado, havia um espírito de camaradagem, de união. Esta noite, o ambiente parece perigosamente no limite. É como se o tempo passado no exterior, na natureza selvagem, nos tivesse posto de guarda. Será que os outros também ainda conseguem ver o veado, como eu: a ceder sobre os joelhos? Tornou-se algo sombrio entre nós, com o peso de um segredo de culpa. Matámos algo juntos. Somos todos cúmplices, mesmo tendo sido a Emma a disparar. Fizemo-lo por «diversão».

Todos – exceto eu – parecem ter-se apartado nos seus devidos casais, regressando às suas fidelidades primárias: o Nick e o Bo, a Emma e o Mark, a Miranda a serpentear um braço em volta da cinta do Julien. Um pouco apartados, o Giles e a Samira conversam em murmúrios. A Miranda convenceu-os a deixar a Priya na cabana esta noite para podermos ser «apenas adultos», mas a julgar pela expressão amotinada da Samira ela não estará propriamente satisfeita.

Surge uma alegria forçada quando o Julien circula com uma garrafa de champanhe, servindo generosamente, mas toda a gente parece deitar logo abaixo a bebida, mal provando, como se tentassem entrar na onda através do álcool. É claro que posso estar a imaginar isto: a projetar neles uma tensão que exista apenas na minha mente. Mas não estou muito convencida. Porque me apercebo dos olhares fugidios e animais que lançam uns aos outros – nisso, não estou sozinha. Procuramos algo nos rostos uns dos outros. Mas o que será? Familiaridade? Um lembrete reconfortante de tudo o que nos une? Ou procuramos receos algum novo elemento, vislumbrado lá fora naquela encosta sombria? Algo novo, estranho e violento.

– O jantar está servido! – avisa a Emma desde a cozinha. É um alívio ter um novo foco, não ter de andar por ali a fazer conversa fiada – o que de repente parece tão tenso e difícil como seria com perfeitos estranhos.

É veado Wellington: embora não seja com o veado que abatemos, fico aliviada em saber. A Emma é uma cozinheira fantástica. Está ao nível da sua incrível capacidade de organização, calculo. Planeou toda esta viagem, até ao mais ínfimo pormenor. E pelo menos não parece afetada pelo estranho espírito que possuiu toda a gente: intensa e enérgica enquanto leva a travessa para a mesa com um floreio.

– Caramba – diz a Miranda –, estou espantada contigo. Na maior parte das vezes, se espreitares para o nosso frigorífico, só dás com uma garrafa de champanhe e meio frasco de azeitonas. Até pareces uma adulta.

A Emma cora de prazer. Só que... não me parece que tenha sido um elogio. Faz com que pareça doméstica, como se não tivesse vida. Mas ainda assim a Miranda escapa àquilo com um ar glamoroso, de uma forma imprevisível, sempre a bombar.

Nem sequer é verdade. Sim, ela não é boa cozinheira, mas não deixa de o *fazer*. Nunca perde uma oportunidade de, de alguma maneira, se mostrar superior à Emma.

Que cabra. Contenho-me, abafa o pensamento. O que me deu? E, afinal, quem sou *eu* para falar?

Todos aplaudimos e elogiamos o veado: o brilho dourado da massa folhada, a limpeza do naco compacto de carne.

Corto um pedaço. Está cozinhado na perfeição: a massa folhada estaladiça, o veado miraculosamente rosado ao centro. Mas, quando lhe espeto o garfo, escorre um pouco de sangue. Recordo a corça, a vacilar sob os joelhos, o gemido terrível que pareceu ecoar nos picos em redor quando ela caiu, e sinto o estômago às voltas. Mas, ainda assim, dou uma trinca e fico ali a esforçar-se para engolir. Por um breve e pavoroso momento a comida parece ficar presa ao fundo da garganta e penso que posso engasgar-me. É preciso uma boa golada de água para a comida descer e como consequência disso dou por mim a tossir asperamente.

A Samira, ao meu lado, dá-me um toque com o cotovelo.

– Estás bem?

Assinto. Reparo que a Emma se virou para mim.

– Espero que esteja bom? – pergunta.

– Sim – respondo, com a garganta arranhada –, está absolutamente delicioso.

Ela assente ao de leve com a cabeça. Mas não sorri. Penso se se terá apercebido da dificuldade que tive em forçar a carne a descer: pior, o meu esgar de leve repulsa ao ver a carne ensanguentada. Mas acho que será mais do que isso. Nunca me pareceu que a Emma gostasse muito de mim. Esforcei-me tanto com ela – com perseverança, tentei mais intensamente do que poderia ter feito se ela tivesse dado sinais de gostar de mim. E deveria ser ao contrário. Deveria ser ela a procurar alguma aceitação da parte dos velhos amigos do Mark. Sem dúvida que se esforçou com a Miranda, apesar de a Miranda por vezes se revelar uma verdadeira cabra com ela.

Sem dúvida que tive alguma pena da Emma quando ela se juntou ao grupo. Havia tanto que ela tinha de pôr em dia, tantas piadas próprias, tanta história. Para o Bo, foi diferente. De certa forma, a sua americanidade destacou-o. Ele

era exótico – um nova-iorquino – e, além disso, estudou em Stanford, pelo que ali não ia haver propriamente um sentimento de inferioridade. Ao passo que a Emma estudou em Bath e a Miranda sempre pareceu determinada a encontrar uma forma ou outra de lhe atirar com Oxford à cara, para lhe mostrar que não era tão boa como os restantes de nós. Não acho que ela queira que a Emma se sinta mal, *per se*, deseja apenas uma espécie de reconhecimento servil da superioridade dela.

É de dar crédito à Emma por mal reparar quando a Miranda a ataca. Ela tem o seu quê de robustez, de autocontenção. Acho que é uma daquelas pessoas com quem é fácil travar amizade, porque não guarda rancores... mas não é o tipo de pessoa que alguma vez seria a minha *melhor* amiga. Não parece ter uma camada mais profunda; ou, se a tem, esconde-a bem. Refrescante, sim, mas também talvez um pouquinho básica. Meu Deus, já pareço a Miranda.

– Sabes – disse eu à Emma, na passagem de ano de há dois anos, quando ela ainda era muito recente no grupo –, não devias dar importância às tretas da Miranda.

– Como assim? – perguntou, de olhos arregalados.

– A maneira como ela fala contigo. Ela é assim com todos, para ser sincera. Acho que ela às vezes tem a ideia de que todos fomos postos na terra para a servir. – Eu conhecia bem a sensação. – Gosto imenso dela, porque ela também tem muitas qualidades... mas essa é com certeza uma das características menos admiráveis dela. Não queiras dar crédito à ideia dela que ela tem da sua própria superioridade.

A Emma franziu o sobrolho.

– Eu não me importo, Katie. – O tom de voz dela saiu com uma aspereza que nunca lhe ouvira.

– Oh – disse eu –, só pensei...

– Não precisas de te preocupar comigo – insistiu –, a sério que não me importo.

E genuinamente parece que não. Vejo-a agora, a distribuir sorrisos por todos, a perguntar à Miranda onde comprou o vestido. Talvez esteja a ser excessivamente sensível, mas por vezes tenho a impressão de que ela só a custo me tolera, em prol da harmonia do grupo. Que, sob aquela capa, pode haver ali uma verdadeira aversão.

É bastante perturbador, sentir-se a antipatia da parte de uma pessoa tão franca e boa – «boa», sim, é a palavra exata – como a Emma. Às vezes, quando me sinto mais paranoica, tenho pensado se ela reconhece que há algo de «errado» em mim. Se detetou o espírito destrutivo e o egoísmo que há em mim antes mesmo de eu os ter reconhecido.

A Miranda depenica a sua comida, separando cuidadosamente o bife do folhado, e depois comendo apenas metade. Sempre foi muito cautelosa com o peso. O que é ridículo, porque tem mesmo uma silhueta perfeita, pelo menos segundo as revistas e o *Daily Mail*. Mas recordo-me de comer em casa dela e de a mãe lhe tirar o prato da mesa antes de ela terminar. «Uma senhora», dizia ela, «deixa o prato por acabar e mantém a cinta abaixo dos sessenta e cinco centímetros.» E achava eu que vinha de uma família disfuncional. Durante uns anos a Miranda foi *vegan* e depois seguiu a dieta 5:2 por uns tempos. E além disso frequentou todas as aulas de Pilates, barra de *ballet* e bicicleta disponíveis no seu ginásio de elite. Ela é obviamente linda, mas se me perguntassem, diria que ficaria melhor com um pouco mais de peso, de curvas. Nos trintas já começa a ter aquele envelhecimento frágil das estrelas de Hollywood. Oh, e tenho a certeza de que pôs Botox. Seria de imaginar, sendo eu a sua melhor amiga, que deveria saber isto. Mas ela é estranhamente recatada em tais assuntos. Por exemplo, o facto de fazer regularmente bronzamento falso: aparece num casamento com um ar de quem passou três semanas em St. Barts. Mas quando comento o assunto, diz qualquer coisa como, «Oh, sim, passei imenso ao sol nos últimos tempos. Fico morena com muita facilidade», e muda abruptamente de assunto.

– Ele é tão giro, não é – está ela agora a dizer –, aquele guarda de caça? Do tipo forte e calado... Parece saído de um romance da Mills & Boon. Tão talentoso. Não me tinha apercebido que era tão complicado perseguir um veado. E é tão *alto*. Não eras capaz de trepar aquilo?

– Então não? – diz a Samira, levando o Giles a dizer, magoado:

– Ei!

Mas a Miranda mal parece reparar que ela falou. Está a olhar para o Julien. A parte do «alto» parece uma bicada particularmente afiada. O Julien é muitas coisas, mas o que não é, nem nunca será, é alto.

– Que homem tão *masculino* – acrescenta a Miranda. – Há nele algo que ronda o perigoso... Mas isso só o torna mais atraente. Dá para perceber que é capaz de consertar tudo, ou de te construir um abrigo no meio de um bosque. Já não há quem tenha tais talentos.

– Sabem o que parecem? – diz o Giles, num tom ligeiro, embora me pareça também um pouco irritado.

– O quê? – pergunta a Miranda, num tom de brincadeira.

– Um par de solteironas desesperadas.

Não me escapam as espreitadelas na minha direção – até o Nick, por amor de Deus. Porque se há aqui uma solteirona desesperada então, bem, é esta vossa amiga. Concentro-me em picar um pedaço perfeito de veado e folhado com a ponta do meu garfo.

– Acho – diz a Miranda, sem se deixar intimidar –, em nome de todas as

mulheres, que devias tentar seduzi-lo, Katie.

É dito num tom brincalhão, mas há ali qualquer coisa, e penso no que significará. Ela parece um pouco *exagerada* esta noite: o vestido dourado, o cabelo subido num penteado ao estilo de guerreira, o brilho no olhar, a gargalhada levemente acima do tom.

– Para ser assassinada? – diz o Giles, rindo-se. – Bem, dá que pensar, não é? O que faz um tipo como aquele sozinho num sítio destes? Ora bem, isto é lindo e tranquilo, e isso tudo, para uns dias, mas seria assustador viver aqui sempre sozinho. É de enlouquecer, se não se for já louco.

– Ele não está aqui sozinho – digo. – Há aquela mulher do escritório, a Heather.

– Sim – diz a Miranda –, mas eles não estão juntos, pois não? E ela provavelmente também é um bocado apanhada. Quem opta por levar esta vida só pode ser um bocado passado, ou foge de algo.

– Eu acho que ela parece completamente normal – digo. E não sei o que me leva a defendê-los. Não é boa ideia discordar da Miranda quando ela está com esta disposição. – E ele pareceu-me completamente inofensivo. E, sim, acho que é bem-parecido.

– Estou a ver – diz o Julien no modo pouco convincente de um tio bondoso. – Faz o teu género, não faz, Katie?

Sinto-os a olhar para mim, como se fosse um espécime num frasco. Engulo o pedaço de carne Wellington, bebo uma longa golada de água, embora me apeteça vinho.

– Talvez.

Depois do jantar, ainda é bastante cedo. A Emma dá o seu melhor para manter toda a gente bem lubrificada. Insiste constantemente em levantar-se e encher os copos – o que é um pouco embaraçoso, como se fosse a nossa empregada para a noite. Apesar de todo o seu esforço, a conversa à mesa parece ter-se esgotado. Dá-se uma estranha pausa. O que fazer, como ocupar o tempo? Com a descontração da noite passada misteriosamente desaparecida, não parece bastar ficarmos aqui sentados perdidos em recordações. Lembro a mim mesma que é sempre assim na Véspera de Ano Novo, devido aos festejos forçados. A meia-noite – não particularmente tarde em qualquer outra noite – de repente parece uma meta muito distante.

– Estava aqui a pensar – diz a Samira –, e sei que é um pouco coisa de adolescente... Mas não podíamos jogar ao Verdade ou Consequência?

Ouvem-se uns quantos gemidos em simultâneo.

– Samira, já passámos os trinta – diz o Nick, erguendo uma sobrancelha. – Acho que já deixámos para trás o Verdade ou Consequência.

– Oh, vá lá – diz a Miranda –, entre nós há quem goste de se achar novo.

– E não pode ser divertido? – diz a Emma. É a única que parece ter mantido o ânimo da manhã de ontem: toda ela é entusiasmo, ruborizada com o prazer do sucesso da refeição. Ela esta noite fez um esforço considerável – não consegue equiparar-se ao *glamour* da Miranda, mas o seu vestido metálico sem ombros tem um certo brilho e pintou os lábios de vermelho-vivo. É uma combinação quase perfeita com a minúscula mancha de sangue que lhe escapou, acima da orelha junto à linha do cabelo, uma sobra da caçada da tarde.

Na ausência de outra sugestão, todos parecem aceitar que é o que vamos fazer agora: jogar ao Verdade ou Consequência. Há um alívio palpável, na verdade, por termos uma estrutura para sustentar a parte seguinte da noite, algo para nos manter ocupados.

Sentamo-nos em volta da mesa. A Emma agarra uma garrafa de vinho vazia e fá-la girar. Aponta para o Bo.

– Consequência – diz ele.

– Beija o Mark – diz a Miranda.

O Bo enrugou o nariz.

– Tem mesmo de ser?

O Mark parece completamente aterrorizado. Mas o Bo debruça-se para a frente, muito prático, e deposita um beijo na boca do Mark. E por momentos – quem pestanejasse não veria – acho que o Mark reage, com a sua boca a mover-se sensualmente sob a do Bo. Tem o seu quê de excitante. Vejo o Nick a franzir o sobrolho. Ele também reparou.

Todos se riem. Mas há agora uma nova tensão no ar, um *frisson* de sexo.

O Bo roda a garrafa. Aponta para a Miranda.

– Verdade – diz ela, com um sorriso algo vago. Entre isto e o aspeto preguiçoso e ensonado dos seus olhos, percebo que já bebeu bem mais do que a conta.

– Oh – diz o Nick. – Tenho uma. Já alguma vez dormiste com alguém aqui à mesa?

A Miranda começa aos risinhos.

– Alguma vez dormi com outra pessoa? – diz ela. Profere «dormi» num tom levemente arrastado. – Calculo que queiras dizer com a exceção do meu *marido*?

– Sim – diz o Nick. Ele fita-a com uma certa intensidade: recorda-me um gato a observar um pássaro.

– Hum... – Leva um dedo aos lábios, mas falha à primeira e bate no queixo, como se estivesse a pensar. – Acho que nesse caso terei de dizer... sim.

Segue-se um silêncio de espanto. Isso não pode ser verdade, certo? Se é, nunca soube de nada. Como é que *eu* não sei? Olho de relance para o Julien,

mas não parece particularmente surpreendido. Ele saberá? Quem poderá ter sido? Observo todos os rostos em volta da mesa, mas nenhuma das expressões revela o que seja. O Mark? É o mais provável, calculo, mas acho que se assim fosse já se teria sabido antes. Ainda assim, penso no tempo que passou a rondar a universidade, querendo entregar à Miranda alguma mensagem do Julien. Teria havido a oportunidade.

A Miranda encolhe os ombros para todos nós.

– Não vou contar mais nada, por isso mais vale rodar outra vez.

– Vá lá – diz a Samira –, tens de nos contar.

– Sim – diz o Bo –, não podes dizer-nos uma coisa dessas e depois não dizer mais nada.

– Posso, pois – diz a Miranda, com um sorriso dissimulado. – Respondi à pergunta. contei a minha Verdade.

O Giles passa a garrafa à Miranda.

– Muito bem. Próximo.

O brilho nos olhos da Miranda intensificou-se ainda mais. Após a sua revelação, a parada está mais alta, o ambiente alterou-se. Ela faz girar a garrafa e aponta para o Mark.

– Consequência – diz ele, quase antes de parar por completo.

– OK. – A Miranda pensa por um momento. – Bebe isto. – Ela estende uma garrafa de *Dom Pérignon*.

– Tudo? – A Emma fica pasmada a olhar. – Não podes fazer isso.

– Era a minha habilidade nas festas – revela o Mark. – Nunca te contei? Uma garrafa em dez minutos.

Lembro-me. Também me lembro da confusão que se seguia. O Mark é uma daquelas pessoas que não devia beber. A bebida torna algumas pessoas emotivas, outras beligerantes, outras zangadas – dá para adivinhar o grupo do Mark.

– Eu trato disso – diz a Miranda, levantando-se. Arranca a rolha com um ar cerimonioso, fazendo-o com cuidado para assegurar que nada verte. Então, encaminha-se na direção do Mark. – Ajoelha-te – diz ela, num tom com tanto de sedutor, como de militar. – Abre bem a boca. – Ele obedece e ela vira a garrafa ao contrário, sem aviso e com pouca gentileza, enfiando o gargalo entre os lábios apartados dele. Ele faz uma espécie de som de engasgar, mas ela não abranda. Acho até que lhe dá ânimo para pressionar um pouco mais com a mão muito bem arranjada.

O Mark engole o líquido, com a garganta a laborar intensamente e os olhos lacrimejantes, vermelhos, parecendo quase raiados a sangue. O Julien e o Giles incitam-no: «Bota abaixo!» e «Bebe, bebe, bebe...» – resquícios dos cânticos das festas do rãguebi, sem dúvida. Os restantes de nós limitam-se a olhar.

O nariz dele escorre ranho, como uma criança chorosa. Ele faz mais

daqueles sons de quem se engasga e por debaixo nota-se uma espécie de ganido animal grave que me arrepia os pelos dos braços. Apesar de tudo isso, a maior parte da bebida escorre-lhe pelo queixo e ensopa a sua camisa elegante e o gancho das calças do fato.

– Oh, meu Deus – diz a Samira –, provavelmente já bebeu que chegue.

– Por amor da santa – ruge a Miranda, ignorando-a por completo. – Bebe. Não estás a beber.

Penso na densidade das bolhas do champanhe, como custa deitar abaixo um copo que seja.

É horrível de ver, uma imitação grotesca de um ato sexual. Mas, por algum motivo, é ao mesmo tempo impossível desviar o olhar ou fazer algo para deter aquilo. Os rapazes já deixaram de o incentivar, os cânticos esmorecendo para um silêncio desconfortável. Até a Emma permanece imóvel, não faz nada para ajudar o namorado. Ficamos sentados a olhar como que espantados e hipnotizados por este espetáculo obsceno.

Por fim, a garrafa esvazia-se. De forma lenta, quase relutante, a Miranda retira a garrafa. Dá-lhe com a palma da mão e tombam mais uns pingos, um deles chapinhando no olho do Mark numa derradeira indignidade, o ponto final do insulto.

O Mark ofega, está aos arrancos, curvado, apoiando-se com as mãos nos joelhos. Por um momento horrível parece que vai vomitar. A Samira, a mais próxima dele, assenta-lhe uma mão reconfortante nas costas. Ele descarta-a com uma forte sacudidela de ombros. Esperamos, em silêncio, sem ninguém abrir a boca, para vermos como isto se desenrola. Por fim, após o que parece um longo momento, o Mark ergue a cabeça. Mostra-nos um débil e pouco convincente sorriso e ergue a mão como um vencedor. Ele deve saber, sem dúvida, que seja o que for aquilo a que assistimos não se tratou de maneira nenhuma da *sua* vitória. Ainda assim, dá-se um suspiro de alívio coletivo. Os outros aplaudem. Era uma brincadeira! Ah, ah – Miranda, és o máximo. Mark – boa, meu velho!

Quando o Mark se prepara para fazer rodar a garrafa, a mão dele treme. Aponta, como eu de certa forma já esperava, para mim.

– Consequência – digo. Não é que o queira: as consequências da Miranda sempre foram notoriamente horríveis. Mas neste momento sem dúvida que preferiria qualquer consequência a uma verdade.

– Mark? – pergunta a Samira, virando-se para ele. – Alguma ideia?

O Mark leva uma mão à garganta e tenta falar, mas sai apenas um sibilo rouco. Abana a cabeça e passa a sua oportunidade de escolher.

– Muito bem – diz a Miranda, prática, aparentemente despreocupada com o facto de ser a causa da indignidade dele. Forma um V com os dedos e aproxima-se da Emma, sussurrando-lhe ao ouvido. Credo, parece uma coisa

da escola. Como é que a Emma pode estar tão amiguinha da Miranda, depois do que ela lhe fez ao namorado? Mas talvez estejamos mesmo a fingir que é só diversão e jogos, sem maldades.

A Emma assente com a cabeça.

– Ou... – diz ela, sussurrando também algo ao ouvido da Miranda.

O Bo ri-se.

– Vais partilhar connosco?

A Emma abana a cabeça na direção dele, brincalhona. A Miranda nem se dá ao incómodo de espreitar na direção dele. Olha diretamente para mim. Sinto um arrepio a percorrer-me.

– Para dentro do lago – diz ela. – Dez segundos, completamente submersa. E depois toca a sair.

Olho fixamente para ela. Não pode estar a falar a sério.

– Miranda, lá fora está um gelo. Há gelo à superfície.

– Sim – interrompe o Nick. – Miranda, ela vai morrer congelada.

Espero também pelo apoio da Samira. Mas ela está de testa franzida a olhar para o vazio como se estivesse ausente.

A Miranda sorri, des preocupadamente, e abana a cabeça.

– A gerente disse-me que nada lá quase todos os dias, mesmo no inverno. Além disso, vamos estar à tua espera com uma toalha. Vais ficar bem, Katie.

Fito-a fixamente. Não acredito que vai mesmo obrigar-me a fazer isto. Mas o olhar dela apresenta-se vazio, inexpressivo.

– Vamos lá – diz ela, com um pequeno aceno de encorajamento. – Despe-te.

Na escola, com frequência a Miranda foi a minha defensora: desprezando as raparigas que tentavam deitar-me abaixo. Mas havia uma outra faceta, também. Miranda, a *bully*. Quando queria, sabia ser bem mais cruel do que qualquer uma das cabras da turma. Era raro, mas acontecia. Era como um interruptor, um fletir de músculos. Apenas para me recordar quem mandava.

Tenho uma recordação em particular – uma daquelas que não dá para sacudir, por muito que se tente. Nono ano. No balneário antes do hóquei. Uma das raparigas – a Sarah – queixava-se do facto de a professora não a deixar de fora, apesar de ser o primeiro dia do seu período.

– Ela diz que supostamente é «bom» para mim. Diz que me vai tornar melhor. Mas sei que não vai. Não é justo. – As outras: a assentir e a murmurar, compreensivas.

Lembrei-me da embalagem de paracetamol na minha mochila: retirei-a e ofereci-lha. A Sarah era uma das menos terríveis. Às vezes sentávamo-nos juntas na aula: nas que eu não tinha com a Miranda, claro. Ela ergueu o olhar para mim e sorriu ao tomar os comprimidos.

– Obrigada, Katie. – Senti um calorzinho a espalhar-se pelo peito.

E, então, a voz da Miranda, nítida como um sino.

– Mas acho que a Katie não consegue perceber. Ainda nem lhe veio o período. – Todas as outras raparigas se viraram para mim, chocadas. Fitando-me como se eu fosse aquilo que exatamente me sentia: uma aberração. Foi um sinal, tive eu a certeza, de que se passava algo de muito errado comigo. Catorze anos e nada de vir o período. Eu confidenciara à Miranda no maior secretismo. Na altura confortou-me, disse ter a certeza de que catorze anos não era assim tão tarde, no grande esquema das coisas.

E, depois, usou aquilo para me humilhar. Como uma forma de me manter sob o seu jugo.

Está a fazê-lo agora.

Isto é absurdo. Tenho trinta e quatro anos. Há pessoas que respeito e que dependem de mim no trabalho. Tenho responsabilidades. Sou, na verdade, uma advogada brilhante – tenho essa noção – nunca deixo o outro lado vencer. Não vou permitir que me humilhem desta forma.

Muito bem, penso, olhando para a Miranda. Estou-te a ver. Vou alinhar. Como se não fosse nada de especial, dispo o vestido, pelo que fico diante deles em roupa interior. Por acaso, vesti roupa interior de qualidade: seda amarela, enfeitada com renda. Nova. Reparo nas sobancelhas da Miranda a elevarem-se um pouco. Ela contava com algum horror tipo uma mistura de cinzento e bege desgastado pelas lavagens, desconfio, para piorar a minha humilhação. Penso se terão reparado na barriga. Talvez possa explicar-se por estar inchada depois de comer. De qualquer modo, encolho-me ao atravessar a sala sem me dignar a olhar para eles e abro a porta.

Foda-se. Está ainda mais frio do que antes, se é que isso é possível. Está tão frio que até dói. Sinto a pele a encolher. Não posso pensar nisso, ou não sou capaz de o fazer. Tenho de ser rija, mostrar a minha faceta mais forte. A água está a poucos metros, ao fundo do carreiro. Parece preta como tinta. Mas à superfície apercebo-me de pequenos fragmentos claros de gelo, translúcidos de tão finos. Avanço para lá e simplesmente prossigo quando a água me cobre os tornozelos, barrigas das pernas, estômago, e então baixo-me, até ao pescoço. Inacreditavelmente frio. Parece que me afogo, apesar de ter a cabeça acima da superfície. O frio expulsa-me todo o ar dos pulmões; respiro demasiado depressa, mas parece que não consigo inspirar. E então, por fim, controlo-me. Viro-me e olho para eles, que me observam desde a margem. Todos a aplaudir e a gritar, com a exceção da Miranda. Está simplesmente a observar-me.

Olho-a nos olhos, enquanto me mantenho à tona da água. *Odeio-te*, penso. Odeio-te. Já não me sinto mal. Mereces tudo o que vais ter pela frente.

Emma

Vou à casa de banho do Abrigo buscar uma toalha para a Katie. Ela está tão fria que os dentes tremem-lhe fazendo um som que parece alguém a partir gelo. À luz da sala de estar, tem os lábios azulados. Mas o que mais perturba são os seus olhos. Conheço este olhar, é o de alguém no limite. Já o vi no Mark. Vi-o naquele dia nas corridas de cavalos.

– Odeio-a – diz ela, num silvo. – Odeio-a mesmo. Não acredito que me obrigou a fazer aquilo. Não a conheces bem, Emma... por isso se calhar não percebes. Não sabes do que ela é capaz.

Na verdade, acho que a conheço bem melhor do que tentas fazer crer. Quem é que esteve lá para a apoiar, quando desapareceste da face da terra? E sei bem do que *tu és* capaz, Katie Lewis.

Não o digo em voz alta, claro. Em vez disso, cerro os dentes e digo:

– E que tal uma taça de champanhe? Vai aquecer-te, certo?

– Não. Não quero uma taça de champanhe. Além disso, o teu namorado não bebeu tudo? – Praticamente cospe as palavras. Olho fixamente para ela. Nunca a vi assim. Acho que nunca tinha visto a Katie zangada.

– Olha, Katie, tenho a certeza de que ela não fez de propósito. Só que bebeu demais e achou que seria divertido.

– Foi perigoso como a merda – rosna ela. – Fazes ideia de como a água está fria?

– Vá lá, Katie. Estamos a entrar num novo ano. 2019. *Um ano completamente novo*. E que tal tentar esquecer isso? Tenho a certeza de que nos últimos tempos todos fizemos coisas de que não nos orgulhamos. – Olho-a fixamente, o suficiente para ela se calar. Engole em seco e curva a cabeça, como se admitisse algo. – Eu só quero que toda a gente se divirta – digo. – Ando a planear isto há tanto tempo.

– Sim – diz ela, humilhada. – Eu sei. Desculpa, Emma.

Encaminho-a para a casa de banho, persuadindo-a a voltar a vestir-se. De repente, torna-se obediente com uma criança.

Pego num disco à sorte e ponho-o a tocar, rodando o volume para o máximo. É Candi Staton, *You've Got the Love*. A minha canção preferida. É como devia ser.

E tem o efeito pretendido. Toda a gente começa a dançar. Até a Katie – embora algo apática.

A Miranda já está bastante embriagada. Mas ainda dança melhor do que todos os outros, balançando ao ritmo da música no centro da sala, o seu vestido dourado incandescente devido à luz. Levanto-me para dançar com ela, imitando-lhe os movimentos, e ela brinda-me com um largo sorriso. A seguir o sorriso hesita, esmorece.

– O que se passa?

– Que estranho... – (Arrasta as palavras, usando os «S» como o Sean Connery). Estreita os olhos na minha direção. – Mas parece que tudo isto já aconteceu antes. Já te aconteceu? Quando és capaz de jurar que este exato momento já aconteceu no passado?

Típico da Miranda, abençoada seja, achar que um *déjà vu* é uma experiência exclusiva dela.

– Sim – respondo –, às vezes.

– É esta canção... – Franze o sobrolho. – Falo mesmo a sério. Sei que já a dançámos antes. Não te parece que isto já aconteceu? – Olha para mim, com um ar inquisitivo. Não sei o que dizer, por isso rio-me. Se quero ser honesta, está a assustar-me um pouco. Fico aliviada quando ela vê o Julien por cima do meu ombro.

– Julien – diz ela. – Dança comigo. – Estende os braços para ele, agarrando-o pelos ombros.

Ele alinha por uns minutos, balançando obedientemente ao sabor da música, com as mãos nas ancas dela, mas nota-se uma estranha ausência de intimidade naquela postura. Parece entediado, mais do que tudo. Mas agora tudo faz sentido, claro.

Subitamente, toda a gente parece bastante embriagada. Sinto-me como se fosse a única em pleno controlo das minhas faculdades – com a exceção da Katie, talvez. O Mark arrancou a cabeça de veado da parede e anda a desfilar com ela, usando-a como máscara e fingindo que investe contra as pessoas. Percebo como está bêbedo depois de ter deitado abaixo aquela garrafa, tem os movimentos descoordenados. A Samira guincha – algo entre riso e verdadeiro terror – e desvia-se dele, caindo para trás sobre um dos sofás.

– Mark – grito –, pousa isso. – Mas ele não me ouve... ou ignora-me.

Quando está assim, não vale a pena chamá-lo à razão.

O Giles, entretanto, anda a vaguear pela sala, bebendo diretamente de uma garrafa de champanhe. Fruto de uma aparente inspiração súbita, tapa a ponta com o polegar e começa a agitar furiosamente – como um piloto de Fórmula 1. A seguir, larga, apontando ao Julien. Este encolhe-se sob o *spray* – uma fonte de champanhe –, que lhe encharca a camisa, a virilha. Mas uma boa parte não lhe acerta. Vejo que forma uma poça no tapete de pele de ovelha, no belo tecido do sofá...

– Parem – grito, correndo para eles. – Parem! – Mas ignoram-me por completo. Na sua embriaguez, parecem de algum modo sobredimensionados, as suas ações maiores e mais dramáticas. Agora, o Julien salta para o Giles, agarrando-o pela parte da frente da camisa e puxando, abrindo-a à força com os botões a saltarem, aterrando com sons agudos. O Mark vira-se e vê-os. Larga a cabeça de veado, como uma criança que vê os outros a brincar com brinquedos melhores. Sai disparado na direção deles como se não quisesse ser deixado de fora, apanhando-os pelos pescoços. Os três cambaleiam, tentam equilibrar-se e tombam. Ouve-se um estrondo quando caem, em cheio em cima da mesinha de café a meio da sala. Os que dançavam – a Miranda, o Nick, o Bo e a Samira – param e olham para lá. Vejo o vidro a estalar ao centro, lentamente, de forma quase enfadonha, e estilhaça-se em pedacinhos, que se espalham por todo o lado. Os três levantam-se, com olhares turvos.

– Oh, foda-se – diz o Giles. E desata aos risinhos.

– Não interessa – diz o Julien com a fala arrastada. – Não te preocupes, Emma... – Procura-me. – Eu pago. – Estende os braços. – Pago tudo. – Assenta uma mão no Mark, que sem saber muito bem como conseguiu levantar-se. – Ajuda-me a levantar-me, amigo.

O Mark alinha. Começa a erguer o Julien. Então, quando já quase o levantou por completo, larga, e ele volta a estatelar-se no chão. Penso se terei sido a única a perceber que não foi accidental.

– Desculpa lá, meu – diz ele.

O Julien olha para cima para ele e tenta rir-se. Mas o olhar dele, apercebo-me, é intenso, quase sombrio.

Está tudo a correr terrivelmente mal. Olho à minha volta para a destruição que vai na sala, para a maravilhosamente enfeitada mesa de jantar atrás – que parece trocar de mim. Isto não é nada do que planeei. Então, no relógio de parede, vejo as horas. Quase choro de alívio.

– Ei – grito, formando um funil com as mãos sobre a boca, sabendo que isto poderia, melhor do que tudo, atrair-lhes a atenção –, é quase meia-noite!

Miranda

Seguimos aos tropeções até à beira do lago. O Julien está curvado sobre si mesmo – é capaz de se ter magoado um pouco quando andava a fazer asneiras com o Giles e o Mark ainda há pouco. Partiram uma mesa, por amor de Deus – parecem crianças. A Katie ainda está envolvida numa das grandes mantas de lã, por cima da roupa. Não pode estar *ainda* com frio, pois não? Sempre foi frágil como o caraças. Ainda assim, sinto-me muito mal por causa do meu comportamento. Não em relação ao Mark – ele estava a pedi-las desde a noite passada. Mas a Katie não me fizera nada, na verdade, além de se mostrar um pouco distante e não muito divertida. Por vezes, estes impulsos apossam-se de mim – a necessidade de ir um pouco mais além... até a necessidade de magoar. Não consigo impedir, é uma espécie de compulsão.

Gostaria de dizer algo à Katie, pedir desculpa, talvez, mas não sei o que dizer. O champanhe bateu-me com força. O meu bafo forma uma nuvem no ar, mas na verdade nem sinto o frio, embrulhada como estou no meu pequeno manto de álcool. Sinto-me zozza. Tinha-me esquecido de que bebera imenso vinho antes do champanhe. Tenho as ideias baralhadas, a mente turva. Talvez fosse melhor se me sentisse doente.

Arranca a contagem decrescente para a meia-noite.

– Um minuto! – grita a Emma, olhando para o relógio.

Olho para as estrelas. O novo ano. O que irá trazer-me?

– Trinta segundos!

Olho em volta para os outros. Todos sorriem, mas os rostos deles, sob a luz projetada desde o Abrigo, parecem estranhos, espectrais, e ao sorrir parecem que rosnam.

O Mark está a postos com uma nova garrafa de champanhe. Desde o jogo, nem por uma vez olhou na minha direção. Estou habituada a ter os olhos dele postos em mim. Não lhe sinto a falta, claro que não. Mas ao mesmo tempo,

aqui parada no escuro, sinto-me invisível... largada... como um balão que de repente pode subir até àquele céu estrelado.

– Vinte segundos... – Os outros estão agora a entoar.

– Dezanove, dezoito...

De repente, não gosto daquilo. Parece a contagem decrescente para algo terrível... a explosão de uma bomba. Imagino as luzinhas vermelhas a piscar.

– Cinco, quatro, três, dois...

– Feliz Ano Novo! – Os restantes de nós reagem com as mesmas palavras. O Giles atrapalha-se com um isqueiro junto à linha de água.

– Tem cuidado! – grita a Samira, com uma voz aguda e estridente.

– Vá lá! – berro eu, tentando afastar o mau pressentimento. – Estamos todos à espera.

O Giles consegue por fim acender aquilo. Cambaleia para trás. Segue-se uma efervescência prometedora e depois um silvo e um grande foguete vermelho irrompe do solo com um som semelhante a um grito e explode sobre o lago. A água reflete-a: um milhar de fragmentos minúsculos de fogo. É lindo. Tento concentrar-me naquilo, mas está tudo à roda. O silêncio que se segue é tão... pesado. A escuridão à nossa volta é tão espessa, como se pudesse estender a mão até lá... tocar-lhe. Se estivéssemos em Londres – ou em algum lugar junto à civilização – conseguiríamos ver todos os espetáculos de fogo de artifício à nossa volta. Recordando-nos que há outras pessoas, outra vida. Mas aqui estamos completamente sozinhos.

Ainda ouço o grito do fogo de artifício na minha cabeça. Mas já não soa ao mesmo, soa como uma pessoa. E ocorre-me isto... que não era nada como fogo de artifício. Era mais parecido com um foguete de sinalização. SOS. Disparado do convés de um navio a afundar.

O Julien regressa para junto de nós.

– Não é propriamente o fogo de artifício de Westminster – comenta.

– Quem quer saber de Westminster... aqueles corpos todos suados em cima uns dos outros... quando podemos ter isto? – questiona a Emma. – Este lugar... – Abre bem os braços. – ...e os nossos melhores amigos.

Entrelaça o braço dela no meu e sorri, um sorriso devidamente caloroso. Apetece-me abraçá-la. Caramba, valha-nos a Emma.

E, então, começa a cantar – com uma voz surpreendentemente boa. Tento acompanhá-la:

Deve um velho conhecido ser esquecido

E nunca recordado?

Deve um velho conhecido ser esquecido

E dias desde há muito idos?

OK, sei que bebi muito, mas juntas, ali fora na escuridão e no silêncio, as nossas vozes soam maravilhosas, e há algo de vulnerável neste ruído. O arvoredo à nossa volta é denso e negro. Podia estar alguém a observar-nos, embrenhados neste nosso pequeno ritual conjunto.

Deve ser toda a bebida, penso eu, que me deixa tão... estranha. Ouço um estampido e assusto-me. Mas é apenas o Nick a abrir outra garrafa de *Dom*. Serve os copos. Ao entregar um à Katie, vejo a cara dela e arrepio-me. O que se passa com ela? Não pode ser só por causa do mergulho dela no lago, pois não? Nem sequer olha para o copo de champanhe que lhe é entregue e lhe escorrega da mão.

– Ups! – diz o Bo, apanhando-o. – Quase que se ia!

O Nick ergue o seu copo.

– Aos velhos amigos! – diz ele. Olha-me nos olhos enquanto o diz. Não sei porquê, mas tenho de desviar o olhar. Baixo o copo.

Segue-se uma estranha pausa. Ninguém parece saber o que fazer a seguir. A paisagem à nossa volta revela-se tão tranquila nesse intervalo. Sinto o meu estômago a agitar-se de modo desagradável; o solo por baixo de mim parece mover-se sob os meus pés. Uau. Estou *mesmo* bêbeda.

– Devíamos beijar-nos – diz a Samira. – Onde estão os beijos? – Estica-se para cima e espeta um beijo na bochecha do Julien. – Feliz Ano Novo!

O Mark volta-se para mim. Não quero que ele me beije. Quando se inclina para mim, esquivo-me e os lábios dele roçam apenas ao de leve na minha orelha. Noto na expressão dele uma centelha de irritação, até de raiva. Penso no olhar dele na noite passada, no seu tom de ameaça.

Viro-me para o Julien, que tem a cara completamente nas sombras desde este ângulo. Não distingo as feições dele, ou a expressão: apenas o brilho sombrio do seu olhar. Quando me inclino para o beijar – na boca, claro – tenho esta... sensação de que também ele é um estranho. Este homem com quem passei grande parte da minha vida, com quem partilhei casa e cama, ao lado de quem dormi a maioria das noites. *Tão pouco que é necessário*, penso, apenas umas sombras, para nos tornarmos desconhecidos um face ao outro. Uau. O álcool leva-me sempre a ter pensamentos profundos.

– Feliz Ano Novo – digo.

– Feliz Ano Novo – diz ele. E não tenho a certeza, mas parece-me que se vira ligeiramente quando me abeiro dele, levando os meus lábios a pousar-lhe no cantinho da boca. Tal como eu fiz com o Mark.

Tenho o Nick do outro lado.

– Nick! – digo, com uma alegria forçada. – Feliz Ano Novo outra vez! Anda cá. – Estendo os braços; ele deixa que o abraçe. Tem um cheiro fantástico, tal como o balcão da Byredo na Liberty. – Porque é que nunca fomos melhores amigos, Nick? – pergunto. Soa carente como o raio. Não era

para dizer em voz alta.

Ele recua. Com as mãos pousadas nos meus ombros: para todos os outros, poderia parecer que me agarrava com afeto. Ele olha-me nos olhos enquanto diz:

– Oh, Miranda, acho que sabes muito bem qual é a resposta para isso.

É o modo como o diz: tão discreto, num sussurro, para que ninguém mais ouça. De repente, sinto um calafrio que acho que não tem nada que ver com o ar gelado. Recuo um passo.

Bebo um pouco mais. A seguir, *muito* mais, enquanto os outros vão festejar sem mim. Quero voltar ao espírito festivo. Quero livrar-me desta sensação. Uma espécie de medo, no fundo da minha barriga, mais profundo de certa forma do que algo que tenha sentido na noite passada, na casa de banho. Como se estivesse agarrada à beira de um penhasco e lentamente os meus dedos comessem a perder força. E abaixo de mim não há... nada, é a perda de tudo... tudo o que é importante.

O Bo desliza até junto de mim.

– Sentes-te bem? – Sempre foi aquele a reparar quando alguém não está bem. É por ser sossegado – ele observa, enquanto nós nos ocupamos a fazer imenso estardalhaço. E é gentil. Não é nada como o Nick, sempre tão incisivo.

– Sim – respondo.

– Queres beber um copo de água?

Sei que quer dizer que preciso por estar embriagada, mas a verdade é que me sinto um pouco estranha.

– Está bem. – Sigo-o até à cozinha e observo em silêncio enquanto me enche um copo na torneira. Quando mo entrega, digo: – Obrigado. Se calhar vou sentar-me um bocadinho, se não te importares.

– OK... – diz ele, mantendo-se ali.

– Vai embora! – enxoto-o.

– Está bem – diz. E então, abanando o dedo como um professor: – Mas volto daqui a pouco, se não voltares a aparecer.

– Muito bem. – E então ocorre-me dizer: – Obrigado, Bo.

– Esquece lá isso, querida. A quantidade de vezes que alguém me ajudou quando eu estava assim... ainda devo imenso ao universo.

– Mas, Bo – digo, antes de conseguir controlar-me. – Não sou uma drogada. Só bebi um pouco de champanhe a mais. – Ups. Não era aquilo que eu queria dizer.

Algo na expressão dele altera-se, estreitando os olhos. Nunca vi o Bo assim. Sempre achei que deveria haver alguém assim ali dentro: alguém mais sombrio. E pelo que um dia me contou a Katie, alguém capaz de um comportamento bastante invulgar. É como se ele andasse a usar uma... máscara, e eu tivesse visto para lá dela. Num ápice, sinto-me um pouco mais

sóbria.

– Desculpa, Bo – digo. – Foi sem intenção... não sei o que se passa comigo. Bebi demais. Por favor... – Estendo uma mão na direção dele.

– Não tem mal – diz, num tom ligeiro. Mas não pega na minha mão estendida.

Aguardo até ele sair e então apago a luz e deixo colapsar as pernas por baixo do corpo, como uma cadeira desdobrável, até me sentar no chão. Vou descansar aqui um pouco, até ficar mais sóbria... O que raio se passa comigo? Como é que pude dizer aquilo ao Bo, logo a ele, quando tentava ajudar-me?

A Katie disse-me certa vez que eu era «descuidada».

– Dizes coisas da boca para fora – disse ela –, sem pensar. O único problema é que as pessoas que não te conhecem podem achar que te referes a elas.

Ela conhece-me tão bem. Mas não sei ao certo se tem a noção do quanto me odeio posteriormente depois de um desses ditos comentários descuidados. O modo como, em Oxford, me estendia na minha cama após uma noite e pensava, pensava e pensava no modo como me comportara: tudo o que dissera e fizera.

– Toda a gente se apaixona por ti – disse-me certa vez a Samira. – Não conseguem evitar, caramba.

Mas, com frequência pensei, gostam mesmo de mim?

Vou só fechar aqui os olhos, só por um bocadinho...

Desperto com o som de uma voz: grave, urgente.

– Miranda?

É uma voz masculina, pouco mais do que um sussurro rouco, como se não quisesse ser ouvido. Quem será?

– Julien?

Espreito por entre a escuridão. A ausência de luz confunde-me. Ao longe ouço o retumbar de vozes... os outros, percebo. Sinto a cabeça em água.

Ele avança a finalmente vejo de quem se trata. Nunca o vi assim. A sua expressão tem algo de estranho, quase ameaçador.

Doug

Ele está sentado numa poltrona no seu chalé. Volta e meia, estende o braço e serve-se de um pouco mais da garrafa de *single malt*. O seu objetivo é embebedar-se ao ponto de perder os sentidos, ou anestesiar-se a si próprio, mas a sua mente mantém-se obstinadamente limpa.

Véspera de Ano Novo. Mais um ano a chegar ao fim. Dizem que o tempo tudo cura, mas na sua própria experiência isso não lhe trouxe grande bem. Acontecimentos de há seis meses são como uma névoa – aqui os dias encaixam uns nos outros sem grande diferenciação entre eles a não ser a lenta mudança de estações. Mas aquele dia no seu passado – já lá vão três anos – mostra-se tão nítido como se tivesse acontecido ontem, ou há uma hora.

Para lá da janela ocorre uma explosão. Sente todo o corpo a retesar-se com o susto, quase tomba no chão, o seu coração parece que lhe vai saltar do peito. E então percebe do que se trata. Fogo de artifício. Odeia a merda do fogo de artifício. Ao fim de tantos anos, ainda gera este efeito nele.

O dia em que a nossa vida muda para sempre. Alguém o vê chegar? Ele sem dúvida que não. Tinham sido umas semanas sem grandes acontecimentos. As coisas tinham assentado num determinado padrão, tinham começado a parecer tão normais quanto era possível num lugar como a província de Helmande. Todos os homens tinham descontraído e ficado, quiçá, um pouco desleixados. É impossível que tal não suceda, apesar de uma pessoa ser treinada para se manter alerta. Mas quando é preciso estar-se mais «ligado» do que é suposto fazer o corpo humano, durante quatro dias consecutivos, é impossível não desligar quando baixa o nível de ameaça.

Era uma excursão de rotina. Tão comum com uma ronda de polícia. Só para verificar se permanecia tudo como devia. Os homens a patrulhar a rua,

ele em cima a dar cobertura. Doug era um dos dois atiradores furtivos; tinham de fazer turnos para assegurar que estavam mesmo concentrados e esta era a sua vez de ficar de guarda.

Os homens estavam logo abaixo dele, a dobrar a esquina nas viaturas blindadas, quando o vigia lhe gritou. Uma criança – um rapazinho – a correr vindo da outra ponta da rua. Tudo parou, com a exceção da pequena figura em corrida. Doug percebeu que o rapaz parecia volumoso. Vestia um casaco vários números acima do dele. E corria na exata direção dos homens. Teria uns cinco anos. Nem sequer era ainda um rapaz, pouco mais velho do que um bebé que dá os primeiros passos. Mas Doug pensou de imediato: uma bomba. Sabia o que tinha de fazer. Fez pontaria pelo visor. Acompanhou o rapaz. Tinha o dedo no gatilho. Estava a postos. Mas queria ver melhor. Não via provas evidentes de algum dispositivo, além daquele casaco volumoso.

Tinha, talvez, uns dez segundos. E depois nove, e depois cinco, e depois três. O vigia gritava-lhe, mas foi como se estivesse debaixo de água: o seu cérebro e corpo pareceram ter abrandado. Ele não podia disparar.

E, então, tudo explodiu. Os homens. Os veículos. Metade da rua. Tudo no preciso segundo em que ele por fim conseguiu exercer a pressão necessária no gatilho.

O terapeuta que ele frequentava disse-lhe que a sua reação fora perfeitamente compreensível – que se tratara de uma situação impossível. E, no entanto, isso não o ajudou a explicar-se a si mesmo, ou às famílias dos homens mortos que o visitavam à noite. É por isso que não dorme: porque enquanto estiver acordado, não tem de lhes ver os rostos e dar resposta às suas interrogações silenciosas. Embora, ultimamente, tenham começado a aparecer mesmo quando está acordado. Vê-os a aproximarem-se no meio da paisagem. Tão reais que jura que poderia tocar-lhes se estendesse o braço.

É por isso que tem a sorte de ter este emprego. Se fosse qualquer outro, poderia não conseguir disfarçá-lo. Alguém repararia no seu comportamento estranho, denunciando-o, e seria o fim. Mas aqui não há ninguém para reparar. Há Heather, no escritório, mas ela mantém-se ao largo. E talvez também ela tenha algo a esconder. Por que motivo uma jovem de trinta e pouco anos haveria de vir viver sozinha para um lugar destes? Não lhe perguntara os motivos e ela por seu turno não questionara os dele. É um acordo tácito mútuo.

Ele teve sorte por o chefe não ter querido saber da outra coisa, apesar de ter sido obrigado a declará-la na sua candidatura.

– O chefe – disse o tipo de fato que o entrevistou – não se importa minimamente. Quer que o senhor sinta que aqui tem a ficha limpa. – Ficha limpa. Como se isso fosse possível.

Liga o televisor e arrepende-se de imediato. Tudo o que mostra, claro, são milhares de rostos felizes: famílias aconchegadas nas margens do Tamisa, com os olhos iluminados por chamas vermelhas e douradas ao verem o espetáculo. Pensa no que estará a fazer Heather, lá no seu chalé. Vira as luzes dela acesas, já tarde na noite. Sabe que também ela sente dificuldade em dormir.

Podia ir lá ter, com a garrafa de *whisky*, como equacionou fazer em mais noites do que gosta de admitir. Recorda aquela noite, quando ela lhe abriu a porta – quando ela ouviu o som. Recorda tudo, uma imagem nítida na sua mente: o rubor das bochechas dela, o cabelo preto desgrehado no alto da cabeça, afundada num pijama gigante. Convidara-o a entrar – e depois corara, ao perceber como soara. Ele declinara, naturalmente. Mas imaginara-se a segui-la até ao interior. Imaginara também muito mais, nas horas madrugadoras fantasiosas e insones, quando vislumbrou a luz acesa no chalé dela. Imaginara pressioná-la contra a parede, ela a envolver-lhe a cinta com as pernas, o sabor da boca dela na dele... Não iria até lá. Não nesta noite, nem em qualquer noite. Alguém como ele tem o dever de se manter afastado de alguém como ela. Ela não merece a catástrofe que ele representa.

Esse tipo de vida é-lhe agora interdito. Curva-se na direção do fogo. Ergue uma mão e, com a consideração desapaixonada de um cientista, mantém-na nas chamas, para que a pele taste como um bife.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

O Doug fica parado à porta, com o cenho franzido a olhar para mim.

– Entra, Doug – digo. – Fecha a porta. – Põe-se diante da secretária, sobranceiro a mim. – Doug – digo. – Eu não devia ter feito isto, mas tenho algo a confessar. Fiz uma busca pelo teu nome no Google. Descobri sobre a ida a tribunal.

Ele nada diz. Tem o olhar pregado no chão.

– O que aconteceu? – *Explica-me*, penso eu. *Aquilo que fizeste. A violência. Deixa-me compreender.* Mas não estou certa de que ele consiga. Não estou a ver como pode haver uma forma de se explicar.

Ele inspira, e começa.

Tinha estado com uns amigos num bar em Glasgow, explica, cerca de três meses depois de regressar a casa do seu destacamento.

– Destacamento no Afeganistão, seis meses. – Fizera um a mais, ou melhor, vários a mais, mas pela primeira vez desde que se recordava sentia-se solto e relaxado. E, então, um tipo começou a implicar com ele.

– Ei – disse ele. – Estou a reconhecer a tua cara. Conheço-te de algum lado.

– Duvido. – Mal olhou para o tipo.

– Não – disse o homem –, conheço. – Pegou no telemóvel e fez lá algo. Mostrou o ecrã. Facebook, uma fotografia, era ele. Era em Helmande. – O meu melhor amigo, Glen Wilson. Eu bem sabia. És tu, não és? Na foto com ele. Sei que és tu.

Mal conseguiu reunir coragem para olhar para a fotografia.

– Então, com certeza que tens razão – dissera ele, sentindo a cerveja a azedar no estômago, ainda a tentar livrar-se do tipo. Talvez isto o apaziguasse. – Devo ser eu.

– Então, estavas lá? – O homem estava demasiado perto.

– Sim, estava lá. Eu conhecia o Glen. Era um tipo bestial. – Não era, na verdade. Não era um dos melhores – sempre a provocar brigas –, mas não se fala mal de um morto. E conhecia tantos mortos.

– Estavas no regimento dele? – O rosto do homem, a feder a cerveja rançosa, estava mesmo diante do dele. Falava demasiado alto. A sua expressão de repente tornou-se belicosa, empertigou os ombros. O Doug sentiu o interesse dos que os rodeavam a espicaçar-se, a atração irresistível pelo confronto. *Algo se passa.*

– Sim – disse ele, tentando conter-se, falando calmamente, para neutralizar o tom de voz do homem. O terapeuta ensinara-lhe alguns exercícios respiratórios – podia experimentá-los. – Estava.

– Mas não estou a perceber – disse o tipo, sorrindo, só que não era sequer um sorriso, mas mais uma rosnadela. – Pensei que tinha morrido toda a gente do regimento. Pensei que tinham sido cercados e que os talibãs os fizeram explodir.

O Doug fechou os olhos. *Na verdade, foi a al-Qaeda.*

– E morreram. Na sua maioria...

– Então, como é que conseguiste escapar, ah, amigo? Olha para mim, estou a falar contigo. Como é que estás aqui, bem vivo, a beber o raio de uma cerveja, pá? Enquanto o meu melhor amigo está estendido morto no Durka Durkastan? Consegues explicar-me isso?

Ele sentia algo a desenvolver-se dentro dele. Algo perigoso, a crescer rapidamente de forma descontrolada.

– Não tenho de te explicar isso. Pá. – Tentou inspirar pelo nariz e expirar pela boca. Não pareceu resultar.

O homem deu mais um passo em frente,

– Por acaso até acho que tens. E temos a noite toda. Não vou a lado nenhum até me explicares tudo, tintim por tintim, foda-se. Porque eu adorava aquele tipo como se fosse meu irmão. E pelo que me parece, terei de te explicar como é.

– O quê? – conseguiu ele dizer. Ainda se debatia com a coisa que crescia dentro dele. – Como é que é o quê?

O tipo deu-lhe um empurrão, com força, em pleno peito.

– Parece que me saíste um covarde de merda.

Foi quando a névoa o tomou: a névoa rubra de que falaram – embora tenha parecido mais uma torrente. Se algo aconteceu, foi sentir-se mais ele próprio naquele momento – mais do que se sentira desde há meses. Mais do que se sentira desde os bons velhos tempos no início do destacamento.

Lançou-se para a frente e agarrou o homem pela frente da camisa.

– Como é que te chamas?

O homem engoliu em seco, mas não falou.

– Como é que te chamas, *menina*? Perdeste a fala?

O homem fizera uma espécie de ruído abafado na garganta e o Doug percebeu que na realidade estava a agarrar a gola com demasiada força para ele conseguir soltar alguma palavra. Relaxou um pouco o aperto e rugiu na cara do tipo:

– Como é que te chamas, foda-se?

Os amigos do homem, aparentemente, não se mostraram interessados em ajudá-lo.

– Ricos amigos que tens, hã? – Olhou para eles. Sentiu que se necessário conseguiria derrubar todos, e pensou se também eles teriam essa noção.

– A... Adrian.

– Bem, deixa-me que te diga, *Adrian*. Acho que não te devias meter em coisas que não compreendes, *OK*? Não tenho de dar explicações a ninguém... em especial a um merdas como tu. O que é que fazes na vida?

– Sou... ah... ah... contabilista.

– Certo. Contabilista. – Deu um abanão ao tipo e ele lamuriou-se. Não quis saber, compreendeu; de repente sentiu-se apenas cansado, e bastante sóbrio. A torrente estava a baixar. Aquele homem não era merecedor da sua energia. Deixou-o ir. – Faz um favor a ti mesmo, a toda a gente, e não te metas em coisas que não compreendes. Está bem?

Não houve resposta. O homem massajou a garganta. Mas assentiu com a cabeça, duas vezes.

O Doug sentia a mão a doer. Fletiu-a. Não se orgulhava do que fizera, mas pelo menos conseguira controlar-se.

Ouviu então alguém dizer a meia voz:

– Covarde de merda.

Foi aí que perdeu a cabeça, segundo as testemunhas, que eram muitas: afinal, o bar estava à pinha. Disseram que acharam que ele estava a tentar matar o tipo. A polícia teve de o separar dele. Adrian Campbell. Era o seu nome completo. Até certo ponto, houve circunstâncias atenuantes. O Campbell tinha um historial de se envolver em rixas e de em geral perturbar a paz. Houve a natureza do insulto – contextualizado com o seu estado até então não diagnosticado: Transtorno de *Stress* Pós-Traumático, o que o levava a não conseguir controlar os seus próprios atos.

Ele sabia que não era bem assim. Sem surpresa, o seu advogado aconselhou-o a não referir isso em tribunal. A sentença foi duzentas e cinquenta horas de serviço comunitário e as sessões com o psiquiatra. Pensou, quando chegou a esta última parte, que provavelmente preferiria a prisão.

– *OK* – digo, quando o Doug termina. Mas não está nada *OK*. Eu não estou *OK*. Não sei o que pensar em relação ao assunto. Por um lado, há o facto de, apesar de toda a sua violência, a história ter uma estranha lógica. Ele sofria de

TSPT e foi maldosamente provocado. Pelo que conta, aquele homem estava a provocá-lo, não se furtando a esforços. Acho que pelo menos proporciona algum contexto ao horror que li na Internet. Por outro lado, há também uma vizinha que me diz: *Sentes-te atraída por este homem, apesar de contrariada – portanto, estás a tentar desculpar o indesculpável.* Porque a descrição dele sem rodeios e até desapaixonada do incidente ilustrou exatamente aquilo de que é capaz. Bem mais graficamente, de certa forma, do que era capaz qualquer uma daquelas colunas de jornais sensacionalistas.

Não faço ideia do que passou pela cabeça do chefe para me pôr aqui a trabalhar tendo como único colega um homem que fez tal coisa, mas isso é outra história. O que aqui importa é, isso faz com que ele tenha sido capaz de matar aquela hóspede? Não, é claro que não. Pelo menos... provavelmente não. Espero que não.

A não ser, claro, que ela o provocasse.

⁹ Referência a local fictício criado no filme *Team America: Polícia Mundial*. (N. do T.)

Um dia antes Dia de Ano Novo de 2019

Emma

O grupo junto ao lago de repente diminuiu. O Giles disse-nos que ia ver como estava a Priya, a Katie foi buscar outra camisola. Faz demasiado frio para ficarmos muito mais tempo aqui fora.

– Bolas – diz o Bo –, a Miranda ainda não voltou. Aposto que adormeceu. Disse-me para a deixar... e, para ser sincero, ela neste momento não está no seu melhor momento.

– Deixa-a estar – diz o Nick. – Fazia-lhe bem dormir um pouco em sossego.

– Não sei – diz o Bo –, ela estava mesmo mal...

– Eu vou lá – digo.

Está escuro e muito silencioso quando entro no Abrigo, de tal forma que de início parto do princípio de que a Miranda não pode estar aqui. A seguir, ouço vozes. Algo me leva a parar; há uma certa intimidade na sala escurecida que me leva a achar que não devo incomodá-los. Uma das vozes fala baixo, é rouca, quase um sussurro. A outra embriagada, beligerante.

– Tinha de dizer a verdade. *Duh*. Era o Verdade ou Consequência.

– Não tinhas nada. Sabes bem que não. Fizeste-o para me provocar.

Um riso cortante e malévolo.

– Acredites ou não, Giles, nem por *um momento* pensei em ti.

– Muito bem... exatamente. Não pensaste. Não. E o Julien?

– Oh... ele não vai dar importância. Eu disse-lhe que uma vez fui para a cama com a Katie, só para o excitar. Ele tem uma fantasia connosco... meninas da escola porcas. Relaxa. Ela nunca vai perceber que foste tu, Giles.

– Caso não tenhas reparado, não há por aqui muitos mais candidatos. Não é preciso ser um génio para perceber. A Samira sabe que estávamos no mesmo grupo de tutoria.

– Oh, por amor da santa. Não sei para quê tanta preocupação. Foda-se, já foi há um milhão de anos.

– Mas nem isso bastou para não conseguires esquecê-lo por causa de um maldito e estúpido jogo. Se a Samira soubesse de nós, mesmo tendo acontecido há muito tempo, iria correr muito, muito mal. Ela teve imensos problemas, depois de a Priya nascer, nem te passa pela cabeça. E sempre desconfiou, sempre teve a ideia de que poderia ter acontecido algo. Que eu sentia algo por ti. O que é completamente ridículo, claro.

– É? – diz agora a Miranda. – É mesmo, Giles? E aquela festa...

– Por amor de Deus, sim. Onde estás a tentar chegar? Não olhes assim para mim. Olha... já todos bebemos a mais. Acho que, provavelmente, está na hora de irmos todos dormir. Eu *sei* que tu não vais contar-lhe nada. Só fiquei preocupado por uns momentos... quando estávamos a jogar aquele jogo estúpido.

– Não. Não me parece. Mas não dá para prometer nada. Talvez faça bem ao teu casamento... um pequeno teste. Pode ser revigorante para todos nós. Mostrar que não és tão perfeito quanto te achas.

– Por amor de Deus, Miranda. – Ele agora praticamente sibila. – Sabes que mais? Um destes dias vais acabar por ir longe de mais.

Então, de repente, ouve-se um gemido: um som gutural animalesco.

– Oh, por amor de Deus – volta a dizer o Giles.

A Miranda está curvada no seu vestido dourado, apoiada nas mãos e joelhos, a vomitar para o chão.

O Giles olha impassível para ela. Não se parece nada com o homem que sempre conheci, o marido e pai atencioso – o homem que salva vidas num hospital. Esperaria que aquele homem se ajoelhasse, que lhe segurasse o cabelo. Esta noite, vi uma outra faceta dele.

Então, ele vira-se, de repente, antes de eu ter tempo para me esconder. Os nossos olhares cruzam-se.

Miranda

Quando acordo, está muito escuro, e sossegado. Por momentos, não faço a mínima ideia de onde me encontro. Tateio com uma mão à procura dos meus pertences. A minha primeira impressão é de me sentir completamente repugnante, como se as minhas entranhas e a minha garganta tivessem sido arranhadas com um esfregão de aço. O sabor na minha boca é azedo, ácido. O que se passa comigo? Estarei doente? Tateio em busca de um interruptor, acendo-o.

Oh. A luz regressa às minhas imediações. Com uma horrível inevitabilidade, regressam-me à mente os acontecimentos da noite. Beber em excesso. Ter de provar que sou a alma da festa. O Giles a pressionar-me com a sua paranoia. Bem, se calhar ele não é *completamente* paranoico. Sei que a Samira sempre teve as suas desconfianças. E ao mesmo tempo isso é algo que até me incomoda... aconteceu depois de uma noite de copos no *pub* com o nosso grupo de tutoria e eu já sabia que ele gostava de mim. Mas, por amor de Deus – foi antes sequer de eles terem começado a namorar. Se uma pessoa deixa que algo *assim* a perturbe, então sinceramente é demasiado sensível. Se há alguém a ter de se preocupar, sou eu. Afinal de contas, eu na altura já *estava* com o Julien.

Oh, céus, e agora recordo-me de ter vomitado com o Giles a ver, sempre com os olhos postos em mim, como se em parte até desejasse que eu sufocasse. Quando o Julien apareceu, pareceu simplesmente cansado, vagamente enojado. Não: eu não estava bêbada a ponto de não me lembrar disso.

Espreito para o espelho pendurado sobre o toucador. Achei que ficava um espanto com o vestido dourado. Não, eu *estava* um espanto. Mas é como se tivesse despertado num universo paralelo. Agora, o tecido está amarrotado e com nódoas e a minha maquilhagem (estava a usar imensa – hoje em dia tenho de usar mais) afundou nos vincos da pele em redor dos olhos e boca

que, era capaz de jurar, ontem não eram tão profundos. Afasto-me da luz, a pensar em Blanche DuBois, a encolher-se diante dos candeeiros. É nisso que me estou a transformar? Haverá algo mais triste do que uma mulher em tempos bela que perdeu a sua beleza?

Por algum motivo, há uma canção que não me sai da cabeça. *You've Got the Love*, de Candi Staton. E há algo nisso que me incomoda, apesar de não saber ao certo o quê. É como na noite passada, quando alguém disse aquela coisa desconcertante. Quem foi? E o que disseram?

Pelo menos, já me sinto um pouco menos embriagada. Já devo ter livrado o meu organismo da maioria do álcool. Não imagino que horas sejam. Mas o Julien ainda não regressou – por isso, a festa ainda deve durar. De repente, sinto medo de estar a passar ao lado da festa enquanto os outros se divertem sem mim. Não acredito que consegui chegar ao ponto de apagar. Tenho de me recompor, regressar lá. Afinal, é isso que esperam de mim. Avanço tropegamente até à casa de banho, passo um pente pelo cabelo, molho a cara e tento compor a maquilhagem borratada em redor dos olhos, mas sem grande efeito. Escovo os dentes: isso pelo menos já é alguma coisa, certo? Consulto as horas. Quatro da manhã. Uau, os outros aproveitaram mesmo bem a noite. Volto a sentir aquela picada, ao perceber a diversão que terei perdido. Sempre fui – e sempre me orgulhei disso – a alma da festa. Foi o que disse o Julien no nosso casamento: «Amo-te», olhando-me nos olhos, «porque és a alma da festa.» «Espero que também por outros motivos», rira-me eu. Ele sorriu. «Claro.» Mas aquela frase marcou-me. Recordo o modo como me olhou ao dizê-lo, e nunca o perdi, esse aspeto do meu modo de ser. Bem, vou mostrar-lhe agora.

Abro a porta da cabana. O frio atinge-me como uma bofetada. Preparo-me para enfrentá-lo. Há luzes acesas, mas que, ao contrário do que pensei, não vêm do edifício do Abrigo, mas sim da sauna. Sinto uma leve pontada de ressentimento – podiam ter vindo buscar-me, perguntar se queria juntar-me a eles. Queria experimentar a sauna.

Avanço, escorregando, pelo carreiro gelado, passando pelo Abrigo. Todas as luzes lá dentro estão apagadas, com a exceção de um único candeeiro na sala de estar. Mal distingo o Mark, a dormir num dos sofás. Outra baixa desta noite, então. Sinto-me um pouco melhor por saber que não sou a única.

Há um cheiro no ar que reconheço das viagens de esqui: uma frescura quase metálica. Recordo o aviso do Doug. Não seria maravilhoso se estivéssemos todos sentados na sauna, a apreciar o lago, e comesse a nevar? Tão pitoresco. Dar-nos-ia uma boa recordação da noite, que apagaria o caos que causei.

Conforme me aproximo, ouço um som estranho que me leva literalmente a estacar. Algo animalesco. Algo entre um choro e um gemido. Parece ter vindo

da direção da sauna, do bosque atrás. Sinto-me a ficar com pele de galinha ao apressar-me na direção da sauna: representa agora um refúgio face ao grande exterior selvagem.

A uns poucos passos da porta volto a ouvir o som e desta feita hesito. Porque agora tenho quase a certeza de que não vem das árvores atrás da sauna, mas do interior da própria sauna.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

Vou à pequena casa de banho junto ao meu escritório para deitar água fria na cara, numa tentativa de aclarar ideias depois de tudo o que descobri sobre o Doug.

Estou precisamente a secar o rosto quando ouço algo, um murmúrio de vozes. Um homem e uma mulher. São dois dos hóspedes, tenho a certeza, mas não percebo quais deles. Parte do problema é todos soarem iguais ao meu ouvido: sul, classe média, altivos.

O homem, primeiro:

– Se descobrem... estou lixado.

– Porque é que haveriam de descobrir? – reage a mulher.

– Há um bilhete.

Paraliso e depois avanço um pouco mais até junto da parede, o mais silenciosamente possível. Claro – o corredor para a porta das traseiras passa ao lado do meu escritório. Alguém pode lá ir para ter uma conversa em privado e nem perceber que há lá uma divisão, porque a casa de banho é acessível apenas pelo escritório.

– O bilhete? – diz a mulher, com um tremor de incredulidade. – Não o destruístes?

– Não... não pensei. Estava demasiado em pânico, com tudo o resto. Nem sequer sei onde está agora...

Segue-se um longo silêncio, durante o qual tenho quase a certeza a mulher tenta controlar-se para não lhe passar uma descompostura. Que tipo de bilhete? Um bilhete de suicídio? Parece improvável, tanto quanto sei é muito difícil alguém estrangular-se a si mesmo.

– O importante – diz a mulher, finalmente calma –, é que não tiveste nada que ver com a morte dela. Isso é que importa. Eles vão conseguir perceber isso.

– Mas será que vão mesmo? – questiona ele. A sua voz ascende a um tom estridente de pânico. E depois cai de novo para um murmúrio, ainda mais baixo do que antes: acho que ela o mandou falar mais baixo. Encosto a cabeça à parede.

– Quando se souber o resto sobre mim... quando determinarem o tipo de pessoa que acham que sou...

Ouve-se de repente algo a cair. Salto para trás, confusa, e percebo que com a minha ânsia de ouvir fiz soltar a pequena cena de caça na parede junto a mim. Caiu ao chão com um impressionante estilhaçar de vidros.

As vozes, claro, silenciaram-se. Quase os sinto, a ficaram muito quietos com o choque, do outro lado da parede – mas respirando. O mais silenciosamente possível, regresso de forma sorrateira ao escritório.

Um dia antes
Dia de Ano Novo de 2019

Miranda

A vista com que me deparo na sauna é absurda. Fico tão espantada que sinto uma estranha necessidade de rir. Recordo-me de quando o nosso gato foi atropelado éramos nós crianças e a nossa mãe nos contou, e de a reação inicial do meu irmão ter sido, «Ha!» Fiquei tão chocada que o esbofetei. Mas a minha mãe explicou-me que era uma mera reação ao trauma. O cérebro em curto-circuito, incapaz de compreender.

É isto o que vejo: o meu marido, de cócoras no chão da sauna. Por cima dele vejo a Katie. A minha melhor amiga, a minha amiga mais antiga. Completamente nua. Ela tem as pernas abertas, a cabeça dele mergulhada no meio delas. A minha amiga lisa como uma tábua e de coxas largas. A cabeça dela atirada para trás em êxtase. Ele agarra-a pela barriga das pernas. Ela tem os pés encaixados em volta das costas dele. E enquanto eu observo ele estende o braço e agarra um dos mamilos do peito espalhado dela. Isto acaba por ultrapassar os limites. Revolve-me as entranhas.

– Ugh.

Eles paralisam. Então, ambos, lentamente voltam-se para mim. O Julien – *credo* – limpa a boca com as costas da mão. De início, ficam lívidos, ao tomarem consciência do que veem. Sinto uma vaga de horror a inundar-me, como um veneno a entrar na corrente sanguínea. Espreito para o balde de carvão quente e por um segundo sinto-me tentada – efetivamente tentada – a pegar na pá e atirar-lhes uma dose de pedras ardentes.

É tudo completamente absurdo. O meu marido e a minha melhor amiga. Não pode ser possível. Quase conto que de repente se abram em sorrisos e se congratulem pela partida que me pregaram, como fizeram na festa surpresa no meu trigésimo aniversário. Contudo, isto seria bastante difícil de explicar como sendo uma partida.

– Oh – diz a Katie. – Oh, meu Deus.

– Pensei que estavas a dormir – diz o Julien. – Deixei-te na cabana. Apagaste por completo... – E então, aparentemente tomando consciência do quanto era ridículo acusar a mulher de ela não estar onde ele achava que estava enquanto a traía, diz: – Oh, céus, Miranda. Oh, foda-se. Lamento imenso. Não é... não é o que parece.

E agora rio-me, uma casquinada de bruxa louca que serve apenas para que pareçam ainda mais receosos. Ótimo. Quero que sintam medo.

– Não te atrevas a regressar à cabana – digo ao Julien. – Sinceramente, não quero saber onde ficas. Quanto a mim, agora podes ficar com ela. Mas já não quero ver a tua cara. Por isso, nem te aproximes de mim. – Espanto-me imenso com o modo como soou calma: com o contraste entre o meu ser interior e o meu ser exterior.

– Temos de conversar...

– Não temos nada. Não quero falar nem olhar para ti por uns bons tempos. Talvez nunca mais. – Ao dizê-lo, percebo que é sentido. Estava furiosa com ele pelo uso de informações privilegiadas – de início cheguei a pensar em ir embora. Mas nunca ponderei verdadeiramente no assunto. Agora isto, isto é diferente.

Ele assente com a cabeça, mudo. Não consigo olhar sequer para a Katie.

– Não acredito que perdi tanto tempo contigo. Com os dois.

E, então, ocorre-me algo, algo demasiado horrível para pôr por palavras. Mas tenho de o dizer, tenho de saber. Viro-me para a Katie, ainda sem olhar para ela, mas vagamente na sua direção.

– Não bebeste nada – friso. – No comboio, reparei. Tinhas um copo de vinho, mas não chegaste a beber. Na verdade, não tens bebido nada.

Silêncio. Ela vai obrigar-me a dizê-lo em voz alta. Percebo mesmo agora como se agacha na sua nudez. A tentar esconder de mim: o que via antes quando estava em roupa interior, mas na altura não compreendi, por estar demasiado bêbeda, por não fazer sentido. Não é barriga de natal. A Katie não é o tipo de pessoa para ficar com barriga de natal.

– Estás grávida. – Vendo que ela não reage, volto a dizê-lo, mais alto: – Estás grávida. Assume, foda-se. Estás grávida, é dele. Oh, meu Deus.

Vejo o Julien a ficar boquiaberto. Ele ainda não sabia. É, pelo menos, uma pequena vitória, ver o ar horrorizado dele.

– Manda – diz a Katie –, foi um acidente... Tenho a c...

Levanto uma mão para a calar. Não vou chorar diante deles. É tudo o que me ocorre. A Miranda Adams nunca chora.

– Vocês estão bem um para o outro – digo, enquanto a dor e a raiva fluem por mim como ácido. De certa forma, a gravidez é muito pior do que o caso. A sensação de roubo é muito maior. É como se a Katie mo tivesse roubado

diretamente. Aquela coisa dentro dela deveria ser o meu bebé.

– Vou apanhar o comboio da manhã para Londres – digo, e orgulho-me de a minha voz apresentar apenas um leve vestígio de incómodo. – Tenho de tratar de umas coisas. Algo que tenho de corrigir... um segredo que guardei por demasiado tempo. Julien, penso que saberás do que se trata?

Ele arregala os olhos.

– Não eras capaz, Miranda. Não farias isso.

Mas faria.

– Oh, achas que não? – Sorrio. Sei que vai perturbá-lo ainda mais. – Achas que me conheces assim tão bem? Bem, ainda há uns minutos achava que te conhecia. Mas aparentemente estava errada. Será que também me conheces bem? Queres descobrir como me compreendes tão mal?

– Também iria destruir-te.

Levo uma mão aos lábios, fingindo ponderar. Quase aprecio isto, fazê-lo sofrer. É uma minúscula compensação.

– Na verdade, acho que não. Explico-lhes tudo, como de início até tentaste enganar-me. Sim, será um pouco embaraçoso, e calculo que haja uma pequena penalização por não o fazer mais cedo. Mas não vou ser eu a perder o emprego. Não vou ser eu a ir para a prisão. Serás tu, caso não tenha ficado claro. Serás tu a ir para a prisão.

Ele tem a boca tensa, sinistra.

– É um crime grave, não é? Em especial neste mundo pós-crise do crédito. Achas que algum júri hesitará em condenar-te? És um ricalhaço armante. Basta olharem uma vez para a tua cara presunçosa e dizem ao juiz para te trancar e deitar fora a chave.

Nem sequer sei se os casos de uso de informação privilegiada têm um júri, mas basta ver a expressão do Julien: o medo. A Katie parece completamente desconcertada. Então, esta é uma intimidade que não partilhou com ela. Rapariga sortuda.

Ele volta a avançar na minha direção e desta vez ergo as mãos, para rechaçar as palavras dele, para que não me afetem. Para lhe mostrar que não me deixo afetar.

– Irá arruinar-nos a ambos, Manda.

A versão curta e afetuosa do meu nome – como se achasse que pudesse amolecer-me.

– Nunca mais me chames isso – digo. – E, sim, quando me divorciar de ti calculo que haverá menos a vir para mim, assim que acabar contigo. Se é a isso que te referes. Mas, pelo menos, terei a consciência limpa.

E terei a minha vingança.

Katie

Então, é esta A Verdade. Aquela que não consegui dizer no jogo.

Tinha sido uma semana muito longa. Dormi duas noites no escritório. Eles até têm uns quatinhos chamados «casulos de sono» onde se pode descansar umas horitas. Não – caso estejam a pensar –, não é a firma a tratar bem dos seus funcionários, é simplesmente uma forma de os manter por perto, para lhes sacar todo o trabalho possível. Sentia a mente turva. O caso tinha terminado, eu ia para casa – só que nada me esperava lá além de um frigorífico com leite azedado, se tivesse sorte, e uma vista privilegiada, mas nada inspiradora, da área onde trabalhava diariamente como uma escrava. E silêncio. O silêncio de uma mulher solteira sem nada para lhe fazer companhia a não ser uma garrafa, ou duas, de vinho.

Eram dez da noite. Demasiado tarde para ligar a alguém, traçar alguns planos. Quando tinha vinte e poucos anos, isso seria mais simples. As pessoas podiam estar ocupadas, mas invariavelmente haveria algo a que me pudesse juntar em cima da hora. Uma festa caseira – ou uma saída noturna até uma discoteca com a Miranda, um grande jantar com o pessoal. Agora, toda a gente tinha planos que envolviam sempre menos gente, por norma sempre em pares, e eram combinados previamente, não tinham lugar para um intruso de última hora. Talvez eu pudesse ter ligado à Miranda, mas não estava certa de ter forças para a aguentar. Para toda aquela perfeição. Para ela fazer de mim o seu projeto, como sempre fazia – sempre fez – e apontar o que havia de mal na minha vida.

Assim, restava-me ir para casa para me instalar com um copo de vinho no meu apartamento vazio ou podia fazê-lo num bar, e talvez arranjar alguém para levar para casa. Era a minha estratégia de substituição, entendem, para as saídas noturnas e festas e jantares caseiros dos nossos vinte anos. Acho que de certa forma era mais eficiente: pelo menos, não era preciso fazer conversa. Das

duas opções que se abriam diante de mim, a segunda era sem dúvida a mais cativante. Podia levar alguém para casa e por umas horitas o apartamento teria vida e ruído. Então, dirigi-me a um dos meus locais habituais à sombra da St Paul's. O *barman* conhece-me tão bem que começou a servir-me um copo de *Pouilly-Fumé* antes mesmo de eu me sentar – o que tinha tanto de atencioso como de deprimente, dependendo da forma como o encaramos.

Sentei-me no banquinho e esperei que alguém me abordasse. Por norma, não demora muito. Nunca serei bela como a Miranda, claro. Isso costumava deixar-me deprimida. Não é fácil crescer à sombra de uma amiga como ela. Mas, ultimamente, talvez apenas desde os trinta, na verdade, percebi que tenho algo em mim que parece intrigar os homens – a minha atração muito particular por eles.

Havia umas quantas pessoas no bar: grupos de colegas de trabalho, provavelmente, e alguns encontros marcados através do *Tinder* – mas não estava cheio. Era ainda terça-feira à noite, por isso não era propriamente uma noite para muita gente sair. Talvez tivesse sido excessivamente confiante quanto às minhas hipóteses. Havia apenas um homem sentado sozinho no outro balcão, perpendicular a mim. Reparei vagamente nele ao sentar-me, apesar de ele não ter erguido o olhar, e também não o fitei devidamente. Percebi apenas pelo contorno desfocado na minha visão periférica que era «jovem» da mesma forma que eu sou «jovem», e atraente. Não sei como percebi isto sem olhar devidamente, terá sido uma espécie de instinto animal. E esse mesmo instinto disse-me que a postura dele revelava um certo desânimo, ali curvado. E, então, ambos erguemos o olhar ao mesmo tempo, para chamar a atenção do *barman*.

– Julien?

Ele também pareceu surpreendido por me ver. Acho que talvez não devesse ter sido assim tão espantoso, tendo em conta que ambos trabalhamos na City. Mas não deixa de haver milhares de bares e milhares de pessoas e, de qualquer forma, para mim o Julien estaria em casa com a Miranda. Foi uma das primeiras coisas que lhe perguntei, movendo os lábios.

– Onde está a Miranda?

A verdade é que nós os dois nunca tivemos muito que nos ligasse, a não ser a Miranda.

– Está em casa – respondeu, também movendo os lábios. E então indicou por gestos que iria sentar-se ao meu lado. Se por um lado me senti agradada, por outro também me senti irritada. Agora é que não ia levar ninguém para casa; quando eu e o Julien puséssemos fim à nossa conversa e ele fosse ter com a Miranda, eu estaria demasiado cansada para encetar conversa com mais alguém.

Veio sentar-se ao meu lado. Ao curvar-se para puxar o banquinho na sua

direção apanhei o aroma do *aftershave* dele, um frescor a *gin* tónico, e recordei que vinte minutos antes, quando o tomei por um estranho, tive a sensação de que provavelmente seria atraente. E ele *era* atraente. Eu já sabia disso – percebi quando ele e a Miranda começaram a sair juntos, claro – mas a dado momento deixei de reparar. Agora, era como se voltasse a vê-lo com nitidez. Era uma sensação estranha.

– O que fazes aqui? – perguntei.

– Poderia perguntar-te o mesmo – disse ele. O que, obviamente, não era uma resposta.

Contei-lhe que concluíra um caso.

– Por isso, pode dizer-se que estou a festejar.

– Onde estão os outros? Os teus colegas? Estão aqui?

Eu não podia propriamente responder: *Foram a outro bar, se puder nunca socializo com eles*. Assim sendo, disse:

– Em casa... todos já demasiado acabados para lhes passar pela cabeça irem sair.

– Então, decidiste festejar por tua conta?

– Algo assim.

– Não é um pouco solitário?

Notava-se uma certa tensão entre nós. Acho que era por constatarmos que ao fim de dez anos de conhecimento mútuo, de repente tínhamos a noção de que efetivamente não nos conhecíamos. Na verdade, éramos pouco mais do que estranhos unidos por uma certa amizade. Necessitávamos da presença da Miranda para dar sentido à nossa ligação. Ambos estávamos a beber bastante depressa, numa tentativa de dissipar o embaraço. Eu nem sequer percebera que tinha terminado a minha bebida quando ele perguntou:

– Vai outra?

– Oh, pode ser. – Senti-me muito lisonjeada. Ele estava a apreciar a minha companhia.

– Onde está a Miranda? – voltei a perguntar.

– Já me perguntaste isso. – O modo como o disse teve o seu quê de provocador.

– Sim, mas então porque é que estás aqui sozinho?

A minha reação foi também um pouco provocadora. Oh, meu Deus, eu estava a namoriscar o marido da minha melhor amiga?

– Apeteceu-me vir tomar com copo rapidinho.

O álcool desafiou-me a dizê-lo:

– Então, aqui estamos, nos copos... a melhor amiga dela e o marido dela? Parecemos miúdos a faltar às aulas, ou isso. – Era suposto soar como uma patetice, espontâneo, mas teve o efeito inevitável de tornar o que fazíamos numa conspiração da qual a Miranda fora excluída. Bebi uma grande golada

de vinho.

– Se ela soubesse, sem dúvida que iria ficar com ciúmes – disse ele, acrescentando de pronto: – Sei que tem sentido a tua falta. – Sorriu, mas os seus olhos tinham algo de triste e cansado; não alinharam no sorriso. – Olha – disse, mais sério –, para ser sincero, eu precisava de um tempinho só para mim.

– O que se passa? – perguntei. Fiquei preocupada, mas com aquela pontinha de agrado que por vezes obtemos ao saber dos problemas dos nossos amigos. Tudo na vida da Miranda e do Julien parecia impecável, dourado.

Disse-lhe isso mesmo.

– Como é que pode haver algum problema? Vocês são perfeitos.

– Oh, pois – disse ele, com um sorriso que de alguma forma descaiu nos cantos, em vez de subir. – Perfeitos, é exatamente o que somos. Perfeitos como o caracás.

Seguiu-se uma pausa embaraçosa. Não soube o que dizer.

– Estás a dizer... – Procurei uma forma de o formular. – Estás a dizer... que as coisas não estão fantásticas entre vocês? A Miranda não comentou nada.

Isso era mesmo verdade. Não me contara nada. Mas já há uns tempos que não nos víamos. Conversámos brevemente por um par de vezes, mas sou péssima ao telefone: algo que sempre complicou bastante os meus anos de adolescência. Além disso, hoje em dia com o trabalho mal tenho tempo livre – e mesmo que tivesse era já tarde à noite, ou de manhã cedo, momentos em que a Miranda não teria alinhado num telefonema, calculo. Senti uma pontada de culpa. Ao longo do último mês, perguntara-me várias vezes se eu estava livre, e marcámos um encontro, mas tive de descombinar em cima da hora devido a uma crise súbita com um caso.

– Não se trata propriamente de problemas connosco – explicou. – É um pouco mais complicado. Seria até mais preciso dizer que se trata de um problema comigo. Algo desse tipo. Fiz uma coisa má. – Reparou que ergui as sobrancelhas. – Não... Não foi nada disso. Não a trai. Envolvi-me em algo mau. E agora não consigo sair.

– E a Miranda não sabe?

– Não... Ela sabe. Tive de lhe contar, porque nos envolvia a ambos. Ela tem sido – franziu o sobrolho –, acho que tem sido muito boa em relação ao assunto. Compreensiva. Tendo tudo em consideração. Só que às vezes dou com ela a olhar para mim e parece tão desiludida. Como se não tivesse pedido aquilo. É um bocado complicado.

Arrastou um pouco as palavras e imaginei que já estaria a beber antes de começarmos a conversar.

– Não queres falar sobre isso?

Abanou a cabeça.

– Não. Quer dizer... até gostava, mas não posso.

– Porque não? – Contive-me. – Desculpa... Bebi demais. Foi grosseiro da minha parte. Podes mandar-me calar.

– Não, por favor. – Mostrou-me outra vez aquele estranho sorriso descaído, tão diferente do brilho ostensivo e encantador da sua expressão habitual. Preferia este último; era mais real. – Gosto de conversar contigo – disse. – Não é engraçado... conhecemo-nos há tantos anos. Quantos são, uns dez?

– Onze – respondi. Junho de 2007. Foi quando me deparei com ele à porta da casa de banho.

– E, mesmo assim, tu e eu nunca conversámos como deve ser, pois não?

– Acho que não.

– Bem, bebe outro copo, e conversemos. Como deve ser.

– Bem... eu...

– Va lá. Por favor. Se assim não for, vou ficar aqui a beber sozinho e não deve haver nada mais triste do que isso. – Conteve-se, a constatar que era precisamente aquilo que eu até então estive a fazer. – Desculpa, não queria...

– Não tem mal – disse eu. Ele tinha razão, mas beber em casa era pior. O meu apartamento vazio, com o frigorífico vazio, e a vista vazia: o mar de prédios de escritórios – o lugar que consumia todo o meu tempo, e significava que também a minha vida era um vazio.

A perspectiva de lá regressar de repente causou-me um arrepio. *Preferia tomar outro copo com ele*, pensei. Mas havia naquilo algo de estranho, estar num bar com o marido da Miranda, sem que ela soubesse. E... também de estranhamente agradável, o que seria talvez o pior de tudo.

– Está bem – disse. *Que se lixasse*.

– Ótimo. – Sorriu-me e senti algo dentro de mim a revirar-se. – O que vais tomar? – E antes de eu poder responder: – Já sei... vamos para um *whisky*. Gostas de *whisky*? – Sem esperar pela minha resposta virou-se para o barman. – Vamos para um *Hibiki*. – Sorriu. – Vais gostar. É japonês... vinte e um anos.

Eu nunca bebo *whisky*. É raro beber bebidas fortes, para ser sincera – consigo deitar abaixo uma garrafa de vinho praticamente sem sentir o efeito do álcool, mas as bebidas fortes são algo completamente diferente.

O *whisky* subiu-me diretamente à cabeça. Não é desculpa para o que aconteceu a seguir.

A Miranda era obviamente um assunto sensível. Por isso, acabámos por falar de tudo o resto. Percebi que o Julien era muito melhor a conversar do que eu me apercebera antes. Sempre o encarei como alguém muito encantador, muito superficial, ocultando uma qualquer lacuna interior. Recordámos os tempos de Oxford, de como a vida na altura fora tão simples, embora nesses

tempos achássemos que não conseguiríamos esforçar-nos mais do que já fazíamos.

Conversámos sobre o meu trabalho – ele lera algo sobre o caso em que eu estive a trabalhar. Pela primeira vez, não dei por mim a supor que só falava comigo por uma questão de educação, enquanto esperava que a Miranda o resgatasse, ou que aparecesse alguém mais estimulante. Rodou o banquinho na minha direção, com os joelhos dele a apontarem para os meus. Um perito em linguagem corporal teria dito que todos os sinais eram positivos. Ou negativos, dependendo da forma como fossem encarados. Mas na altura ainda não me tinha ocorrido nada disso. Ou, se ocorreu, apartei tais pensamentos. Eram ridículos, não eram?

Conversámos sobre o momento em que nos conhecemos (não se recordava da ocasião prévia, no Baile de Verão, e senti-me demasiado orgulhosa para o corrigir), quando ele saiu da casa de banho a segurar a toalha.

– Ali estava eu – disse ele –, meio despido, e aqui estás tu, com um ar tão elegante.

Aquilo apanhou-me de surpresa; sempre assumira que ele me achava a amiga mais feia e aborrecida da Miranda. Elegante. Percebi que iria dar voltas e voltas àquela palavra na minha mente por um bom bocado.

– Isto é tão giro – disse-me ele a dado momento. – Não é giro? Assim, só a conversar? Como é que nunca fizemos isto antes? – O bafo dele tinha um toque a *whisky*, é certo, mas ainda assim senti-me acarinhada pelas palavras dele. E percebi que não era tão arrogante como eu sempre imaginara – e também, nitidamente, não tão perfeito. Talvez a passagem dos anos lhe tivesse furtado algum do brilho e eu não tenha parado para pensar e reparar. Ou talvez sempre tivesse sido assim. De uma maneira ou de outra, pareceu-me mais simpático, mais humilde, do que alguma vez me apercebi. O meu eu sóbrio talvez tivesse sido capaz de realçar que era apenas o famoso carisma do Julien em ação. Mas o meu eu embriagado apreciou imenso.

Porque, a dada altura, percebi que estávamos ambos bastante bêbedos.

– É melhor eu ir para casa – disse-lhe. Embora tenha percebido que não me apetecia e não somente devido à ideia deprimente do apartamento estéril de uma única pessoa que me aguardava. Deveu-se ao facto de estar efetivamente a divertir-me. Estava a apreciar a companhia dele. Mas com uma grande encenação esvaziei o meu copo e desci do meu banquinho. Ao deslizar do assento e ao sentir os joelhos a ceder, descobri que estava ainda mais embriagada do que julgara. Ele desceu do banco dele e também o vi a vacilar.

– Não podes ir sozinha para casa – disse ele. – Eu acompanho-te a pé. Não é seguro.

Por algum motivo, não me incomodei a dizer-lhe que ia todos os dias sozinha a pé para casa e que estava mais bêbeda do que isto quando o fazia, às

vezes com um perfeito estranho a reboque. Acho que ambos sabíamos, já na altura, que se tratava essencialmente de uma desculpa para manter a conversa, para manter a companhia.

Não sei qual de nós deu o primeiro passo. Só me recordo que de repente estávamos numa viela vazia e eu só ouvia o som da nossa respiração. Logo atrás da viela ficava a passagem de Cheapside e carros e pessoas, e por detrás disso toda a cidade, iluminada, caótica, com os seus milhões de habitantes. Mas naquela passagem escura éramos só nós os dois, e respirávamos ambos muito ruidosamente. E de um momento para o outro nenhum de nós estava assim tão embriagado. Aquele clarão de desejo de repente deixou-nos sóbrios. E seguiu-se a ligeira pressão dos polegares dele nas minhas ancas e senti a pressão mais intensa dele entre as minhas pernas, como ele estava duro. E peguei na mão dele e conduzi-a para cima, por baixo da saia, e ele gemeu encostado ao meu pescoço.

O sexo foi rápido, tinha de ser, naquele lugar público. Podia ter passado alguém por nós, a qualquer momento. E foi também muito bom. Vim-me embaraçosamente depressa. Mas ele, apesar do álcool e da nossa posição embaraçosa (teve de me segurar contra a parede), também não se demorou muito. Penso que terá sido a estranheza daquilo, a ilicitude, que o tornou extremamente excitante. A seguir, permanecemos colados por uns segundos, a cara dele contra o meu pescoço. Eu não conseguia acreditar no que tínhamos feito.

Ele disse-o em voz alta.

– Não acredito que isto aconteceu.

– Pois é – disse eu. – Vamos... Vamos fingir que não aconteceu. – Em parte, muito intimamente, não consegui deixar de pensar: *Teria servido qualquer uma?* Eu seria apenas uma rapariga num bar, no local certo, à hora certa. Ou foi por ser eu?

Tais questões não deveriam interessar, eu sei. E, todavia, interessavam. Porque por muito tempo assumi que ele me encarava como a colega apagada e desinteressante. Agora, aqui, havia uma nova e entusiasmante possibilidade. De ele, na realidade, me desejar.

Miranda

Viro-me ao som de passos atrás de mim no carreiro. É o Julien, segurando uma toalha à cinta, os pés a escorregar na lama.

– Cometi um grande erro – diz ele, num tom «vamos todos ser adultos». – Sei que cometi um grande erro, mas tenho andado sob imenso *stress*.

– Desculpa lá – digo –, tu tens andado sob imenso *stress*?

– Sim – diz ele. – É que... correu mal um negócio. E meti lá o Mark. Ele não ficou nada satisfeito.

Recordo o que disse o Mark na primeira noite, quando me agarrou. A referência ao «segredinho sujo» do Julien. Na altura, estranhei a escolha de palavras. Pensara que ele se referia ao uso de informação privilegiada, mas agora compreendo.

– Ele sabia – digo –, não sabia? Sobre ti e a... – Não consigo proferir o nome dela. – ... ela.

– Deixei escapar algo, quando estava muito bêbedo. Senti-me tão culpado... Queria os conselhos dele. Ele é... era... o meu melhor amigo. E agora anda a ameaçar-me.

É ridícula a forma como sente pena dele próprio. Neste momento, odeio-o mesmo. Não só pelo que fez, mas pela sua cobardia, pela patética pena que sente dele próprio.

– Tudo isto – digo –, foi gerado por ti, idiota de merda. Tudo por queres sempre um pouco mais. Sempre te achaste merecedor de uma fatia maior. Eu devia ter visto isto a milhas. É claro que ias ter de ter um caso. Mas nunca, num milhão de anos, teria pensado na Katie. Achei que pudesses ter melhor gosto.

Ele faz uma careta, contorce um pouco a boca, e por um momento surreal até acho que pode vir a defendê-la perante mim. Nitidamente, pensa duas vezes antes de o fazer. Conheço-o demasiado bem; está mais preocupado em

salvar o seu próprio traseiro.

– Ela seduziu-me, Manda.

Sinto arrepios na pele.

– Não me chames isso, foda-se – silvo.

– Desculpa, mas quero deixar tudo bem claro. Foi tudo culpa dela. Eu acho... Eu acho que ela traçou um plano, desde o momento em que me viu sentado naquele bar. Acho que percebeu, ao ver-me, o estado em que eu estava, que seria incapaz de resistir. Nem tive hipótese. Foi como daquela vez em Ibiza.

– Que vez em Ibiza?

– Oh, céus. – Mostra de imediato um ar de arrependimento por ter referido o assunto. Esfrega o rosto com uma mão. – Já debes saber. Naquelas férias que fizemos todos juntos. Na última noite. Ela atirou-se a mim. Foi... de loucos. Eu estava um bocado passado e sentia a tua falta... Ela parecia possuída, Manda... desculpa. Não me largava.

Fito-o fixamente, com a bÍlis a subir-me pela garganta. Ibiza. Enquanto eu estava no funeral da minha avó... ele ia para a cama com a minha melhor amiga. Não foi assim tanto tempo depois de termos começado a namorar, bem antes de nos casarmos – só serve para piorar tudo, significa que aquele segredo nojento esteve sempre presente entre nós. O Julien nitidamente arrepende-se de me ter revelado isto. Faz uma espécie de gesto de varredura com a mão, como se tentasse apagar aquilo da minha vista, e diz:

– Mas... o que quero dizer é, não queria que nada disto tivesse acontecido.

Quase teria sido divertido, penso. Vê-lo vacilar, continuar a enterrar-se ainda mais nesta sepultura. Divertido, não se desse o caso de ser o meu marido, o homem a quem dediquei mais de uma década da minha vida – toda a minha juventude –, e de ser eu o alvo desta piada.

– Seja como for – apressa-se a dizer o Julien, talvez apercebendo-se da minha expressão de repulsa e profunda incredulidade –, quando nos encontrámos por acaso naquele bar... Acho que ela percebeu que eu estava em baixo. Andavas a tratar-me com desprezo. Mal falavas comigo. Sentia-me um profundo fracasso, uma desilusão. Ela fez com que me sentisse... desejado, desejável. Tentei parar com aquilo. Fui ao apartamento dela no dia seguinte, para ela desistir. Mas ela não deixava. Fui tão fraco, compreendo isso. Era como uma droga que eu não conseguia largar...

Levanto uma mão.

– Que guião estás tu a ler, Julien? Tens assim tão pouco respeito por mim para ahares que vou mesmo acreditar nesses clichés da treta tão patéticos?

Faz um débil gesto de súplica.

– Eu só queria tentar explicar.

– Bem. Não vai servir de nada. Não és capaz de perceber? Já não engulo

mais nenhuma das tuas tretas. – Acho que seria capaz de matá-lo se tivesse neste momento uma arma na mão. Se soubesse a combinação daquele depósito de armas com as espingardas, acho que nada me impediria de pegar numa, regressar à sauna e matá-los aos dois. As pessoas ainda recebem penas mais leves por crimes passionais? Neste momento, parece-me valer a pena qualquer sentença. Ninguém trama assim a Miranda Adams.

Não tenho uma espingarda. Mas talvez a arma de que disponho seja mais poderosa do que qualquer arma de fogo.

O uso de informação privilegiada. Estive envolvida, é claro. Mas poderia arranjar um bom advogado. Os meus pais ajudar-me-iam. E por muito mau que pudesse vir a ser para mim, seria uma fração mínima da merda que se abateria sobre o Julien. Neste momento, parece valer a pena.

– Na verdade – digo –, sei o que vou fazer. Vou ligar-me ao teu maldito e precioso *wi-fi* e enviar já o raio de um *e-mail*. Basta um clique num botão. Um clique de merda. Posso não ter uma carreira, mas tenho amigos... também os conheces. A Olivia, sabes que ela agora está no *The Times*? Ou o Henry, o meu ex antes de ir para a universidade? Agora está no *Mail*... e já *imagino* o título que vão desencantar para ti. E sabes que mais? Acho que posso safar-me muito bem da situação.

Ele recua um passo. A expressão dele é sombria. Mal reconheço as suas feições, quanto mais a expressão. E, já não pela primeira vez, mas agora com muito mais motivos, penso: *Não conheço minimamente esta pessoa. Não sei do que é capaz.*

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

Regresso ao escritório. O Doug encontra-se lá sentado – e estou prestes a relatar-lhe o que acabei de ouvir na casa de banho quando o telefone toca. Atendo.

– Estou?

– Olá, Heather, daqui fala a inspetora-chefe Alison Querry.

– Descobriu uma forma de cá chegarem? – Sinto o olhar do Doug a incidir em mim.

– Bem – diz a Querry –, é claro que ainda estamos a esforçar-nos imenso por isso. A previsão meteorológica sugere que a neve deve abrandar nas próximas horas, e então poderemos tentar com um helicóptero. Só que há outra coisa. Queria só dizer-lhe que infelizmente estou a ser chamada de volta: o inspetor-chefe John MacBride vai assumir o meu lugar. Não preciso de lhe dizer que ele é extremamente competente. Vou passar-lhe já o telefone.

Sinto o cérebro a mil. A Alison Querry lidera a investigação do Estripador das Terras Altas. Se foi chamada de volta, isso significa...

Mal presto atenção enquanto o inspetor-chefe John MacBride se apresenta. Estou a fazer buscas no Google com uma mão, *Estripador das Terras Altas*, e então clico em NOTÍCIAS. Os títulos cativam-me a atenção desde o ecrã: «Suspeito detido em esconderijo na Escócia», «Rusga ao Covil de Glasgow do Estripador», «Encontrado o Estripador?» Encontraram alguém. Glasgow fica a mais de duas horas de carro daqui, mais, devido às más condições. Isto só pode significar uma coisa. Se efetivamente encontraram o homem que matou as outras mulheres, ele não pode ter nada que ver com este homicídio em particular. Foi outra pessoa. Foi alguém que está cá.

Um dia antes
Dia de Ano Novo de 2019

Katie

O Julien regressa à sauna. Reparo vagamente no aspeto absurdo dele: completamente nu, o pénis encolhido devido ao frio, os pés cobertos de lama. E apenas por uns momentos, com aquela que será provavelmente a força mais intensa que sinto desde que começámos a encontrar-nos, questiono-me, *O que ando eu a fazer?*

Tem tudo que ver com o Julien? O desejo secreto que alimentei por ele ao longo de todos estes anos? Ou teve também que ver com a Miranda? Eu nunca teria admitido isto perante mim mesma, nunca antes. Mas tendo em conta todos os remorsos que senti ao olhar para ela ali parada, horrorizada, com toda a vergonha... não haveria algo mais? Uma pitada de *Schadenfreude*¹⁰? Por, por uma vez, a ter suplantado?

Gostaria de realçar que originalmente fui à sauna apenas para tentar aquecer-me depois daquele terrível banho gelado no lago e não com um encontro marcado. Estaria lá eu há uns dez minutos quando alguém bateu à porta.

Abri-a e vi o Julien. Ele sorriu-me e entrou, rápida e furtivamente. Começou de imediato a despir-se.

Apesar de contrariada, senti-me excitada. Com a expectativa.

– Não há crise – disse ele. – Já a deitei... está completamente *off*. O Mark apagou por completo no Abrigo e a Emma regressou à cabana. Restamos só nós. Na verdade, ia a caminho da tua cabana quando vi a luz aqui e pensei... bem, que bela ideia.

– E se a Miranda acorda e vê que saíste?

– Ela não vai a lado nenhum. Por isso, vai ser como na noite passada. Digo-lhe que fui dar um passeio.

Às vezes, aquilo deixava-me desconfortável, a velocidade com que lhe

surgiam as mentiras.

– E achas que ela ia acreditar em ti? Julien, são três da manhã.

– Sim, eu sei. Mas percebe... ela sabe que tenho tido muitas preocupações ultimamente.

– Aquilo que gostarias de partilhar comigo, mas que não podes de maneira nenhuma contar-me?

– Sim. Isso.

Não sei porque é que me incomodava, o facto de persistentemente se recusar a falar do assunto.

– Ultimamente acho que temos partilhado muita coisa – frisei. – Acho que me é difícil entender a razão não queres falar desse assunto em particular.

– Não quero passar-te esse fardo – disse ele. – Não precisas de saber. Tal como já te disse, se te contasse irias ser culpada por associação... cúmplice.

– Mas eu sou culpada – disse-lhe

– Eu sei – disse, estendendo os braços na minha direção, mas não sem antes espreitar para trás, como se alguém conseguisse ver algo através dos estores fechados. – Tão deliciosamente culpada.

– Julien – disse eu. – O que estás... Pensei que tínhamos concordado...

Silenciou o meu protesto com a boca. Subiu e desceu as mãos pelos meus braços e depois pelas minhas costas abaixo, envolvendo-me o rabo, erguendo-me e deixando-me sem outra opção que não fosse entrelaçá-lo com as pernas em volta das suas costas. Toda a minha resistência se esfumou num ápice.

– Isso foi antes – disse ele. – Concordámos com isso antes.

– Antes de quê?

– Antes de eu perceber que me sinto completamente obcecado por ti. Nestas últimas semanas, não te ver... O Natal em casa dos pais da Miranda...

– Senti-me mal com a culpa – disse eu. – Fisicamente mal, Julien. Eu estava literalmente... no comboio, tive de ir vomitar à casa de banho.

Embora, na verdade, talvez se devesse àquilo que descobri esta manhã.

– Pobre Katie-did.

– Não, não me venhas com isso. Não podemos continuar assim. Não é justo para a Miranda.

Ele assentiu com a cabeça.

– Não é justo para a Miranda – disse ele –, e é por isso que acho que devíamos contar-lhe. – Abri a boca para protestar, mas ele abanou a cabeça. – Ouve-me. Não passávamos de uns miúdos quando nos juntámos. Ela parecia tão segura de si mesma. Era deslumbrante. Eu queria um pedacinho daquilo. E, sim, sentia-me fisicamente atraído por ela. Mas então, ao longo dos anos... todo aquele impulso parece ter desaparecido. Tudo o que ela queria mudou. Não quer fazer coisas fantásticas, ser fantástica. Agora, só quer *coisas*, a toda a hora: férias e roupa e um carro novo e, bem, um bebé. Mas detesta crianças.

Não me espanta que queira um bebé só porque toda a gente tem um... Por ser um «Objetivo de Vida».

«E contigo, Katie-did... é diferente. É mais complexo. É mais profundo. É muito mais... livre.

Pensei naquele pequeno sinal positivo no teste. *Esperaria*, pensei. Iria encontrar o momento certo.

– Sei quem és. Tens uma carreira, uma vida. Não precisas que eu valide quem tu és.

Senti um estranho e inesperado assomo de pena pela Miranda: ao longo de dez anos, estiveram juntos. Em que mundo é que isso não seria considerado profundo? Mas, além da pena, apesar da culpa... sim, percebi que havia um prazer sombrio e complexo. Todos aqueles anos a desempenhar o papel de amiga que a ajuda na vida amorosa, de atriz secundária, de substituta. Agora, finalmente, suplantara-a em algo.

¹⁰ Termo alemão que designa sentimento de alegria perante infortúnio de terceiros. (*N. do T.*)

Doug

Algo o despertou. O seu corpo está alerta, tremendamente atento – a sua mente esforça-se por acompanhar. Fora arrancado ao seu torpor agitado alimentado a *whisky*, com o coração a duplicar a batida. Olha para si mesmo. Está cercado por vidros partidos. Mas agora recorda... antes de ter apagado atirara o seu pequeno copo contra a televisão, apreciando o som do mesmo a estilhaçar o ecrã. Apreciou o modo como por momentos abafou o som dos hóspedes a divertirem-se no Abrigo, com a música no máximo. Troçando dos próprios «festejos» dele – uma garrafa de *single malt* e o espetáculo deprimente da felicidade de outros no ecrã. A seguir, escorripichou as últimas gotas da garrafa e afundou por fim, grato, na inconsciência. Mas agora algo o despertou. Uma batida na porta. Audível como um disparo de espingarda.

Imobiliza-se, atento como um animal.

Voltam a bater.

Não estava a contar. Pega no relógio. São quatro da manhã. Quem poderia precisar dele às quatro da madrugada? *Heather*, pensa ele, incoerentemente. Ela poderia precisar da sua ajuda, de alguma maneira.

Abre a porta e olha para o exterior com olhos ensonados. É ela, a hóspede, a bela. Só que tem um ar... terrível. Ainda linda, com um vestido comprido dourado, mas com tudo em mau estado: o tecido do vestido rasgado, o rosto manchado com a maquilhagem. O batom dela é um longo risco sobre uma bochecha.

– Olá – diz ela, algo cambaleante. – Desculpe, espero não estar a incomodar. – Ele está bêbedo, mas ela está ainda mais. Tal percepção serve para ficar sóbrio.

Ela espreita para lá dele.

– Uau – diz ela. – Isto é mesmo vazio. Muito... minimalista.

– Não pode entrar – diz ele. Tenta bloquear-lhe a passagem com o corpo;

ela contorce-se para passar.

– Mas eu trouxe champanhe! – Levanta uma garrafa aberta. *Dom Pérignon*, mercadoria mesmo chique. – Não vai deixar-me a beber o resto sozinha, pois não? – Quando ela se aproxima, ele constata que o aroma fumado já familiar do seu perfume está maculado por algo azedo e rançoso.

Sente-se como um animal, encurralado na sua própria gruta, o seu espaço seguro e privado. Ela avança um passo e agarra-lhe a cabeça, beijando-o. A boca dela é uma concentração de acidez, mas também daquele perfume fumado, que parece envolvê-los a ambos. E a língua é habilidosa e colou o seu corpo ao dele. Já lá vai tanto tempo. Ele sente o desejo a crescer dentro de si – misturando-se de modo desconfortável com a fúria que ainda o afeta por ter sido perturbado. Ela procura o fecho das calças dele, abrindo-o, e enfia lá a mão. Os dedos dela emaranham-se no seu cabelo.

– Não – diz ele, aclarando as ideias.

Ela recua e curva os lábios.

– Desculpe?

– Não – volta ele a dizer.

– Vá-se foder! Não me diga que não quer. Eu vejo que quer.

– Posso... preparar-lhe um chá – diz ele, embora não faça ideia se de momento tem os meios para cumprir tal tarefa.

Ela ri-se, cambaleia sobre os seus tacões brilhantes e faz-lhe uma careta.

– Não me parece – diz ela. E aponta então para ele. – Eu sei que quer. Tenho visto como olha para mim. No jantar... ontem, quando estivemos aos tiros. A mim não me engana. – Está furiosa, irada, com o dedo cravado no peito dele. – Mas tem demasiado medo. Sabe o que é? *Um covarde de merda*.

Aquelas palavras. Sente a raiva e a dor a crescerem dentro dele, como daquela vez. sente o fluxo rubro da sua ira a tingir tudo, e algo dentro dele cede, cede... e quebra.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

– Era a polícia – conto ao Doug. – Apanharam o Estripador das Terras Altas. A quilómetros daqui, por isso parece que não tem nada que ver connosco. Deve ter sido alguém daqui.

Ao dizê-lo, apercebo-me pela primeira vez da plena verdade. Torna-se real. Eles estão cá.

– E acabei de ouvir uma coisa, enquanto estava na casa de banho... – Paro, ao ver a expressão do Doug. – Doug? – Olho fixamente para ele. – Estás bem? – Anda de um lado para o outro diante da minha secretária, coçando o queixo para trás e para a frente – com tal vigor que a pele por baixo da barba por fazer começa a ficar irritada e rubra, apesar de o resto do rosto aparentemente ter sido desprovido de toda a cor. Os seus olhos apresentam-se negros e insondáveis. É como se estivesse a levar tudo isto de uma forma invulgarmente pessoal. Constatos que já desde manhã que tem mau ar; reparei, mas não tinha tido a oportunidade de pensar no assunto. Pareceu-me natural, tendo sido ele a encontrar o corpo, e tal.

– Doug?

Vira-se para mim, mas parece não ter ouvido chamar.

– Doug? – Estalo os dedos diante do rosto dele, obrigando-o a concentrar-se em mim. – O que se passa? O que foi agora?

Ele abana a cabeça, por uns segundos. E a seguir diz, num instante:

– Há algo mais. Não te contei tudo.

Oh, meu Deus. Preparo-me para o pior.

– O que é?

– Naquela noite, perto da altura em que arranjaste aqui o emprego – diz ele –, quando ouviste o grito... lembras-te?

– Sim – digo. O som ainda está gravado na minha memória.

– Bem, não era uma raposa. – Faz um esgar. – Era eu.

Penso nas minhas impressões ao ouvir o ruído – era um som gerado por alguém em profundo sofrimento.

– Oh, Doug.

– Tenho uns... episódios... acho, quando não me recordo do que estou a fazer. Dou por mim em lugares desconhecidos, sem saber como lá cheguei. Nessa noite, por exemplo... não tinha consciência de ter feito algum barulho. Dei a volta, nas árvores ao lado do lago, e percebi que só podia ter sido eu.

Não quero ouvir mais. Mas há mais – ele continua, imparável.

– Na Véspera de Ano Novo... – Passa a sua mão que não está magoada pelo cabelo revoltado, naquele gesto nervoso que o vi fazer tantas vezes nas últimas horas. – Tinha estado a beber imenso... recordo-me disso. E... – Sopra o ar. Não me olha nos olhos. – Estava furioso. Por isso, bebi mais. Acho que apaguei. E então há todo um período que não passa de uma... branca.

Uma branca.

Por fim, olha-me nos olhos. A expressão que vejo é a de um homem a afogar-se.

Um dia antes Dia de Ano Novo de 2019

Katie

Tenho de ir falar com a Miranda. Não, isto não se trata de uma crise de consciência tardia. Agora, não vale a pena pedir desculpa, já é demasiado tarde para isso. Se eu lamentasse mesmo, já há muito que teria parado. Só agora que vi a reação do Julien a tudo isto – a sua covardia em sair a correr de imediato atrás da Miranda e, tenho a certeza, a suplicar-lhe, e depois voltando aqui a fingir que não o fizera – é que verdadeiramente me arrependi pela primeira vez. Só então é que me saíram as palas dos olhos.

Mas quero uma oportunidade para explicar. Quero que ela compreenda que nada disto foi planeado, que não o fiz de propósito, para a magoar... pelo menos conscientemente. Que o caso – porque foi nisso que se tornou – me arrastou com ele, forte como uma corrente. Isto não se trata de uma desculpa para mim mesma, pois sei que não há desculpa. Não para quem faz uma coisa tão terrível a uma das suas amigas mais antigas. Mas parece-me importante dizer estas coisas.

Estou também um pouco preocupado com ela. Pareceu tão tresloucada, tão bêbeda, ali de pé com o seu vestido dourado manchado e rasgado, como uma deusa caída vingativa. Está tão frio agora, não tinha percebido que podia sentir ainda mais frio, e ela nada mais usava do que uma fina camada de seda e tinha os pés praticamente desprotegidos, com a exceção daqueles sapatos altos ridículos. Ela não ia fazer nenhuma estupidez, pois não? Não. Tenho praticamente a certeza de que essa não é a maneira de ser da Miranda. Ela queria magoar-nos a nós, não a ela.

De repente, sinto-me desprotegida aqui fora. A escuridão cerca-me, insondável, inescrutável. O único movimento que consigo ver é a minha respiração a abandonar-me em pequenos sopros de vapor. Acabou de ocorrer-me que a Miranda pode estar algures cá fora comigo, a observar-me de um

esconderijo. Penso naquela divisão que vi antes, com as espingardas. Tenho de me manter atenta. Neste momento, não posso menosprezar aquilo de que ela é capaz. Como amiga, pode revelar-se bastante má. A ideia de tê-la por inimiga é sinceramente aterradora.

Bato à porta da cabana dela. Não vem à porta. Espreito para cima para as janelas escuras e imagino-a a olhar para o exterior, vendo-me e sorrindo para si mesma.

– Miranda – chamo –, temos de conversar. – A cabana fita-me inexpressivamente, troçando de mim. – Tenho de te explicar tudo – insisto. A minha voz parece fazer eco no silêncio, com as reverberações regressando a mim vindas de longe, das montanhas envolventes. – Se quiseses conversar, estou à espera na minha cabana.

Não surge resposta. Silêncio, como uma respiração sustida.

De regresso à minha cabana, dou com o Julien sentado embrulhado numa toalha, encolhido no sofá, a bebericar de uma garrafa de *Scotch*. Penso que será a de boas-vindas oferecida pela gerência da propriedade. Eu nem lhe tocara, mas agora já vai a mais de meio.

– Julien. – Tento arrancar-lha das mãos. Agarra-se a ela como uma criança a um brinquedo. – Julien, tens de parar. Se bebes mais, ainda te matas.

Ele abana a cabeça.

– Ela mata-me primeiro. Leva tudo aquilo por que trabalhei. Vai destruir-me... não entendes.

Tem um ar que mete dó, enroscado naquela toalha. De súbito, quase sinto repulsa por ele. O seu peito amplo e musculado parece ridículo. Quem tem um corpo assim sem ser incrivelmente vaidoso? Antes, parecera-me exótico, tão diferente dos homens com quem já estive. E a lisonja de ele me querer – essa foi talvez a maior excitação de todas. Ao longo dos últimos seis meses consegui ignorar as pequenas coisas que me irritaram: o seu egoísmo após o sexo, sempre a correr para ser o primeiro a tomar duche, ou sempre a exigir que fizéssemos as coisas à sua maneira, ou não respondendo às minhas mensagens durante dias para depois se passar se eu deixasse uma das suas sem resposta por mais de uma hora. A excitação de tudo aquilo – o subterfúgio, o *rendez-vous* ilícito e, sim, a qualidade do sexo, tornou-as aceitáveis.

Era só isso?, pergunto agora a mim mesma. A verdadeira fonte do entusiasmo, além da química ou da atração física? A pura incredulidade por me querer e não à Miranda? Eu tinha assim tanta inveja dela? Sim, responde uma vizinha. Talvez tivesse.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

O Doug tem razão. A situação não está boa para o lado dele. Parece que pode ter sido a última pessoa a ver a hóspede com vida. Mas, agora, sinto-me estranhamente apostada na inocência dele. Simplesmente, não acho que ele o tenha feito.

É engraçado, há uns dias sabia tão pouco sobre ele. Nem sabia ao certo se poderia confiar nele. Ao ver aqueles novos resultados a carregar, o horror das manchetes sobre ele, pareceu-me o suficiente para o dar como culpado. Mas, por algum motivo, dada a vulnerabilidade e a honestidade das suas confissões em relação a si mesmo, mudei de opinião. Ele expôs o que tinha de mais íntimo, os seus segredos mais vergonhosos e, todavia, de alguma forma, não consigo ser muito severa com ele.

E, depois, houve a conversa escutada sorrateiramente no corredor. Dois dos hóspedes, pelo menos, podem não ser tão inocentes quanto aparentam. Quem me dera não ter feito cair aquela imagem, ter sido capaz de ouvir mais.

Entro na sala de estar e todos erguem o olhar.

– A polícia já chegou? – pergunta a mulher de nome Samira, embalando a bebé no colo. Poderia ser ela no corredor, a voz feminina? Não tenho a certeza. Foi ela quem primeiro nos alertou para o desaparecimento. Mas não significa nada.

– Não – respondo –, mas têm a esperança de que o tempo melhore esta tarde.

Ela assente com a cabeça, com um ar taciturno. Agora, sei que todos me observam. Eu daria tudo para inverter a situação, para poder ser eu a observá-los, em busca de alguma anomalia reveladora, vislumbres de culpa. Avanço até à chaleira, em piloto automático, para preparar mais chá e vejo que já esgotou. Calculando por alto, são umas cinquenta saquetas num dia. Há mais na

despensa. Enfio o meu casaco de penas, o meu chapéu vermelho, as minhas botas de caminhada e saio para o mundo pintado de branco, com a neve a guinchar a cada passo.

Destranco as grandes portas do celeiro, libertando um odor a pó, aparas de madeira e aguarrás. De um dos lados, estão todos os nossos mantimentos: água engarrafada no caso de uma falha no abastecimento (já aconteceu mais de uma vez), açúcar, caixas de cápsulas de *Nespresso*, rolos de papel higiénico e grades de cerveja. As necessidades básicas da vida, mesmo neste lugar.

É também aqui que temos o *feed* da câmara de videovigilância do portão, a zumbir num velho ecrã de televisão. Lá fora há hoje em dia tecnologia muito melhor – podia ter tudo a passar no meu computador no escritório –, mas o chefe é estranhamente forreta em algumas coisas. Espreito para o monitor: a imagem familiar do carreiro. É tanta a neve que a imagem quase não tem definição – tudo o que mostra é branco.

Do outro lado encontra-se todo o material de caça: o equipamento camuflado, as botas de caminhada, os binóculos. A fila muito ordenada de espingardas. A precisão militar do Doug.

Só que...

Pestanejo, volto a olhar. E a contar.

... só que uma das espingardas parece ter desaparecido. Um dos suportes está vazio. Acho que por norma são dez. E agora só há nove.

Ligo o rádio, ainda no bolso do meu casaco. A minha mão paira sobre o botão de transmissão – estou prestes a chamar o Doug, para lhe perguntar se há algum motivo para esta ausência. Será que ele, digamos, levou uma das espingardas para algo? Depois, paro para pensar: *Será que posso confiar nele?* Devo mesmo chamar a atenção dele para aquilo em que reparei? *Porque talvez ele já saiba. Talvez tenha sido ele a levá-la.*

Afinal, quem levou a espingarda teve de ter acesso ao armazém, o que praticamente exclui qualquer um que seja dos hóspedes. Há apenas duas outras pessoas que conhecem o código. E a outra abandonou a propriedade na tarde da Véspera de Ano Novo para ir passar as festas com a família.

Tento decidir o que fazer com estes novos dados. Não é propriamente uma ideia reconfortante, mas ocorre-me que não sei ao certo se o Doug precisaria de levar daqui uma espingarda – acho que tem uma dele. E se calhar só havia nove espingardas. Esfrego os olhos, que me doem e ardem devido ao cansaço. Sinto-me tão, tão cansada. Talvez esteja apenas a evocar quimeras na minha mente.

Pego na grande caixa de chá. Decido que nada direi ao Doug. Mas não vou esquecer o assunto. Nunca se sabe. Ao passar pelo velho monitor de videovigilância espreito para o ecrã que exhibe o inalterado cenário de neve: a vista dos portões. As nossas gravações podem muito bem ser as menos

animadas do Reino Unido. Até poderia estar a mostrar-me os flocos de neve a cair a indiferentemente diante das lentes, os segundos a passar no canto superior direito. Uma cena idêntica à que havia quando a verifiquei em busca de qualquer sinal da hóspede desaparecida, vendo nada mais do que um intervalo de tempo de neve. Lembro-me de ter passado as imagens em velocidade rápida: nada, nada, nada, entorpecida com a mesmice de tudo aquilo. E, no entanto... a batida do meu coração acelera de repente, o meu corpo parece compreender algo antes mesmo de a minha mente o fazer. *Nada*. Mas não deveria haver... algo? Não deveria eu ter visto, por exemplo, um camião vermelho – o camião do Iain – a abandonar a propriedade na Véspera de Ano Novo? Ele partiu na Véspera de Ano Novo: foi o que sempre assumi. Foi o que contei à polícia.

Mas se eu não o vi partir...

... Então ele deve estar aqui. Algures na propriedade.

É a única explicação.

O meu rádio estrepita. É o Doug.

– Onde é que estás? – pergunta ele.

Penso na luz que vi na Véspera de Ano Novo, a deslocar-se pelo flanco do Munro, na direção do Abrigo Velho.

Penso no outro abrigo funcional da propriedade, o qual nem eu nem o Doug nos damos ao trabalho de verificar por não ir lá ninguém, por estar trancado. Sei de repente onde tenho de ir. Penso no modo como o Iain sempre enfatizou que eu *nunca deveria aproximar-me* de lá por ser muito perigoso. Penso, de igual modo, como me disse para não deixar ir os hóspedes lá fora à noite.

– Heather, estás aí? – A voz do Doug ecoa no silêncio do celeiro. Parece-me haver uma genuína preocupação no seu tom. – Estás bem?

– Sim – respondo. – Eu... eu volto já num minuto. – Volto a enfiar o rádio no bolso.

Trata-se provavelmente de uma ideia muito estúpida. Sei que o sensato seria ficar quieta, no calor e na segurança do Abrigo. Mas estou farta de não fazer nada. E não me refiro apenas a estes derradeiros dias. Porque, na realidade, já há muito tempo que nada faço, fugindo, escondendo-me de tudo. Eis uma oportunidade de provar algo a mim mesma.

Preparei-me para sair do armazém. Botas de caminhada ainda mais robustas, um par de binóculos, um canivete multifunções. Tenho o telemóvel no bolso, que é útil apenas como lanterna, a não ser que apanhe rede lá em cima no pico. Não me dou ao incómodo de usar material camuflado, claro – seria praticamente tão visível quanto tudo o mais no branco da paisagem. Oh,

e penduro uma espingarda ao ombro. Só por uma vez disparei e não diria que foi algo que me saiu com naturalidade. Mas é melhor do que nada. Se não for como arma, servirá de dissuasor.

Conforme caminho, passo revista ao que sei sobre o Iain. Não muito, é a resposta. Nem sequer sei o apelido dele. Referiu-me umas quantas vezes a sua «senhora», mas nunca a conheci. Não consigo recordar, ao tentar formar uma imagem mental dele, se usa aliança – mas a verdade é que nem consigo recordar com precisão as feições da cara dele. Em geral, quando ele aqui estava, parecia parte integrante da paisagem. Tratava do seu trabalho sem me consultar, recebendo – como sempre assumi – instruções diretamente do chefe.

A neve parece ainda mais espessa no flanco do Munro. Escorrego e caio várias vezes – o declive quase impraticável para as minha botas de caminhada, mesmo ainda tão cá em baixo. Este é exatamente o tipo de comportamento que desaconselhamos aos hóspedes. Não saiam sem equipamento adequado. Pelo menos, tenho o rádio no bolso, em caso de necessidade.

Inspiro fundo. Já cá não venho acima há imenso tempo.

As ruínas, e o bloco de cavaliárias que se aguenta de pé, parecem particularmente sombrios em contraste com a neve acabada de cair. Detesto este lugar. Ainda sinto o cheiro a queimado, e cheira a morte. Cheira a tudo aquilo de que fugi. Bem, já não fujo mais.

– Heather? Heather... onde estás? Já passou quase uma hora. – O meu rádio crepita. É o Doug, claro.

É o leve indício de pânico na sua voz – algo que nunca ouvi, mesmo quando me contava o seu passado – que me leva a responder.

– Estou... no exterior.

– Porquê? O que estás a fazer? – Parece zangado.

– Só queria fazer mais umas explorações... ocorreu-me uma ideia.

– Por amor de Deus, Heather... enlouqueceste? Diz-me exatamente onde estás. Vou procurar-te.

– Não – digo-lhe. – Tens de estar de olho nos hóspedes.

Antes que ele consiga responder, corto a comunicação. Preciso de me concentrar.

A porta do estábulo está trancada, tal como sempre estive, com o pequeno ecrã do código a piscar. Parece tão incongruente na parede de pedra. O Iain disse-me uma vez, logo no início, que a estrutura da construção não é segura. Pode cair a qualquer momento. E depois acabamos com uma ação judicial terrível nas mãos.

– O chefe quer assegurar que está mesmo protegido – disse ele. – Não te

aproximes. Não queremos os hóspedes a entrar lá e a matarem-se quando o telhado lhes cair em cima.

Sempre tive todo o gosto em manter-me o mais possível ao largo do lugar. Só não podendo evitar é que me aproximo do Abrigo Velho. Quando andávamos à procura da hóspede desaparecida viemos até aqui acima. Tentei a porta, senti a resistência obstinada da fechadura na minha mão, e pus-me rapidamente em marcha. Por isso, agora é a primeira vez que me ocorreu pensar na razão para nunca me ter sido facultado o código de acesso. Na altura, olhara simplesmente para a porta trancada e assumira que de maneira nenhuma a hóspede poderia estar lá dentro. De repente, parece que esteve sempre debaixo do meu nariz um segredo a que nunca prestei atenção, tão embrenhada andava no meu próprio mundo, o longo legado do meu sofrimento. Se assim não fosse, será que a hóspede poderia não ter morrido? Afasto tal pensamento da mente. Agora, não vale a pena pensar nisso.

Não há maneira de eu conseguir forçar a porta: é uma peça antiga e pesada de carvalho e a fechadura não cede um milímetro quando a forço. E se empurrar com demasiada força, temo fazer com que a construção efetivamente desabe sobre a minha cabeça. Por isso, contorno o edifício até às traseiras. Todas as janelas estão entaipadas, impenetráveis.

Ah, mas agora que olho, vejo que uma das tábuas de cima está um pouco solta. Há uma abertura escura numa frincha entre essa tábua e a seguinte. Se me puser em cima de uma das pedras que há por baixo, talvez lá chegue. Subo a uma das pedras caídas, retiro o canivete multifunções do bolso, abro os alicates e uso-os para agarrar uma extremidade da tábua. A pedra a que subi balança ameaçadoramente sob o meu peso e a espingarda bate contra o meu corpo. Tiro-a do ombro. Tenho a certeza de que a patilha de segurança está acionada, mas imagino-me de repente a escorregar e a fazer disparar a arma.

Forço o alicate para a frente e para trás, aplicando toda a minha força, até sentir a tábua a começar a ceder. Com um estampido um prego solta-se e a tábua balança para baixo, expondo uma abertura da extensão do meu braço. Depois disso, é fácil arrancar as tábuas vizinhas até expor uns dez decímetros quadrados de espaço. Espreito para o interior, agarrando com as mãos a beira da tábua mais abaixo e sentindo a pedra a vacilar perigosamente por baixo de mim. O cheiro a mofo e – sim, ainda discernível – o cheiro a queimado com um século. Será possível ou será apenas imaginação minha? Pouco consigo distinguir – mas o que vejo é que o espaço não se encontra vazio. Há algo a meio da divisão, uma pilha de algo. Desço e pego no telemóvel, acendo a lanterna. Por um momento, tenho a forte impressão de estar a ser observada. Verifico em todas as direções, mas vejo apenas a imperturbável cobertura glacé da neve – com a exceção do rasto deixado pelas minhas pegadas. Provavelmente, será apenas do silêncio aqui em cima. O Abrigo Velho provoca

isso nas pessoas. Tem uma presença própria.

Aponto o raio de luz para o centro da divisão. Agora vejo, mas sem compreender bem. Não se trata de um objeto, mas sim de uma coleção deles: uma pilha instável de embrulhos, envolvidos com película aderente transparente, cada embrulho individual do tamanho de um pacote de açúcar de um quilo.

Na verdade, o que quer que esteja no interior, protuberante através do embrulho transparente, parece-se imenso com açúcar: é uma substância esbranquiçada. E então cai-me a ficha. De repente, percebo que o que está dentro dos pacotes é algo bastante diferente de açúcar, e bastante mais valioso.

Tal como num pesadelo, ouço passos atrás de mim.

– O que fazes aqui? – Quase educado, em tom coloquial.

Desço em choque, com as mãos a rasparem na madeira áspera na descida, cravando farpas na carne. As minhas pernas mal me aguentam; de repente, fraquejam com o medo. Levo a mão à espingarda e ouço, mais do que sinto, o estampido sonoro de algo a bater-me na base do crânio. A minha visão é apagada como uma vela soprada.

Quando recupero a consciência, levo uns segundos até que a minha visão clareie. Assim que acontece, distingo um vulto parado sobre mim. De início, nem sequer o reconheço, na bruma de dor que vai na minha cabeça, e devido ao que ele usa: um casaco de penas enorme, maior até do que o meu, que leva a que pareça que tem o dobro do tamanho habitual. O rosto dele está marcado pelo frio, azul nos lábios. Parece alguém que dormiu mal. Mas é o Iain.

– Não entendo – digo, estupidamente. – Pensei que estavas em casa. Onde é que tu... – Calo-me, porque percebo que ele transporta uma arma. De momento, segura-a frouxamente, mas sopesa-a nas mãos. O gesto, tenho a certeza, pretende demonstrar a facilidade com que a manobra – e como seria simples erguê-la e apontá-la a mim.

– Eu disse-te para não vires aqui acima – diz ele. – Disse-te para te manteres longe.

– Porque disseste que não era seguro – friso.

– Precisamente. Como vês, não é seguro.

– Disseste-me que era por causa da construção, porque podia cair. Não por causa... – Não sei como dizê-lo, ou se será seguro fazê-lo: *Não me disseste que era por haver aqui algo que não queres que eu veja.*

– Sim. Ou és menos estúpida do que achei que fosses... ou muito *mais* estúpida. Estou a tentar perceber qual das duas hipóteses. Acho que será a última.

Porquê? Porquê? Porque é que não esperei pela polícia, para lhes relatar as

minhas suspeitas? *Sou estúpida.* Mais do que isso, nem sequer disse ao Doug onde ia. *Porque já sabias que ele te impediria.* Tenho sido uma perfeito idiota. Tudo isto, de repente, parece uma missão suicida. E ocorre-me o pensamento... *era* uma missão suicida? Penso no olvido que contemplei no passado: os comprimidos, a ponte. Passei imenso tempo a pensar que morrer se calhar não seria assim tão mau. Mas agora – e talvez seja apenas um instinto animal bem enraizado – de repente descubro que quero viver.

– Olha – digo, tentando soar calma, razoável –, vamos fingir que não vi nada disto. Vou-me embora e é como se nunca tivesse acontecido.

Ele até se ri.

– Não, não me parece que dê para fazer isso.

Olho fixamente para ele. Se não fosse tão horrível, até poderia ser fascinante, a mudança que se abateu sobre este homem, que, pelo que percebi, parecia ser do tipo simples e descomplicado, apesar de um pouco taciturno. Mas percebo então que não é uma mudança. Este é o verdadeiro eu dele. Simplesmente usava outra personalidade como capa.

Avança um passo, estendendo o seu braço livre, e retraio-me.

– Muito bem – diz ele. – Vamos fazer assim. – Ergue a espingarda. Fico tensa, com a minha pele a retesar, a minha garganta a fechar-se com o horror. Penso: *Pronto. Ele vai matar-me.*

– Começa a caminhar – diz ele. – Estás à espera de quê?

Encaminha-me para o outro lado dos estábulos. Mantendo a espingarda vagamente apontada na minha direção, ergue a mão para o código. *É a minha oportunidade*, penso. É a parte em que posso tentar fugir. Mas fugir para onde? Há apenas brancura por todo o lado. Ele não poderia ter um alvo mais nítido. Por isso, resta-me apenas esperar enquanto ele abre a porta e me faz entrar, para a escuridão.

Percebo de imediato que está muito mais quente aqui do que eu esperava. Constato que instalou um gerador no canto da divisão.

– Que simpático da tua parte – digo, tentando soar menos receosa do que efetivamente me sinto. – Pensaste em mim.

Ele escarnece.

– E o que tens aqui? – pergunto. – Embrulhos em papel castanho atados com um fio?

Estou a falar, porque falar – o esforço para não gritar, para formar palavras – serve para manter-me calma.

– Exatamente – diz o Iain. – E tu sem dúvida que não tens de preocupar a tua cabecinha quanto ao que está lá dentro.

Mas preciso que ele continue a falar. Tenho de encontrar uma forma de me manter viva – e, de momento, distraí-lo da intenção de me matar é o único trunfo que me resta na manga. Não vale a pena prometer-lhe que não conto a

ninguém o que vi. Ele não acreditaria em mim. E provavelmente seria o mais acertado.

Assim, em vez disso pergunto:

– É isso que tens andado a fazer? Os trabalhos na propriedade... não passavam de um estratagema? Imagino que deva ser um pouco mais lucrativo.

– Gostavas de saber, não era? – diz. E então encolhe os ombros como quem diz «porque não?»... o que não pode ser bom. Se está a decidir que não tem mal contar-me, também já decidiu que não terei uma oportunidade de contar a ninguém. Não vale a pena pensar nisso. Tenta apenas ganhar tempo. Tempo é vida.

– Se queres saber – diz ele –, gosto de encarar isto apenas como mais um dos meus trabalhos. Construo um bom muro de pedra solta. Sei instalar uma vidraça em dez minutos. E sou um belo... estafeta.

– Estou a ver – digo, lentamente, como se me sentisse fascinada com o génio dele. – Trazes isto no camião desde...

– Digamos apenas que vem de *algures* – refere, com uma falsa paciência.

– E guardas isto aqui e depois... – Tento raciocinar ignorando o alarme de pânico que uiva na minha cabeça. Qual seria o interesse de trazer isto para aqui, um dos locais mais remotos do Reino Unido, sem a hipótese de o levar para outro ponto?

E, então, ocorre-me a história do local. O velho proprietário, insistindo para que lhe construíssem a estação.

– A seguir pões tudo no comboio.

Ele tira um chapéu imaginário com a mão livre.

– Diretamente para Londres. – Sorri, e a expressão torna-o ainda mais sinistro. Como é que alguma vez achei que era um tipo normal com uma vida simples? Tem ar de maníaco. Parece mais do que capaz de estrangular aquela mulher. Mas para já não lhe pergunto isso. Vou mantê-lo a falar sobre isto.

O *rádio*, penso. Se conseguisse levar a mão ao botão de transmissão, seria capaz de chegar ao Doug. Posso manter o dedo no botão para não fazer *feedback*. Ele ouviria tudo. Talvez eu até consiga dizer algo que o leve a saber com precisão onde me encontro.

– Diretamente para Londres – digo. – Bastante inteligente. Como o *whisky*, antigamente. Claro... eles achavam que o próprio proprietário estava envolvido, sabias?

O Iain não diz nada. Mas lança-me um olhar. *Duh*.

– Oh. – A constatação atinge-me como um soco no estômago. – O chefe também está envolvido?

O Iain não responde – não precisa.

É como antigamente: o proprietário a ficar com uma fatia do *whisky* contrabandeado. E passei o último ano despreocupadamente a levar a minha

vida no escritório – a pensar, será que o chefe gostaria de publicitar o Abrigo de uma forma um pouco mais alargada? É claro que não. O negócio tem sido uma bela cortina de fumo – mas com demasiados visitantes as pessoas poderiam começar a reparar em coisas estranhas.

Tenho sido uma perfeita idiota. Com certeza, andaram todo este tempo a rir-se de mim. A idiota no escritório, sem ver o que se passava debaixo do seu próprio nariz.

– E como é que levas a mercadoria para a estação? – questiono. – Sem que ninguém perceba?

Volta a lançar-me um olhar. É claro: o guarda da estação, o Alec. Recordo o modo como se comportou quando fui dar uma vista de olhos à estação, o modo como se pôs diante da porta de acesso ao apartamento dele. Por ter algo a esconder.

O Doug, penso. Será que *ele* sabe? Sou a única aqui que foi mantida na ignorância? Pode ter sido uma espécie de *toma lá, dá cá*: fecha os olhos ao que aqui se passa e nós fechamos os olhos ao teu registo criminal.

Se comunicar agora via rádio com ele, irá simplesmente ignorar-me? Ele não quereria que eu morresse, pois não? Penso no modo como se revelou franco e vulnerável comigo lá no Abrigo. Mas poderia estar a representar. Porque, percebo, a verdade é que tudo foi uma breve fantasia. Na realidade, não o conheço minimamente.

Tenho de tentar, é a minha única hipótese. Aos poucos, para não lhe chamar a atenção, subo a mão pelo corpo, na direção do bolso. O Iain não parece reparar. Observa a arma como se fosse um animal de estimação particularmente fascinante.

Enfio a mão no bolso, lentamente, lentamente. Os meus dedos roçam a antena do rádio, tentando encontrar o corpo sólido do mesmo.

– Foda-se, o que estás a fazer?

A expressão dele ensombrece com a fúria. Dá um par de passos firmes na minha direção.

– N-nada.

– Tira a mão da merda do bolso. – Enfia a mão à força no meu casaco e pega no rádio. Fita-o por uns segundos, numa raiva muda, e atira-o contra a parede com mais força do que a que eu imaginaria possível para um homem do tamanho dele. Cai com estrondo no chão de pedra, abrindo-se em dois.

Agora, avança para mim com um rolo de fita adesiva e rudemente ata-me os pulsos, com tal força que me magoa os ossos, e os tornozelos. Enquanto se baixa para tratar dos meus pés, testo o aperto em redor das mãos. Não consigo sequer movê-las. A fita adesiva não deixa qualquer folga, como se me tivesse prendido com umas correntes de metal. Podia tentar dar-lhe um pontapé na cabeça, penso, enquanto está ali agachado. Mas não sei se teria força suficiente

nas pernas. O Iain não é grande, mas é bastante forte: todo o trabalho que desempenha na propriedade. E se o magoar apenas ao de leve, não é suficiente para o atrapalhar – o que é o desfecho mais provável –, servirá apenas para me matar mais depressa.

O Iain levanta-se, parecendo orgulhoso do seu trabalho. Então, ouve-se subitamente um estrondo ensurdecedor. Ele é projetado para a frente, com um ar de puro espanto, e aterra em cima de mim, com a espingarda a retinir no chão. Não percebo o que acabou de acontecer. Também não vejo nada, pois ele está em cima de mim. E, então, constato que a frente do meu casaco cinzento está humedecida com sangue vermelho-escuro.

Um dia antes
Dia de Ano Novo de 2019

Miranda

Não acredito que o guarda de caça me deu para trás. Que humilhação, quando achei que poderia fazer com que me sentisse um pouco melhor comigo mesma.

A dor de tudo isto deixa-me sem fôlego. Curvo-me sobre mim mesma como se alguém me tivesse socado o estômago e deixo-me tombar no chão.

A picada do cascalho afiado sob os meus joelhos parece-me estranhamente justa, tal como o frio na minha pele – embora não pareça frio, mas antes fogo. Devo estar com um ar absolutamente absurdo, aqui ajoelhada com o meu vestido dourado e saltos agulha. E talvez se deva apenas ao facto de ter consciência do aspeto que devo ostentar... mas, de súbito, tenho uma sensação estranha e animalesca de que não me encontro sozinha.

Ao olhar por mim abaixo, deteto um leve movimento nas árvores junto ao lago. Poderia jurar que vi uma forma escura de algo – alguém – na escuridão dos pinheiros. Agora, tenho a certeza. Está aqui alguém comigo. Oh, quero lá saber. Não me interessa. Numa situação normal, poderia sentir-me perturbada. Mas *nada* me pode chocar tanto quanto o que acabei de ver, naquela sauna.

Sem dúvida que o meu observador, nas árvores, está a apreciar imenso o meu pequeno espetáculo. Penso no sorriso do islandês quando os vi no bosque, com a sua mão a chamar-me.

– Força – grito, para o silêncio. – Vejam bem. Vejam lá se isso me importa, foda-se.

A *Emma*, penso. Vou ter com a Emma. Tenho de conversar com alguém. Com alguma sorte, o Mark ainda estará a dormir no sofá da sala de estar do

Abrijo. Espreito pelas janelas. Sim, ali está ele, estendido de costas, de braços e pernas abertos.

Bato à porta da cabana deles. Silêncio. Afinal de contas, já passa das quatro da madrugada. Tento de novo. Por fim, a porta abre-se. A Emma está ali de testa franzida e ar ensonado. Está de pijama: dos de seda, com debrum, não muito diferente do meu.

– Oh – diz ela. – Olá, Manda.

Por norma, encolho-me quando ela diz aquilo. Soa demasiado forçado. Apenas o Julien e a Katie me tratam assim, as duas pessoas que me são mais próximas. Não, não me passou ao lado a ironia da situação.

– Posso entrar? – pergunto.

– Claro. – Sem perguntas, sem hesitações. Sinto uma forte pontada de culpa pelo modo como a tenho tratado. Sempre foi simpática comigo enquanto eu, por vezes, me revelei uma perfeita cabra – rebaixando-a, excluindo-a. Bem, de agora em diante tudo será diferente. Eu vou ser diferente.

Acompanho-a até ao interior. O *design* é praticamente igual ao nosso: a divisão ampla, as poltronas e a lareira, a grande cama de dossel, o toucador – até a cabeça de veado pendurada na parede. A grande diferença reside no facto de estar num brinco. É como entrar numa realidade alternativa. Os nossos pertences estão espalhados por todo o lado, nós sempre fomos uns desarrumados. *Nossos*, penso, *nós*. Já não será mais assim: tudo vai mudar. A casa que comprámos juntos, todos os nossos planos. Toda essa história. De repente, sinto como se as minhas pernas não conseguissem suportar-me.

Cambaleio até ao assento mais próximo, que calha de ser o banquinho do toucador.

– Queres uma bebida? – A Emma aponta para o armário de *cocktails* no canto. Para já, ainda não me perguntou o que se passa, mas o gesto sugere que sabe que se passa algo de errado.

– Sim, por favor.

Serve-me um pouco de *whisky*.

– Mais, por favor – digo, e ela ergue ao de leve uma sobrancelha, vertendo então mais um dedo no copo. Pensei que tinha bebido imenso esta noite, mas de repente sinto-me demasiado sóbria, a minha mente penosamente clara, as imagens lá formadas com grande nitidez, inesquecíveis. Quero deixar de as ver. Quero sentir-me entorpecida, anestesiada.

Para lá da janela, a luz da sauna permanece ainda acesa. Como é que puderam ser tão estúpidos? Até parece que queriam ser apanhados. Talvez não tivessem genuinamente compreendido como chamava as atenções ali no escuro, como uma lanterna na noite. Um farol. Penso – embora saiba que não o devesse fazer – no que estarão a fazer agora. Estarão a discutir os próximos passos, como dois coconspiradores? Será, sequer, que já se vestiram? Aquela

imagem não me sai da cabeça: a brancura dela contra a tez morena da pele dele, as cabeças escuras de ambos unidas. Bebo um gole de *whisky*, deixando que queime ao descer a garganta, concentrando-me nessa dor. Mas não tenho a certeza se todo o *whisky* do mundo me ajudará a esquecer como eles ficavam estranha e horrivelmente belos juntos.

– Emma – digo –, tens algum papel?

Ela ergue as sobrancelhas, apenas ao de leve.

– Ah... acho que sim. – Arranja um bloco não sei onde – da marca *Basildon Bond*. Tão típico da Emma, de certo modo, ter um bloco de papel à mão.

Agora, a minha mente está estranhamente clara. Como se fosse comandada por uma outra força, avanço para o toucador ao lado da cama, sento-me e escrevo um bilhete ao Julien. É para dar à Emma, assegurando que ela lho entrega.

Só quero causar o máximo possível de estragos, para que ele sinta esta mesma impotência que me assola. A minha mão treme tanto que tenho de pressionar a caneta na folha para controlar a escrita; por duas vezes perfura a folha. Ótimo. Ele verá que é a sério. De uma única penada, ele acabou de destruir tudo o que eu tomava por garantido. Bem, agora serei eu a destruí-lo.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

O Doug arrasta o Iain de cima de mim, como se fosse um saco de areia, e deixa-o ficar ali caído, a gemer como um animal. A seguir, agacha-se diante de mim e agarra-me os ombros com ambas as mãos.

– Tu estás bem? Heather? O que raio te passou pela cabeça? Segui as tuas pegadas pela neve... – E depois: – O que é que ele te fez? Credo, Heather...

Algo na expressão dele, a preocupação – o interesse – é quase demasiado. Tal como sentir a mão dele... agora a agarrar-me o queixo, as pontas dos dedos calosas, mas o toque suave, afastando o cabelo da minha testa, verificando os danos com todo o cuidado. Não sabia que um homem tão grande podia ser tão gentil.

– Está tudo bem – digo. – Não... ele não me magoou.

– Magoou, sim. – Retira a mão da parte de lado da minha cabeça e mostra-me a palma, ensanguentada. – Aquele madito...

Levanta-se e ergue um pé, como se fosse pontapear o Iain, que geme no chão, com a mão a pressionar o ombro, onde o sangue se infiltra pelo casaco de penas numa mancha castanha. Parece prestes a desfalecer.

É difícil assistir àquilo.

– Não, Doug. – Parece que ainda tenho em mim o meu velho instinto de paramédica: preservar a vida.

– Porquê? Olha o que ele te fez, Heather. Não vou permitir que se safe impune.

– Mas... não queremos que ele morra. – É imenso sangue. Vendo que o Doug ainda não parece convencido, digo: – E pode saber algo... temos de descobrir.

Ele hesita.

– Está bem.

Não parece convencido, mas baixa o pé. E face à minha insistência faz um curativo, rasgando um pedaço de tecido do fundo da sua própria camisa, pressionando-o no ombro do Iain sob o casaco, para estancar o sangue.

O Iain observa-o com um olhar opaco, sem resistir. A sua pele apresenta-se acinzentada, o corpo frouxo. O Doug mantém um pé em cima dele, logo acima da virilha, na eventualidade de tentar fugir... embora não pareça muito capaz disso.

– Tu vais ficar bem – diz-lhe o Doug, num tom prático, como se ouvisse os meus pensamentos. – Só te rasgou o ombro. Já vi pior. É claro que vai doer como a merda, mas... bem, tu mereces, não é, *companheiro*?

– Porque é que a mataste? – pergunto ao Iain.

– O quê? – Franze o sobrolho e volta a fazer um esgar, devido à dor.

– A hóspede. Empurraste-a pela ravina por ela ter visto algo? Por ela te ter descoberto?

– Não a matei – geme ele.

– Não acredito em ti – digo.

– Nunca matei ninguém – assegura, respirando sofregamente entre cada palavra, como se subisse uma colina em corrida. Espero que o Doug tenha razão quanto ao ferimento não ser assim tão mau. – Já fiz uma boa dose de coisas más, mas nunca *matei* ninguém.

Parece haver uma certa repugnância no modo como profere «matei» – como se fosse mesmo algo que achasse inaceitável. Mas a verdade é que até agora tem sido muito bom a dar uma ideia de inocência.

– Não matei a mulher. Porque haveria de o fazer?

– Se ela viu algo – digo. – Tal como eu vi algo... estavas preparado para me matar. Ias dar-me um tiro.

– Não – diz –, não... não ia nada. Mal sei usar aquela coisa. – Aponta para a espingarda, tombada no chão. O Doug levanta a sua própria espingarda – um aviso. *Eu sei*, indica o gesto. Sei como usá-la. O Iain percebe e engole em seco.

– Mas levaste a arma do depósito – digo –, por isso deves ter equacionado usá-la.

Parece genuinamente perplexo.

– Não – diz, num tom débil – não, não levei nada.

– Como assim, não levaste? Tiveste-a apontada à minha cabeça na última hora.

Ele olha para mim como se eu estivesse louca.

– É a espingarda que trazias quando vieste cá acima. Apontei-ta para não iras a lado nenhum. – Mexe-se um pouco e encolhe-se devido à dor. Transpira imenso. – Olha, fui *eu* que vi algo. Por isso é que mudei o esconderijo para aqui... da casa das bombas para aqui para cima.

Aquelas palavras prendem-me a atenção. *Vi algo*.

– Como assim? – pergunto, ansiosa. – O que é que viste?

– Vi-a a ser morta. A rapariga. E então pensei, Oh, foda-se, a polícia vai andar por aqui logo de manhã. Vão passar tudo a pente fino. Vão encontrar tudo. Sabia que tinha de afastar o material para mais longe do Abrigo e levá-lo para fora da propriedade quando eles chegassem. Mas não me ocorreu a neve. Eles não seriam capazes de cá chegar... só que nós também não poderíamos sair. O comboio... – Para, como se soubesse que está a revelar demasiado. Aquele *nós* chama-me a atenção, mas agora não há tempo para pensar no assunto.

– Tens recorrido aos comboios? – questiona o Doug, ao mesmo tempo que eu pergunto:

– Como é que ela morreu? A mulher. Disseste que viste. Calculo que vás dizer que caiu?

– Não. – Ele abana cabeça – É claro que não. Ela foi assassinada. Eu vi tudo. Eu estava lá, junto à casa das bombas. Bem cedo, por volta das quatro da madrugada, a verificar o material, tal como vos contei. Ela matou-a.

– Ela? – pergunto.

– Sim. A outra mulher. Uma das hóspedes. Acho que tiveram uma discussão... não consegui ouvir sobre o que seria, exatamente. Mas ouvi-a dizer, «Tu nunca foste verdadeiramente minha amiga. As amigas não fazem isso umas às outras». E pensei, oh, clássico arrufo entre mulheres, sobre um caso amoroso, ou isso. Inconveniente, mas sem interesse. Deixo-me ficar aqui deitado, pensei, à espera que acabe, à espera que saiam da zona. Mas, então, vi a outra a agarrá-la pelo pescoço, como se tentasse estrangular-lhe as palavras. E depois empurrou-a, em cheio no peito. Vi-a a cair. Foi arrepiante.

Um dia antes
Dia de Ano Novo de 2019

Miranda

Esta é a única coisa que me traz mais alívio: pensar no pavor do Julien face à ideia de eu revelar ao mundo o que sei dele. Há de estar a pensar, *Não vou tentar para já com ela. Tento daqui a uma hora, ou isso, para ela ter a oportunidade de acalmar.* Mas já vai chegar tarde. Vou esconder-me até conseguir apanhar o primeiro comboio para Londres. Imagino o Julien a ir à cabana, a dar com ela vazia, o pânico devidamente a instalar-se. O meu bilhete, que lhe deixei: *Não há nada que possas dizer. Antes de mais, eu nunca devia ter aceitado guardar o teu segredo.*

– Pronto. – Pouso a caneta, satisfeita com o meu trabalho. O toucador está muito bem arrumado. Uma escova para o cabelo, uma caixinha de madeira, um par de batons. Um deles é *Chanel*. Viro-o de pernas para o ar, leio a pequena etiqueta. *Pirate*: o mesmo tom que eu uso. Bem me pareceu que o tinha reconhecido na Emma na noite passada, mas é difícil dizer: toda a gente usa cores diferentes.

– Tenho este – digo. – É o meu preferido. – Na verdade, tenho de comprar outro. Perdi o meu antigo algures, provavelmente no forro de uma das minhas carteiras.

– Oh, sim – diz a Emma. – Adoro-o. – Abro-o e concentro-me para, em frente ao espelho, o aplicar na perfeição na minha boca, um arco carmesim ceroso. Li algures que as vendas de batons sobem em períodos complicados. Faço beicinho a mim mesma em frente ao espelho. Nunca o termo «pintura de guerra» me pareceu mais apropriado. Tenho o rosto pálido, os olhos encovados, mas o batom opera uma transformação. Dá resolução à minha cara, contexto, como um sinal de pontuação. Tento um sorriso, mas desisto de pronto. Pareço tresloucada, como o *Joker* de Heath Ledger.

– Os batons assentam-te tão bem – disse-me em tempos o Julien. –

Noutras mulheres dá sempre ideia de que é um esforço exagerado. Mas a ti, como se costuma dizer, assenta-te como uma luva.

Retiro um lenço de papel da caixa e apago tudo. Agora a minha boca parece apenas esfolada, ensanguentada.

– Olha – diz agora a Emma –, será melhor irmos até ao Abrigo? Lá é mais confortável, o Mark aterrou na sala de estar, mas de qualquer maneira...

– Oh – digo –, não, obrigado. Não quero ver mais ninguém. Vou apanhar o primeiro comboio da manhã e pronto. Se não for preciso, nunca mais quero ver o Julien ou a Katie pela frente.

Ela arregala os olhos.

– Manda... oh, meu Deus... o que é que aconteceu?

Tenho uma ideia de mim mesma a contar a novidade com a petulância descontrainda de uma estrela de cinema dos anos de 1930. Mas, para meu horror, percebo que as lágrimas começam a subir-me aos olhos; sinto-as a formarem-se dentro de mim, como uma maré incontrollável. Já não chorava há tanto tempo – desde que recebi o meu *Third* na universidade, enquanto mesmo à minha frente a Katie abria o seu envelope para revelar um grande e cintilante *First*.

Cerro as mãos em punhos, cravo as unhas na carne mole das minhas palmas.

– O Julien e a Katie têm andado a dormir juntos. – Ainda não tenho forças para dizer: *A ter um caso*. Ainda não. Soa tão íntimo, tão sórdido.

– Oh, meu Deus. – Ela leva uma mão à boca, mas não me olha bem nos olhos. Toda a representação soa a falso. Não acredito. A Emma, de todas as pessoas, sabia que o meu marido andava às cambalhotas enquanto eu não fazia ideia? Que merda é esta?

– Tu sabias?

– Só desde ontem à noite, juro, Miranda. O Mark contou-me.

O *Mark*, penso eu – o segredinho do Julien para o qual ele me avisara. Era isto. Era sobre isto que me tentava avisar. Não admira que tenha parecido confuso quando lhe disse que não estava interessada em ouvir.

– Eu não queria dizer-te sem mais nem menos, sabes – diz ela. – Acho que quis dar uma oportunidade à Katie ou ao Julien de te contarem. Não quis presumir que tinha qualquer direito.

– O quê, de me contar que o meu marido e a minha melhor amiga andam a foder?

– Lamento imenso, Manda, devia ter-te contado... Nunca me hei de perdoar.

Parece tão trágica que a dispenso com um aceno de mão... não estou para me incomodar.

– Sabes que mais... quero lá saber. Não tem nada que ver contigo. Agora já

sei. E sei o que vou fazer em relação ao assunto. – Passo-lhe o bilhete. – Olha – digo –, quero que te assegures de que o Julien recebe isto. Não consigo ser eu a dar-lhe.

– OK – diz ela, pegando-lhe. – Mas por que...

– Posso beber outro? – pergunto, em simultâneo, estendendo o meu copo.

– Claro. – Ela sorri. – É medicinal, sabes.

Vira-se e trata de servir as medidas, o gelo.

Principalmente para me entreter, pego na caixinha pousada no toucador. É uma coisa bonita pintada, uma daquelas caixas quebra-cabeças chinesas. A minha avó tinha uma. Viro-a de pernas para o ar. Acho que é do mesmo estilo da dela. Eu costumava brincar com ela – assim que me mostrou o segredo, a forma como se abria, fiquei obcecada. Será que ainda me recordo? Não tenho a certeza. Com cautela, pressiono um dos painéis do fundo; não se mexe. Rodoo e faço o mesmo do outro lado. Mexe-se. Sinto uma forma simples de satisfação. Qual é a parte seguinte? Oh, sim, o painel no lado mais estreito. Os meus dedos movem-se por sua própria iniciativa, premindo, rodando. Quase lá – só tenho de encontrar aquela alavanca, puxá-la para fora. Se for igual, abre-se tipo mola. Aha! Aqui está.

– Oh – diz a Emma, num tom de voz estranho. Tinha-se virado para mim, segurando os dois *whiskies*. – Oh, não... não faças isso!

Demasiado tarde. A caixa abriu-se, vomitando o seu conteúdo no chão com estrondo. Tanta coisa, é espantoso pensar que esteve tudo ali dentro, naquela caixinha.

Ouçoo um estilhaçar de vidro e ergo o olhar, baralhada. A Emma deixou cair os dois *whiskies*. Estilhaços de vidro espalham-se pelas tábuas do soalho, com o líquido a acumular-se em redor dos pés dela.

– Oh, merda – digo –, sou tão idiota.

Mas ela mal parece ouvir. Mal parece reparar no *whisky*. Em vez disso, está no chão, recolhendo os objetos caídos entre os cacos de vidro, tentando esconder a confusão com o corpo.

– Cuidado – digo. – Ainda vais... – E então as palavras abandonam-me. Ela não quer que eu veja. Só que eu vi. Diversos objetos que reconheço. Um brinco, perdido no Baile de Verão há uns onze anos: a noite em que finalmente me juntei ao Julien. Lembro-me de ele levar a mão ao lóbulo da minha orelha, dando um puxão.

– É um novo *look*? Um só brinco? Só tu para o fazeres. – Agora, parece que aconteceu a outra pessoa.

Um pingente. Um presente da Katie no meu vigésimo primeiro aniversário, por ser aquele que ela sabia que eu desejava muito da *Tiffany's*, e deve ter-lhe custado uma fortuna.

Uma caneta de tinta permanente *Parker*. Não a reconheço. Oh, não, espera,

acho que sei o que é. Perdi-a algures, nas primeiras semanas da universidade. Eu era muito dada a perder os meus pertences, mas tinha a certeza de que estava uma manhã na minha bolsa e pela tarde já desaparecera. Passei umas horas infrutiferamente a refazer os meus passos. *Alguém lhe deve ter pegado*, pensei. Bem: alguém o fez.

Até o meu isqueiro – aquele com um brasão, perdido apenas na outra noite.

– Emma – digo. – O que faz isto tudo nas tuas mãos? É tudo meu. O que faz aqui? – Penso nos pequenos bilhetes deixados no meu armário. Um ou outro artigo devolvido. Mas não estes: estes foram nitidamente considerados demasiado preciosos para isso.

– Não sei – responde a Emma, sem olhar para mim. – Não sei o que faz isso tudo aqui. Não fazia ideia do que estava nessa caixa... é do Mark.

Só que nem por um momento imagino o Mark como sendo dono de tal objeto. Observo o modo como ela embala as coisas junto ao peito – a caneta, o brinco, o colar. Penso na expressão dela – de puro terror, era mesmo isso – quando me viu a brincar com a caixa, antes de a abrir. O seu grito de aviso. Os copos de *whisky* largados.

Penso também na outra noite.

– Manda – diz ela. – É uma parvoíce. Posso explicar.

– Não, Emma, não me parece que possas.

Começo a perceber o que foi que tanto me perturbou, naquilo que ela disse na outra noite. Quando falou daquela festa – aquela em que fiquei presa na casa de banho. Quando alegou que teria acontecido em Londres, quando ela lá esteve, ou que algum dos outros lhe terá contado. Mas nenhum poderia tê-lo feito. Nenhum deles lá estava. Porque não aconteceu em Londres; aconteceu em Oxford.

Foi logo na primeira semana. Agora recorro com muita clareza. Daí ter ficado tão horrorizada com aquilo – eu necessitava de causar boa impressão a todos – e daí nunca ter contado a nenhum dos outros. Mas a Emma, de alguma forma, estava em Oxford. Naquela festa. Não há outra explicação.

Tiro o telemóvel do bolso.

– O que estás a fazer? – pergunta ela, erguendo o olhar de onde reunia os objetos caídos no chão.

– A recolher provas.

Por um momento, perpassa uma expressão na cara dela – algo violento e urgente – e penso que está prestes a mergulhar para a frente e a arrancar-me o telefone das mãos. Então, parece controlar-se.

– Que provas? – questiona. Pode estar a simular calma, mas a voz dela soa estranha – alta, estridente.

Não respondo. Por momentos, quase me sinto grata ao Julien por insistir

para que o *wi-fi* do Abrigo fosse ligado. Ainda assim, leva um bocado a abrir o Facebook, e, entretanto, vejo a Emma, preparada para se lançar ao meu telemóvel. Ao fim de algum tempo, quando carrega, clico em «Fotos de ti». Vou passando as fotografias. Nem acredito que são tantas, e quantas são horríveis, conforme mergulho nas suas profundezas. Depois de tudo isto, quando recomeçar a minha vida, vou fazer uma seleção. Consoante avanço, o meu rosto vai ficando cada vez mais jovem – as minhas bochechas mais cheias, os meus olhos parecem maiores. Nem acredito que mudei tanto; não tinha percebido. O quanto todos nós mudámos. Ali está o Julien, o belo rapaz por quem me apaixonei, o rapaz que se tornou o homem que acabou de me arruinar a vida. Mas não tenho tempo para isso. Procuro outra coisa. Devo ter inspecionado centenas de fotos, metade das quais não carregaram. Não interessa. É mais para trás. E então, finalmente, estou no território certo. A semana da receção aos caloiros. Uma semana de estranhos, de tentar escolher entre eles as pessoas que poderiam vir a ser nossas amigas. Todos os rostos desconhecidos, pelo que seria difícil recordar qualquer um em particular. Foi assim que ela se escondeu de mim. De repente, tenho a certeza daquilo que vou encontrar. E pronto, ali está: uma fotografia daquela festa em particular, tenho a certeza agora, aquela em que fiquei presa na casa de banho. Um mar errante de quase-adultos. Péssima qualidade, mas vai servir. Porque há um rosto entre eles, a olhar diretamente para mim, no qual eu nunca teria reparado não fosse o empurrãozinho dado pela Emma. Cabelo de um castanho discreto, faces mais redondas, as feições menos determinadas, os olhos obscurecidos por óculos estilo Harry Potter. Com um ar muito mais jovem, um ar muito mais desleixado. Ergo o olhar e comparo-a com a mulher diante de mim. E apesar de todas as mudanças, é ela, é inquestionavelmente ela.

– Não foi o Mark – digo. – Foste tu, Emma. Tu é que levaste estas coisas. – Não percebo como o fez, mas é bastante evidente. – O meu isqueiro – digo, vendo-o a cintilar nos dedos dela. – Dá-me a merda do meu isqueiro, Emma.

Ela entrega-mo, sem abrir a boca. Agora, olha para mim – com atenção, como se me tentasse ler a mente, descobrir o que fazer a seguir.

Uma vez mais, penso eu, gostaria bastante de mostrar um ar descontraído neste momento. Acender um cigarro com este mesmo isqueiro e descontrair, e pedir-lhe que explicasse tudo. Como é que ela, Emma, a namoradinha apagada do Mark, veio a tornar-se a minha perseguidora. Só que não consigo. Duas revelações numa única noite. É demasiado. De repente, tenho a sensação de que tudo o que tinha por garantido me foi arrancado de debaixo dos pés.

Emma

Portanto, eu e a Miranda afinal temos um passado que vem de mais de trás. Não, não é tão antigo como o da Miranda com a Katie, a sua tremendamente falsa «melhor» amiga. Mas mais antigo do que o do Julien ou do Mark, isso sem dúvida. Para explicar, tenho de vos levar a recuar mais de uma década.

Entrevistas para Oxford. Outono. A entrevista académica que iria correr-me bem, sabia eu. Nesse aspeto, não havia preocupações. Sabia que a ligeira preocupação dos meus pais era a entrevista pessoal. E se de algum modo tivessem deitado mão ao meu registo: o problema na minha anterior escola? Se assim fosse, teria estado tramada. Tudo não passara de um terrível mal-entendido, já sabem como podem ser as adolescentes – etc. Sem referências ao psiquiatra (aparentemente, não tinham o direito de perguntar sobre isso), nem ao seu diagnóstico.

Será que eles, basicamente, veriam, para lá do brilhantismo do meu registo académico, o meu verdadeiro eu (fosse lá quem fosse)? E isso seria um problema? Porque, na realidade, não se alcança sete notas máximas nas provas de acesso à universidade sem umas determinadas – podem assim chamar-se – características obsessivas. O rendimento académico era a manifestação positiva disso. A outra coisa, com aquela rapariga estúpida, era a negativa.

Quando chegou o momento da temida entrevista, safei-me. Fizeram-me, naturalmente, a pergunta dos «interesses». Ao responder – ténis, cinema francês do período Nouvelle Vague (tudo trazido de entrevistas com vários realizadores e aprendido por memorização), culinária – pensei no que lhes passaria pela cabeça se lhes revelasse os meus verdadeiros passatempos. Observação, estudo atento, colecionismo. A única questão é que as coisas que eu gostava de reunir eram bastante invulgares. Gostava de colecionar personalidades.

A questão é esta. Eu nunca me senti uma verdadeira pessoa. Não no sentido adequado, na forma como as outras pessoas pareciam senti-lo. Desde muito nova que descobri que era muito boa em certas coisas – em particular aprendizagem, academia. Mas uma máquina consegue aprender. O que parecia faltar-me era uma personalidade própria. Faltava-me uma noção de «eu». Mas tudo bem. O que não se tem pode sempre pedir-se emprestado, ou roubar.

Então, andei sempre à procura de personalidades particularmente divertidas, como um parasita em busca de um anfitrião. Houve a rapariga na primária, o que terminou de forma bastante infeliz quando ela contou aos pais que eu a seguia de casa até à escola e que por vezes me sentava na casa da árvore em frente à janela dela, a observá-la. Foi muito injusto. Eu só estava a fazer os meus trabalhos de casa, como qualquer criança. Conseguia fazer os meus verdadeiros trabalhos de casa na curta viagem de autocarro desde a escola. O que realmente me preocupava em aprender eram os hábitos dela, estudar o modo como se comportava quando estava sozinha, o aspeto do quarto dela, a música que ouvia. A seguir, ia para casa e imitava esses gostos e hábitos: comprava os mesmo CD, as mesmas roupas.

Fui transferida para outra escola, depois da reunião com a diretora. E depois para outra, quando voltou a acontecer o mesmo.

– Oh – disse eu, num tom jovial, na entrevista –, o trabalho do meu pai saltava muito, por isso seguíamo-lo pelo país. – Ela brindou-me com um olhar de quem estava pouco convencida, mas, como suspeitei, o meu desempenho académico suplantou sem problemas quaisquer outras preocupações.

Foi no Salão Júnior da faculdade que conheci a Miranda. Ela parecia iluminada a partir de dentro. Tinha uma confiança absoluta em quem era. Bebeu uma cerveja com alguns rapazes e jogou bilhar com eles, e depois pareceu aborrecer-se – talvez se devesse à adoração servil com que a fitavam. Então, o olhar dela pousou, inacreditavelmente, em mim.

Aproximou-se e sentou-se junto a mim no assento vazio do outro lado da mesa.

– Olá, como é que te correram as entrevistas?

Fiquei tão espantada que por uns segundos nem consegui falar. Olhar para ela era como olhar diretamente para o sol. Não se devia apenas ao facto de ser linda. Devia-se ao facto de ser tão ela própria – complexa e contraditória e dividida em várias camadas, como vim a saber –, mas absolutamente, única e triunfantemente ela própria.

– Eu tenho a mesma impressão – diz ela. – Quer dizer, acho que a primeira correu *muito* bem, claro – recordo a fabulosa arrogância daquilo, mesmo agora –, mas não estou assim tão certa em relação à segunda. Houve umas

perguntas horríveis sobre o uso de metáforas nos *Sonetos Sagrados* de Donne e paralisei por completo... Não me pareceram muito impressionados. Mas se calhar safei-me. Às vezes acontece, não é?

Assenti com a cabeça, embora não estivesse muito segura em relação à resposta. A questão, na verdade, era imaterial. Porque ter-me-ia sido completamente impossível não concordar com ela.

– Olha – disse ela –, estou mesmo a precisar de uma bebida. Já chega de cerveja, quero algo mais forte. Queres beber alguma coisa?

Assenti com a cabeça, ainda entorpecida com aquela abençoada surpresa. Tínhamos outra entrevista académica na manhã seguinte, mas naquele momento pareceu-me completamente sem importância.

Ela comprou para nós dois *Jim Beam* e duas colas, o que na altura me pareceu a coisa mais sofisticada que eu já tinha provado: o calor furtivo e pegajoso do *bourbon* sob toda a doçura do refrigerante. Bebeu a dela com uma palhinha, e de alguma forma fez com que parecesse fixe. Continuei a contar que se apercesse do meu verdadeiro eu, ou melhor, da ausência do meu eu, aquilo que faltava; o vazio interior. Teria ficado espantada, teria sentido repulsa – ter-se-ia apercebido do seu erro e ter-se-ia ido embora com qualquer outra coisa jovem e brilhante que fosse mais do tipo dela. Só que nunca aconteceu. Aquilo de que não me apercebi na altura foi que a Miranda é – era – alguém que passa tanto tempo a negociar as várias partes díspares do seu ser que não tem disponibilidade para ver mais alguém. Para reparar em alguma discrepância, ou lacuna. E isso sempre me serviu na perfeição. Além disso, a Miranda aprecia um projeto. Não gosta de ir pelo que é esperado. Tem um gosto eclético, à sua maneira também é uma colecionadora. Antes de tudo mais, tínhamos isso em comum.

Não pareceu interessar-lhe o que eu disse – ou, na verdade, o que eu não disse, enquanto estava ali sentada, deslumbrada. Sentia-se feliz por ter um espelho, uma caixa de ressonância.

Já tinha feito com que todas as outras, as outras anteriores, as causas de tanto sofrimento e vergonha, parecessem meros bonecos recortados em papel. Aqui estava finalmente algo a imitar. Aqui estava um verdadeiro projeto, merecedor de todo o meu empenho e atenção. Ou, como o poderiam dizer as outras pessoas, as pessoas normais: eis alguém que poderia ser minha amiga.

Fomos dançar a uma discoteca de que ela ouvira falar a um aluno do terceiro ano que era suposto supervisionar-nos, mas que passou a noite a tentar levá-la na conversa. Assim que lá chegámos, despachou-o com um revirar de olhos tipo «era o que tu querias» e deu-me a mão. Dançámos na pista de dança *retro* multicolorida, com o chão pegajoso devido às bebidas

entornadas. Por uma vez, eu não tinha consciência de ser gorda, de ser esquisita ou – fugaz e alegremente – do vazio interior, pois ia buscá-lo à luz dela: eu era como a lua do seu sol, e estava destinado a ser assim.

Quando fui aceite em Oxford, não acreditei que voltasse a vê-la. Seria absolutamente perfeito e eu não estava habituada a que se concretizassem os meus desejos. Além disso, apesar de todo o seu brilhantismo, não estava segura de que ela tivesse sido suficientemente brilhante – no sentido de Oxford – para ter entrado. Mas ali estava ela, nas matrículas. A Minha Futura Melhor Amiga. A minha inspiração, o meu quadro de estados de espírito em carne e osso. A fonte de onde eu poderia extrair as esperanças de construir uma personalidade própria,

Pus-me na fila e esperei que reparasse em mim. O momento viria, claro, eu teria apenas de ser paciente. Era impossível que não reparasse em mim, tínhamos tido aquela ligação elétrica. Grandes amigas à primeira vista. Imaginei com precisão como iria ser. Ela iria arrastar-se preguiçosamente pela fila de caloiros, todos tão crus e com um lento caminhar desajeitado, já com um ar de quem pertencia ali há anos, como se fosse a dona do lugar. O cabelo dela era uma folha dourada, a carteira de couro para os livros artificialmente desgastada, a *écharpe* de seda quase a arrastar-se pelo chão. Deslumbrante. E então pararia e olharia duas vezes ao dar por mim. «És tu! Graças a *Deus*, não encontrei mais ninguém com quem quisesse conversar. Alinhas num café?»

E todos os outros na fila que viram apenas o invólucro gordo de alguém de óculos iriam de repente ver algo diferente – alguém merecedor da atenção desta Deusa. Esperei por aquele momento como um padre poderia esperar por uma aparição divina, com um formigueiro de expectativa. Ela estava a virar-se, vinha na minha direção – um agarrar ocioso da *écharpe* de seda, lançando-a sobre o ombro direito. E continuei à espera, agora quase a tremer. Por momentos, senti-me tão subjugada que até cerrei os olhos, um longo pestanejar. E quando os abri ela desaparecera. Virei-me, incrédula. Passara por mim. Diretamente, sem sequer parar, quanto mais dizer olá.

Vi que se virava para falar com a rapariga atrás dela: cabelo preto, demasiado magra, mal-arranjada. As roupas dela eram quase excessivamente fora de moda – faltava-lhe estilo onde a Miranda era chique. E compreendi: ela já tinha um projeto, um caso perdido. Aquela rapariga, fosse lá quem fosse, usurpara-me.

Mas não perdi a esperança. Esperei que reparasse em mim. Dirigi-me ao Salão Júnior e sentei-me na mesma mesa e vi-a ao balcão, a beber o seu *Jim Beam* com cola. Sentar-me-ia suficientemente perto para conseguir ouvir tudo o que conversava. Certa vez soube que ela detestava a comida da cantina – mas não sabia cozinhar, pelo que não teria alternativa. Foi então que aprendi a cozinhar, claro. Iria passar horas na cozinha na ala dela, a preparar refeições

elaboradas tão boas como qualquer uma que se encontrasse nos restaurantes da moda de Oxford. Iria esperar que passasse no seu vagar diante da porta e então ela diria algo tipo, «Oh, meu Deus, que cheiro incrível». Então, eu oferecer-lhe-ia uma parte – porque, claro, era tudo para ela – e sentar-nos-íamos a comer juntas e tornar-nos-íamos as melhores das amigas. E uma vez mais poderia tomar emprestada alguma da sua luz.

Mas nunca aconteceu; nunca reparou em mim. As poucas vezes que passou, estava demasiado ocupada a enviar mensagens no telemóvel, ou a conversar com a sua amiga horrível, ou, mais tarde, a conversar com o seu igualmente horrível namorado. Mereciam-se um ao outro, a Katie e o Julien. Nunca a mereceram.

Penso na rapariga triste e solitária que costumava sentar-se seis lugares atrás dela nas aulas – que recordava o primeiro dia em que ela entrou na sala de palestras. Tal como os outros, eu não conseguia decidir-me quanto ao que mais desejava: ser ela ou simplesmente ser próxima dela. Mas percebi de imediato que nenhuma das opções seria viável. As amigas dela não tinham nada que ver comigo. Nenhuma delas era bonita como ela, mas tinham a mesma aura de quem é fixe – até a desajeitada de cabelo escorrido, a Katie, absorvendo algum do seu encanto. Iriam rejeitar-me, como um corpo estranho.

Comecei a perceber que eu não gerara qualquer impacto na vida dela. Ao passo que ela definiu os últimos meses para mim, desde aquela entrevista. Por isso, comecei a segui-la, para todo o lado. Ela iria chamar-lhe – e assim fez – «perseguição». Encarei-o apenas como mera observação próxima. E quando isso não bastou, comecei a tirar-lhe coisas. Por vezes, objetos que suspeitei que tivessem valor sentimental. Outras vezes objetos que sabia serem de alto significado – como o ensaio que copiou ou os brincos que roubou. Usei esses brincos ao longo de uma semana, os pequenos papagaios pintados. Com eles pendurados nas orelhas senti-me um pouco mais ela, um pouco menos eu, como se contivessem alguma da essência do poder dela, da sua personalidade. Até sorri a baristas em cafés e entreguei um ensaio com um dia de atraso, e sentei-me ao sol na margem do rio Isis para bronzear as pernas. Esperei que ela reparasse, para me confrontar por causa dos brincos. Nunca o fez. Houve um momento, na rua, quando a vi a espreitar para eles e a estacar. A sua boca formou um «o» de surpresa. A seguir, abanou a cabeça, como se se repreendesse a si própria em relação a algo, e seguiu o seu caminho, e percebi que ela só reparara nos brincos. Não reparara em *mim*.

Foi quando percebi que poderia obrigá-la a prestar atenção. Poderia devolver os objetos. Poderia levá-la a saber que não se tratava apenas da sua

imaginação, ou que ela de repente não se tornara mais desastrada, mais esquecida. Mas algumas coisas, as mais especiais, não devolvi. Eram os meus talismãs, como relíquias sagradas de uma religião. Quando os transportava comigo, sentia-me transformada. Tornei-me o anjo da guarda dela.

Ela era tão negligente. Talvez se devesse ao facto de ter tantas coisas, não tinham tanto significado para ela. Um casaco de malha de caxemira descartado na ponta da pista de dança, ou uma fita para o cabelo a espreitar pelo cimo da bolsa que deixou numa mesa de café enquanto ia à casa de banho ou uma sandália de tacão depois de as ter descalçado num baile e ter ficado demasiado embriagada para se recordar onde as deixara. Eu era a Princesa Encantada dela. Iria devolver cada peça com um bilhete bem pensado. Imaginei o pequeno arrepio que ela sentiria, por saber que tinha um admirador secreto. Seria melhor até do que não ter perdido o objeto.

Comecei a vestir-me cada vez mais ao estilo dela. Fiz dieta, alisei e pinteí o cabelo. Às vezes, se capto um fugaz vislumbre de mim mesma na montra de uma loja é quase como se fosse ela em vez de mim. Obtive um *Second*, e não o *First* previsto pelos meus tutores. Mas não quis saber. Iria receber notas máximas ao estudá-la e ao tornar-me nela.

Segui-a até Londres. Sabia onde eles gostavam de ir tomar um copo. Ao bar ironicamente decadente na alta da cidade e depois à discoteca ainda mais decadente na Clapham High Street, a Inferno's. E foi lá, enquanto sorvia a minha limonada no balcão, que o Mark me abordou.

É evidente que eu sabia quem ele era. De início, fiquei petrificada, pensei que viera para me desafiar, perguntar o que fazia eu ali. Mas, então, perguntou-me, «Posso oferecer-te uma bebida?», e abriu-se diante de mim todo um novo mundo de possibilidades. Subitamente, percebi que ele não me via como a estranha Emmeline Padgett. Via-me como uma mulher desejável que conhecera numa discoteca, com a sua saia de couro e blusa de seda ao estilo Miranda. Então, quando me perguntou o nome, respondi, «Emma». A minha heroína preferida de Austen, de quem a Miranda sempre me fez lembrar um pouco.

Aconteceu algo mágico. Enquanto Emma, tornei-me uma nova pessoa. Era representação, o mesmo belo distanciamento em relação a mim mesma que vivera em palco numa produção escolar, quando fugazmente consegui tornar-me uma pessoa completamente diferente. A Emma poderia ser competente e fixe, *sexy*, inteligente, mas não demasiado, não o tipo de inteligência que assusta as pessoas. Seria uma criatura social, iria tornar-se alguém sem camadas, sem trevas. Iria ser tudo o que eu não era.

E estaria legitimamente perto dela. Seria até considerada amiga.

A maldita fotografia. Já tinha pensado antes no assunto, muitas vezes. Claro que eu sabia que ali estava, tenho um conhecimento enciclopédico relativo à conta de Facebook da Miranda. Mas a fotografia não era minha, eu nem conhecia a pessoa que a tirou – por isso nada podia fazer em relação ao assunto. Podia tê-lo contactado, pedido que a retirasse, mas a Miranda conhecia-o, pelo que poderia ter servido apenas para chamar a atenção... Poderia ter sido pior do que deixar estar. Eu não estava lá identificada – claro, ninguém sabia o meu nome. E era tão diferente. Seria necessário olhar com muita atenção e saber exatamente o que se procurava. Porque é que alguém haveria de observar com atenção uma foto de há catorze anos, uns milhares de fotos mais atrás? Pensei que estivesse segura. Estive segura.

– És tu – diz ela. – Sempre fui boa com rostos. – Abana a cabeça, como se tentasse ordenar as ideias. – Tudo faz sentido. Mas uau, como mudaste. Perdeste peso. Pintaste o cabelo. Mas és mesmo tu.

– Não – digo –, percebeste mal. Não podia ser eu. Eu estava em Bath. – Sempre me orgulhei da minha desfaçatez e das minhas capacidades de representação, mas de repente tudo o que eu digo soa a falso, soa à mentira que é. Constatro que não devia ter dito aquilo. Devia simplesmente ter dito que não sabia ao que se referia. Ao negar as acusações confirmei que ela tinha razão.

Esboço mais uma tentativa para me safar.

– Oh – digo –, se calhar apareci num ou noutro fim de semana. É evidente que tinha amigos em Oxford.

Mas já é tarde. Ouço em fundo como um coro grego: *mentira, mentira, mentira*.

Mas já não parece interessar. É como se ela não tivesse ouvido. Ela dizia:

– Agora percebo tudo. O perseguidor desapareceu por volta da mesma altura em que tu e o Mark se juntaram. Cheguei a pensar que fora ele... voltei a pensar isso recentemente. Sempre teve uma queda por mim, mas de certeza que já sabes isso. Agora compreendo. – Faz uma pausa e depois diz: – Sabes que eu costumava ter pena de ti? Pensei que o Mark estivesse apenas a usar-te, pela tua leve semelhança comigo. A Kate já tinha falado nisso. Eu, por mim, nunca teria reparado. Só que foi ao contrário, não foi?

– Eu só quero ser tua amiga. – Sei ao que soa... ouço-o. Desesperada... patética. Ela agora sabe de tudo. Pode muito bem vir tudo à tona.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

– Qual era o aspeto dela? – pergunto. – Tens a certeza de que era uma mulher?

O Iain franze os olhos. Tinha empalidecido imenso. Espero que se deva apenas à dor, não à perda de sangue – mas acho que é desta última. Já vi demasiada gente a morrer numa ambulância devido a ferimentos não muito piores.

– Iain, qual era o aspeto dela?

– Era uma mulher – diz. – Duas mulheres.

– Deves ter visto mais do que isso – digo. – De que cor era o cabelo? Da assassina?

– Não sei – diz ele, gemendo de novo. – ... suponho que era claro. Talvez louro. Não sei bem. Era difícil ver bem. Mas sem dúvida que não era escuro.

Parece certo disto. As outras hóspedes do sexo feminino – a Samira e a Katie – têm inconfundivelmente cabelo escuro. Ele pode não saber o tom exato do cabelo da mulher, mas nenhuma delas pode ser descrita como tendo o cabelo «claro».

E, então, algo mais me ocorre.

– Iain, estás a ser sincero ao dizer que não pegaste na outra espingarda?

– Porque é que haveria de mentir? – geme. – Já sabem de tudo. Porque haveria de mentir em relação a isso?

Tem uma certa razão. Mas não desejo que seja verdade. Porque, se for, ela tem a espingarda. E ao virmos cá acima cometemos um erro terrível.

Um dia antes
Dia de Ano Novo de 2019

Miranda

Abandono intempestivamente a cabana. Ouço os pés da Emma a pisar os degraus atrás de mim.

– Miranda – diz ela –, por favor... por favor, escuta. Nunca quis que isto te incomodasse.

Não respondo. Não consigo olhar para ela, nem sequer falar. Não faço ideia de para onde me encaminho. Não para a minha própria cabana, não para o Abrigo. Em vez disso, percebo que corro na direção do carreiro que acompanha uma das margens do lago. Tenho a ideia vaga de chegar à estação, de esperar por um comboio. A que horas é que a Heather disse que parte? Seis da manhã. Já não pode faltar muito. Tenho a consciência de que ainda estou embriagada, mais embriagada do que achei, e de que este plano conterà provavelmente uma série de problemas, mas o meu cérebro está demasiado turvo para os ponderar. Trato disso quando lá chegar. Por agora, tenho apenas de escapar.

Mergulho no arvoredo. Aqui, está mais escuro, mas o brilho da Lua penetra nos ramos, bruxuleando acima de mim como uma luz estroboscópica. *É um longo caminho até à estação*, diz uma vozinha sóbria, desde algures dos confins profundos da minha mente. Descarto-a. Sinto-me capaz de correr desta forma sem parar. Nada magoa quando se está bêbeda.

O único obstáculo – vejo-o a espreitar à minha frente – é a ponte sobre a cascata. Ali, terei de ser cuidadosa. E então, subitamente, surge um vulto escuro no carreiro logo adiante. Um homem. Parece algo acabado de se desencantar por si próprio do tecido da noite. Tem o capuz subido, como a personificação da morte. No interior, distingo apenas o brilho branco dos seus olhos. A seguir, afasta-se precipitadamente de mim, subindo a encosta acima do carreiro até às árvores, desaparecendo numa pequena construção

praticamente ali escondida.

Hesito por um segundo, no limite da ponte. Vai lançar-se a correr para mim para me atacar? Não gostou de ser visto, isso dá para perceber. De repente, sinto-me muito mais sóbria do que antes. Efeito do medo.

– Manda.

Viro-me para trás. Oh, céus. A Emma está a contornar a curva no caminho. A minha hesitação deu-lhe tempo para me apanhar.

– Manda – diz ela, sem fôlego, caminhando na minha direção. – Eu só queria ser tua amiga. Isso é assim tão terrível?

Emma

– Nunca foste uma verdadeira amiga – diz ela agora. – Os amigos não fazem isso uns aos outros.

– Não digas isso.

– E tu só eras minha amiga antes por causa da tua ligação ao Mark. Nunca te teria escolhido como amiga. Para ser sincera, sempre te achei um bocado maçadora. Sempre achei que te faltava profundidade. E sempre te achei forçada. Agora, tudo faz sentido.

Sinto uma dor terrível na caixa torácica, como se ela tivesse enfiado as mãos nessa cavidade para apertar, triturando.

– Não estás a falar a sério – digo.

– Não? – diz ela. – Falo, pois. – Ela até sorri. O seu rosto belo e cruel. – Prefiro esta tua versão. Muito mais interessante. Mesmo sendo tu um raio de uma esquisitoide.

Aquilo dói.

– Não me chames isso.

– O quê? – Está no modo de *bully* no recreio. – Um raio de uma esquisitoide?

Começam a surgir à superfície memórias de um lugar sombrio há muito enterrado, uma sala de aulas, a rapariga mais popular num determinado ano que se parece bastante... sim, agora percebo, com a Miranda. Até aqui não tinha lá chegado. As duas caras: a recordada e a que está diante de mim, parecendo convergir uma na outra. Na altura, dei um empurrão àquela rapariga, um forte empurrão em pleno peito, e ela caiu para trás sobre a caixa de areia.

– Meu Deus – diz a Miranda –, chamamos a nós próprios o círculo íntimo. Os melhores amigos, aqueles que permaneceram enquanto todos os outros se foram afastando. Mas essas outras pessoas foram as sensatas. Perceberam que a

única coisa que nos mantinha juntos era uma história ténue. Bem, vou enfiar-me no comboio e dar início a uma nova vida... uma onde não tenha de vos voltar a ver. Em especial a ti.

– Não digas isso, Manda.

– Não me chames isso. Não tens o direito de me chamar isso. Podes sair da ponte, por favor? Acho que não aguenta duas pessoas ao mesmo tempo.

Não me mexo.

– Não podes estar a falar a sério, Manda. Tudo o que sempre quis foi estar junto de ti, fazer parte da tua vida.

Ela põe as mãos à frente, como que a querer rechaçar as minhas palavras.

– Deixa-me em paz, psicopata de merda.

Aquela palavra. É a ação de um momento. Estendo as mãos e agarro-a pelo pescoço. Ela é mais alta do que eu, mais forte, provavelmente – graças a todo aquele treino de boxe e Pilates. Mas eu conto com o elemento de surpresa. Cheguei lá primeiro.

Não tenho nenhum plano em particular. Quero apenas que ela deixe de falar, quero impedi-la de dizer aquelas coisas horríveis que sei que não quer dizer. Sinto-me tão desiludida com ela. Como é que pode encarar aquelas pequenas oferendas – os bilhetes tão bem pensados – como obra de uma psicopata?

Ela é igual a eles, os adultos que tentaram diagnosticar-me. Na verdade, não é psicopatia. É transtorno de personalidade. É a designação «oficial» para aquilo de que eu supostamente padeço.

Mas eu conheço a verdadeira definição. A sensação por detrás de todo aquele esforço. Todos aqueles pequenos roubos e devoluções, todo aquele trabalho em persegui-la, em levar o Mark a gostar de mim, em tornar-me parte do grupo.

Amor. É do que se trata.

Não sei quando é que percebo que já não provém qualquer som da parte dela. Tornou-se estranhamente pesada, frouxa, nos meus braços, tombada para a frente, levando-me a suportar todo o peso. É com uma espécie de horror instintivo que a empurro para longe de mim, com bastante força. Como em tempos empurrei aquela rapariga, na primária – aquela que me insultou por me vestir como ela, por a seguir até casa. Sem grandes danos, apenas um cotovelo partido. O suficiente, contudo, para a diretora chamar os meus pais ao gabinete e para eles anunciarem que eu ia sair da escola antes sequer de ela proferir a palavra: «expulsão». Seria melhor para a reputação de todos se não houvesse grande agitação em volta da situação.

Só que, dessa vez, ela caiu para trás para uma caixa de areia.

Eu tinha esquecido. Juro. Tinha-me esquecido de que estávamos paradas na beira da ponte, uma dúzia de metros acima da cascata congelada. Quando

ela caiu, a cabeça dela tombou para trás e os seus membros ficaram frouxos como os de uma boneca de trapos – quase cómico, a rodar como um moinho. A seguir esfumou-se e impôs-se um longo silêncio.

– Manda? – chamei, baixinho. Mas acho que já sabia que de maneira nenhum ela iria responder. – Manda?

Apenas silêncio.

Quando olho, ali está ela. Até parece que dorme.

Só que as pernas dela estão em ângulos estranhos, esticadas – e está tão graciosa, a minha Miranda. E há o vermelho espalhado em volta da cabeça no ponto onde bateu nas rochas – uma explosão estelar, uma supernova vermelha – e algo mais, mais claro, misturado com o vermelho, em que não quero pensar.

Olho em meu redor. Alguém terá visto? A paisagem apresenta-se completamente deserta. Não se vê ninguém, em lado algum. Não aprecio o aspeto daquela pequena construção, empoleirada logo acima da cascata. Mas é evidente que não está lá ninguém, é só por causa do aspeto que manteve durante todo o fim de semana: as janelas escuras como olhos inexpressivos.

A neve continua a cair, como o pano que desce após o derradeiro ato. Ou um manto branco – para cobrir o belo corpo despedaçado lá em baixo na cascata. Cobre as minhas pegadas, preenchendo-as consoante me afasto, como se nunca tivessem existido.

Começo a chorar. Por ela, por mim, pelo que perdi.

Presente
2 de janeiro de 2019

Heather

– Doug – digo –, tenho de regressar já ao Abrigo. Tu não sais daqui e assegura que ele fica bem.

– Nem pensar – diz ele. – Não vou deixar que saias daqui sem mais nem menos para te matares. Vamos juntos.

A escolha de palavras dele detém-me. Para te matares. Evoca uma ideia que tem estado no limiar do meu pensamento. Porque, quando decidi subir até ao Abrigo Velho, sabia que correria perigo. Sabia que havia uma possibilidade de ser morta. Estava a arriscar essa possibilidade. Sim, era tão mau como uma missão suicida. E não, não quero examinar com demasiada atenção o seu significado.

O Doug ajuda-me a levantar. O movimento abrupto provoca-me uma guinada geral – esquecera-me do ferimento na cabeça – e cambaleio na direção dele. Envolve-me com um braço, para me erguer. Sinto o calor do corpo dele, mesmo através das nossas roupas. Recuo um passo.

– E ele? – Aponto para o Iain.

– Ele está bem. Fica aqui a pensar no que fez.

– Ele não me parece muito bem, Doug. – E não parece. Embora também seja verdade que não parece muito pior. O sangramento parece ter estancado, em grande parte, graças à ligadura improvisada do Doug.

– E não estou – diz o Iain. – Não me sinto lá muito bem. Levem-me convosco.

– Se estivesses assim tão mal – diz o Doug, num tom rude –, já terias desmaiado há uma meia hora. Aguentas aqui até nós voltarmos para te vir buscar, a guardar a tua preciosa mercadoria.

Ocorre-me que pode haver uma possibilidade de apanhar rede no meu telemóvel. De vez em quando, nos picos, ganha vida. Pego-lhe, aceno com ele

no ar, desligo e ligo o modo de voo... e, por fim, com um grito de triunfo, consigo fazer surgir uma barra solitária.

– A quem vais ligar? – Pergunta o Doug.

– À polícia.

O Iain retrai-se, como se alguém lhe tivesse espetado algo no ferimento no ombro.

Reparo que enquanto aqui estivemos deixou de nevar. O helicóptero da polícia já pode cá chegar. Mas não estão conscientes da nova urgência da situação.

– Por favor – digo ao operador –, passe-me ao inspetor-chefe John MacBride. Tenho uma coisa muito importante para lhe contar.

Emma

Quem é que acham que levou aquela espingarda do depósito? Eu, claro!
Tada!

Ao longo dos anos, tornei-me adepta de reparar nas coisas. E conto com uma memória que pode muito bem ser fotográfica. O código de acesso ficou guardado naquele pequeno e ordenado armário de arquivo da minha mente desde o segundo em que o grande imbecil do guarda de caça o teclou.

A sério, o que é que a Miranda viu nele? Sempre teve péssimo gosto para homens.

Um telefone toca incessantemente no escritório em frente ao corredor da sala de estar.

– Porque é que ela não atende? – questiona o Mark. – Ou ele? Pode ser importante. Pode ser a polícia, ou isso.

Esperamos, enquanto o toque cessa, para um minuto depois voltar a tocar.

– Vou lá espreitar – digo –, ver o que se passa.

O resto do Abrigo parece particularmente sossegado. É o silêncio do vazio. Antes mesmo de empurrar a porta do escritório, tenho a certeza de que a minha batida é redundante. Eles não estão aqui. Nem a Heather, nem o idiota do guarda de caça. O telefone está pousado na escrivaninha, ainda a tocar. O som é tão alto que até parece vibrar no silêncio.

Levanto o auscultador.

– Estou?

– Estou a falar com Heather Macintyre? – A voz do outro lado é de uma juventude quase pré-pubescente. – O inspetor-chefe John MacBride pediu-me para lhe ligar. Tenho tentado o seu telemóvel, também, mas vai diretamente para o *voicemail*.

Algo instintivo leva-me a dizer, modulando a minha voz para um suave sotaque escocês de Edimburgo (sempre disse que era boa atriz):

– Sim. Daqui fala a Heather. Em que que posso ajudar?

– O inspetor-chefe vai a caminho daí, de helicóptero. – Nota-se um prazer inegável na forma como o diz, como se apreciasse todo aquele drama.

– Finalmente – digo. – Bem, são excelentes notícias. – Acho que não têm como ligar-me ao caso. Mesmo que exerçam a sua magia CSI com ADN e fibras... bem, eu vestia o casaco do Mark e o nosso ADN estará presente num e noutro. Não haverá nada de estranho em encontrar lascas da minha pele na da Miranda, ou cabelos meus nela. Viajámos juntas de comboio, comemos juntas, dançámos e abraçámo-nos nos últimos dias. Pela Miranda, não posso deixar-me apanhar, entendem? Porque ainda disponho da minha oportunidade de a vingar.

– E ele também... – tossica o operador. Juro que ouço um guincho na sua voz como se ainda estivesse a despontar (meu Deus, se estão mesmo a contratar crianças para operar os telefones, menos receio tenho do que pensava em relação a esse idiotas) – ...ele também pediu que não fizesse nada que pudesse alarmar... a suspeita.

– A suspeita? – questiono.

– Sim... bem, claro. – Fala muito depressa, agora ansiosamente, como se soubesse que cometera um erro. – Ela não o será *oficialmente* até avaliarmos a situação. Mas aquela que disse que foi vista, naquela noite, com a vítima.

Ela própria.

Quero pedir-lhe que repita, só para ter a certeza... embora eu saiba o que ouvi. Contudo, se o fizesse, iria levantar suspeitas.

Mas ninguém viu. Contenho-me, no *último* momento, a dizê-lo. O meu choque gera uma perda de controlo momentânea. Podem estar a referir-se à Katie. Reflito, freneticamente. Sim – deve ser isso. Talvez o Julien a tenha tramado para salvar o seu couro, ou algo do género...

Só que, não sei se posso dar-me ao luxo de pensar dessa forma. Não é a prisão que temo. Mereço pagar pelo que fiz. Embora não haja castigo pior do que aquele que já me infligi, a perda da Miranda: o meu ídolo, a estrela polar. O que temo é não ter tempo para me vingar em seu nome. Bem, vou ter de acelerar as coisas.

Katie

– Katie – diz a Emma. – Podemos falar lá fora? – O tom dela denota uma estranha urgência. Será por causa daquele telefonema que acabou de atender? A morte da Miranda parece que a atingiu em cheio, mais do que a qualquer um de nós. Calculo que o Julien ou eu teremos a nossa culpa com que lidar, o que complica tudo. Ainda não consegui perceber qual das duas emoções sinto mais intensamente: dor ou ódio por mim mesma. Mas a Emma passou o dia de olhos postos no chão, mal abrindo a boca. Correu para o telefone como se esperasse que fosse alguém a ligar para dizer que houvera um terrível mal-entendido: que a Miranda fora encontrada viva, afinal – que tudo não passara de um grande erro.

– Por favor – diz ela –, é importante.

– OK. – Levanto-me e acompaño-a.

Leva-me pelo corredor até ao exterior, na frente do Abrigo, onde a neve jaz prístina e branca como um edredão ao lado do lago. Reparo que deixou de cair. Isso é bom, não é?

– Quem era ao telefone? – pergunto à Emma. – Era a polícia?

– Sim – diz ela. – Afinal, já têm um suspeito.

– Quem? – pergunto.

– Chega aqui – diz ela. A sua expressão apresenta-se contorcida por uma emoção poderosa que me é inescrutável. Chama-me com uma mão. – Não quero que os outros nos ouçam.

Isto só pode significar uma coisa. É um de nós. O *Mark*, penso eu. Sei que não pode ser o Julien – quando acordei de um sono inquieto, ele estava ao meu lado no sofá, com a boca descaída. Até tive de confirmar se estava vivo. Só pode ter sido o Mark. Oh, céus, isso explica a estranha expressão da Emma.

– Emma – digo, avançando para ela. – É... quem eu penso que é? – Ele sempre foi obcecado por ela. Avisei a Miranda e ela limitou-se a rir. Sempre

achou que podia tratar ela do assunto.

Agora, a Emma faz algo estranho. Curva-se e passa a mão pela neve, como se procurasse algo.

– O que fazes? – pergunto.

Quando se ergue segura algo. Levo um momento a perceber do que se trata. O meu corpo parece ter chegado lá antes da minha mente: de repente, os meus membros paralisam, a minha coluna fica rígida.

– Emma. O que estás a fazer com isso?

Parece não registar a pergunta. Toda a sua expressão se alterou. Parece uma perfeita estranha, não a mulher que conheço há três anos.

– A culpa é tua – silva. – Tudo o que lhe aconteceu. Se ela não tivesse sabido de vocês os dois, e do vosso caso nojento, não teria ficado tão transtornada. Não teria dito as coisas terríveis que disse. A culpa não foi dela. Não foi minha. Foi tua.

De início, quando tento falar, só consigo formar as palavras em silêncio com os meus lábios, nada mais saindo do que uma bolha de ar. Apercebo-me de um estranho som estrondeante, espantosamente alto, a toda a nossa volta – o som de algo a tamborilar, *ump, ump, ump*, como uma batida de coração gigante. Mas nada vejo que o explique. E talvez, afinal, seja apenas a pressão sanguínea nos meus ouvidos.

– Não entendo, Emma. Não entendo o que dizes.

– É claro que não – diz ela. – Porque és demasiado estúpida. – Cospe a palavra. – Nunca mereceste tê-la como amiga.

Apercebo-me de algo a alterar-se na expressão dela; um espasmo de dor. Compreendo.

– Foste tu – digo.

Ela não reage. Limita-se a erguer as sobrancelhas e faz algo com a espingarda, gerando um funesto clique. Está erguida, apontada ao meu eterno.

Não façam pontaria à cabeça, recordo as palavras do guarda de caça. Façam pontaria ao corpo, onde estão os órgãos internos. Um disparo assim tem mais probabilidades de ser fatal.

Vejo o rosto da Emma tal como se apresentou depois de ter abatido o veado, ungido em sangue, marcada como uma assassina.

Não tenho tempo para fazer nada antes de ouvir o som do estampido, já conhecido de antes. Sinto algo a empurrar-me com uma força terrível. Ao bater no chão, sinto tudo a escurecer.

Doug

Parece uma distância incrível para regressarem ao Abrigo, muito mais para baixo do que parecera, perversamente, na subida. Sob a neve há emaranhados de urze que apanham os tornozelos e ameaçam rasgá-los a cada passo. Mas deve-se também ao novo conhecimento de que agora dispõem, à nova percepção de como a situação no Abrigo pode revelar-se perigosa. Podem ter cometido um erro tremendo, deixando os hóspedes por sua conta. Mas sabendo o que Iain poderia ter feito a Heather se ele não tivesse aparecido, Doug não pode lamentar a escolha que fez.

Alcançam por fim o carreiro que dá para o Abrigo. E, então, por cima deles começa a descer das nuvens uma enorme ave metálica, as pás a zumbir com uma vibração ensurdecadora. Por momentos, Doug recua nove anos até um lugar de medo e trevas – apesar da ofuscante luz do deserto – e o helicóptero torna-se um instrumento de guerra: um *Apache* aos círculos lá no alto, tentando detetar posições inimigas. Recorda a si mesmo que se trata da polícia, que se trata de algo positivo. Os grandes pinheiros escoceses derramam a sua cobertura de neve, vergados à pressão geradas pelas pás.

Nesse momento, Heather solta um grito de horror e estuga o passo. Incrivelmente, é ele quem tem de se esforçar por a acompanhar. Agora, ele vê o que ela viu. As duas mulheres, uma loura, outra de cabelo preto, frente a frente diante do Abrigo. A loura curva-se para desenterrar algo da neve. Ele percebe do que se trata antes mesmo de o ver emergir na sua mão. O cano elegante e comprido, letal a uma certa distância – mas a três metros, a distância que as aparta: catastrófico.

Chegaram finalmente a terreno plano. E antes de ele conseguir dizer-lhe para parar, Heather corre na direção delas. Nenhuma das mulheres a vê, de tão focadas que estão uma na outra. Também ele corre na direção da que segura a espingarda. Chega demasiado tarde. Quando a arma dispara, vê Heather a

saltar na direção da mulher de cabelo escuro, derrubando-a e desviando-a.

Ele vê uma explosão num lugar distante, aquele terrível momento – os homens, seus amigos, todos mortos devido à sua hesitação. Obriga-se a voltar ao presente. Lança-se ao chão ao lado dela, onde a neve está salpicada com o sangue dela.

Epílogo

Heather

Quando despertei de um sono sedado, não fazia ideia de quem era, quanto mais de onde me encontrava. A primeira pessoa que vi foi o Doug.

– Olá – disse ele. – Espero que não te incomodes com a minha presença aqui.

Antes de abandonar o quarto, a enfermeira disse:

– Tem aqui à espera um grande homem. Passou todo o tempo da sua cirurgia sentado no mesmo lugar, à espera que recobrasse os sentidos.

Olhei para o Doug. Pareceu embaraçado, como se tivesse sido apanhado a fazer algo que não devia.

– Tive de lhes dizer que estávamos juntos – informou ele, em voz baixa. – De contrário, tinham-me mandado embora. Espero que não leves a mal.

A mão dele estava a poucos centímetros da minha, pousada no lençol. Ergui a minha, com algum esforço, para cobrir a dele. Pareceu miraculosamente quente e viva. Foi a primeira vez, em muito, muito tempo, que toquei noutro ser humano com algum significado.

Nas horas seguintes todos chegaram após a longa viagem de carro desde Edimburgo: os amigos cuja felicidade e plenitude eu andava a evitar há um ano. E, evidentemente, a minha família: a minha mãe a repetir que «sabia que este lugar tinha algo de mau». E o que eu constatei foi: sou amada. Amo. Perdi o meu grande amor, aquele que ao longo de anos me definiu, que veio a ser a soma total de quem eu era. De tal forma que quando partiu tive a certeza de que nada restava para salvar.

Não sei ao certo o que me levou a fazer o que fiz. Vi toda a cena a desenrolar-se diante de mim, como que em câmara lenta, e percebi que havia

tempo e que dispunha do elemento de surpresa. Eu *podia* fazer algo. Não equacionei verdadeiramente o perigo que corria, não havia tempo para isso. Nem sequer pensei no assunto quando a bala penetrou no meu abdómen. Apenas quando estendida no chão, sem conseguir respirar, e a dor surgiu numa torrente tão intensa é que me convenci de que estaria a morrer. Mas agora estou aqui a pensar se terei sido impelida por alguma recordação do Jamie a pôr sempre a vida de terceiros à frente da sua.

O Iain está bem. Na verdade, ao que parece está na mesma ala que eu, algures. Com escolta policial, naturalmente. Segundo o Doug, ele estava com tantas dores que aos soluços confessou tudo quando ele levou a polícia lá acima ao Abrigo Velho. Parece que ele era apenas uma peça numa grande engrenagem: as drogas vinham de um laboratório na Islândia. O Ingvar e a Kristin? Não eram os seus verdadeiros nomes, obviamente. Tinham enchido aquelas mochilas com algo *muito* mais valioso do que equipamento de caminhada. O guarda da estação recebia mais do que o dobro do seu salário para fechar os olhos. Umas quantas malas inócuas descarregadas na outra ponta, entregues aos clubes privados do chefe. E a Véspera de Ano Novo é a melhor altura para o fazer: toda a gente distraída, os serviços de emergência esticados até à sua capacidade máxima.

Quem fazia mover a engrenagem era, naturalmente, o chefe. Afinal, veio a saber-se que ele e o Iain tinham um longo passado em comum. Em jovem, o Iain tinha cumprido pena de prisão por roubo de automóveis e saiu da cadeia sem grandes opções. Conseguiu finalmente arranjar trabalho como segurança de um clube bastante chique de Londres. O dono do clube veio a abordá-lo com uma oferta: um trabalho fácil, melhor pago, um novo começo. As drogas, veio a saber-se, sempre tinham sido a principal fonte de rendimento do chefe. Não os clubes privados, nem o Abrigo – apesar de terem proporcionado uma boa cobertura. E tudo integrava a jornada do produto desde o laboratório islandês até aos prósperos consumidores. Apanharam-no quando bebia um sumo de laranja no *lounge* de classe executiva em Heathrow, a caminho de se escapulir do país.

Que belo golpe para a esquadra da polícia de Fort William. Um homicídio e o desmantelamento de um negócio de tráfico de droga, tudo no mesmo espaço sereno quase selvagem. Um estado selvagem que, decidi (e não apenas por causa do homicídio e do negócio de drogas), não era para mim. É evidente que vou sentir falta das minhas braçadas matinais no lago. E – uma surpresa até para mim – vou sentir a falta do meu taciturno colega de trabalho. O Doug concordou em vir passar um fim de semana comigo quando voltasse a instalarme em Edimburgo. Comprei um sofá-cama para convidados, que pode ou não vir a ser usado. Ele tem primeiro de resolver as coisas dele, a sua própria jornada a percorrer. *Ambos, penso, temos vivido num limbo.* Ambos a fugir da

morte e, ao fazê-lo, fugindo de tudo o mais. Agora, está na altura de seguir em frente com essa coisa difícil que é viver.

Katie

Devo dar à luz daqui a poucas semanas. Houve o receio de eu poder perder o bebé, depois de ter sido derrubada daquela maneira – mas ela está bem. Ela: vou ter uma menina. Vou trabalhar até à data prevista para o parto. Tenho andado bastante ocupada, trabalhando mais horas e dormindo menos do que deveria no meu estado. Mas tem sido uma distração. Toda a minha gravidez tem estado emaranhada com a dor pela Miranda. Sim, dor. Sei que deve ser difícil de acreditar, tendo em conta a péssima amiga que me revelei para ela nos últimos tempos. E o modo como ela era capaz de me tratar. É verdade, nem sempre gostava da Miranda. Às vezes, odiava-a com todas as minhas forças. Mas eu adorava-a. É o que acontece quando se conhece alguém há imenso tempo. Repara-se nos seus defeitos, sim, mas também se conhece as suas melhores qualidades – e a Miranda tinha tantas. Não havia ninguém como ela para animar uma festa. Só ela para emprestar o seu melhor vestido, pedido de um dia para o outro. E não há muitas raparigas populares de treze anos que arrisquem todo o seu crédito social para resgatar alguém de fora. Ela era, à sua maneira, profundamente única. Não poderia haver uma aliada mais feroz. E, sim, não poderia haver uma inimiga mais espantosa.

Com a exceção, talvez, de uma pessoa.

A Emma foi espetacular no julgamento, muito arrependida e enlutada e muito bem vestida – embora não demasiado. Já fazia parte do passado a parecença com a Miranda, a loura sedutora, a *femme fatale*. Penso que não se deseja escolher o *look fatale* quando se é julgado por homicídio. O cabelo foi pintado de novo para um castanho vulgar e optou por uma blusa de gola com rendas: parecia algo entre uma menina do coro e uma professora. Chorou ao revelar que a Miranda começara a gozá-la por causa do seu estado, apesar das suas tentativas de se explicar. Oh, ela não queria estrangular a Miranda, disse ela. Houve uma briga, sim, depois de a Miranda ter dito umas coisas

terríveis... imperdoáveis. Foi autodefesa. A Miranda estava embriagada e vingativa, e lançou-se a ela com unhas e dentes. Ela empurrou-a e, depois, ao aperceber-se das consequências do seu empurrão, tentara salvar a Miranda agarrando-o no ponto mais ao seu alcance... o pescoço.

Não, aquilo não me soou nada provável – e a acusação também não alinhou. Deveria ser impossível não a condenar com base em tantas provas. Mas vivemos num mundo pós-verdade. O júri deixou isso bem patente. Simplesmente não a podiam condenar por homicídio. Não esta pessoa bem-falante e dócil que parecia tal e qual a filha de um amigo ou uma rapariga que recordavam da escola. Pessoas como ela não cometiam homicídios. Verdadeiros *homicídios*. Simplesmente, passavam por acidentes infelizes.

Os jornais compararam-no com o caso de outra antiga aluna de Oxford, que esfaqueou o namorado com uma faca de pão. Pessoas como elas não cumprem pena de prisão. A defesa, entretanto, pintou alegremente um retrato da Miranda como uma pessoa infeliz: alguém cuja vida se desmoronava sob uma fachada lustrosa. Uma grande amante da bebida. Consumidora de drogas – afinal, fora ela a fornecer drogas ao nosso grupo na primeira noite das férias. A Emma, de forma significativa, abster-se de ingerir o que fosse. E a Miranda era dada a um comportamento errático e agressivo, alegara a defesa: a forma como obrigara o Mark a beber aquele champanhe, como me coagira a entrar no lago gelado. Controladora, maníaca, instável – frequentara sessões de psicoterapia, certo?

Homicídio involuntário, foi essa a acusação. E uma sentença de quatro anos na prisão. Ela – esta mulher que empurrou a minha mais antiga amiga para a morte e que tentou matar-me – iria sair da cadeia daqui a quatro anos. Tento não pensar nisso.

Quanto as restantes deles – com a exceção do Nick e do Bo, evidentemente – eu tinha razão em desconfiar que não tínhamos nada em comum. A Miranda fora efetivamente a ligação. E o passado: a preguiça do hábito. Não estou aqui para tentar absolver-me. Não me portei melhor do que nenhum deles, e fui bem pior do que alguns. Mas isso não faz precisamente parte do problema? Velhos amigos não nos confrontam em relação às nossas falhas. Não tenho sido boa pessoa. Precisava de algo que me mostrasse isso. Só gostava que não tivesse sido isto.

O grupo agora fragmentou-se. O círculo íntimo implodiu desde dentro. Já não tem núcleo, nem sumo-sacerdotisa. A Samira e o Giles, imagino eu, estão a dar-se muito bem em Balham com todos os seus amigos das aulas pré-natal, que não se drogam nem deitam abaixo garrafas de champanhe ou, já agora, que não se matam uns aos outros.

O Nick e o Bo estão de novo a mudar-se para Nova Iorque. O Mark já conheceu – entendam isto como quiserem – outra substituta quase-mas-não-

propriamente Miranda na agência onde trabalha. O rumo do Julien tem sido o mais radical. Partiu para uma desintoxicação de um mês em Goa – embora na companhia da ágil instrutora de ioga do ginásio que ele frequentava na City, pelo que talvez haja ali algo mais do que um desejo de se tornar um mestre Zen. Disse-me que regressaria a tempo do prazo previsto para o parto... azar o meu. Se pudesse ter esta bebé sem ter de o voltar a ver, acho que não iria importar-me por aí além. Agora, hei de estar para sempre ligada a ele. O pai da minha filha. Não é propriamente o corte radical que eu teria desejado – em relação a ele e, por tabela, a todo o grupo. Ainda assim, pelo menos não terei de voltar a alinhar numas malditas férias com qualquer um deles.

Gostaria, agora, de conhecer pessoas que me conhecessem por quem *sou* – não por quem costumava ser. Que não estejam à espera que eu regresse a um papel onde já não encaixo. Que não me encarem como um projeto, a ser trabalhado... mas que me vejam como um todo completamente formado.

Na semana passada, quando fechámos o nosso mais recente caso na firma, decidi alinhar numa rara ida aos copos (flor de sabugueiro para mim) com os meus colegas. Tenho de reconhecer que não são assim tão maus – até podem ser pessoas normais quando não estão no ar fétido do escritório, constantemente mergulhados em contratos. Há um tipo, o Tom, da equipa de contencioso, que não tem nada mau ar sem o seu casaco de fato amarrotado, os óculos e o olhar medroso.

Talvez esteja na altura de fazer novos amigos.

Agradecimentos

Ao Al – por me ter levado ao local que começou por inspirar o livro e pelas longas caminhadas na neve a conspirar e pelas noites de leitura... Vinte por cento sem dúvida merecidos!

Ao meu querido Hoge – obrigada por todo o tempo e sábios contributos editoriais. Sem ti, o livro não seria o mesmo!

Às minhas fabulosas agentes, Cath Summerhayes e Alexandra Machinist, que me deram imenso apoio neste passo rumo ao lado sombrio! E um enorme agradecimento a Luke Speed, Melissa Pimentel e Irene Magrelli.

A Kim Young, editora extraordinária, e à sua equipa fantástica na HarperCollins – obrigada por toda a paixão e imaginação que trouxeram à publicação deste livro: Charlotte Brabbin, Emilie Chambeyron, Jaime Frost, Ann Bissell, Abbie Salter e Eloisa Clegg.

A Katherine Nintzel e à sua equipa de sonho da William Morrow Stateside: Vedika Khanna, Liate Stehlik, Lynn Grady, Nyamekye Waliyaya, Stephanie Vallejo, Aryana Hendrawan, Eliza Rosenberry e Katherine Turro.

A Jamie Laurenson e Patrick Walters da See-Saw – estou muito entusiasmada com a vossa visão para dar vida ao livro no ecrã!

PLANETA DE LIVROS PORTUGAL
Calçada Ribeiro Santos, n.º 37 – 2.º
1200-789 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2018, Lost and Found Books Ltd
© 2021, Planeta de Livros Portugal

Título original: *The Hunting Party*

Design da capa: João Almeida

Imagens da capa: © Pilguy, O.C Ritz
e Siamionau Pavel / Shutterstock

Edição em epub: Novembro de 2021

Conversão para epub: Segundo Capítulo

ISBN: 978-989-777-525-3 (epub)

www.planetadelivros.pt

Reservados todos os direitos sobre esta obra. É proibido proceder a cópia, reprodução, publicação ou distribuição, total ou parcial, bem como a sua incorporação em sistema informático e/ou a transmissão, utilização, modificação, sob qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo eletrónico, digital ou em suporte físico, nomeadamente por fotocópia, gravação ou qualquer outro método, salvo consentimento prévio e por escrito do Editor. A infração ao aqui disposto constitui crime, nos termos do disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos (artigos 195.º e 224.º).

